

GUILLAUME FAYE

# WHY WE FIGHT

MANIFESTO OF THE EUROPEAN RESISTANCE



## **Por que lutamos**

**Guillaume Faye**

**WWF**

**MER**

Traduzido e Apresentado  
por Michael O'Meara

ARKTOS

Original:  
*Pourquoi nous combattons:*  
*Manifeste de la Résistance européenne*  
Éditions de L'Æncre, Paris, 2001

edição alemã, *Wofür wir Kämpfen*, publicado em 2006 por Ahnenrad der Moderno.

Primeira edição em inglês publicada em 2011 pela Arktos Media Ltd.

Copyright da edição em inglês © 2011 da Arktos Media Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico ou mecânico), incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações,

sem  
permissão por escrito da editora.

Impresso no Reino Unido

**978-1-907166-18-1**(Capa mole)

**978-1-907166-19-8**(capa dura)

Classificação BIC: Filosofia social e política (HPS);  
Conservadorismo e ideologias democráticas de centro-direita (JPFM);  
Nacionalismo (JPFN)

Tradução: Michael O'Meara

Editor: John B. Morgan

Coeditor: Matthew Peters

Design da capa: Andreas Nilsson

Layout: Daniel Friberg

ARKTOS MÍDIA LTDA  
[www.arktos.com](http://www.arktos.com)

# D

Aos ancestrais de minha terra natal, Charente e Poitou,  
velhos gauleses indomáveis.

Para Gilles Soulas e Georges Hupin.

Para Lisa-Isabella, *primavera de bellezza*, filha do Roman Louve, e  
a todos os da minha querida Itália.

Em memória da Condessa Hella von Westarp, alta representante da verdadeira  
aristocracia da Europa, que resistiu aos bárbaros e foi martirizada,  
sacrificando seu sangue para salvar o de seu povo.

A todos, do Aber Wrac'h da Bretanha ao Estreito de Bering, do  
Nordkapp da Noruega ao Xhora Sphakion da Grécia, que mantém o  
chama da resistência viva.

*Ac eis quos Imperium imperat, quibus honoris nomen fides dicitur.*

'Para alguns, sou um sonho, para outros um pesadelo.'  
– Merlin, o Mago

*'Uma bela noite convoca uma noite de lobos.'*  
-Pierre Vial

*'Vamos vencer, porque já estamos mortos.'*  
– Olivier Carré

*'Foi o que me disseram: devo me vingar.  
Com isso, no meio da floresta,  
O lobo o carregou e comeu,  
Sem mais delongas.'*  
– Jean de La Fontaine

# **Índice**

[Prefácio do Tradutor: Profeta da Quarta Era](#)

[Prefácio da edição alemã: É sobre o fogo primordial](#)

[Uma Nota do Editor](#)

[1. Prefácio e Precaução](#)

[Unir-se com base em ideias claras contra o inimigo comum](#)

[Cuidado com os falsos amigos](#)

[2. Elementos Preliminares](#)

[A Lógica do Declínio](#)

[colonização étnica](#)

[A Sociedade Bloqueada\[65\]](#)

[França ou Europa?](#)

[Princípios Econômicos](#)

[Para energia nuclear, não de petróleo](#)

[A Impostura da 'Nova Economia'](#)

[Rumo a uma crise econômica planetária?](#)

[3. Princípios Estratégicos](#)

[América e o Islã contra a Europa](#)

[Os perigos do 'desarmamento' europeu](#)

## Noções de 'Ameaça do Sul' e 'Frente Doméstica'

Rumo a uma Doutrina Estratégica Eurosiberiana: O 'Ouríço Gigante' [99]

### 4. Dicionário metapolítico

#### Estética

Estrangeiro

Americanismo, antiamericanismo, filoamericanismo

Anti-racismo

arqueofuturismo

Aristocracia, nova aristocracia

Assimilação, assimilacionismo

Autarquia dos Grandes Espaços

Crença em Milagres

biopolítica

Nascido líder

burguesismo

caos, étnico

Caos, pós-Caos

Circulação de Elites[111]

Guerra civil, étnica

Colonização

Comunitarismo

Comunidade, comunidade-de-um-povo

Competição, luta pela vida

Concepção-do-Mundo

Consciência, Étnica

Consciência, Histórico

consumismo

Convergência de Catástrofes

cosmopolitismo

luta cultural

Cultura, Civilização

Decadência

deculturação

Democracia, democratismo, democracia orgânica

Designação do 'Inimigo' e do 'Amigo', 'inimigo' e 'adversário'

Destino, tornando-se

Desvirilização

Disciplina

Desinstalação

Domesticação

Ecologia, ecologismo, produtivismo ecológico

economicismo

Economia, Orgânica

Economia, Dois Níveis

igualitarismo

Elite, elitismo

Império, federação imperial

Fim da História

Enraizamento

Etnocentrismo

Etnocracia

etnomasoquismo

Etnosfera, blocos étnicos

Eugenia

Europa

Eurosibéria

Pátria, Grande Pátria, terra natal

genopolítica

Geopolítica

alemão

[Globalização, globalismo](#)

[Grande política](#)

[Felicidade, 'pequenos prazeres'](#)

[Hereditariedade](#)

[Herança](#)

[Heróis](#)

[Heterotélia](#)

[Hierarquia](#)

[História, concepções de história](#)

[Homo Oeconomicus](#)

[homofilia](#)

[Direitos humanos, direitos humanos](#)

[humanismo, sobre-humanismo](#)

[humanitarismo](#)

[Ideia, ideal, idealismo histórico](#)

[Identidade](#)

[Ideologia, ideologia hegemônica, ideologia ocidental, ideologia europeia](#)

[Imigração](#)

[Individualismo](#)

[Desigualitarismo](#)

Interregno

Involução

judaico-cristianismo

Terra, território

Legitimização (positiva ou negativa)

Liberalismo, liberalismo gerencial

Liberdade, liberdades

massa, massificação

Memória, memória coletiva

AIDS Mental

mercantilismo

Meritocracia

metapolítica

Miscigenação

Modernidade, modernismo

museologização

Nação, nacionalismo, novo nacionalismo

Neo-primitivismo

Nihilismo

Ordem

Paganismo

Pessoas

Pessoas de Longa Vida; pessoas de vida curta

Personalidade, Criativo

Philia

Política, Grande Política

Populismo

Preferência, Europeia; preferência nacional, preferência estrangeira

presentismo

Progresso, progressismo

prometeico

Raça, racismo, antirracismo

Região, regionalismo

Resistência e Reconquista

Revolução

Direito à Diferença

Sagrado

Seleção

Sociedade, Mercado

Soberania, função soberana, trifuncionalidade, bifuncionalidade

Estado, estado-nação, estatismo

Estado de Emergência[239]

Tecnociência

terceiro-mundismo

Tradição, tradicionalismo

Tragédia

universalismo

valores

Ocidente, civilização ocidental

vontade de poder

xenofilia

5. Conclusão

Por que estamos lutando?

# T' F: P

## FA

*'L'histoire est la réalization d'idées irrealisables.'*

- Guillaume Faye<sup>[1]</sup>

**A**são estes os últimos dias da Europa?

Não há hipérbole aqui.<sup>[2]</sup> Se grandes mudanças não ocorrerem em breve, seus povos enfrentarão a extinção de sua civilização e de sua espécie. Ela já está invadida por milhões de colonizadores alienígenas, principalmente islâmicos do Sul Global, que começaram a substituir seus povos nativos e suplantar sua ordem; ela está sujeita a um soberano americano cujo sistema mundial exige sua deseuropeização e 'globalização'; ela é mal governada por tecnocratas, políticos de carreira e elites plutocráticas indiferentes ao seu sangue e espírito. E a tudo isso (ao que muito poderia ser acrescentado), seus defensores - aqueles que sentem o perigo e se esforçam para resistir a ele - estão desunidos, às vezes até sem saber contra quem ou contra o que exatamente estão lutando. Dentro de uma geração, a 'Europa' pode seguir o caminho da Antiga Suméria ou dos Incas.

Guillaume Faye - o único *enfant terrible* da Nouvelle Droite da França - acredita que 'a resistência européia' tem os recursos e energias para derrotar os inimigos do continente, se seus vários elementos e tendências devem formar uma frente unida em torno de ideias claras e uma ideologia comum. Isto é, se seus defensores concordassem em concentrar suas forças. Seu manifesto, e especialmente seu dicionário metapolítico, aspira a lançar as bases metapolíticas para tal unificação — designando e definindo as ideias-chave e a ideologia que a tornarão possível.

\*

*Por que lutamos*(como *Pourquoi nous combattons*) surgiu há uma década, em 2001.

Em alguns lugares, ele mostra sua idade, mas muito disso parece presciente em sua compreensão dos desafios enfrentados pelos defensores da Europa e das ideias que podem superá-los. Esses 'defensores', que Faye chama coletivamente de 'Resistência', incluem em suas fileiras *néo-droitiers*, regionalistas, identitários, tradicionalistas e alguns outros anti-sistema

tendências sustentando a primazia de sua destilação étnica particular da herança européia mais ampla. uma década depois *Por que lutamos*, esses elementos oposicionistas (a 'resistência') começaram finalmente a emergir de seu gueto político, mobilizando-se hesitantes nas ruas e, mais confiantes, fundindo-se com as formações nacional-populistas afetando o destino atual das coalizões parlamentares.<sup>[3]</sup> É apropriado, talvez, que a tradução para o inglês do manifesto de Faye apareça neste período de crescente agitação antissistema.

Influenciado pelas forças culturais/ideológicas que animam a crescente oposição, *Por que lutamos* seguiu-se uma série de obras que antes iluminavam o imaginário da resistência. Estes foram os ensaios reunidos em *L'Archéofuturisme*(1998);<sup>[4]</sup> a segunda edição aumentada de *Nouveau discours à la Nation Européenne*(1999); e *La Colonization de l'Europe*(2000) (cuja caracterização da islamização da Europa, ao antecipar o '11 de setembro' e outros ataques muçulmanos, rendeu a Faye e seu editor uma multa de 300.000 francos e um ano de pena suspensa).

*Por que lutamos* seria seguido por uma série de obras igualmente tópicas e proféticas: *vanguarda*(2003), *La Convergence des catastrophes* (2004), e *Le Coup d'État mondial*(2004). Mas então, em 2007, o lançamento do livro mais controverso de Faye, *La Nouvelle question juive*(em que o lugar do judeu na vida europeia foi reconcebido à luz da invasão islâmica), desencadeou um acalorado debate nas fileiras identitárias e nacionalistas - pondo fim ao seu papel como principal defensor da resistência.<sup>[5]</sup>

Se a decisão de Faye no período que antecedeu 2007 — de se filiar ao bloco sionista em sua 'luta' contra o Islã — o desacreditou junto a certos identitários,<sup>[6]</sup> não tirou nada de sua contribuição anterior para a 'resistência' - o que parece ser especialmente o caso com *Por que Lutamos*, indiscutivelmente a melhor síntese das ideias e sensibilidades que animam os diversos partidos e tendências que atualmente resistem ao declínio da Europa.

\*

A recepção do livro de Faye de 2007 resume muito do que sufocou e atrofiou a história pós-guerra do antiliberalismo europeu.

Após o VE Day, a direita, como o resto da Europa, recebeu ordens de se americanizar. Joseph Stalin (cujo Exército Vermelho venceu a importante guerra terrestre) pode ter frustrado os esforços dos EUA depois de 1945 para criar uma 'nova ordem mundial' (forçando os globalistas a esperar até 1989),<sup>[7]</sup> mas os conquistadores americanos

não obstante, impuseram seu sistema liberal-modernista na Europa Ocidental e Central (o sistema que desde então evoluiu para a base da atual ordem do mercado global).

As formações tradicionais de direita, críticas aos ditames credocêntricos e centrados no mercado dos novos mestres da Europa, seriam doravante identificadas com os alemães "supostamente" bárbaros,<sup>[8]</sup> escoltados para fora do palco e compelidos a abandonar qualquer sentimento antiliberal ou antimoderno que ainda os influenciasse - como foi o caso na Europa Oriental, embora lá o modelo fosse russo, e não americano.

Quando os primeiros baby boomers do pós-guerra atingiram a maioridade no final dos anos 60, era evidente que a Direita (este agora apêndice "moderado" da Esquerda liberal) era uma proposta perdida, tendo falhado não apenas em deter o contínuo erosão da civilização europeia, mas tendo, mais vergonhosamente, aderido ao sistema americano deseuropeizando a Europa — traindo, desta forma, o propósito do 'político' — ao falhar na defesa da identidade, legitimidade e soberania da Europa.

Em todo o continente nas décadas de 60 e 70, mas especialmente na França, surgiram tendências que buscavam repensar o projeto da Direita como alternativa ao sistema norte-americano (que tornava a circulação do capital superior a tudo, inclusive ao sagrado). A mais bem-sucedida dessas alternativas foi o Groupement de Recherches et d'Études pour la Civilization Européenne (GRECE). Seu projeto, do qual Faye foi um dos primeiros defensores, era "metapolítico": isto é, concebido como uma luta cultural/ideológica contra os valores e crenças liberais reinantes. Por meio desse 'gramscianismo de direita', *Grécistes* criaram uma 'contra-hegemonia' para minar a legitimidade das forças subversivas — e assim criar um clima receptivo a uma política antiliberal de reconquista.

Eficaz a princípio em despertar o debate público e reviver aspectos da herança cultural reprimida, o GRECE em meados da década de 1980 havia evoluído para apenas mais uma tendência marginalizada. Em seu recentemente traduzido *arqueofuturismo*,<sup>[9]</sup> Faye atribui isso à sua propensão, especialmente pronunciada em seu líder, Alain de Benoist, de privilegiar o 'meta' na metapolítica em detrimento do 'político', que teve o efeito de tornar o engajamento cultural/ideológico um substituto, ao invés de uma faceta ativa da política.<sup>[10]</sup>

Em um nível, Faye's *Por que lutamos* é uma crítica contundente da liderança de De Benoist no GRECE. Suas muitas referências negativas à 'direita' ou a 'certos intelectuais de direita', etc., são dirigidas, quase exclusivamente, a ele e ao tipo de diletantismo politicamente irrelevante, muitas vezes favorável ao sistema, que ele passou a representar para Faye.

As inúmeras referências do livro a Pierre Vial e Robert Steuckers, por outro lado, apontam para o que Faye considera uma metapolítica mais viável. Historiador universitário e ex-presidente do GRECE, Vial deixou o grupo no final dos anos 1980 para ingressar na Frente Nacional, onde organizou sua facção Terre et Peuple (Terra e Povo),<sup>[11]</sup> que ajudou a afastar o NF de seu anterior nacionalismo jacobino-reaganita e em direção ao populismo identitário socialmente consciente que desde então tornou o principal partido da classe trabalhadora francesa.<sup>[12]</sup> Steuckers, um linguista flamengo e indiscutivelmente o mais formidável talento intelectual a emergir da Nouvelle Droite, é o organizador da Euro-Synergies – que sintetiza e difunde muito do pensamento mais significativo que influencia o antiliberalismo europeu.<sup>[13]</sup>

\*

*'Hoje, como sempre, a pedra angular da sociedade é uma lápide.'*<sup>[14]</sup>

Ao assumir a inextricabilidade da cultura e da política, a noção de metapolítica de Faye deriva de sua filosofia "arqueofuturista", que sustenta que a tradição européia é preeminentemente "revolucionária" - constantemente voltando às fontes arcaicas de sua forma de vida em a fim de girar para a frente, em direção a outras expressões originais dele. Em termos italianos, seu arqueofuturismo combina o tradicionalismo revolucionário de Julius Evola e o futurismo radical de FT Marinetti. Em termos menos simples, casa-se com os atributos perenes de, digamos, a herança clássica helênica<sup>[15]</sup> às formas mais pioneiras de pensamento e esforço europeus.<sup>[16]</sup> Como o primordial e o perene, o arcaico não se refere aqui a algum cânone antigo e fossilizado, mas à afirmação original do ser europeu, que, como origem (explosão ou nascimento do ser), funciona como outra abertura original para o futuro — no sentido estruturante e civilizador distinto da Europa *Hochkultur*. Não é, enquanto tal, um tradicionalismo, um antiquário ou um reacionismo — mas antes um primordialismo que renova constantemente as formas de vida enraizadas na Europa, adaptando-as aos desafios que vêm do futuro.

Opondo-se aos valores disgênicos da modernidade em prol daqueles instintos e refinamentos que historicamente guiaram o destino da Europa, o arqueofuturismo de Faye se esforça — em sua concepção do mundo — para reviver a identidade ameaçada do Continente, para puxá-lo de volta do abismo para o qual ela agora olha, mas, acima de tudo, garantir que ela tenha outra chance, uma quarta chance, de começar de novo.

\*

A atual contracivilização, cujos entretenimentos negadores da realidade, consumismo obsessivo e miscigenação niilista drenaram todo o significado de nosso mundo – esse sistema liberal-modernista que sucedeu as civilizações antigas e medievais da Europa – não é o “inimigo”, no entanto, para (em qualquer sentido político, especialmente schmittiano), o inimigo tem que ser alguém ou alguma coisa ('uma coletividade de pessoas em luta') ameaçando de morte iminente.[\[17\]](#)

Faye também recusa uma certa tendência de culpar a América pela vassalagem do continente e sua capitulação aos árabes do norte da África e aos negros subsaarianos (os 'Beur-Blacks') colonizando suas terras nativas e explorando sua sociedade permissiva.[\[18\]](#)

A Europa para ele, em última análise, não tem ninguém além de si mesma para culpar pelas políticas e práticas sociais que agora destroem quem ela é (ou seja, sua identidade).

Ao mesmo tempo, e com maior convicção, Faye acredita que um inimigo de carne e osso muito real—*un corps étranger et parasite*—ameaça mortalmente a Europa: as populações substitutas reunidas sob a bandeira do Profeta.

A América pode conspirar com as forças do Islã para dividir e enfraquecer a Europa pelo bem de seu império global,[\[19\]](#) e as ilusões modernistas liberais podem levar as elites européias a acreditar que os colonizadores islâmicos podem ser integrados sem destruir sua família histórica de nações - mas nenhuma dessas coisas os torna um "inimigo".

As elites liberais-modernistas da Europa e o império mundial da América, argumenta Faye, são "adversários" da Europa - eles a exploram e a manipulam, mas não representam uma ameaça direta à sua existência física. O Islã e os povos do Sul Global, em contraste, constituem precisamente essa ameaça, pois essas forças alienígenas o designaram explicitamente como o inimigo que pretendem destruir.[\[20\]](#) Ao colonizar terras européias e substituir seus povos nativos, eles têm, em

fato, já começaram a transformar a Europa em um *Dar-al-Islam*<sup>[21]</sup>—o que acabará por transformá-la em uma anti-Europa.

A questão do Islã também afeta as divisões sectárias que atravessam a 'resistência'. Alguns gostam *Grecistes*, vejam o Islã de mentalidade tradicional como um possível aliado na luta contra as forças destruidoras da ordem mundial antieuropéia dos Estados Unidos.<sup>[22]</sup> Aliados aos antimodernistas muçulmanos que se opõem à americanização, ao capitalismo global e ao sistema gerencial liberal predominante, esses *néo-droitistes*<sup>[23]</sup> assumir uma postura quase antípoda à de Faye<sup>[24]</sup> — com grande parte da 'resistência' ocupando lugares em algum lugar entre suas respectivas polaridades.

O argumento de Faye é especialmente convincente ao enfatizar que os bárbaros que invadem os portões da cidade representam um perigo imediato da mais alta prioridade. Sua visão desse perigo é, talvez, mais insistente do que a de qualquer outro comentarista. Seu argumento é bem menos persuasivo, porém, ao minimizar o perigo que vem de dentro da City — ou seja, o perigo que vem das elites europeias que abriram os portões da City para os bárbaros. É como se o 'inimigo' para ele - aquele que cria um estado de emergência que ameaça tudo - só pudesse ser externo (não europeu) e não interno (europeu) (embora ele reconheça plenamente o caráter autodestrutivo de sociedade moderna tardia). Por esta razão, ele vê essas elites como um acessório (ou seja, algo secundário) para o perigo real - os porteiros sendo, portanto, uma ameaça menor do que os penetradores. Mas aqui, novamente, seus críticos têm dificuldade em distinguir entre o perigo representado pelos porteiros, que tornam a invasão possível ao abrir os portões da cidade, e o perigo mais óbvio representado pelos arrombadores ameaçadores já dentro dos muros da cidade.

Por mais consequentes e muitas vezes desagradáveis que essas diferentes orientações antissistema tenham fomentado divisões sectárias dentro da 'resistência', elas não diminuem em nada a qualidade do discurso de Faye. *Manifesto* ou os 177 termos-chave que ele desenvolve para conceituar e articular seu projeto metapolítico.

\*

Para apreciar algo de sua previsão, o leitor pode recordar o contexto histórico em que *Por que lutamos* apareceu.

Para a direita identitária e antissistema, foi um período rearmado ideologicamente com a herança redescoberta da Revolução Conservadora, a

grande e filosoficamente incontestável conquista antiliberal da década de 1920 alemã, mas também não foi menos importante como um período cujas agitações pós-modernistas pareciam colocar a possibilidade de outra revolução conservadora. [25]

Para o sistema, nunca mais triunfante, foi o período em que tudo está dando certo antes do ataque terrorista islâmico de '11 de setembro' e a subsequente produção conhecida como a Guerra Global contra o Terrorismo - o período anterior à violência arrogante do '11 de setembro' de George Bush. choque e pavor' sobrecregaram o império americano, preparando seu atual colapso - antes de setembro de 2008, quando a progressão supostamente irreversível do mercado global chegou a uma paralisação repentina e destruidora da economia (quando 'o sonho do capitalismo de livre mercado global morreu ') [26] — e antes de outubro de 2010, quando o chanceler alemão, modelo do senso de propriedade norte-americano do pós-guerra, declarou que o multiculturalismo havia "falecido totalmente" e que era melhor os imigrantes começarem a assimilar.

Junto com a antecipação das devastações que acompanham o 'fim da história' do globalismo, Faye Por que lutamossteve um vislumbre da lógica meta-histórica mais ampla que estava então, e ainda está, levando o sistema mundial centrado nos Estados Unidos à desordem e possível colapso - a lógica que ele chama de 'convergência de catástrofes' (a mesma lógica destruidora de sistemas que alguns rotulam de 'Longa Descida', a 'Longa Emergência', o 'Fim do Petróleo', a 'Anarquia Vindoura', etc.).

Quando o *Manifesto* apareceu em 2001, práticas de mercado global não regulamentadas foram consideradas 'inevitáveis' como o 'fim da história' que veio com a queda do comunismo; 'hi tech' e a digitalização do capitalismo financeiro foram igualmente anunciados como o equivalente econômico da Segunda Vinda. Mas o mais emblemático do período, Bill Clinton ('o primeiro presidente negro da América') assumiu a liderança do que seria um estágio pós-europeu, pós-ideológico e pós-histórico do desenvolvimento humano, no qual os Estados Unidos - embriagados com seu ideal unipolar de poder e acreditando em seus ideais virtuais (o 'fim da história' pre eminentemente) eram de alguma forma imunes à realidade — o mandato do céu assumido hipocritamente para salvaguardar sua 'nova ordem das eras'. Este mandato, como única superpotência mundial, sucessora de Roma, a levaria a travar 'guerras humanitárias' (Sérvia, Kosovo, Iraque, etc.) *nós*; entronizar "direitos humanos" abstratos e desencarnados em todos os lugares às custas de

direitos consuetudinários; impedir toda a regulamentação da alta finança ou de Wall Street e usar seus vastos poderes para sustentar a alegação de que a economia dos EUA (e, por implicação, os próprios EUA) evoluiu, como Greenspan colocou em 1998, 'além da história'<sup>[27]</sup>(isto é, para além das realidades que outrora condicionavam o comportamento económico/político); etc.

Contra os filisteus da esquerda marxista (que traíram a classe trabalhadora européia pelos detritos de um Terceiro Mundo superpovoado) e contra os Babbitts da chamada direita (cujo único Deus é Mammon), Faye viu que o anti-europeu As forças multiculturais e negadoras da realidade da ordem econômica global dos Estados Unidos experimentariam (dentro de uma década) não apenas um longo período de tempo muito tempestuoso, quando seus projetos de fantasia e planos de hiperpoder sucumbiriam a certas realidades anteriormente negadas - ele viu que suas catástrofes autogeradas e o interregno que criariam estavam prestes a dar à "resistência" outra oportunidade de se livrar do abraço mortal do liberalismo - e, uma vez que o caos passasse, inaugurar uma Quarta Era da civilização européia.<sup>[28]</sup>

—

MICHAEL O'MEARA

São Francisco, janeiro de 2011

Michael O'Meara, Ph.D., estudou teoria social na École des hautes études en Sciences Sociales em Paris e história moderna da Europa na Universidade da Califórnia em Berkeley. Ele é o autor de *Nova cultura, nova direita: antiliberalismo na Europa pós-moderna*(1º Livros, 2004).

# FGE: Eu' ATPF

**E**n tempos de mentiras doutrinadas e covardia civil bem-educada, a coragem de dizer a verdade se transforma em um pecado capital, pois os poucos que aceitam o desafio devem compartilhar o destino desesperador do banimento dos hereges. Aqui, Guillaume Faye avança de uma espécie recém-nascida de hereges, para mostrar com a mais perspicaz compreensão e a mais ousada determinação que a falsa paz de nossa civilização ocidental representa o mais malicioso e perigoso 'estado de guerra'. Se a Europa não conseguisse despertar o seu instinto vivificante de resistência, os seus povos e culturas poderiam estar irremediavelmente perdidos para sempre.

Mas que destruição, que perigos, que morte realmente ameaça a Europa? Assim como a lendária hidra, essas ameaças são como um monstro de várias cabeças. Seu declínio é evidente na perda de seus valores definidores: o desaparecimento de um apego ao seu povo; uma consciência de sua identidade, história e etnia; princípios de seleção, mérito e excelência; democracia orgânica; uma vontade de poder, uma ética de honra e um esforço para ir além do humano. Os perigos, por outro lado, podem ser vistos em todos os lugares: bajular o cão de guarda América; consumismo e mercantilismo por trás da face grotesca da *Homo oeconomicus*; a emasculação e o culto da homossexualidade com suas várias tonalidades de moralidade degradada, universalismo, globalismo e mundialismo de todas as tonalidades e com todas as rodas de oração; individualismo e, como culminação letal de tudo isso, etnomasoquismo e xenofilia de todas as origens e cores. Essa degeneração mental, espiritual e política até a morte conhece muitas línguas, nomes e formas, e então, bem no final, arranca sua máscara: o declínio demográfico dos povos brancos, a implantação secreta do Islã - que realizará seu ataque impiedoso assim que chegar a hora - e, finalmente, o plantio de uma bomba genética, cuja detonação atrasada levará inevitavelmente ao caos e à destruição racial.

Ao contrário das opiniões suicidas dos aprendizes de feiticeiros das heresias multirraciais, as análises feitas por todos os especialistas em imigração, demografia e economia são sintomáticas de um abismo cada vez maior

abrindo-se entre a visão clara dos cientistas e a demência da classe política disfuncional. Herwig Birg, por exemplo, o gerente do Institut für Bevölkerungsforschung und Sozialpolitik da Universidade de Bielefeld, vai direto ao ponto: 'Pouco a pouco estamos levando este país para o Segundo ou Terceiro Mundo. Digo isso com convicção... A Alemanha tem muito a perder - uma cultura admirada em todo o mundo e uma grande prosperidade que depende dessa cultura, e que se dissipará com a continuação da imigração em massa do Terceiro Mundo.'<sup>[29]</sup>

Tendo em vista os desenvolvimentos que podemos esperar nos próximos quatro anos, ele emitiu recentemente um alerta ainda mais urgente: 'Nas grandes cidades da Alemanha, os imigrantes com menos de 40 anos já serão a maioria da população em 2010.'<sup>[30]</sup>A ironia do destino supera os cenários mais horríveis que poderíamos ter imaginado quando os convidados de ontem se transformam nos novos senhores da terra e assumem o comando da sociedade. Então, Birg afirma sem rodeios: 'A questão para os alemães será [garantir] que pelo menos [a maioria dos estrangeiros antes bem-vindos] não sejam hostis aos alemães'!<sup>[31]</sup>Em linguagem simples: os – alemães devem aprender como obter a aprovação dos novos governantes o mais rápido possível, se quiserem ser tolerados em seu próprio país no futuro.

É um fato: a decadência é muito mais cara que a prosperidade. O cúmulo do absurdo, porém, é o fato de que as riquezas adquiridas com o trabalho de nosso povo servem como, por assim dizer, cartões de crédito para as máfias políticas multirraciais. Dito de outra forma: as vítimas financiam os culpados e voluntariamente pagam a seus carrascos o maior salário por sua marcha para o cadafalso. A Europa esbanja seus bens para cobrir os custos de sua própria extinção. Assim, o colapso econômico precede a ruína genética.

Em um livro visionário, o mentor mais criativo e radical de '*Neue Kultur*'<sup>[32]</sup>coloca em palavras o perigo iminente e a necessidade cada vez mais urgente de um despertar identitário: 'Giorgio Locchi havia me dito que a última Guerra Mundial era apenas o ensaio geral e que a Grande Europa teria de sofrer um ataque final. Ele era da opinião de que nenhuma derrota é definitiva e que a vitória era possível mesmo que pareçamos estar à beira do abismo. Giorgio Locchi, marcado pela tradição romana e pelo espírito alemão, pediu-me que continuasse a sua obra à minha maneira, ou seja, à moda francesa. Ele estava se referindo ao *fúria francesa*,<sup>[33]</sup>que ainda vive em algumas almas gaulesas, e é marcado pela vontade

resistir atacando; impiedoso, sem medo e sem conversa fiada. A guerra apenas começou. É preciso montar o tigre.<sup>[34]</sup> O grande confronto se anuncia: contém nossa morte e nosso renascimento, embora, de fato, seja provavelmente nossa última chance.<sup>[35]</sup>

*Por que lutamos* é verdadeiramente um livro na tradição dos grandes pregadores e profetas, um livro que vai ferir muitos leitores com sua representação implacável de uma realidade quase sem esperança, mas que também vai oferecer cura para muitos quando eles perceberem os cursos de ação e métodos que permanecem possíveis para restaurar a Europa, e que podem arrebatá-la das garras da morte, desde que os europeus reconheçam que o querem e o tornam possível. Um livro isento de dúvidas, contendo ideias brilhantes capazes de inflamar o espírito de resistência dos europeus e cujas propostas de ação visam unir definitivamente as tribos européias desde a costa da Islândia até a extrema fronteira da Sibéria. Mas não só isso! Trata-se também das novas definições de conceitos-chave dos quais depende esse renascimento.

Os etnomasoquistas do Sistema — e isso é importante saber neste contexto — imitam Derrida,<sup>[36]</sup> o filósofo que tentou desconstruir o mundo. Primeiro, desconstrói-se a linguagem para destruir os meios de expressão das tradições, instituições e leis de um povo. Este é um passo preliminar na desconstrução radical de nossos princípios identitários básicos. Destina-se a provocar o extermínio rápido e completo de todos os povos e culturas antes que qualquer resistência possa ser montada.

A caneta que escreveu este livro é uma flecha e um bisturi ao mesmo tempo. Ele ataca infalivelmente na escuridão da decadênciáeuropéia e, começando com a decadênciáda linguagem, dissecata todos os tumores, um por um. E então, um após o outro, ele vai atrás das infecções que causam a perigosa doença que adoeceu a Europa: idéias enganosas são desmascaradas; toda confusão, todos os erros semânticos e todas as declarações falsas são localizadas e limpas - assim como os não-valores resultantes que paralisam nossa vontade e fecham nossos instintos identitários. Em outras palavras, este não é um livro de conversa retórica, nenhum livro de gesto intelectual, nem um livro de complacência, seja para o autor ou para o

leitor. Ao contrário, é um livro tecido exclusivamente a partir de ideias reais, ideias que são o amadurecimento de novos espíritos ousados, capazes de vontade e, em última análise, de ação — pois só uma vontade despertada é capaz de salvar nossos povos, que estão à beira de um destino agonizante, da decadência desta época.

Só agora compreendemos melhor por que a reconquista das ideias depende da reconquista dos termos usados para descrevê-las e da reapropriação de seu significado: porque não se pode despertar os instintos sem antes dissolver as aberrações que fizeram o espírito perder sua orientação. Seria igualmente impossível refazer o mundo sem primeiro definir os conceitos a serem usados em sua construção, ou reorientar o próprio espírito sem antes corrigir os significados distorcidos das palavras que usamos. A vontade de redefinir os nossos termos implica, assim, uma prontidão mental para iniciar um contra-ataque às agressões e intimidações da tirania politicamente correcta, que não passam de uma astúcia de um inimigo que sabe muito bem que quanto mais se perverte a linguagem de um povo, mais seu espírito será distorcido e sua resistência enfraquecida.

O erudito religioso e germanista Bernhard Kummer<sup>[37]</sup>disse apropriadamente: 'Aquele que conhece as leis de nossa espécie melhor do que nós mesmos pode nos levar aonde quiser.'<sup>[38]</sup>A linguagem contém, sem dúvida, uma dessas chaves; assim que murcha, a mente inevitavelmente encolhe e a alma cai inexoravelmente em terrível angústia. Por isso, é tempo de colocar os nossos termos em terreno sólido e defini-los com precisão, para que as ideias que eles descrevem possam encontrar sua direção adequada para combater a deculturação global de nosso povo - o passo preliminar para sua destruição genética e identitária sistemática. Tal resistência requer desesperadamente uma limpeza mental e semântica da linguagem - e é exatamente isso que Guillaume Faye conseguiu com este manual.

Este livro, no entanto, é mais do que apenas um livro. É muitas coisas ao mesmo tempo: um manual, uma ferramenta de observação crítica, uma arma estratégica, uma bússola do espírito e um líder da luta — e, por isso, predestinado a se tornar a obra de referência para todas as forças identitárias europeias do século XXI. Como o livro anterior desta série,<sup>[39]</sup>isso também é escrito por dever e necessidade interna a serviço de uma estratégia de despertar, bem como para criar um *corpus* para uma cosmovisão europeia comum. São livros de guerra que servem, tanto uns como outros, para

lemboram-nos que estamos perante um inimigo que ameaça a própria essência do nosso ser: o direito inviolável de ser e tornar-nos o que somos, com uma identidade incrustada no legado dos nossos antepassados, cujas biografias contam a parte mais importante da história mundial . Contam desde a conquista da Terra até a conquista das estrelas com o respeito milenar e inalterável às leis da vida — contra todas as ideologias criminosas de extermínio racial e cultural, cuja obra recebe o nome de miscigenação. Agora deve ser entendido porque tais livros são vistos como sendo da pior espécie por todos os que desprezam e destroem as raças. É porque eles ensinam sobre o direito dos povos e as leis da vida que os regem, que é tudo o que esses destruidores estão tentando exterminar.

É verdade que o Sistema ainda detém todas as cartas políticas. Mas qual é o jogo mais astuto sem os trunfos? Não temos nada além de nossas ideias, nossas convicções e nossa vontade - certamente não muito, em comparação com os usurpadores do poder que diariamente confundem mentes, envenenam almas e tomam todas as medidas imagináveis para iniciar a destruição de todas as identidades. Possuímos, no entanto, o maior trunfo - o trunfo dos trunfos, que aqueles que estão tentando apagar todos os vestígios de seu próprio sangue não possuem e nunca poderão possuir. Sabemos para onde vamos porque sabemos de onde viemos. Possuímos a memória da história que é também a memória do *mitos*<sup>[40]</sup> nosso *etnia*,<sup>[41]</sup> a consciência de uma linha ininterrupta de ancestrais de quem herdamos o mais valioso de todos os privilégios: ou seja, o privilégio de ser como eles.

Vamos, portanto, interromper imediatamente o debate interminável sobre detalhes - essas são atividades para o tempo após o renascimento de nossa civilização. O que precisamos são diretrizes claras, princípios inflexíveis, valores intransigentes e uma crença inabalável em nossa cultura e nosso pessoal. Essas são as condições indispensáveis da vitória! Pois sabemos de uma coisa: permaneceremos para sempre, enquanto mantivermos a lei da homogeneidade étnica sem falha, contra toda propaganda em contrário. Também devemos permanecer fiéis a essa herança indestrutível do sangue que transforma o ser humano sem alterar sua essência. Nossa lei decorre de uma vontade divina - do único deus cujo nome conhecemos: herança.

Ao seguir os ensinamentos deste livro, permitimos que essa vontade nos mostre o caminho, crie uma base e desenvolva uma visão de por que lutamos. Vamos

juntos desencadeiam ofúria francesa de que fala Guillaume Faye, juntamente com ofúria espanola, teutonica, italiana, rússia, croácia ou ilha— e fora destes furia europeana, novas forças se unirão que colocarão este mundo de volta nos alicerces da Vida. O tempo é curto! O desafio é grande, mas é da loucura dos nossos inimigos que nasce a sabedoria, desta vontade que se transmite a vida, e deste desespero que surge a esperança: pois só no próprio epicentro do perigo continua a crescer aquilo que salva. — desde que o conheça, acredeite e o queira. Convocando Nietzsche, que quis escrever em todas as paredes, onde quer que existissem paredes, também nós estamos dispostos a escrever para nossos povos sem cérebro, em letras de mármore que até os cegos podem ler, as leis invioláveis do sangue que mantêm o Ser de cada pessoas e abrigar o Ser de cada cultura. Mais do que nunca, o que está em jogo é o fogo primordial da nossagenos,<sup>[42]</sup> e o Ser do nossoetnia. Sim: trata-se da roda de fiar da nossa *alemão*<sup>[43]</sup>— aquilo que engendra o Ser de nossa Alma e Espírito, ambos indissoluvelmente ligados ao Ser da Raça que os molda.

Viva a Nova Vontade perpetuando a Raça, e que o Espírito triunfe.

### PIERRE KREBS

Kassel, Alemanha, 2006

Dr. Pierre Krebs, nascido em 1948, é o fundador e presidente do Thule-Seminar, que ele estabeleceu em 1980. O Thule-Seminar, que se descreve como um grupo dedicado à pesquisa em e cultivo da cultura indo-européia, continua sendo a mais proeminente organização da Nova Direita na Alemanha. Como Faye, trabalhou em estreita colaboração com o grupo Terre et Peuple na França. Krebs se formou da École Supérieure de Journalisme e da École des Hautes Études Sociales com graduação em filosofia, história e direito.

## ANE

T não havia notas de rodapé na edição francesa deste livro. Portanto, todas as notas de rodapé do texto de Faye são de minha autoria, exceto aquelas marcadas com 'Tr.', que foram acrescentadas pelo tradutor. As notas de rodapé do Prefácio do Dr. O'Meara são de sua autoria, e as notas de rodapé do Prefácio do Dr. Pierre Krebs também foram acrescentadas pelo autor, com exceção das marcadas com 'Ed.', que foram acrescentadas por mim. Gostaria de agradecer a Robert Steuckers por contribuir com as informações que adicionei como nota de rodapé nº 46 na seção 'Elementos preliminares'. Sempre que possível, foram dadas referências às traduções inglesas dos textos; se uma referência for a uma obra em outro idioma, não consegui localizar uma versão em inglês dela. Todas as referências a sites nas notas de rodapé foram verificadas como precisas e disponíveis durante o período de fevereiro e março de 2011.

Esta tradução foi feita diretamente da edição francesa original publicada em 2001, com exceção do prefácio do Dr. Krebs e das entradas do dicionário para etnocracia e genopolítica, que também foram adicionadas pelo Dr. Krebs para a edição alemã deste livro que foi publicado em 2006. Algumas mudanças que foram feitas para a versão francesa do Prefácio do Dr. Krebs também foram incorporadas à nossa versão. Gostaria de agradecer a Martin Häggkvist por fornecer uma tradução dos textos adicionais do Dr. Krebs e Daniel Friberg por sua contribuição. O layout do livro também foi modelado após a edição alemã, que sentimos ser superior à da edição francesa.

Também gostaria de agradecer a Michael O'Meara por dedicar tanto tempo e energia a este projeto. O tempo que ele gastou em seu prefácio, verificando e verificando novamente o manuscrito e criticando as notas de rodapé foi muito além do que normalmente se espera de um tradutor. Da mesma forma, gostaria de expressar minha sincera gratidão a Matthew Peters, a quem originalmente foi solicitado apenas que revisasse o manuscrito, tarefa que ele executou com grande habilidade e entusiasmo. No entanto, suas contribuições acabaram indo muito além disso, pois forneceu muitas sugestões valiosas quanto à edição e notas de rodapé do presente livro. Sergio Knipe também teve a gentileza de oferecer parte de seu tempo para ajudar na revisão do manuscrito e também

contribuiu para a tradução do Prefácio pelo Dr. Krebs. Agradeço a todos vocês por ajudarem a garantir que este seja o melhor livro possível.

JOHN B. MORGAN IV

Mumbai, Índia, abril de 2011

# 1. PP

## Unir-se com base em ideias claras contra o inimigo comum

**T**s piores guerras são as não declaradas. Eles irrompem silenciosamente, como uma brisa inquieta, e são os mais duros, os mais mortais.

A Europa enfrenta hoje o maior perigo da sua história, um perigo que ameaça a própria existência da sua civilização. Para ela está em guerra e nem sabe disso. Ela pode sentir o perigo, mas se recusa a vê-lo, enterrando a cabeça na areia, como o avestruz, esperando conjurá-lo.

Nós, europeus, estamos sendo rápida e massivamente ocupados e colonizados por povos do Sul e pelo Islã. Estamos sujeitos à Nova Ordem Mundial econômica, estratégica e cultural dos Estados Unidos. Os dois marcham de mãos dadas. Somos emasculados por ideologias de declínio e por aquelas de um otimismo fácil, somos ameaçados por uma regressão da cultura e da educação ao primitivismo e pela tênue simulação de prosperidade.

**A Europa é o doente do mundo.** Está patente no seu declínio demográfico, na sua desvirilização fisiológica e na ideologia reinante do etnomasoquismo, imposta pelos censores politicamente correctos e pelos media controlados. Somos atormentados por dentro e atacados por fora. Somos atacados por assaltantes, ocupantes **ecolaboradores**, que constituem a maioria das classes políticas, midiáticas e intelectuais, seja de direita ou de esquerda. As pessoas ainda não viram porque seus carrinhos de compras ainda estão cheios. E embora todos possam secretamente suspeitar que a guerra começou, a maioria nega, porque no momento ninguém tem coragem de combatê-la. Para o momento . . .

O aprofundamento da crise e a marcha rumo ao caos envolvente são requisitos para um despertar e uma revolta. E ainda não vimos nada. A tragédia ainda está no início de seu primeiro ato.

Como toda guerra, a liberdade de expressão dos defensores fica comprometida. Não adianta reclamar: essas são as regras do jogo. Em toda a Europa, possuímos imensos recursos. Nada ainda está perdido e o pessimismo não é opção.

Na história, são sempre as minorias em luta que fazem a diferença, não as massas amorfas. E já não é mais uma questão de esquerda ou direita, mas **se você faz parte da resistência**.

Dada a tragédia que se abate sobre os europeus e as fúteis disputas que dividem os identitários, é evidente a necessidade de uma visão de mundo suficientemente poderosa para reunir o continente - para reunir a nossa grande pátria, aquela família de almas gêmeas, embora politicamente fragmentada, que se une no essencial, favorecendo assim a defesa da nossa civilização e da nossa identidade em perigo, mas sobretudo favorecendo os princípios da nossa regeneração.

Em todos os lugares, espera-se uma mobilização baseada em um discurso claro e federativo de resistência e reconquista – livre de ideias ultrapassadas, sectarismo e paralisia da nostalgia. Nunca antes a urgência de tal discurso foi tão grande. O que mais importa neste momento é uma **plataforma ideológica unificadora** que vai além do sectarismo na sinceridade e lucidez de suas reflexões. Quando a casa pega fogo, as disputas domésticas são suspensas.

\* \* \*

Um **reformulação ideológica** faz necessária — um refundamento que seja, ao mesmo tempo, uma afirmação sintetizadora de uma doutrina geral e, ao mesmo tempo, uma definição rigorosa de conceitos, argumentos e propaganda. É por isso que o seguinte manifesto assume a forma, em grande parte, de um 'dicionário'.

Confusões doutrinárias, falsos debates, oposições artificiais, aproximações e mal-entendidos intelectuais, escaramuças sectárias, embotamento de ideias em nome da respeitabilidade — já duraram tempo demais. O que é preciso é um **linha clara**. Um mínimo fortemente formulado em torno do qual pode aglutinar-se o maior número de sensibilidades e vontades.

Entramos em um período em que as coisas não precisam mais ser ditas pela metade, pois nos divertimos com 'discursos de duas caras'. O que precisamos agora é **pensamento radical**—não sob a forma de gestos extremistas, mas indo à raiz das coisas. A verdade sempre vence e é o ardil mais eficaz.

Chegou a hora de o identitarismo, no sentido mais amplo, se reafirmar como a forma de pensamento mais lúcida e ambiciosa. A visão identitária do mundo é simplesmente mais realista e melhor adaptada ao futuro do que a ideologia igualitária e cosmopolita dominante, que afeta a todos, desde os direitistas suaves até os neotrotskistas mais loucos. Todos os fatos, sejam históricos, geopolíticos, demográficos, étnicos, econômicos ou sociais,

substanciar a visão identitária e desigualitária do mundo. sua visão - **oúnica forma de pensamento autenticamente rebelde e dissidente**—está fadado a prevalecer em toda a Europa, pois assim que o século XXI sucumbir às crises que se aproximam, a lousa será apagada - à medida que revisões ideológicas, designações inesperadas e radicalizações surpreendentes chegam com a força das circunstâncias.

\* \* \*

Há quinze anos, publiquei um pequeno trabalho intitulado *Pourquoi nous combattons* (*Por que lutamos*), assim como *Petit Lexique du Partisan européen* (*Um pequeno léxico para o guerrilheiro europeu*), escrito em colaboração com Robert Steuckers e Pierre Freson. Essas duas obras apareceram em várias edições piratas. Mas, embora tenham mantido muito de sua pertinência, não se encaixam mais no atual estado de emergência.

Desde então, nenhum manifesto ou síntese ideológica comparável foi publicado - com exceção do último livro de Pierre Vial, *Une Terre, un Peuple* (*Uma Terra, Um Povo*), uma obra cujas orientações conceptuais e 'arqueofuturistas', na defesa de tradições ancestrais e de um futuro imperial, se aproximam da nossa própria ideia de resistência e reconquista.

### **Cuidado com os falsos amigos**

Por toda a Europa, os jovens resistentes e dissidentes precisam ter cuidado não apenas com **cooptação pelo sistema, mas também por aqueles que se apresentam como defensores da identidade europeia**, os chamados 'artesãos da renovação'. Estou pensando aqui naqueles de Gaulle descritos como 'crianças pulando e chorando: Europa! Europa! Europa!',<sup>[44]</sup> falando de 'renascimento', mas sempre defendendo valores decadentes, permissivos e censuráveis que encaram a Europa como uma espécie de Disneylândia 'tolerante', aberta a todo o mundo, um pandemônio etnopluralista - sem uma identidade definidora, uma ordem interna ou um vontade de poder. A atração ideológica de tais discursos é grande, especialmente se veiculada em linguagem intelectualmente pretensiosa. É de extrema importância, porém, que resistamos a esses pseudo-identitários, cujo conformismo e ânsia de respeitabilidade camuflam sub-repticiamente dogmas multirraciais e multiculturais na forma de uma "ideia europeia" que na verdade dissocia a Europa da sua "ideia imperial".

Tudo pode ser encontrado no supermercado da pseudorrebelião de hoje: o viático antirracista; um pós-'68<sup>[45]</sup> esquerdismo 'antiutilitário'; um etnopluralismo multicultural, multiconfessional, multqualquer coisa que descobriu, trinta anos depois, as teses dos comunitaristas americanos (de alguma forma tidos como antiamericanos); um antiliberalismo derivado de Bourdieu<sup>[46]</sup> e seus amigos; ou então, no outro extremo, um ultralivre-mercantilismo e uma ingênuas e desarmante idolatria do americanismo.

**Mesmo entre os regionalistas encontra-se a ideologia cosmopolita** da extrema-esquerda que, em sua pretensão de combater o jacobinismo francês, ignora resolutamente o caráter europeu da identidade regionalista que defende.

Precisamos, assim, **cuidado com os falsos defensores da identidade europeia**, aqueles que apenas romperam formalmente com os Verdes, Cohn-Bendit,<sup>[47]</sup> ou José Bové.<sup>[48]</sup> Pois seu discurso fraudulento é um simulacro, que funciona da seguinte maneira: em nome de um antiamericanismo repetitivo, dogmático e mal argumentado que invoca um antiliberalismo conveniente, neomarxista e economicamente superficial, eles se apresentam como dissidentes; eles até se autodenominam federalistas europeus, embora resistam a qualquer ideia de uma Europa poderosa e imperial; eles fingem ser antiglobalistas, proponentes dos enraizados – identitários – mas ao mesmo tempo são "abertos a todas as culturas", partidários da "causa de todos os povos" e efetivamente

imigrante; professam ser "antiprogressistas", mas no espírito de um "sentido da história" vagamente realista, julgam irrealista qualquer ideia de reconquista étnica da Europa; dizem que são pagãos, cristãos, pagão-católicos ou agnósticos, dependendo do restaurante, mas aplaudem o avanço do Islã em nome do ecumenismo - fazendo isso, porém, mais por conformidade e ignorância do que engano, etc. esses tipos são os pseudopagãos, que sistematicamente confundem as coisas com seu sofisma e politeísmo louco-tolerante — isto é, com sua anarquia. É triste dizer, mas não poucos intelectuais de direita foram pegos dessa maneira.

\* \* \*

O mecanismo é simples: eles montam um**falsa oposição ao sistema, atacando aspectos superficiais dele, mas nunca desafiando seus fundamentos**. As ameaças que a Europa enfrenta atualmente - notadamente a colonização da Europa pelo Terceiro Mundo e pelo Islã, a desvirilização, a decadência dos valores, a africanização da cultura, o declínio demográfico, o fiscalismo burocrático e a metástase da social-democracia reinante, a homofilia triunfante - são prudentemente ignoradas por esses falsos resistentes, que carecem de qualquer visão geopolítica, estratégica, econômica, étnica ou cultural de resistência - que carecem de vontade de poder. O principal inimigo, conhecido em todos os lugares, nem sequer é mencionado.

Esses falsos oposicionistas se desculpam alegando que estão pensando, mas "pensar não é suficiente", como diz Jules Renard, "você deve pensar em alguma coisa".<sup>[49]</sup> —

Há outro perigo, o inverso destes: um discurso nostálgico, pessimista, impregnado de sectarismo e impotência, marginalidade e resistência inepta. Esta é a lógica dos eternos perdedores da história, vencidos antecipadamente, amargurados e desanimados, vendo-se como os *última /inhade* defesa, ao invés do *primeiro*.**Toda resistência que não surja com base na reconquista está fadada ao fracasso.**

\* \* \*

Devemos também estar atentos a certas**tendências espirituais, metafísicas e as chamadas tendências "filosóficas"**. Desconfie especialmente daqueles impostores que chamam

eles mesmos 'teólogos' nos limites de seu escritório... embora uma renovação espiritual seja absolutamente necessária - para o bem do renascimento da Europa - e contra o narcisismo materialista, que é a causa primordial de sua atual tragédia.

Espiritualidade não é espiritismo. Não é algo a ser decretado ou instrumentalizado, como um programa de computador. Sou um leitor dedicado de Evola, [\[50\]](#) particularmente de seus extraordinários textos políticos e sócio-filosóficos, **mascuidado com o 'Evolianismo'**(e o ainda mais perigoso 'Guénonismo')[\[51\]](#) que se afasta de questões práticas e tangíveis. A reflexão deve servir à ação e não deve ser confundida com tautologias metafísicas. Dirijo este aviso particularmente aos meus amigos italianos.

A desconfiança não é menos justificada em relação a esse 'paganismo' artificial e instrumentalizado que ameaça sucumbir ou a uma Nova Era desligada de qualquer luta mundana, ou pior, em nome de um politeísmo mal compreendido, *axenofiliae* um catastrófico 'Amor ao Outro'. Devo acrescentar que há muito me considero um pagão, totalmente pagão, aliado do catolicismo tradicional e amigo do hinduísmo, mas um adversário feroz dos monoteísmos totalitários do deserto.

Uma prudência semelhante é necessária em relação à espiritualidade carismática católica, com seu misticismo enervante e, particularmente, sua rejeição destrutivamente pacifista da etnicidade e da vontade de poder.

**Precisamos, em uma palavra, estar atentos aos misticismos desmobilizadores, a um intelectualismo pretensioso mas oco, ao fácil refúgio em uma 'espiritualidade' ou 'filosofia' cujas atitudes, posturas e brechas acabam tangenciando a resistência.**

Não estou menosprezando as atividades espirituais ou religiosas, que são uma das glórias da civilização européia. A verdadeira espiritualidade, porém, só é possível em combate. Poucos são os que a encontram na pura meditação. Para os perigos de *desencarnesão* ótimos e, nesses casos, os mais profundo as aspirações se metamorfosiam em uma forma de tagarelice e um refúgio dos conflitos da vida, parte dos destroços da história. Para dar sentido à própria vida é preciso lutar e arriscar pelos próprios ideais e principalmente pelo seu povo. De tais compromissos surge uma verdadeira espiritualidade - uma chama interior, não outro decoro burguês. Acho que Evola, Heidegger e Abellio[\[52\]](#) — entendeu isso, poissa **espiritualidade provinha de seus noivados.**

A espiritualidade é inimiga e oposta do espiritualismo, assim como a inteligência é inimiga e oposta do intelectualismo, e a filosofia é inimiga e oposta do filosofismo. A espiritualidade nasce da luta biológica e ontológica, não precede nem continua, mas está ligada a ela e a ela se acopla, como um ninho de víboras.

A palavra 'divino' refere-se, talvez, ao fim. Mas o divino nasce apenas do ardor físico, concreto, prático dos homens. Parece apenas se uma luta humilde, angustiante, mas orgulhosa, começou.

A aptidão física e mental para a luta, a posse de uma doutrina clara, as qualidades de coragem e resistência - são, por enquanto, matéria de fogo e tragédia, muito mais importantes do que qualquer adivinhação espírita.

*Mens sana in corpore sano*: uma mente sã em um corpo sã. Não esqueçamos que Sócrates era um hoplita e Xenofonte um magistrado militar.

\* \* \*

Disputas estéreis e divisões sectárias dividem e neutralizam aqueles que deveriam ser solidários uns com os outros. Isso contrasta com o inimigo, que, por mais multiforme que seja, sabe cerrar fileiras. Nossas disputas e divisões são superficiais - e nos levam a brigar com aqueles que compartilham crenças semelhantes - aqueles que têm **omesma visão identitária intuitiva do mundo**, designando o mesmo inimigo, e implicitamente defendendo as mesmas pessoas e aspirando aos mesmos objetivos - mas que ainda estão presos a ideias pouco claras, conflitos emocionais, debates mal colocados ('França' ou 'Europa', 'soberanismo' ou 'federalismo'<sup>[53]</sup>, 'catolicismo' ou 'paganismo', etc.). Sem ideias bem definidas, conceitos claros e unificadores, reflexões serenas e senso de urgência, será difícil ser compreendido e, portanto, difícil estabelecer uma linha ideológica efetiva. De acordo com um velho ditado, cuja origem não revelarei, precisamos agora lançar as bases, em toda a Europa, para "uma forma de pensamento positivo, voluntário e criador de ordem".

## 2. PE

**T**história do mundo é uma história da luta entre povos e civilizações pela sobrevivência e dominação. É um campo de batalha de vontades de poder. É uma sucessão ininterrupta de tragédias prolíficas resolvidas apenas pelos poderes criativos das forças determinantes. A luta de classes não é menos uma realidade, mas de ordem secundária.

O vigor duradouro de um povo está em sua *alemão*,<sup>[54]</sup> ou seja, na manutenção da sua identidade biológica e na sua renovação demográfica, bem como na saúde dos seus costumes e na sua criatividade e personalidade cultural. Sobre esses dois fundamentos repousa uma civilização.

Ao contrário do que se pensa, não é o poder económico ou militar, nem a sua constituição social ou a sua independência política, que em última instância determinam a longevidade de um povo ou de uma civilização. Esses elementos são extremamente importantes, mas fazem parte da superestrutura. **A base de tudo é a identidade biocultural e a renovação demográfica.**

É por isso que a situação atual na Europa é tão trágica: pela primeira vez em dois mil anos, ela está literalmente em perigo de desaparecer. E isso, no exato momento em que ela tenta desajeitadamente se unir, como se tivesse a presciênciia de se reagrupar contra aquilo que a ameaça.

Corrompida pelo sistema ocidental que ela mesma criou, a Europa é roída por dentro e roída por fora. Domesticamente: pelo individualismo burguês, o culto do consumismo de curto prazo, infertilidade, desvirilização, xenofilia, etnomasquismo e deculturação. Internacionalmente: por uma colonização de substituição de população, pela invasão islâmica e por sua subjugação estratégica e cultural ao cúmplice do Islã, o adversário americano.

Hoje, quando a noite cai sobre eles, os povos europeus precisam se ver conscientemente como **um povo**, pois eles têm menos de um século para salvar sua *alemão* e sua civilização. O século XXI será o **século decisivo**, especificamente suas primeiras décadas. Mais do que nunca, o velho adágio militar — 'vencer ou morrer!' — assume a sua pertinência. Se a geração de nativos europeus que completa 20 anos entre 2000 e 2010 não agir, tudo estará perdido — para sempre — como o espírito de quem construiu o

grandes catedrais é finalmente extinto. Os europeus orientais não poderão nem mesmo ajudar seus irmãos ocidentais, pois eles também estão doentes.

O próximo século será um século de ferro. Trará um retorno arqueofuturista das questões antigas, das disputas eternas, após o curto parêntese da 'modernidade', que durou apenas três séculos – um momento no curso da história. **A era vindoura anuncia o titânico e o trágico** — enquanto uma humanidade superlotada, amontoada em um planeta doente, trava sua luta decisiva pela sobrevivência. Fim de um regime e interregno.

As principais questões que o futuro enfrentará não serão sobre financiamento/*iniciantes*, encontrar um lugar no sistema político para as mulheres ou cuidar do bem-estar da 'comunidade gay', mas sim determinar o resultado do próximo confronto entre a Europa e o mundo islâmico que a coloniza: os europeus continuarão sendo a maioria da população europeia; eles serão capazes de verificar a degradação dramática do meio ambiente da Terra, etc.? Este manifesto e seu dicionário abordam essas questões.

No decorrer do próximo século, toda a humanidade, primeiro na Europa, depois no mundo inteiro, enfrentará **uma convergência de catástrofes**. Nada se resolverá sem uma grande crise em que somos obrigados a agir, uma vez que estamos contra a parede. O sistema atual - este moderno sistema ocidental - não pode ser salvo, ao contrário das ilusões da direita ou do otimismo da esquerda. **Precisamos nos preparar para o caos que se aproxima e começar a pensar em termos pós-caos.** Os 'realistas' racionalizadores me criticaram por uma visão trágica e revolucionária. Mas minha opinião é positiva. A história prova que os "realistas" intelectuais, geralmente especialistas míopes, olham para o mundo pelo lado errado das lentes. Eles até me acusaram de ser um 'romântico apocalíptico'. Mas não, sou realista: acredito no concreto. Mais paradoxal ainda, essas censuras são feitas por autoproclamados 'filósofos' que se apresentam como antiprogressistas, mas sucumbiram eles mesmos às piores ilusões liberais-marxistas - ao se recusarem a imaginar a possibilidade de uma catástrofe. Eles são como avestruzes que enterram seus cérebros superdesenvolvidos na areia - ou como as criaturas marinhas sem olhos no filme de Marianne.<sup>[55]</sup> esgotos . . . A história não é um rio longo e tranqüilo, mas sim uma série de quedas, corredeiras e, acredite, desembocaduras.

Por que lutamos? Não lutamos pela 'causa dos povos',<sup>[56]</sup> porque a identidade de cada povo é assunto seu, não nosso, e porque

a história é um cemitério de povos e civilizações. **Lutamos apenas pela causa do destino de nosso próprio povo.** Nossas atividades políticas – as atividades culturais ou metapolíticas mais cotidianas, as mais pé no chão, as mais humildes, mesmo na formulação de nossos programas práticos – são guiadas pelo imperativo de toda Grande Política: isto é, pela luta **pela herança de nossos antepassados e pelo futuro de nossos filhos.**

## A Lógica do Declínio

A civilização européia está gangrenada com o cosmopolitismo que acompanha o sistema ocidental, que ajudou a criar, como Nietzsche viu em uma fase anterior de sua decadência. O destino da Europa neste sentido é trágico.

A principal causa de seu declínio é o amadurecimento das ideias de igualdade e individualismo do século XVIII que vieram às custas de nossa consciência comunitária, nacional e étnica. Outra causa é a secularização dos valores universalistas — e igualitários — judaico-cristãos. Um terceiro é o frenesi materialista constitutivo do espírito burguês.

Os próprios europeus são responsáveis pelos males que os afigem: os males da taxa de natalidade em declínio, o Terceiro Mundo e a colonização islâmica, a deculturação, a dominação americana, a debilidade mental estratégica, etc. corromper seu corpo.

Narcisismo, consumismo, desvirilização, homofilia, egoísmo social, xenofilia (incorrectamente chamada de 'anti-racismo'), declínio demográfico, neoprimativismo cultural, rejeição da estética e da vontade de viver, ódio aos valores aristocráticos e guerreiros, culto à economia (o monoteísmo secular), a desfiguração do humanismo clássico e da verdadeira espiritualidade, o triunfo de um humanismo vulgar e hipócrita - essas forças que contribuem para a diminuição do caráter do europeu estão em ação há mais de um século. Em grande parte invisível até agora, o vírus dessa decadência finalmente completou sua incubação e começou a explodir.

### colonização étnica

Mais do que 'imigração', precisamos falar de colonização em massa por populações africanas, magrebinas e asiáticas, reconhecendo que o Islã busca conquistar a França e a Europa; que 'a delinqüência da juventude'<sup>[57]</sup> é o primeiro passo para a guerra civil étnica; que a invasão é tanto sobre maternidades quanto sobre fronteiras porosas; que, por razões demográficas, **o poder islâmico está ameaçando se instalar na França**, primeiro a nível municipal, depois, talvez, a nível nacional.

As escolas públicas estão se debatendo, presas da violência de 'Beurs' e 'Blacks',<sup>[58]</sup> os novos conquistadores. 'Zonas proibidas' passaram dos mil

marca. Há vários anos, o número de imigrantes, sejam legais com visto ou ilegais, explodiu. Esses recém-chegados não são trabalhadores empregáveis, mas candidatos imediatos ao auxílio-desemprego. Estamos à beira de um abismo: se nada mudar, em duas gerações a França não terá mais uma população majoritariamente europeia, e isso pela primeira vez em sua história. Alemanha, Itália, Espanha, Bélgica e Holanda estão no mesmo caminho catastrófico, apenas alguns anos atrás de nós. Desde a queda do Império Romano, a Europa nunca conheceu uma situação tão cataclísmica. E está ocorrendo com a cumplicidade de nossa classe política sem noção e etnomasquista e com a colaboração criminosa dos lobbies imigratórios.

O crescente caos étnico na Europa corre o risco de abolir a nossa civilização; esta ameaça é mais grave do que qualquer uma das pragas e guerras anteriores que a Europa conheceu. E não devemos esquecer que **esta colonização e islamização serve aos interesses dos Estados Unidos** e que a integração/assimilação dos invasores, como o comunitarismo multiétnico, é, na verdade, totalmente inviável. Existe ainda uma alternativa:*reconquista*.

\*

Nunca a identidade étnica e cultural da Europa, base da sua civilização, foi tão gravemente ameaçada, agravada pela cumplicidade colaboracionista e suicida dos meios de comunicação e dos políticos. Laurent Joffrin<sup>[59]</sup> — poderia assim escrever esta frase estupefata em *Le Nouvel Observateur*: 'A extrema direita pensa que pode amenizar as desordens do futuro liberal com um remédio tão falso quanto assassino, opondo sua própria identidade étnica agressiva à inevitável mistura de culturas.'

A crença fatalista aqui na inevitabilidade da mistura de raças simplesmente não é apoiada pelos fatos. Não é uma 'mistura de culturas' que estamos vivendo na França, mas sim a destruição, a erradicação, o **etnocídio da civilização europeia em prol da americanização, por um lado, e da islamização e afromagrebização, por outro**.

Sob o disfarce de sua ideologia integracionista, que nunca se realizou em nenhum lugar do mundo, nossos inimigos, fiéis ao trotskismo de sua origem, empenham-se em abolir nossa cultura ancestral, que consideram intrinsecamente perversa.

A 'identidade étnica' e sua defesa são assim designadas como um Mal — tornando-se símbolos de agressão, nos termos de Laurent Joffrin. A defesa e afirmação da própria cultura nesta visão nada mais é do que uma forma de racismo.

Longe de se tornar uma 'civilização planetária', uma aldeia global, o planeta está hoje sendo organizado em blocos étnicos/identitários concorrentes. **A mistura de culturas e a abolição de identidades não fazem parte do projeto do século XXI.** A Índia, a China, a África negra, o mundo árabe-muçulmano ou turco-muçulmano, etc., estão afirmando suas identidades, não tolerando uma imigração colonizadora nem uma mistura cultural em seu solo. Só as nossas elites pseudo-europeias defendem o dogma de um 'planeta misto', que é pura ilusão.

A Europa está a perder o seu património ancestral, enquanto a defesa oficial do 'património' nacional não passa de um empreendimento museológico. Pois a identidade cultural, como a identidade biológica, é fundamentalmente arqueofuturista: isto é, ela se origina de um renascimento contínuo de formas e gerações, começando com o original *a/emo*. A permanente renovação biológica e cultural e a permanente afirmação da vontade de poder: tal é a lei de todos os povos longevos. **A identidade é inconcebível sem a noção complementar de continuidade.**

A luta contra a identidade tornou-se a palavra de ordem da ideologia igualitária dominante. Isso implica abolir nossa memória e nosso sangue. Os programas escolares atestam isso, pois nas aulas eles preferem discutir um conto popular africano do que cantar as velhas canções francesas. A previsão de Céline de uma invasão 'tom-tom' está se tornando realidade.<sup>[60]</sup>

\*

Essa colonização por populações alienígenas está profundamente enraizada em nossa mentalidade. **Os próprios franceses são os artífices da destruição da França.** Se ela é o país mais assaltado pelos invasores alienígenas, é porque sua identidade cultural e étnica é a mais prejudicada.

O problema vem de longe. Desde a Revolução de 1789, a França jacobina se considera "a república da raça humana", "o país de todos os homens", imitando os Estados Unidos, que acabavam de conquistar sua independência. Mas só nos Estados Unidos, esse país fundado na imigração e na destruição de seus povos aborígines, é que se encontra a fórmula

verdade, enquanto na França, terra de povos e etnias enraizados, essa fórmula universalista é perigosamente falsa. **Desde o início, a República Francesa baseou-se no dogma de um Estado não étnico.**

Após a derrota de 1870,<sup>[61]</sup> os ideólogos da República, com Renan<sup>[62]</sup> à sua frente, opunha-se à Alemanha, nação "constituída por um povo originário, falante de uma língua original", em contraste com a pretensamente mais civilizada França, fundada não numa raça específica, numa história enraizada ou numa identidade herdada, mas numa contrato social e "um desejo político de viver juntos". Desde então tem prevalecido esta desastrosa ideologia francesa, que nega a sua própria realidade étnica e faz a mestiça republicana(*métis*) o cidadão modelo.

Em 1914, novamente em 1940, a Alemanha era vista como um inimigo hereditário, representando um povo de linhagem distinta — um povo primitivo e identitário.

— que seriam derrotados pelos republicanos franceses, separados de todas as relações de sangue e ligados a seus concidadãos apenas com base em um contrato social.

Como um bumerangue histórico, a atual ideologia republicana antiétnica e antiidentitária, depois de ter tentado destruir as personalidades históricas das várias províncias da França, não consegue assimilar e integrar seus milhões de imigrantes – ou melhor, seus novos colonizadores. Estes últimos conservaram a sua identidade, enquanto os nativos franceses perderam a sua! **Com efeito, a ideologia francesa está destruindo a França.**

Fundada em um cosmopolitismo sem esperança, essa ideologia francesa está profundamente enraizada na mentalidade da governança burguesa: daí as leis "anti-racistas" quase unanimemente aprovadas de Plevèn (1972)<sup>[63]</sup> e Gayssot<sup>[64]</sup>, que, por governos de direita e esquerda, estabeleceram uma polícia do pensamento, inúmeras medidas pró-imigração e uma renúncia aos controles de fronteira. De um modo geral, **As elites burguesas da França, sejam elas políticas ou midiáticas, carecem de uma consciência étnica ou identitária.**

Eles são de fato cúmplices da atual colonização e invasão, tanto por seu apoio a atividades anti-racistas quanto por sua crença ideológica quase religiosa de que a 'identidade' é um mal, como qualquer outra doutrina política ligada à etnia. E os mais perigosos desses colaboradores, a meu ver, são os de 'Direita', porque desarmam e desmobilizam a resistência instintiva dos jovens saudáveis.

\*

Tais atividades antiidentitárias culpatórias devem ser vistas como uma forma de *xenofilia*—isto é, como um fascínio pelo Outro, pelo estrangeiro — e não como um 'anti-racismo', que toca até o coração daqueles movimentos políticos e culturais que reivindicam uma identidade francesa e europeia, embora demonizem todas as formas de etnocentrismo. O mal é profundo, o vírus está alojado no fundo do organismo.

A casa está pegando fogo, mas ninguém diz nada. Em relação a certos filósofos ditos 'identitários' — que defendem o 'comunitarismo', minimizam ou negam o efeito da imigração/colonização e uivam com os lobos contra o 'racismo' — não é credulidade intelectual, ignorância, nem cosmopolitismo que os motiva , mas simples covardia, nascido de um desejo de parecer socialmente respeitável, de se submeter à polícia do pensamento, de 'protestar corretamente' sem nunca cruzar o cordão. Tais traições são tão grosseiras que até mesmo a esquerda cosmopolita as despreza. Sim, o inimigo despreza seus próprios colaboradores.

O inimigo respeita apenas os resistentes que se rebelam ativamente.

#### A Sociedade Bloqueada<sup>[65]</sup>

Mais do que nunca, a sociedade está 'bloqueada' e esclerosada: como fica evidente nos enormes benefícios recebidos pelos funcionários públicos que resistem, é claro, a todas as reformas — evidente também na impotência do governo sempre que é contestado por sindicatos, grupos de pressão, o rua. Tudo isso indica o aparecimento de **um nova forma de luta de classes**. E é o eleitorado de esquerda que está aqui do lado dos exploradores. Encontramo-nos hoje numa situação em que existem:

1. 'Salários garantidos' para funcionários públicos, que se beneficiam de emprego vitalício, cobertura social plena e inúmeros privilégios; colonizadores imigrantes, que recebem benefícios previdenciários garantidos, ao contrário dos nativos, e praticam seu parasitismo impunemente; e as grandes fortunas burguesas (aliadas à esfera intelectual-midiática), que se transformaram em uma nova classe de especuladores.

2. Uma classe média cada vez menos protegida e em plena decadência (contratos de curto prazo, planos de despedimento, redução de custos, etc.), cada vez mais precária mas responsável por financiar o crescente défice do Estado.
3. Um proletariado nativo em expansão, desempregado ou parcialmente empregado, confrontado com uma pobreza intratável e insegurança. O famoso *exclusão*<sup>[66]</sup> — atinge principalmente esses europeus nativos, não os colonizadores imigrantes, que são os beneficiários da assistência pública e comunitária.

**As classes protegidas dessa maneira vivem às custas das classes ativas, mas não protegidas, que elas exploram.** Aqueles que escrevem a legislação e a administram evidentemente pertencem às classes protegidas.

Estamos vendo como consequência **o voo das nossas pessoas mais talentosas — préludio da nossa terceiromundização.** Fugindo de uma sociedade bloqueada, endividada e sobrecarregada, na qual o Estado pressiona mais do que ajuda as forças vitais, milhares de mentes jovens estão se expatriando todos os anos. Quem os substituirá? Não imigrantes não qualificados, improdutivos e extremamente caros, já que a maioria deles são beneficiários da previdência social.

Corrompida pelo carreirismo oligárquico dos políticos profissionais, a democracia está sendo desfigurada por uma república de juízes e pelo aumento da censura ao 'politicamente incorreto' e a quem diverge das opiniões do partido no poder — e por uma oligarquia cuja indiferença ao bem-estar do povo agora está corroendo os fundamentos legais do estado. A abstenção eleitoral atingiu proporções sem precedentes. Os governos são cada vez mais baseados em coalizões minoritárias. Uma vez que se percebe que Verdes ou Comunistas, que representam apenas uma lasca do eleitorado, conseguiram impor suas leis, as coisas se tornam imediatamente mais compreensíveis.

É como se a 'democracia' ocidental tivesse adotado um modelo brando de stalinismo (ele próprio inspirado pelos mestres despóticos da Revolução Francesa). A classe dirigente da mídia intelectual antipopulista e antidemagógica se opõe a todas as formas diretas de democracia e desenvolveu, especialmente na esquerda, uma desconfiança, um desprezo e uma fobia do povo. **A pseudodemocracia do Ocidente é na verdade uma oligarquia neototalitária.**

**O totalitarismo suave** foi, de fato, instalado sob o disfarce de 'democracia'. O arco político dos partidos políticos reinantes da Europa

(baseado em maiorias fabricadas e uma oposição fabricada) forma **uma única festa** — pois todos eles, com certas nuances, subscrevem a mesma ideologia. A democracia direta, como a suíça, é considerada ilegítima e a opinião do povo é tratada como se fosse algo imaturo e perigoso. Um partido, o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ),<sup>[67]</sup> é oficialmente tratado como se fosse ilegítimo, embora seja regularmente reeleito nas urnas.

Paradoxalmente, quanto maior o laxismo institucional em relação aos costumes, delinquência e imigração, maior a repressão política, o monitoramento informático e os ônus fiscais sobre os cidadãos nativos. *Grande irmão* está se tornando *Ubu Roi*<sup>[68]</sup> e vice versa. Há uma deterioração correspondente das forças vitais da sociedade, de seus músculos e esqueleto, à medida que a ossificação se instala.

Em economia, **combinamos as desvantagens do capitalismo e do socialismo**, sem receber as vantagens de nenhum dos dois. Do capitalismo, mantivemos o livre comércio e as fronteiras abertas sem os benefícios da livre iniciativa; do socialismo, conservamos apenas o estatismo, o corporativismo sindical, a alta tributação e a burocracia, sem justiça social, solidariedade e pleno emprego.

É falso dizer, como fazem os teóricos da direita e da esquerda, que carecem de conhecimento econômico ou experiência empresarial de qualquer tipo, que 'o liberalismo é o principal inimigo' ou que vivemos em uma sociedade brutal e ultroliberal. Este é um velho boato da análise de esquerda.

Em primeiro lugar, **é o livre comércio global desenfreado que precisa ser combatido e não o jogo das forças do mercado interno** dentro de um espaço continental europeu protegido. Demonizar o 'mercado' faz o jogo de um corporativismo esclerosado e comunista. Apesar de criticar a 'sociedade de mercado' e o 'reino do dinheiro', não devemos esquecer que o desempenho, a energia econômica e a inovação são os principais motores da *concorrência* e que a maximização do ganho (não da virtude) foi — e sempre será, deplorado ou não — a base do dinamismo.

A crítica à "sociedade de mercado" não deve, portanto, ser uma crítica ao mercado e ao seu princípio liberal, mas antes uma oposição à sua possível ditadura e às forças especulativas. É preciso, portanto, exigir a presença de uma função soberana para operar acima do mercado — um decisionismo político,<sup>[69]</sup> bem como os mecanismos correctores de solidariedade social, para ajudar aqueles do nosso povo que não podem subsistir apenas com base no seu trabalho.

O verdadeiro problema da nossa sociedade não é o excesso de liberalismo, mas o excesso de socialismo! E é o pior tipo de socialismo: não o socialismo de Proudhon<sup>[70]</sup> ou Blanqui,<sup>[71]</sup> mas corporativismo sindical de inspiração comunista, privilégios protegidos, deduções colossais no contracheque. Tais excessos estão distantes de qualquer ideia de justiça social – uma ideia frequentemente proclamada, embora raramente praticada.

As grandes instituições da esfera pública — a base de toda civilização (escolas, hospitais, exército, polícia) — junto com os princípios constitutivos de toda sociedade viva (segurança, saúde pública, transmissão de conhecimento, etc.) — são lentamente começando a declinar.

A sociedade, no entanto, ainda permanece, como um espantalho em um campo devastado por corvos. Esta é a 'nova sociedade', da 'nova modernidade', que se julga forte e saudável (existe a Internet, não é?), mas cujo interior está gangrenado, como uma árvore morta, cuja casca ainda está intacta, mas cuja queda virá com a primeira tempestade.

Com o ressecamento da seiva interior — isto é, com a perda dos valores e das forças biológicas que se contrapõem às forças da dessecação — a administração endurece e forma bolhas, o coração para, o sangue se esgota, o entusiasmo e a liberdade morrem. **Uma civilização falsa emerge do colapso da cultura real.**

\*

É preciso sempre esperar. Nossa povo ainda possui imensos recursos. Apesar da subversão em curso, a trágica criatividade da civilização européia ainda não foi extinta.

## França ou Europa?

Várias perguntas impertinentes merecem ser feitas:

Ser francês ainda significa alguma coisa quando se assume uma identidade europeia? Uma questão relacionada: devemos permanecer franceses, no atual sentido jurídico do termo, ou devemos nos tornar europeus? Ainda podemos construir a Europa preservando o Estado francês? O desaparecimento do estado francês sinaliza o fim da França? Tal fim é inescapável e desejável — num contexto em que procuramos criar uma Europa poderosa, soberana e identitária? A ideologia do Estado francês, com seu centralismo jacobino e universalismo cosmopolita, é compatível com uma identidade europeia?

Será que as falhas e libertinagens do bastardo europeu nascido em Amsterdã em 1997<sup>[72]</sup> nos devolverá ao passado ou provocará uma fuga para frente, em direção a uma Federação soberana?

A União Europeia em construção deve ser vista num sentido maquiavélico, como um paliativo necessário, parte de um processo inevitável mas provisório? Uma construção imperfeita construída por 'idiotas úteis', mas indispensável, mas que terá que ser reformada de cima a baixo? A Federação Européia — uma verdadeira revolução histórica, sem dúvida o acontecimento mais importante dos últimos 1.500 anos — é a única forma de evitar os perigos fatais que a Europa enfrenta? Se a revolução europeia for acelerada, para nos libertar do jugo americano, para remediar o terrível problema da imigração e da islamização, para conter nosso declínio demográfico, para evitar o advento de uma já visível crise econômica de proporções maciças, redescobrir o brilho e o poder da nossa civilização? Ou é necessário renunciar à utopia da Federação Europeia, considerada por alguns inherentemente impotente, e salvar a Europa voltando à soberania dos Estados-nação europeus, cujas relações serão regidas por simples tratados, à moda antiga? Essas são as questões-chave que precisam ser abordadas com urgência.

Entramos num período de grandes tempestades, como há muito prevíamos, um ciclone histórico que, numa obra anterior, *arqueofuturismo*,<sup>[73]</sup> chamei de 'convergência de catástrofes'.

*Grande Europa* em nenhum caso será 'o primeiro passo em direção a um Estado Mundial' — mas sim para uma **Nova Nação, federal e imperial, baseada em**

**As regiões históricas da Europa, não seus Estados-nação atualmente inadequados, e enraizados em sua unidade étnica.** Precisamos, portanto, lutar tanto contra os velhos Estados-nação (que já não nos defendem porque se tornaram tão fracos e inadequados) como contra o falso ideal de uma Europa cosmopolita.

\*

Sempre fui um 'nacionalista' - nunca um 'nacionalista francês', mas sim um '**nacionalista europeu**'. Apesar dos sonhos de grandeza (que a iludiram), a França é muito pequena. Para existir, para nos defendermos, para nos afirmarmos num mundo cada vez mais difícil, é preciso reagrupar-nos a um nível mais amplo, como um bloco continental. Certas virtudes francesas (os imperativos da independência e da influência, o poder estratégico, a soberania do Estado...) precisam ser estendidas ao nível europeu, evitando ao mesmo tempo certas falhas do Estado francês e sua ideologia: um cosmopolitismo inveterado, um religião suicida dos direitos humanos, burocratismo, fiscalismo, igualitarismo, extrema centralização, dogma *datus soli*, o conservadorismo das 'vantagens adquiridas', o bloqueio social, etc.

O nacionalismo europeu é muito mais aceitável para um italiano, um belga, um austríaco ou um espanhol do que para um francês. No entanto, foram os franceses que iniciaram o processo de construção europeia, que até mesmo de Gaulle<sup>[74]</sup> — não tentou prender. . . Paradoxo da história: certos franceses, percebendo inconscientemente a insuficiência da França e temendo a ideia de um destino servil, como o da Inglaterra *frente a frente* seu soberano americano, não hesitou em levar seu ex-inimigo hereditário, a Alemanha, a construir o que, de fato, é um neocarolíngio<sup>[75]</sup> comunidade. —

Tendo se oposto por muito tempo ao resto da Europa e ao Gibelino<sup>[76]</sup> ideia de império e tendo aderido ao culto do estado jacobino, a França tornou-se a criadora paradoxal de uma futura comunidade federada europeia: uma inversão dialética explicável, talvez, em termos de inconsciência de seu povo. É como se esta nação, currículo étnico da Europa, sentindo o seu poder declinar depois de 1945 e novamente após a descolonização, quisesse projetar-se numa Europa concebida como uma 'França em maior escala', perseguindo, com efeito, uma variante da o sonho napoleônico. A história desse esforço já deu certo diferente do que os franceses pretendiam: a Europa não vai ser uma *Grande França*—vai ser ela mesma,

algo inédito na história. E cabe a nós fazer com que a Europa se torne autenticamente imperial e não caia numa espécie de caos político aberto a todo o mundo, a todos os povos, a todas as confissões e a todos os perigos. Nada é inevitável.

Para ter uma visão mais ampla, podemos considerar a unidade européia hoje como um contraponto, 1.700 anos depois, à dissolução do Império Romano e ao lento nascimento de nações - e, portanto, **a reconstituição, de outra forma, de uma unidade perdida**, da qual a cristandade medieval também foi um esforço.

\*

Hoje, cinquenta anos depois do Tratado de Roma, quem não vê que os Estados-nação da UE estão a definhando, sem substância? Devemos tentar, então, reanimar esses estados ou, através de uma metamorfose histórica, tentar criar uma verdadeira Grande Nação?

Essas questões são especialmente dolorosas para os patriotas franceses. Mas há momentos em que é preciso fazer revisões dolorosas, para continuarmos a ser quem somos — para defender o essencial.

Eminentemente respeitável, a 'ideia da França' não é, no entanto, tão importante para mim quanto a ideia da 'Europa'. **Além disso, tal como é praticada atualmente, a "idéia da França" parece profundamente prejudicial ao povo da França.** Neste período de imigração em massa e deculturação, até os 'nacionalistas franceses' — ironia suprema da história — apelam ao folclore da Alsácia, Provença, Bretanha, etc., outrora brutalmente assaltado pelo Estado jacobino, para agora recuperar uma 'Identidade francesa' que a França oficial não reconhece mais.

Um antuérpico de nacionalidade belga, um catalão de nacionalidade espanhola, um lombardo de nacionalidade italiana... são meus compatriotas. Eles são companheiros europeus. Mas um antilhano, um africano, um árabe ou um chinês que possua carteira de identidade francesa não são meus compatriotas, embora em termos estritamente judiciais possam ser considerados franceses. Eles próprios vêm as coisas desta forma, contrariando os desejos dos assimilaçãoistas e outros patéticos defensores do 'modelo republicano de integração'.

Ver as coisas como tais é reagir da maneira que qualquer pessoa ou pessoas na Terra reagiriam. A etnicidade é a única base estável da comunidade humana, como Claude Lévi-Strauss argumenta em *raça e história* (*Raça e História*).<sup>[77]</sup> —

Os argelinos recusaram-se a designar certos ex-coloniais que se consideravam argelinos como "argelinos", porque os consideravam europeus com toda a razão. Hoje, a maioria dos imigrantes com cidadania francesa se recusa a se ver como 'europeu' e ainda se identifica como africanos ou asiáticos. Isso mostra que eles entendem 'europeu' em termos étnicos. Nos Estados Unidos, onde impera o pragmatismo, o termo 'europeu' é oficialmente usado para designar os descendentes de imigrantes europeus brancos.

Numa perspetiva arqueofuturista que encara o futuro como um regresso a princípios arcaicos, uma vez falhado o universalismo da modernidade, surge inevitavelmente a seguinte questão sobre a unificação europeia: será a Europa construída num modelo de caos étnico, segundo o modelo utópico de coabitação comunitária que falhou em todos os lugares, ou ela será constituída como **um reagrupamento orgânico de culturas aparentadas possuindo uma vontade comum—um cérebro central**. Se você for?

Relacionada com esta questão está a necessidade de distinguir entre o principal inimigo da Europa e o seu principal adversário. **Seu principal inimigo é o Sul, reunido sob a bandeira do Islã, que, por meio de uma colonização de baixo, tenta se estabelecer permanentemente ali. Seu principal adversário são os Estados Unidos**, que, em seu jogo duplo, aliou-se ao Islã, como fica evidente na agressão da OTAN contra os sérvios.

O Islã busca vingança e conquista. Os Estados Unidos — logicamente em sua perspectiva geoestratégica — buscam neutralizar a Europa, cuja unificação ameaça a hegemonia e os interesses econômicos americanos no continente. Para dividir os europeus para melhor governá-los, os EUA procuram fomentar a guerra e a discórdia, favorecem a imigração islâmica, procuram impedir uma aliança europeia com a Rússia e os eslavos, mantêm-nos sob a sua tutela militar e obrigam-nos a abrir nossos mercados sem retribuir, proclamando o tempo todo que é nosso protetor: esta é a lógica da hegemonia perversa da América na Europa, que a Europa dos Estados-nação, não menos que a Europa de Maastricht e Amsterdã,<sup>[78]</sup> é incapaz de se defender, porque ela não tem vontade de fazê-lo.

Uma terceira via poderia ser considerada, o que seria um pesadelo tanto para o inimigo principal quanto para o adversário principal: **uma Federação Europeia democrática, soberana, poderosa, mas descentralizada—economicamente**

**baseado na 'autarquia dos grandes espaços'**, recusando a islamização e o terceiro-mundismo, equipado com uma força militar independente, e aspirando integrar a Rússia no maior conjunto imperial que a humanidade já conheceu —**Eurosibéria**—buscando, no processo, deter seu declínio demográfico, aliar-se à China e à Índia e, assim, romper com os mundos islâmico e americano.

\*

A tragédia da nossa época é positiva na medida em que oferece aos europeus, e sobretudo aos jovens europeus, uma forma de escapar ao torpor da sociedade de consumo. Como Sartre (que raramente entendia a medida de suas palavras) certa vez observou ingenuamente, é na adversidade, na urgência da batalha e da guerra, que nasce a alegria.

A revolução europeia: este é o estopim que deve ser aceso, este é o único vislumbre em um mundo escurecido por céus tempestuosos, esta é a única esperança.

## **Princípios Econômicos**

Para energia nuclear, não de petróleo

O desastre do petroleiro *Erika* em 1999<sup>[79]</sup> lembra que a energia do petróleo é a mais poluente do mundo. Os pseudoecologistas, porém, reservam seu trovão para a energia nuclear, a forma menos poluente de energia! A razão:**o petróleo é um pilar da hegemonia americana e a base financeira dos estados muçulmanos.** Além disso, a energia nuclear tornaria a Europa independente em termos energéticos, o que é visto com desconfiança.**Existe, como tal, uma aliança objetiva entre os verdes trotskistas, os interesses americanos e os estados muçulmanos.**

\*

A energia nuclear foi demonizada na Europa porque evoca a 'bomba atômica' e Hiroshima. Outro sintoma de pensamento mágico. Essa fonte de energia, porém, é a menos suja de todas, a menos perigosa, ao contrário do twitter de propagandistas e . . . apesar de Chernobyl.

\*

A energia nuclear, se for devidamente dominada, respeita perfeitamente o meio ambiente. Usinas térmicas clássicas ou hidrelétricas poluem massivamente a atmosfera e destroem florestas e outras vegetações.

Salvo acidente, uma usina nuclear não é ecologicamente prejudicial. Desde 1950, os raríssimos casos de acidentes nucleares (Three Mile Island, Chernobyl, Fukuyawa, etc.) causaram mil vezes menos danos do que acidentes petrolíferos. Outro exemplo: os verdes alemães se mobilizaram massivamente contra o transporte de materiais nucleares da França para a Alemanha ou para o Japão, embora nunca tenha havido um acidente. Ao mesmo tempo, eles são praticamente silenciosos sobre acidentes e desastres causados pelo transporte terrestre de derivados de petróleo ou por oleodutos! Os cuidados envolvidos na produção nuclear são qualitativamente mais rigorosos do que os das companhias petrolíferas. Mas a indústria do petróleo está no centro do complexo militar-industrial dos Estados Unidos, gerando enormes lucros dos quais muitos se beneficiam, incluindo o Greenpeace e os Verdes.

Após a estúpida decisão alemã, tomada sob pressão de ecologistas trotskistas filo-americanos e filo-islâmicos, o governo de Gerhard Schröder foi obrigado a abandonar a energia nuclear. Claude Allègre, o ex-ministro francês da Educação Nacional, reagiu declarando: 'Uma vez que a questão do descarte de resíduos seja resolvida na próxima década, a energia nuclear se tornará a fonte de energia mais confiável e menos poluente. Os alemães não nos disseram como vão gerar sua energia. Todas as fontes que emitem dióxido de carbono na atmosfera modificarão perigosamente o clima. Minha preocupação é manter a independência energética da França.'<sup>[80]</sup> —

Os combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás) emitem milhões de toneladas de óxidos de carbono e nitrogênio na atmosfera, que causam câncer (mais do que a mítica radiação) e diminuem a camada de ozônio, responsável pelo efeito estufa, que eleva as temperaturas e causa distúrbios climáticos. Só na França, a energia nuclear evita a emissão de 78 mil toneladas de poeira, 1,1 milhão de toneladas de dióxido de nitrogênio, 2 milhões de toneladas de dióxido de enxofre e 337 milhões de toneladas de dióxido de carbono, os gases mais poluentes e prejudiciais à saúde. Graças à sua capacidade nuclear, a França reduziu 70% dos gases poluentes provenientes da produção elétrica, enquanto os outros 30% são emitidos por motores e carros a gás, o que é mais do que todos os resíduos produzidos por sua indústria! Graças à energia nuclear,

\*

**Os Verdes e o lobby ecológico jogam sempre a carta do petróleo, que é a mais poluente!**Eles conseguiram, por exemplo, interromper toda a construção nuclear na Alemanha, Suécia e Itália.<sup>[81]</sup>Essas fontes de energia nuclear foram substituídas por geradores elétricos movidos a gás ou combustível, que são extremamente poluentes. A 'economia de energia', demagogicamente prometida pelos Verdes, limitou-se às emissões. Um segundo exemplo: os Verdes — neste caso, a catastrófica Madame Voynet<sup>[82]</sup>— conseguiu fechar o canal Reno-Ródano, alegadamente devido à sua

efeito negativo no cenário. O resultado: os custos de frete entre as bacias do Reno e do Ródano aumentaram 4% ao ano, assim como a poluição causada pelos caminhões que os substituem. Da mesma forma, os Verdes nunca levantaram um dedo contra o desenvolvimento de rodovias desnecessárias (como a Paris-Troyes A3 ou a Rouen-Tours A28, que estão sempre vazias). Em contraste, eles protestaram contra as linhas de trem de alta velocidade (TGV)<sup>[83]</sup>entre Marselha e Valence. . . Nunca os Verdes demonstraram o menor apoio aos 'rail-piggybacks' (caminhões em trens). Eletricidade e transporte derivados do petróleo são o que esses impostores apoiam na prática.

\*

**É bem possível que os Verdes e o lobby ecológico tenham 'perdido' as companhias petrolíferas e os interesses americanos aos quais estão intimamente ligados. Pois os Estados Unidos, aliados dos produtores de petróleo muçulmanos, têm interesse em que a Europa abandone a energia nuclear.**

O lobby mundial do petróleo está ameaçado pela energia nuclear, bem como pelo transporte movido a eletricidade. 80 por cento da indústria do petróleo é controlada por empresas anglo-americanas. E não vamos esquecer os campos petrolíferos britânicos no Mar do Norte. . . Outra coisa: o apoio americano aos chechenos muçulmanos, como o da esquerda pró-americana da Europa, foi parcialmente motivado por seu desejo de controlar os oleodutos ligados aos campos petrolíferos do Mar Cáspio. Da mesma forma, os principais produtores de gás natural (Argélia, Indonésia e Ásia Central) são países muçulmanos. **A produção de petróleo e gás está em grande parte nas mãos dos interesses americanos-muçulmanos. A eletricidade gerada por energia nuclear na Europa seria uma catástrofe econômica para eles.** Tanto para o ambiente. E isso com a bênção dos pseudoecologistas, que provavelmente foram subornados.

Sua agressividade antinuclear também pode ter algo a ver com sua visão globalista da economia, que novamente serve aos interesses americanos às custas da Europa. O petróleo implica dependência de fontes estrangeiras, enquanto a energia nuclear depende de pequenas quantidades de urânio facilmente disponível (do qual a Rússia possui vastos suprimentos). A ideia de independência energética europeia é incompatível com tais interesses. Além disso, privar a Europa da competência em engenharia civil nuclear seria privá-la (especialmente da França). . . da capacidade de produzir urânio para armas,

e assim privá-la de um impedimento independente. Isso faz parte da geopolítica americana e muçulmana. Também em muitas outras áreas, **ecologistas, trotskistas, o Pentágono e o Islã travam a mesma luta contra a Europa.**

\*

O que perturba nossos ecologistas neoesquerdistas é o poder objetivo (militar e econômico) e a independência que a energia nuclear oferece à Europa, bem como suas implicações tecnológicas. Há uma lógica distinta na luta da esquerda: enfraquecer *odiabo europeu*, censuram suas tradições e memórias ancestrais, desarmam seu poder tecnológico e militar, sufocam sua independência, corrompem seus costumes e destroem sua identidade étnica.*alemão* através da imigração. Suas posições antinucleares e pró-petróleo são apenas parte de uma estratégia concertada e multifacetada **estratégia para destruir a identidade e a continuidade da civilização europeia.** As preocupações ambientais da esquerda e a defesa da saúde pública são apenas pretextos grosseiros e oleosos.

Que contraproposições sérias podem ser feitas contra esses impostores antinucleares? A produção de energia tem duas aplicações principais hoje: eletricidade e transporte.

Que tipos de energia estão atualmente disponíveis para produzir eletricidade?

1. Usinas clássicas de carvão, óleo e gás, que dependem em grande parte de fornecedores estrangeiros e causam poluição massiva (emissões atmosféricas, derramamentos de óleo, etc.).
2. 'Óleo branco', isto é, barragens, que não são muitas e que inundam grandes áreas naturais — como a atual escandalosa barragem da Guiana,<sup>[84]</sup> — contra a qual os ecologistas não proferiram uma palavra.
3. Usinas de energia das marés, como a de Rance (Bretanha), a única no mundo,<sup>[85]</sup> não são apenas uma raridade, mas criam grandes e problemáticas acumulações de lodo.
4. Energia geotérmica, cuja produção é muito cara.
5. Energia de painéis solares, cuja saída é pequena.
6. Fornos solares (ou fogões), que dependem do clima.

7. Parques eólicos, que ocupam grandes áreas e produzem apenas uma fração da energia que vem de uma usina nuclear.
8. A energia aquática (ou hidrelétrica), produzida por turbinas em rios com fortes correntes, geralmente tem baixo rendimento e é limitada pela falta de locais apropriados.

Para o transporte, existem as seguintes fontes de energia:

1. Motores de combustão interna poluentes.
2. Motores elétricos que poluem muito pouco ou nada.

Não podemos fugir dos motores de combustão interna (em aviões, navios, locomotivas a diesel, etc.), mas eles podem ser limitados, embora isso nunca tenha sido seriamente tentado. Tudo tem acontecido como se, por falta de pesquisas ou investimentos sérios, o transporte alternativo derivado do petróleo, principalmente o automóvel, fosse sistematicamente desencorajado, apesar dos evidentes problemas que isso tem criado.

\*

Não se trata de sucumbir ao dogma de 'toda nuclear', como sucumbimos ao dogma de 'toda petróleo'. Toda forma de produção de energia tem suas desvantagens, mas a nuclear, no momento, oferece menos. Estes são:

1. Em caso de guerra ou terrorismo, a produção de eletricidade concentrada em um pequeno número de usinas ultrapotentes é vulnerável.
2. Existe o problema de armazenar rejeitos radioativos por períodos muito longos, mas se forem tomadas precauções cuidadosas (como armazenar em grandes profundidades), os riscos de radiação são minimizados.
3. Há ainda o risco de acidente ou de escape de gases radioativos para a atmosfera. Nos cinquenta anos em que as usinas nucleares operaram, no entanto, houve apenas um desses fracassos, Chernobyl, cujos efeitos negativos sobre a saúde pública foram qualitativamente menores do que as emissões colossais de gases cancerígenos produzidos pela energia do petróleo ou por derramamentos de óleo nas altas mares. A energia nuclear pode ser dominada e melhorada, mas não a energia do petróleo.

Aqui estão várias propostas de uma estratégia energética e de uma política de transportes que visam o **duplo objetivo de causar menos poluição e garantir a independência e autarquia energética da Europa**.

Para a produção elétrica, a base deveria ser nuclear, uma política que atualmente não existe na França. Um novo tipo de usina franco-alemã, ainda em planejamento, reduzirá em um quarto os custos com eletricidade. Os verdes estão fazendo o possível para torpedear o projeto. Ao mesmo tempo, **fontes suplementares precisam ser desenvolvidas para fornecer para uso local e descentralizado** para diminuir a fragilidade das 'redes estelares'.<sup>[86]</sup> Estes podem incluir parques eólicos e turbinas fluviais e marítimas. A regra geral provavelmente deveria ser evitar plantas a base de gás, carvão ou petróleo.

Em relação ao transporte:

1. Sistematizar o uso de motores elétricos-diesel, ou melhor, motores GPL/elétricos (que poluem muito pouco) e mais combustíveis térmicos feitos de óleos vegetais.
2. Imponha uma política de 'piggybacking', como na Suíça e na Áustria, onde os caminhões são montados nos trens.
3. Alargar a rede de comboios de alta velocidade (TGV) por toda a Europa, com numerosas ligações de ligação, para atenuar os enormes inconvenientes do tráfego aéreo continental.
4. Desenvolver uma política sistemática de frete ferroviário e canal.
5. Utilizar energia eólica (turbinas eólicas ou velas semi-rígidas) na navegação comercial, o que permitiria uma redução de 40% no consumo de combustível.
6. Investir nas novas tecnologias de dirigíveis alemães como meio de transporte de carga.

Tendo em vista questões políticas estratégicas mais amplas, também seria útil investir em 'energia nuclear de segunda geração' - isto é, em fusão nuclear em vez de fissão (onde os átomos são unidos, não divididos), para a base teórica da fusão já é conhecido e com ele não há risco de radiação (já que seus combustíveis podem ser qualquer metal, ao invés de urânio). Os lobbies do petróleo, no entanto, em todos os lugares, especialmente em Bruxelas, tentaram limitar a pesquisa

e investimento em novas tecnologias de energia e transporte. É do interesse deles manter as energias de combustíveis fósseis do século XIX.

Um pouco de bom senso: chuva ácida que mata florestas, mineiros que morrem de pulmão negro, manchas de óleo que devastam costas, catedrais e monumentos históricos que são enegrecidos e erodidos por exaustão de automóveis, doenças respiratórias e cânceres causados por emissões de carbono ou enxofre, dependência europeia sobre fornecedores de petróleo e interesses americanos-muçulmanos - todas essas coisas, pode-se argumentar, representam uma ameaça muito maior do que os supostos perigos da energia nuclear.

### A Impostura da 'Nova Economia'

Todo mundo fala sobre a 'nova economia' - ou seja, a economia baseada em telecomunicações multimídia e serviços de informação fornecidos pela Internet, que supostamente inauguraram uma segunda Era de Ouro. **Essa conversa mágica, com sua sensibilidade eufórica, simplesmente reitera as velhas ilusões progressistas e científicas.** Na verdade, é apenas mais uma impostura neoliberal, cuja hegemonia modernista está chegando ao fim. Pois a 'nova economia' pode muito bem culminar em desastre... .

\*

A Internet e as 'novas tecnologias' não são uma 'revolução', mas sim uma evolução simples e, sem dúvida, de grande fragilidade. Fundada na globalização do comércio, na tecnociência e na instantaneidade da informação, a 'nova economia' tem, na verdade, mais de um século.

As vendas on-line, por exemplo, são apenas uma melhoria das formas mais antigas de vendas por correspondência introduzidas por volta de 1850 e não correspondem a nenhuma *mudança estrutural*. Da mesma forma, nem a Internet, nem os telemóveis multimédia, as redes de TV, os cartões inteligentes, a 'informatização' geral da sociedade, ou a engenharia genética representam uma mudança estrutural fundamental, mas são, antes, a 'elaboração' de coisas já existentes. Pois nenhuma dessas chamadas novas tecnologias é comparável às verdadeiras convulsões, às verdadeiras metamorfoses tecnoeconómicas, ocorridas entre 1860 e 1960 — e revolucionaram completamente a vida e a sociedade — com os motores de combustão interna, a eletricidade, o telefone, o telégrafo, o rádio (muito mais revolucionário que a televisão), a estrada de ferro, o avião, a penicilina, os antibióticos, etc. As novas tecnologias ficaram para trás! Houve **nenhuma inovação fundamental** desde 1960: os computadores só foram

reconcebido e feito mais rápido e mais barato do que o que já existia. Em contraste, o automóvel, os antibióticos, as telecomunicações e as viagens aéreas foram autênticas revoluções, tornando possíveis coisas que antes eram impossíveis.

\*

Outra razão para não sucumbir ao canto da sereia da 'nova economia', que supostamente pôs fim às crises, é que corre o risco de acontecer justamente o contrário.

O economista Frédérique Leroux, que criticou as miragens atualmente em voga da 'nova economia', escreve: 'O pensamento dominante dos economistas de mercado carece de todo o sopro de inspiração. Presos aos conformismos vigentes, eles abandonaram toda perspectiva crítica... Suas projeções lineares são agora o material de todas as referências... Estamos nos aproximando rapidamente do grau zero do pensamento econômico'.

Criticando aqueles que pensam que a Internet e *iniciantes* inauguraram uma nova era sem recessão e ciclos, ela observa, 'A nova economia - sobre a qual sabemos pouco na medida em que designa novas tecnologias ou novos modos de funcionamento econômico (crescimento perpétuo sem inflação ou ciclos de boom-recessão) - responde por tudo porque permite que todos falem com o entusiasmo de um especialista sobre algo que ninguém se preocupou em entender'. A nova economia é simplesmente um termo que não se refere a nenhuma realidade real, é um pseudoconceito, uma das artimanhas ideológicas do neoliberalismo. 'A nova economia é simplesmente uma expressão usada para justificar nossa renúncia a todo esforço para conceituá-la economicamente, preferindo a não reflexão. É o padrão de marketing daqueles que optaram pela conformidade por ignorância, conveniência, preguiça ou risco.'<sup>[87]</sup> —

Como Francisco Fukuyama,<sup>[88]</sup> com sua ideia do 'fim da história' (após a queda do comunismo e a crença de que um mundo unificado com base em um liberalismo universalista será um mundo livre de conflitos políticos), os apóstolos da nova economia querem que acreditemos que entrou em uma nova era maravilhosa **decrescimento perpétuo**, sem crise ou recessão.

Graças à Internet, *iniciantes*, processamento de dados, globalização, etc., imagina-se que a economia se libertou das crises. Mas isso é religioso — uma visão redentora — da economia. O 'ciclo econômico' está vivo

e bem, pois a economia é humana, puramente psicológica, e não algo simplesmente 'tecnológico'. Depois da euforia vem o inevitável pânico e desespero.

\*

Uma série de fatores sugerem que **na verdade, estamos vivendo o fim de um ciclo de falso crescimento e entrando em um período de catástrofe econômica que pode muito bem ser pior do que o de 1929, porque a economia mundial está agora mais frágil, mais globalizada e mais especulativa do que nunca**. É a lógica de um castelo de cartas. Não entramos em uma era completamente nova, como afirmam os aprendizes de feiticeiro do neoliberalismo. Anteriormente, na década de 1920, também se acreditava que as novas tecnologias (automóveis, rádio, aviões, telefones, eletricidade etc.) haviam inaugurado uma era imune a crises e recessão. E nós sabemos como isso terminou... Hoje, com os computadores e a nova economia, sucumbimos a uma situação semelhante *crença em milagres*.

Rumo a uma crise econômica planetária?

O atual 'crescimento' é na verdade bastante superficial e se mostrará efêmero pelas seguintes razões, todas sugerindo a possibilidade de um colapso geral:

**1. A fragilidade de uma economia bolsista.** A economia mundial atual é fundada, ainda mais do que a economia dos anos 1920, no frenesi especulativo das bolsas transnacionais, um mundo totalmente irreal: o Dow Jones, o Nikkei ou o CAC 40<sup>[89]</sup> direcionar a economia para considerações de ultracurto prazo e espirais especulativas cotidianas (gerando lucros imediatos, pânicos e euforias repentinhas), enquanto qualquer noção de economia política é abandonada e realidades de longo prazo negligenciadas.

Com a menor notícia ruim, o investimento especulativo, motor da nova economia, corre o risco de entrar em colapso. Já tivemos um tiro de alerta com a 'crise asiática' dos anos 1990.<sup>[90]</sup> Frédérique Leroux escreve, 'Com a intrusão do menor grão de areia nas engrenagens, o virtual

mecanismo pária imediatamente.' É como o 'efeito borboleta' no clima: o menor evento pode provocar o pânico dos investidores. Uma economia mundial especulativa não passa de um gigante com pés de barro. 'Dada a natureza efêmera de seu nirvana econômico, as menores mudanças transformam uma 'exuberância irracional' em uma depressão anoréxica... Atingimos aquele ponto crítico no longo ciclo econômico de hoje em que o mercado de ações, essa entidade nervosa à qual nos abandonamos, assumiu o controle da economia.'

O crescimento, fundamental para a economia, escapou completamente do governo ou do controle público. Está agora à mercê daqueles humores eufóricos ou depressivos próprios da especulação. É significativo que a Europa (ao contrário dos Estados Unidos) não tenha mais uma política monetária, algo inédito em sua história. Baseada inteiramente na especulação, a chamada 'nova economia' é apenas um agravamento da economia financeira, acelerada pelas tecnologias digitais.

## **2. O crescimento exponencial da dívida mundial, pública e privada.**

Todos os países do mundo, ricos e pobres, são deficitários e fala-se em anular a dívida do Terceiro Mundo. Quem vai pagar a conta? A economia mundial assemelha-se a uma empresa à beira da falência, mas sempre apoiada por algum banqueiro virtualista. O boletim da corretora Prigest, pouco anticapitalista, notava em julho de 2000: "A dívida privada está crescendo a um ritmo frenético. Tornou-se uma correia de transmissão circular, ligando estoques crescentes e atividade econômica. E está tornando o sistema cada vez mais frágil, por mais que dê a impressão de maior crescimento". O boletim também fala da exuberância irracional da nova economia ao deslizar pelo abismo. Uma economia baseada na dívida (dogma monetarista) – e não em trabalho ou considerações não mercadológicas (demográficas, ecológicas, energéticas, etc.) – terá vida curta.

## **3. O envelhecimento demográfico da Europa e de outros países industriais avançados, agravado pelos encargos econômicos e imigratórios.** Por enquanto, podemos suportar esses golpes, mas não vai durar. A escassez de trabalhadores ativos, obrigações previdenciárias e custos de saúde irão, a partir de 2005-2010, agravar gravemente os encargos econômicos da Europa. Ganhos de produtividade e tecnologias avançadas (um remédio favorito) irão

então deixar de cobrir os custos da situação demográfica em mudança. Longe de compensar o declínio de uma força de trabalho nativa ativa, a imigração colonizadora da Europa apresentará a ela os problemas que surgem com trabalhadores não qualificados e pagamentos maciços de bem-estar. Além disso, os imigrantes vão ficar cada vez mais caros (em termos de insegurança, criminalidade e política urbana).<sup>[91]</sup> O colapso econômico da Europa, a principal potência econômica do mundo, derrubará os Estados Unidos e outras economias avançadas.

**4. Desprezo pelos limites ecológicos.** A extensa poluição causada pelo desenvolvimento planetário das economias industriais de massa (em nenhum lugar resistido pelos impostores ecológicos comprados pelos barões do petróleo) já está começando a cobrar seu preço, que continua aumentando na forma de mudanças climáticas catastróficas, reservas pesqueiras esgotadas, desertificação, diminuição do abastecimento de água doce, destruição de florestas e esgotamento do fitoplâncton marinho responsável pela renovação do oxigênio da Terra, etc.

\*

Apesar da euforia infantil da 'nova economia', da Internet, e da ascensão puramente conjuntural, a **economia mundial está no vermelho e provavelmente levará a uma gigantesca crise econômica mundial no início do século XXI**. Nossa civilização — baseada inteiramente na exaltação da sociedade de mercado, dos valores monetários e da primazia econômica (seja ela socialista ou capitalista) — corre o risco de perecer das funções econômicas sobre as quais se baseia.

A situação é análoga à de uma sociedade militarista que perece por causa das guerras contínuas que trava e eventualmente perde. Aqueles que realmente sabem alguma coisa sobre economia (como Maurice Allais<sup>[92]</sup> ou François Perroux)<sup>[93]</sup> nos alertaram sobre idolatrá-lo - como aqueles soldados que alertam os civis sobre os perigos do militarismo.

Fatores estruturais (notadamente demográficos e ecológicos) nunca são levados em consideração por aqueles que se fixam em resultados imediatos e de curto prazo.

Os apóstolos da nova economia são como crianças disfarçadas de adultos. A nova ordem econômica mundial que esses falsos profetas exaltam nada mais é do que o canto do cisne da velha ordem.

### 3. SP

**C**om o fim da 'ameaça soviética' e as pressões subsequentes que o Islã e o Sul exercem sobre a Europa (com a aprovação americana), a situação geoestratégica foi lançada em convulsão. Novos conceitos —**uma aliança euro-siberiana, uma 'frente doméstica' e rearmamento, incluindo armas nucleares**—estão, portanto, subindo à tona.

A situação geoestratégica do século XX foi transformada por dois fatores: primeiro, o fim da Guerra Fria, que possibilita um pacto russo-europeu contra a superpotência americana; e segundo, 'de baixo', uma ofensiva colonizadora apoiada pelos americanos por povos árabes-muçulmanos, aliados do Sul Global contra a Europa.

## **América e o Islã contra a Europa**

**O pesadelo do Pentágono é uma Eurosibéria etnocêntrica.** Ou seja, uma união de longo prazo dos povos da Europa Ocidental e Central com a Federação Russa – uma união livre de islamização, hegemonia americana e colonização não européia.

talassocracia americana<sup>[94]</sup> gostaria de controlar esta vasta região e impedir que qualquer poder rival surgisse ali. Desde 1945, os Estados Unidos, através da OTAN, têm procurado ser "a principal potência militar europeia". Como uma organização concebida como uma aliança defensiva contra uma possível agressão soviética, a OTAN não tem mais um papel a desempenhar, exceto para manter a Europa estratégica e militarmente subordinada aos Estados Unidos. Isso é evidente nas alianças que a OTAN formou com os ex-satélites soviéticos. Incapazes de adotar uma política de defesa comum e de dizer 'não' ao sobrinho americano, os europeus são os únicos responsáveis por sua subjugação. A França abandonou a independência estratégica de De Gaulle quando participou da Guerra do Golfo<sup>[95]</sup> e novamente quando se juntou às forças da OTAN lideradas pelos americanos contra a Sérvia. Ninguém a obrigou a fazer isso.

\*

Os objetivos geopolíticos americanos na Europa são:

1. Para enfraquecer militarmente e estrategicamente russos e sérvios, os únicos povos que resistiram a seus inimigos muçulmanos (Kosovo, Chechênia, Ásia Central, etc.).
2. Criar dissensões entre eslavos ortodoxos e outros europeus para dividi-los e governá-los. A participação européia no bombardeio da Sérvia, militarmente fútil, mas politicamente simbólica, visava diretamente nos comprometer.
3. No espírito do 'pacto islamo-americano', os EUA procuram enfraquecer a Europa favorecendo a sua islamização e a sua transformação numa sociedade multirracial e africanizada. Para isso, promove uma cabeça-de-ponte islâmica nos Balcãs (Bósnia, Albânia, Kosovo) e pressiona a UE a aceitar a Turquia e, depois, o Marrocos. Quando nos disseram que o bombardeio da Sérvia foi um fracasso porque

falhou em estabelecer uma sociedade multiétnica lá, isso foi uma distorção, pois na verdade foi um sucesso. De acordo com outros estados muçulmanos, o objetivo dos EUA era estabelecer um estado kosovar monoétnico no coração da Europa. Em troca, os estados do Oriente Médio foram persuadidos a não atacar Israel, a aceitar o embargo do Iraque e, em terceiro lugar, a deixar seus ativos petrolíferos nas mãos dos anglo-americanos. Pode-se acrescentar que o Pentágono tem consistentemente apoiado o armamento de terroristas muçulmanos anti-russos - em todos os lugares, do Afeganistão à Chechênia.

No espírito de sua tradição ancestral do Alcorão - 'a menor resistência hoje em prol de uma dominação maior amanhã' - **Os governos islâmicos-árabes aceitam sua subordinação provisória aos interesses americanos em prol da ajuda americana na conquista da Europa.**

4. Os Estados Unidos saúdam a colonização islâmica da Europa. O enorme custo dessa colonização teve como efeito diminuir a competitividade europeia. Milhões de beneficiários da assistência social do Terceiro Mundo afluíram à Europa, enquanto as elites económicas jovens e criativas da Europa partem para os Estados Unidos. identidade *frente a frente* Islã e as massas africanas.

Os americanos parabenizaram os franceses por se tornarem uma sociedade multirracial, assim como a aranha lisonjeia o sapo para melhor enganá-lo. Como Thomas Sancton escreve em um *Tempo* artigo [96] com o título alucinatório de 'Um Renascimento Francês', 'Os franceses não gostam de admitir, mas décadas de imigração produziram uma sociedade multiracial que está revivendo a nação'.

A acreditar no hipócrita Casanova na Casa Branca, o governo americano aparentemente agora quer uma reaproximação entre a UE e a Rússia. Em junho de 2000, Bill Clinton declarou que era "muito positivo que a Rússia tivesse adotado uma abordagem de longo alcance para a UE, com o objetivo de entrar nela e na OTAN".

Desta forma, os americanos procuram recuperar a ideia de uma união continental para neutralizá-la. 'Unificar, mas sob o comando da OTAN

liderança — isto é, sob nossa autoridade'. Seu objetivo é um continente desestabilizado – americanizado, islamizado e estrategicamente dirigido pelos EUA.

Esta é uma estratégia completamente lógica. Não há necessidade de repreender moralmente os EUA por isso, como fazem nossos passivos e enlouquecidos antiamericanos. Os próprios europeus precisam resolver o problema com suas próprias mãos.

## **Os perigos do 'desarmamento' europeu**

O atual capricho dos governos europeus é o 'desarmamento' - a redução drástica das armas convencionais e especialmente nucleares. Isso decorre do dogma de que, desde a queda da URSS, 'a Europa não tem mais inimigos' — um dogma explorado pelas classes políticas europeias e por um Pentágono cínico.

O apelo ao 'desarmamento' baseia-se em dois preconceitos. A primeira é que a segurança é possível sem manter uma grande força armada. A única coisa que conta é 'o poder dos interesses econômicos', com a guerra agora vista como um 'arcaísmo'. Mas a força e a ameaça de usá-la são uma das constantes nas sociedades humanas. A função guerreira nunca foi substituída pela função econômica. Este é especialmente o caso **desde nossos inimigos, dada a natureza de sua cultura ancestral, respeitam apenas a força e sua ameaça.**

O segundo preconceito é o medo supersticioso do 'nuclear', que é refutado pela história. As armas nucleares são essencialmente dissuasivas. E nada pode impedir sua proliferação.

Qual é a doutrina militar da América em relação à Europa? É diabolicamente inteligente: primeiro, fingir aprovação para a criação de uma (mas pequena) força militar europeia comum, um simulacro de um exército europeu comum ('Eurocorps'), mas que na realidade estaria totalmente subordinado à OTAN, mesmo que separados formalmente; segundo, limitar as forças européias a operações de 'manutenção da paz' sob os auspícios da ONU ou da OTAN, enviando tropas européias para substituir os 'meninos' no solo, 'protegidos', é claro, pelo poder aéreo dos EUA; terceiro, as forças europeias teriam assim **nenhum papel a desempenhar em qualquer defesa real do continente**, que permaneceria sob a autoridade da OTAN e dos EUA. Tudo isso é muito bem pensado geopoliticamente. Ficaremos apenas com forças de manutenção da paz e policiamento próprias para uma república de bananas.

A França é o Peru nesta farsa: ela renunciou unilateralmente aos testes nucleares (enquanto o Senado dos EUA se recusou a ratificar a suspensão dos testes americanos, que podem recomeçar a qualquer momento); ela assim reduziu unilateralmente seu arsenal nuclear. Os EUA não encerraram seu programa nuclear. De acordo com os acordos SALT, reduziu sua capacidade de 'overkill', mas sem interferir em sua capacidade global. Melhor ainda: ao violar seus tratados e apesar dos vãos protestos russos e franceses,

Os americanos continuam a trabalhar no desenvolvimento de um 'escudo antimísseis', o que prejudicaria o propósito dissuasor das armas nucleares.

**Em suma, o Pentágono não impediu de forma alguma a proliferação de armas nucleares (especialmente entre seus amigos israelenses e islâmicos), mas, em vez disso, procurou desarmar a França e a Rússia para se tornar invulnerável ao ataque nuclear.**

## Noções de 'Ameaça do Sul' e 'Frente Doméstica'

**A principal ameaça militar potencial à Europa vem do mundo árabe-islâmico.** Em breve Iraque,<sup>[97]</sup> O Irã, eventualmente a Argélia, e já o Paquistão possuem ou possuirão em breve armas nucleares rudimentares, mas devastadoras, capazes de atingir a Europa. A partir desta perspectiva, a força nuclear da França não funciona mais como um dissuasor do 'fraco contra o forte' (como era o caso da antiga União Soviética), mas como um 'dissuasor do forte contra o louco'.

Na dobradiça dos séculos XX e XXI, vamos experimentar uma **mudança geopolítica e geoestratégica de proporções dramáticas.** O perigo não virá mais do leste, mas do sul. As grandes fraturas não serão intereuropeias, mas intercivilizacionais. Será um retorno a uma situação antiga, um retorno ao arcaísmo: ao século VIII de Charles Martel.<sup>[98]</sup>

**A manutenção e desenvolvimento de uma capacidade militar nuclear independente para a Europa, baseada no arsenal nuclear da França, e eventualmente ligada ao da Rússia, será indispensável para a defesa do Continente.** Aguardando a criação de um executivo europeu viável, o governo francês precisa preservar e manter seu arsenal nuclear estratégico e tático. Nunca é tarde para revogar uma má decisão.

Assim como nada é excluído da história. **A possível conjuntura, ao longo do século XXI, de uma guerra civil étnica na França e na Europa, juntamente com uma ameaça militar de países árabe-islâmicos, não é mais automaticamente excluída da consideração de nossos planejadores militares mais lúcidos.** Apoiado por forças táticas, uma dissuasão nuclear será indispensável contra nossos inimigos no próximo século.

Da mesma forma, as noções de "inimigo interior" e "frente interior" são cada vez mais viáveis e irrefutáveis. Contra uma possível 'Kosovarização' da Europa, encorajada pelos estados muçulmanos, nossas orientações geopolíticas e estratégicas precisam mudar.

## Rumo a uma Doutrina Estratégica Eurosiberiana: O 'Ouríço Gigante'<sup>[99]</sup> —

Nossa futura doutrina estratégica é clara. Eis os seus eixos principais:

1. Os europeus precisam formar um **exército terrestre, formado por nativos europeus e adequado para combater uma possível guerra civil étnico-religiosa**. Mas isso é possível com a profissionalização dos militares e o abandono do recrutamento? Tudo depende dos critérios usados para selecionar recrutas. As apostas são altas. A presença massiva de elementos não indígenas dentro das atuais forças armadas torna-as uma possível quinta coluna.
2. Os europeus precisam desenvolver uma **capacidade nuclear autônoma, completa com recursos táticos e estratégicos completos**. Dado que as armas nucleares só são credíveis quando existe uma unidade de decisão por detrás da sua eventual utilização, terá de haver uma soberania comum e, se isso não for possível, a França e a Rússia terão de assumir um 'pacto defensivo e dissuasor' para a Europa, como o atual guarda-chuva nuclear americano. Como a Grã-Bretanha não é uma potência nuclear independente, mas um apêndice dos Estados Unidos, ela terá de ser excluída de tal pacto.
3. Como uma aliança russa é preferível a uma aliança americana, os europeus precisam parar de se ver como 'o pilar da OTAN' e começar **desmantelamento da OTAN** em prol de uma aliança militar integrada (incluindo a indústria de defesa) que liga a UE, a Europa Oriental e a Federação Russa. Como prelúdio estratégico da Eurosibéria, esta visão geopolítica de 'neutralidade armada', perfeitamente anti-imperialista e defensiva, corresponde à doutrina do 'ouriço gigante' que Robert Steuckers formulou em seus muitos escritos geopolíticos. Simplesmente, precisamos formar **um novo Pacto de Varsóvia, do Atlântico ao Pacífico!**
4. Ameaçada pelo Islã e pelo Sul e pelos EUA, a Eurosiberia tem um interesse de longo prazo em formar alianças militares e econômicas com a China e a Índia, pois eles também têm o mesmo inimigo que nós: o Islã.
5. Mais uma vez, a longo prazo, uma futura diplomacia grande-europeia precisará **persuadir os americanos de que eles estão no caminho errado**

## **aliando-se ao Islã e ao Sul e jogando sua cartada antieuropeia.**

Mesmo em seus próprios termos estratégicos, nem sempre serão uma superpotência talassocrática. De uma perspectiva histórica visionária, parece que sua vocação é retornar ao seio de sua pátria, a Grande Europa. Isso seria como o retorno do filho pródigo, quando os europeus-americanos finalmente perceberem o erro de sua secessão. Mas isso é coisa para depois de amanhã.

**6. As boas relações com o mundo árabe-islâmico não podem deixar de assumir a forma de uma paz armada que nunca baixa a guarda.** Os *ine qua non* de tal condição implicará o fim de sua colonização da Europa. Enquanto o Alcorão diz, o Islã precisa 'abaixar a mão para evitar que seja cortado'. Não fará isso se tiver uma espada na mão. A ideia de uma 'aliança europeu-árabe mediterrânea' baseada em alegados interesses comuns é uma missão tola, sem qualquer base histórica ou económica. A Europa não precisa da África ou do Oriente Médio, que são um empecilho para ela, um fardo financeiro, económico e humano, e cada vez mais uma ameaça. A Rússia está transbordando de petróleo, gás e minas de urânio quase inesgotáveis. É para o leste, para o sol nascente, que devemos nos virar.

Nossa futura doutrina estratégica é clara. **A Eurosiberia não precisará de ninguém. Não ameaçaria ninguém, e ninguém seria capaz de ameaçá-lo.** 'No nível europeu', como Pierre Vial coloca em *Une Terre, um povo* (*Uma Terra, Um Povo*), página 134, 'O objetivo da Europa é formar uma união eurosiberiana, uma confederação imperial, baseada em competências militares, diplomáticas, monetárias e comerciais, constituindo um vasto mercado na forma de um espaço autocentrado. Capaz de mostrar os dentes sempre que necessário, uma potência tão gigantesca seria capaz de convencer os demais blocos continentais a desistirem de seus esquemas colonizadores — sem excluir a possibilidade de estabelecer relações bilaterais que atendessem aos interesses de cada um.' Isto diz tudo, pois só assim as grandes civilizações da humanidade, cada uma conservando a sua identidade distinta, cooperaram para preservar o património humano comum deste planeta a que chamamos 'Terra'.

A Eurosiberia é obviamente uma perspectiva de longo prazo. Um coração para segurar, um objetivo comparável a um navio navegando em direção ao seu destino, ao

inspiração de pioneiros conquistando uma terra desconhecida. Tal *Grande Político* Essa perspectiva certamente fará com que 'especialistas' míopes e políticos burgueses (sempre enganados pela história) se afastem assustados. Ainda não sabemos como vamos concretizar este grande projeto euro-siberiano, que implicará um verdadeiro renascimento metamórfico — e arqueofuturista — da antiga ideia europeia de Império. A estrada será difícil — e os intelectuais enfadonhos, assim como os políticos "realistas", não deixarão de se opor a ela — como os marinheiros que se recusam a fazer-se ao mar por causa de um vento desfavorável.

Evocando uma futura aliança histórica entre a Europa e a Rússia, Gorbachev, o visionário, falou em “construir nossa Casa Comum”.[\[101\]](#)

## **4. DM**

**H** Eis, em forma de dicionário, uma síntese de nossa concepção-do-mundo e de nossa perspectiva histórica, pois é com base em palavras-chave e conceitos que inevitavelmente nos organizamos. Não há necessidade de lê-lo de forma linear. O índice no final deste livro o ajudará a selecionar aqueles que deseja consultar.

# **A**

## ESTÉTICA

Segundo sua etimologia grega, 'aquilo que evoca uma sensação forte'. A estética está ligada às noções de beleza, harmonia, conquista da forma.

**A ideologia igualitária contemporânea abomina e demoniza implicitamente a estética.** Associa (com razão) a vontade de poder à disciplina, que considera moralmente inaceitável, de efeito 'fascista'. **Esta ideologia opõe a estética à 'ética' e situa-se na tradição iconoclasta da ética.**

Com as artes plásticas, a arquitetura, o cinema, a literatura, o teatro, até a moda, o feio, o inacabado, o informe, o absurdo mais rebuscado, o obscuro e o diluído passam a ser preferidos ao estético, que se torna sinônimo de uma 'ordem' ameaçadora.

Desde meados do século XX, as artes contemporâneas, encorajadas pela ideologia dominante, rejeitaram qualquer noção de estética. Em vez da harmonia, do poder das formas, da exaltação e elevação da sensação e da beleza — preferem-se noções de 'arte conceptual' abstracta, que se tornam pretexto para a degenerescência, a feiúra deliberada e a incompetência subsidiada. A abstração, portanto, reina, assim como uma insignificância e uma obscuridade jargonizantes escravizam os intelectuais. O esteta genuíno, o artista autêntico, é condenado ao ostracismo ou marginalizado – como se fosse politicamente incorreto. Daí o paradoxo de uma sociedade que se esforça por ser 'moral' e humanista, mas acaba por privilegiar a barbárie, a inversão de valores e as novas formas de primitivismo.

estamos testemunhando a **coabitAÇÃO simultânea de (1) arte 'contemporânea' obscura subsidiada pelo sistema, (2) um culto que transforma o 'passado' em peças de museu e (3) uma subcultura comercial e consumista.** A arte contemporânea tornou-se exatamente o oposto da arte de vanguarda. Suas tristes imposturas não se movem há um século. Ele combina um maçante *academismo*, impostura, falta de talento e especulação financeira. Em vez da estética, o sistema prefere valores de representação pessimistas ou suicidas, aqueles que vêm do caos e da deformidade, do nonsense, da abstração patológica, da regressão, do infantilismo, da escatologia, de uma pornografia psicótica: a exaltação das formas primitivas (o que a visionária Céline chamou de 'o culto tom-tom' ou

o que Chirac chama de "arte primitiva"[\[102\]](#)). Acompanhando essa miséria, essa impotência dos velhos, há o boom vulgar e artificial da cultura do costume, que é para a cultura o que a bijuteria é para a joalheria.

**A rejeição da estética é crucial para a ideologia dominante. Pois a estética, no fundo, é aristocrática, oposta à massificação e às falsas elites.**

\*

**Em sua essência histórica, o político é uma decadênciada estética. A 'Grande Política' visa, com efeito, formar um povo na história, fazer da civilização uma criadora de grandes obras, fazer da própria civilização uma obra — uma obra de arte.** Essa concepção se opõe à doutrina moderna que reduz o político ao administrativo, que esvazia a noção de destino de um povo e rejeita os projetos criativos do estadista em prol do político de carreira.

(verneo-primitivismo; política)

\* \* \*

## ESTRANGEIRO

Dentro de uma determinada população, aqueles que são cultural e biologicamente de origem não indígena.

Hoje seria melhor falar de 'alienígenas' (*alógenos*) do que de imigrantes nascidos na Europa de pais não europeus, na medida em que a maioria deles não são etnicamente europeus, mas são considerados 'nacionais' apenas com base em *jus soli*.<sup>[103]</sup> Desde a Antiguidade, como notaram Aristóteles, Tucídides e Xenofonte, sabe-se que toda nação que recebe grande número de alienígenas está destinada a perecer, pois esses alienígenas progressivamente substituem os nativos, que são destruídos cultural e/ou fisicamente por eles. Esse processo está em andamento agora em várias partes da França.

No início do século XXI, a noção de estrangeiro perdeu todo o valor na Europa, legal, lingüística ou nacionalmente. **A lei, porém, deveria designar como estrangeiro todo residente que não seja de origem europeia.** Um belga, italiano ou russo de origem européia residente na França não é estrangeiro. O ponto chave é que um povo submerso por alienígenas acaba se tornando uma minoria, estranhos em sua própria terra. Essa é a lógica da colonização que estamos vivendo agora. **No final, o estrangeiro se torna o nativo.**

(ver **colonização**)

\* \* \*

## AMERICANISMO, ANTI-AMERICANISMO, FILO-AMERICANISMO

O americanismo é a afirmação ideológica da dominação geral exercida pelos Estados Unidos e seu modelo sócio-cultural — vistos como a apoteose da modernidade e da civilização ocidental.

O americanismo é uma atitude mental, consequência da americanização, que faz com que os europeus percam sua identidade e soberania,**mas também vem da submissão voluntária do europeu a ele, e não do "imperialismo americano".**

A americanização é linguística, dietética, cultural, vestimentária, musical, audiovisual, etc. Ela substitui os mitos e imaginações americanos pelos europeus. Também é evidente na recusa da Europa em assumir sua própria defesa (OTAN) ou praticar o protecionismo para contrariar o protecionismo americano.

Mas quão apropriado é o antiamericanismo, à direita ou à esquerda?

Muito pouco. O perigo do antiamericanismo está na virulência de suas lamúrias, que são irresponsáveis e transformam seus proponentes em infelizes vítimas. Os europeus são os protagonistas da sua americanização, da sua submissão aos Estados Unidos - por o **último é forte apenas na medida em que somos fracos**. De sua própria perspectiva, a dominação cultural, econômica e estratégica que os Estados Unidos exercem sobre o mundo é uma parte normal de seu papel de mentiroso da história. Não é em nome de algum imperativo moral, então, que a América deve se opor, mas sim como parte do processo normal de competição. Em vez de sermos antiamericanos, precisamos ser **não-americano e eurocêntrico**.

**filoamericanismo**(uma idolatria das coisas americanas) é frequentemente baseada em uma superestimação das forças americanas e um fascínio com seu suposto status de 'superpotência solitária' - uma superestimação que ignora suas muitas fraquezas.

Na política e na cultura, os filo-americanos são os agentes de sua própria deculturação e dominação. São eles que americanizaram sua própria cultura. Por esta razão, não se pode falar do imperialismo americano da mesma forma que se falava do imperialismo soviético. **É a ausência de resistência europeia, de auto-**

**afirmação, de vontade e criatividade que melhor explica a hegemonia cultural e estratégica da América.**

Por outro lado, um antiamericanismo excessivamente obsessivo, muitas vezes ignorante da América, tem o efeito paradoxal de reforçar o americanismo! Pois tal mania enfraquece sua causa infantilizando suas queixas. Ao demonizar a América, ela na verdade a valoriza e a engrandece. Da mesma forma, seu discurso negativo fecha qualquer afirmação de sua própria cultura e interesses, e se recusa a assumir a responsabilidade por si mesmo.

O antiamericanismo é desmobilizador. Protestos contra "o poder monopolista da subcultura americana" são feitos, por exemplo, sem nunca considerar que podem ser as autoproclamadas elites francesas as responsáveis pelo declínio da influência de sua cultura. Como, afinal, explicar a hegemonia americana, especialmente sua hegemonia cultural e econômica, se sua civilização é tal nulidade?

Como mencionado anteriormente, a América é o nosso **adversário principal**, não nosso *principal inimigo*. Este último é a massa de colonizadores estrangeiros, os colaboradores (estados estrangeiros e quinta-colunas) e o Islã.

**O esfera americana** designa aquele conjunto de países, principalmente da Europa, que superestima o poderio americano e seu 'modelo', *evoluntariamente se submete à hegemonia americana (OTAN, ditames, etc.)* — ao contrário dos países do antigo bloco soviético, que eram *forçado a se submeter*. Há também **americanomorfose**, isto é, o mimetismo sistemático das formas culturais americanas — que refletem todas as mentalidades colonizadas. Junto com essa tendência de deculturação vem uma 'afromorfose' não alheia, uma vez que a americanização dos costumes encoraja o abandono da própria identidade étnica pela Europa.

**O que é necessário são práticas eurocêntricas – não um antiamericanismo ineficaz.**

(ver **concorrência; designação do 'inimigo' e do 'amigo'; etnocentrismo**)

\* \* \*

## ANTI-RACISMO

Sob o pretexto de combater o racismo e a xenofobia, esta doutrina encoraja a discriminação a favor dos estrangeiros, a dissolução da identidade europeia, a multiracialização da sociedade europeia e, no fundo, paradoxalmente, o próprio racismo.

Como os Verdes, cujas reivindicações ideológicas nada fazem para proteger o meio ambiente, mas promovem sub-repticiamente uma agenda trotskista oculta, **os antirracistas usam sua falsa luta contra o racismo para destruir a identidade do europeu, enquanto promovem interesses cosmopolitas e alienígenas.**

O antirracismo, aliás, se traduz em uma obsessão racial e se contradiz, já que seus partidários negam a existência de raças. Ao promover fronteiras abertas e incentivar dogmaticamente a sociedade multiracial, os antirracistas acabam provocando objetivamente o racismo.

A ideologia dominante impõe uma fé antirracista quase religiosa que promove a integração em sua sociedade politicamente correta. **O antirracismo é essencialmente uma forma de terrorismo intelectual.** Quem desaprova a imigração ou afirma a superioridade da civilização europeia — e identidade — quem denuncia os males da sociedade multiracial, quem observa o caráter étnico do elemento criminoso crescente — é demonizado e tachado pela mídia, pela sociedade e pela lei como um 'racista'.

**Pedra de toque do hipócrita, o antirracismo é a expressão mais avançada da ideologia totalitária pós-moderna.** Demoniza todas as formas de rebeldia e oposição anti-sistema. Da mesma forma, neutraliza e mantém os potenciais dissidentes dentro dos limites ideológicos do sistema. Uma certa direita intelectual, esperando não alienar os poderes dominantes, foi assim recuperada, marginalizada e submetida, perdendo no processo qualquer esperança de ser reconhecida publicamente. Com efeito, ela se esforça para colaborar com o inimigo e obedecer a seus ditames, um pouco como a Igreja Ortodoxa sob Stalin. Essa direita cabeça de ovo (é preciso mencioná-la, pois é um caso clássico) não se contenta em se declarar publicamente 'antirracista', mas chega a denunciar

quem defende publicamente a sua identidade europeia como 'racista'. Incrível, mas verdadeiro.

Tudo isso mostra o poder paralisante e integrador do dogma antirracista, que exige que seus colaboradores se tornem delatores - o que provavelmente não é um cálculo muito sólido.

(verxenofilia)

\* \* \*

## ARQUEOFUTURISMO

A atitude que aborda o futuro a partir de valores ancestrais, acreditando que as noções de modernismo e tradicionalismo precisam ser transcendidas dialeticamente.

O arqueofuturismo se opõe tanto à modernidade quanto ao conservadorismo, vendo-os como opostos um do outro e acreditando que a **modernidade é retrógrada**, tendo falhado em realizar seus ideais ou grandes projetos. A tecnociência, por exemplo, é incompatível com os valores humanitários e igualitários da modernidade. O século XXI verá o ressurgimento de lutas que a ideologia burguesa e cosmopolita ocidental pensou ter enterrado há muito tempo: conflitos identitários, tradicionalistas e religiosos; fissuras geopolíticas; questões étnicas colocadas em nível planetário; batalhas por recursos escassos. . . não há necessidade de desenvolver o conceito aqui, já que dediquei um livro inteiro a ele —*arqueofuturismo* — a que se pode referir. (ver **progresso, progressismo**)

\* \* \*

## ARISTOCRACIA, NOVA ARISTOCRACIA

Literal e etimologicamente, 'o governo dos melhores'. Segundo significado: 'A classe dos melhores'. O problema é definir o 'melhor' e determinar se ele realmente governa a sociedade.

Para os gregos, a aristocracia era antes de tudo um modo de governo baseado no governo dos nobres e dos mais competentes. Para Aristóteles, aristocracia e democracia não se opunham, mas se completavam e se integravam segundo a lógica complementar dos opositos aparentes.

A ideia de aristocracias hereditárias é uma constante nas sociedades humanas... *apparatchiks*. A noção de aristocracia hereditária deve ser tratada com cuidado, pois pode levar à esclerose. Uma verdadeira aristocracia não se baseia no poder do dinheiro, nepotismo ou filiações familiares, mas sim no caráter e na ética. **Aqueles que defendem seu povo antes de seus próprios interesses, aqueles que respondem a critérios antropológicos e culturais reais:** este é o critério para definir aristocratas. Uma aristocracia tem um senso de história e linhagem de sangue, vendendo-se como representante do povo a quem serve, e não como membro de uma casta ou clube. Hoje, todas as famílias aristocráticas europeias tradicionais, sem exceção, foram extermínadas ou transformadas em objeto de manipulação midiática.

Para recriar um **nova aristocracia**: este é o trabalho de todo verdadeiro projeto revolucionário.

Quais são as qualidades de um verdadeiro aristocrata? Apego ao seu povo, que se serve com coragem, imparcialidade, modéstia, criatividade, bom gosto, simplicidade e estatura.

A figura do burguês é muito diferente da do verdadeiro aristocrata. O declínio das aristocracias européias, depois seu desaparecimento, ocorreu quando elas se fundiram com as dinastias burguesas. Uma aristocracia não é juridicamente hereditária, pois uma aristocracia hereditária sempre decai e eventualmente se extingue. Cada geração de aristocratas, por meio de seus atos, deve provar que é digna de seu status. Em uma visão anti-igualitária arcaica e futurista do mundo, os aristocratas teriam

mais direitos do que outros, mas também mais deveres. O princípio da hereditariedade é aceitável se facilitar a seleção de elites: isto é, se eliminar os incompetentes e ajudar a incorporar os recém-chegados capazes. Hoje, a mera ideia de aristocracia é incompatível com a ideologia dominante. Mas todo povo precisa de uma aristocracia. É parte integrante da natureza humana e não pode ser dispensada.**A questão então não é 'A favor ou contra a aristocracia?' mas 'Que tipo de aristocracia?'**

A 'nobreza' da mídia de hoje é uma caricatura, uma renúncia total ao espírito aristocrático, uma instrumentalização burguesa dos restos esfarrapados das 'grandes famílias'.

**Uma verdadeira aristocracia incorpora a essência de um povo.** Não é formada por dinheiro, mas a serviço e na liderança de seu povo. Sua regra é de desinteresse, coragem, eficácia.

Toda aristocracia, como as que temos na Europa, está fadada a se confundir com uma "elite econômica" quando se degenera. O que é mais necessário hoje é a **criação de uma nova aristocracia europeia**. A única oficina possível na qual tal aristocracia pode ser criada é a guerra. Os aristocratas nascem da guerra, que é o mais impiedoso dos processos seletivos.

(ver **circulação de elites**)

\* \* \*

## ASSIMILAÇÃO, ASSIMILACIONISMO

A crença de que as massas imigrantes podem tornar-se francesas ou europeias se renunciarem às suas origens culturais.

O assimilacionismo é, no fundo, uma forma disfarçada de racismo. Também é uma utopia. A doutrina da assimilação nasceu dos ideais quase religiosos e universalistas das revoluções americana e francesa, bem como da revolução russa. Supõe que não há povos, que as realidades étnicas são uma fantasia e que a única coisa que conta é o indivíduo como consumidor.

Apenas pequenas minorias podem ser assimiladas. Nunca na história da imigração em massa um povo foi assimilado por aqueles entre os quais se estabeleceu. Diante do atual fracasso da assimilação, os poderes públicos adotaram uma estratégia de 'integração' e 'comunitarismo'. Mas aqui também eles falharam.

Pior: as 'minorias' muçulmanas e estrangeiras deixaram, em muitas áreas onde vivem, de ser minorias e viraram a mesa sobre os europeus, que são obrigados a assimilar a cultura e os costumes dos colonizadores! **Toda assimilação equivale a um genocídio cultural, para o assimilador ou para o assimilado.**

(ver **comunitarismo**)

\* \* \*

## AUTARQUIA DOS GRANDES ESPAÇOS

A organização da economia mundial em grandes espaços autônomos e egocêntricos, em oposição aos dogmas capitalistas e de livre comércio do globalismo.

Autarquia, defendida pela escola alemã de *Grossraumautarkie*<sup>[104]</sup> — e hoje pelo ganhador do Prêmio Nobel francês, Maurice Allais, é um **resposta à economia globalista**. A autarquia dos grandes espaços não é um fechamento obsidional, mas um exercício de contingência: só importam as coisas que não podem ser produzidas domesticamente. As trocas internacionais são, portanto, limitadas, mas não suprimidas. O objetivo é a independência política e energética, bem como a proteção das indústrias nativas. Ao mesmo tempo, a autarquia resiste à extremamente frágil 'nova economia', que vem com a globalização, limitando a participação de empresas transnacionais e potências financeiras extraeuropeias na economia europeia. Preocupa-se também com a força de trabalho, impedindo a contratação de não europeus, salvo em casos especiais, altamente selecionados, que não podem ser preenchidos por europeus. A autarquia evitaria a dependência de importações, criando um vasto mercado interior (Grande Europa), capaz de absorver seus próprios produtos, portanto, imune a represálias econômicas estrangeiras. O princípio da autarquia não é a exclusão de importações, mas de dependência.

**A autarquia não pode ser praticada apenas pela França, mas deve assumir uma dimensão continental europeia.** É o inverso do livre comércio - pois rejeita as fronteiras abertas da UE, o que contribui para o desemprego e torna os renascimentos econômicos efêmeros e aleatórios, colidindo com a independência econômica europeia. A Autarquia também tem a vantagem de desencorajar a terceirização, evitando seus efeitos multiplicadores em espaços econômicos protegidos.

Os críticos do livre comércio da autarquia afirmam que isso arruinaria o mercado europeu de exportação. Isso é falso: a autarquia promoveria a multiplicação de fluxos comerciais intereuropeus baseados em preferências comerciais por produtos feitos na comunidade. Uma empresa francesa seria, portanto, obrigada a fornecer produtos para mercados europeus e não para mercados internacionais (se esses produtos estiverem disponíveis).

Para ser viável, a economia planetária precisa se organizar em espaços continentais relativamente impermeáveis que regulem a troca de mercadorias e capitais, bem como de trabalho, organizando-se em modos regionais de produção e consumo. Tal modelo também combateria a homogeneização cultural decorrente dos modos concentrados de produção e consumo, permitindo que cada 'grande espaço' (especialmente no Terceiro Mundo) mantivesse sua própria identidade econômica e autonomia.

No que diz respeito à energia (e, portanto, à ecologia), a autarquia dos grandes espaços maximizaria os recursos próprios, libertando-a da lógica atual do 'tudo petróleo'. A autarquia também afetaria a esfera cultural, políticas que na Europa, por exemplo, levariam a uma extensão da ideia de 'exceção cultural'<sup>[105]</sup>, particularmente no campo da mídia audiovisual. Afinal — escusado será dizer — esta já é a prática padrão em. .os Estados Unidos.

Tal como a formação da Eurosibéria, esta visão de grandes espaços autárquicos seria sem dúvida um pesadelo para os EUA, pois tal espaço continental autocontido seria perfeitamente autônomo, especialmente no que diz respeito à energia (petróleo, gás, etc.) — e não mais dependente no resto do mundo.

O livre comércio e uma única economia planetária enfraqueceram as economias em todos os lugares, ferindo profundamente os interesses europeus e criando situações econômicas que não podem durar. A autarquia dos grandes espaços, juntamente com uma economia de 'dois níveis', é uma resposta revolucionária à catástrofe iminente do livre comércio global.

**(ver **economia, orgânica; economia, dois níveis; liberalismo gerencial; Eurosibéria**)**

## B

## CRER EM MILAGRES

O preconceito geral inerente às utopias igualitárias e humanitárias, bem como à filosofia do progresso — que sustenta que 'podemos ter tudo ao mesmo tempo' e que a realidade não é obstáculo.

Podemos ter armas e manteiga. Imagina-se, como fazem os liberais, que uma "mão invisível" está trabalhando para restabelecer espontaneamente um equilíbrio harmonioso. aqui estão alguns exemplos:

- A crença no dogma de que o desenvolvimento econômico ilimitado é possível em todos os países sem causar poluição massiva e sem consequências ecologicamente desastrosas. **Essa é a ilusão do desenvolvimento infinito.**
- Crença de que uma sociedade permissiva não leva a uma sociedade selva, e que se pode ter emancipação libertária e harmonia autodisciplinada. Daí o dramático naufrágio da educação pública, cuja violência, insegurança, ignorância e analfabetismo provêm de **ilusões pedagógicas** que banem todo senso de limites.
- Crença de que se pode manter a previdência social e assistência médica assistência aos idosos em um período de declínio demográfico, mantendo-se comprometido com um sistema que distribui ajuda de forma justa. Isso é a **ilusão que vem da concepção comunista de solidariedade.**
- Crença de que a imigração em massa de estrangeiros é compatível com 'os valores da República Francesa' e a preservação dos povos e nações europeus; a crença de que o Islã pode ser secularizado e assimilar valores republicanos. Crença de que a população ativa pode ser regenerada pela importação de imigrantes, mesmo que a maioria deles sejam beneficiários de assistência social não qualificados. Crença de que é possível normalizar a situação dos imigrantes clandestinos, que eles podem ser integrados e que

assim evita-se a chegada de novas levas de imigrantes, ainda que o inverso seja evidente em toda parte.**Essa é a ilusão da imigração como um benefício.**

- Crença de que os alienígenas podem ser assimilados e integrados, pois defender e manter as especificidades de sua cultura original, memórias e costumes. Isso é a **ilusão comunitária**, uma das mais nocivas de todas, particularmente cara aos nossos intelectuais 'etnoppluralistas'.
- Crença de que o cancelamento da dívida do Terceiro Mundo lhe permitirá economicamente 'decolar' e evitar dívidas futuras.**Esta é a ilusão do Terceiro Mundo.**
- Crença de que a energia nuclear pode ser abandonada e substituída com usinas de petróleo e carvão, reduzindo as emissões de carbono. **Esta é a ilusão ecológica.**
- Crença de que uma economia mundial baseada na especulação de curto prazo, uma indexação generalizada dos mercados de ações computadorizados e a substituição da política monetária pelos riscos dos mercados financeiros prometem crescimento novo e duradouro.**Esta é a ilusão da nova economia.**
- Crença de que o reforço da democracia e do 'republicano valores' erradicará o 'populismo', ou seja, a expressão direta da vontade do povo.

\*

A lista poderia ser estendida. Em cada um desses casos, a crença em milagres é explicável por **otimismo infeliz que vem da religião secular do progressismo igualitário**; mas também pelo facto de a ideologia dominante, num impasse, não ousar negar os seus dogmas e fazer revisões drásticas, agarrando-se à ideia de que 'não haverá tempestade' e que tudo se explica pelo

sofismas de seus falsos especialistas, cuja conclusão inevitável é que tudo vai correr pelo melhor, que as coisas vão continuar a melhorar e que a situação está sob controle. É um pouco como o motorista, ultrapassando um sinal vermelho a cem quilômetros por hora, que explica que quanto mais rápido ele for, menos tempo ficará no cruzamento e, portanto, menor o risco de colisão.

(ver **convergência de catástrofes; progresso, progressismo**)

\* \* \*

## BIOPOLITICA

Um projeto político orientado para os imperativos biológicos e demográficos de um povo.

A biopolítica é hoje demonizada em toda a Europa, pois apoia implicitamente a ideia de **longevidade biológica de um povo na história**, sem se limitar apenas à sua 'saúde pública'. Nada poderia ser mais politicamente incorreto. A biopolítica é uma política voltada para a **preservação e melhoria de longo prazo do patrimônio biológico de um povo alemão**. A biopolítica tem como premissa o princípio de que a saúde biológica de um povo é essencial para sua sobrevivência e harmonia social.

A biopolítica inclui a política familiar e populacional (totalmente abandonada hoje), restringe o influxo de alienígenas (que ameaçam o núcleo bioantropológico de um povo) e aborda questões de saúde pública e eugenia — ou seja, a melhoria da qualidade genética do povo. Hoje, tanto a China quanto a Índia praticam ativamente a biopolítica.

A biopolítica possui consideráveis meios tecnocientíficos (engenharia genética) para compensar a debilidade demográfica da Europa. Não há dúvida de que isso representará problemas graves - mas, na falta de uma solução 'natural', de que outra forma eles podem ser resolvidos? De qualquer forma, precisamos abordar a questão de uma perspectiva política e não "ética". A tecnociência propõe, a política dispõe. Na espera de uma futura biopolítica — assunto de alguma urgência para os europeus — será necessário abordar duas grandes questões:**revigorando a taxa de natalidade européia e revertendo a invasão do Terceiro Mundo.**

**(vereugenia)**

\* \* \*

## NASCIDO LIDER

Uma personalidade criativa imbuída de uma visão histórica do mundo.

Para ser historicamente fértil, um movimento ou regime político precisa de um líder, ou seja, de um chefe. Mesmo eleito ou escolhido, o líder está predestinado à centelha divina, se já não estiver geneticamente imbuído dela.**A história é a fertilização da alma passiva de um povo pela alma ativa de seus líderes natos.**

Homem ou mulher, o líder nato é uma figura recorrente e necessária na história — noção rejeitada pelos igualitários marxistas (apegados aos seus dogmas sobre as 'massas'), embora também dependam de tais líderes.

O líder nato traz o perigo do despotismo, mas também do destino. A história se recusa a se conformar com a visão de nossos igualitários humanitários. O líder nato é um homem de tempestades, mas também um homem de extraordinária criatividade. Ele aparece onde não é esperado, qualquer que seja a ideologia que ele anima. Ele se apodera da realidade e a transforma. Ele seduz as pessoas, como uma cobra paralisa o pássaro. Ele é **surpresa da história**, se ele é divino ou dramático e sangrento.

O líder nato é uma figura indispensável e trágica. Ele pode elevar e libertar (Charles Martel, Joana d'Arc, Mustafa Kemal,[\[106\]](#) — etc.), fazendo-o como um tirano (Lênin, Stalin, Mao...) ou como um conquistador (Alexandre, Napoleão, Abd-el-Rahman[\[107\]](#)...).**É um dado incontornável na vida de um povo que enfrenta perigos constantes ou persegue uma grande ambição.**

\*

Na nossa civilização decadente, quase esgotada, os líderes natos já não aparecem porque as elites naturais se afastaram da política e já não servem o povo (confundido com o 'Estado') — o povo foi abandonado a funcionários carreiristas. Na situação atual, somente uma crise trágica permitirá o surgimento de um líder nato. só ele pode**cortar o nó górdio** do que historicamente aparece como uma situação inextricável. Robert Steuckers escreve, assim, referindo-se a Carl Schmitt, que este último "queria restaurar a dimensão pessoal do poder porque esta dimensão pessoal é a única capaz de responder a um estado de

emergência. Por que? Porque o líder nato pode agir mais rapidamente do que os mecanismos processuais mais lentos.[\[108\]](#)

\*

O líder nato, portanto, tem um caráter ditatorial, mas no sentido positivo. **Um ditador não é um tirano opressor, mas aquele que 'dita', que corta e salva as coisas em estado de emergência.** O líder nato aparece assim como o protetor supremo de um povo, desinteressado, o símbolo máximo da verdadeira democracia, democracia 'populista', no sentido político-filosófico helênico.

O líder nato é aquele que tanto **põe em movimento um povo e protege o seu carácter ancestral, a sua identidade.** É ele quem quebra o sistema em prol de uma dinâmica futurista que paradoxalmente preserva o arcaico, essa alma de uma civilização. Ele é agitador e ditador.

O líder nato é uma figura do individualismo, no sentido positivo, como no 'individualismo altruísta'. Num determinado período, num ponto trágico ou fértil da história, ele cristaliza e formula a vontade inconsciente do povo. Maomé foi provavelmente o maior líder nato de todos os tempos, tendo, em poucas décadas, incendiado o mundo com a sua doutrina religiosa e guerreira, que, hoje, constitui para os europeus, como para muitos outros povos, o maior dos perigos — o principal inimigo — aquele que deve ser contido e repelido.

**A Europa precisa de líderes natos hoje, pois ela não será salva nem por intelectuais, nem por políticos, nem por empresários, mas apenas por aqueles que incorporam a Alma do Povo.**

Lembre-se, porém: não há generais sem exército – nem chefe sem tribo.

**(ver aristocracia; democracia; elite; personalidade, criativo)**

\* \* \*

## BURGUEISISMO

As características mentais da pequena burguesia, estendidas a toda a sociedade moderna, independentemente da classe social.

Burguesismo designa os traços negativos do espírito burguês, menos a mentalidade empreendedora da grande burguesia, que hoje está em declínio. Opondo-se ao espírito popular, como se opõe ao espírito aristocrático, o burguês domina nossa sociedade de mercado, com sua moral de interesse próprio, sua busca individualista de segurança e bem-estar imediato, sua suscetibilidade a modas efêmeras, sua recusa aos riscos, sua passividade e conspícuo consumo, sua conformidade com as doutrinas reinantes, sua preocupação em manter as aparências politicamente corretas, sua total falta de patriotismo e consciência étnica, seu esnobismo cultural, seu espírito de cálculo, sua concepção prometedora das relações humanas, seu narcisismo, a preponderância de dinheiro em sua escala de valores, sua indiferença à solidariedade comunitária,

A pequena burguesia ou classe média moderna que domina a sociedade atual tenta estar na moda, mas revela uma extraordinária **conformidade**. É tanto o alvo quanto o ator principal no estabelecimento ideológico/intelectual do totalitarismo brando reinante.

(ver **economicismo**)

C

## CAOS, ÉTNICO

Situação histórica em que um povo ou civilização perde sua base étnica devido à imigração em massa de estrangeiros.

O caos étnico foi um fator na decomposição da República e do Império Romano, da civilização faraônico-egípcia e de muitas cidades gregas antigas. A Europa está atualmente nas garras de um assentamento colonizador por povos ultramarinos. Uma civilização desaparece quando perde sua base étnica original. Torna-se uma colcha de retalhos na qual qualquer ideia de cidade, comunidade e destino é impossível.

**O caos étnico assinala o puro e simples desaparecimento de um povo e de uma civilização — e da verdadeira democracia**—como todos os filósofos gregos clássicos alertaram.

Uma população etnicamente heterogênea — um caleidoscópio de comunidades — torna-se uma sociedade anônima, sem alma, sem solidariedade, propensa a incessantes conflitos de dominação, a um racismo endêmico ('toda sociedade multirracial é uma sociedade multiracial') — ingovernável porque não há uma visão compartilhada do mundo. O caos étnico é uma porta aberta para a tirania.

Em nome do multiracialismo, o capitalismo e a democracia fizeram do caos étnico parte de seu programa. Os homens são despojados de seus apegos e refeitos como consumidores, cada um intercambiável com o outro, cada um sem identidade. Mas isso é estúpido. O homem nunca perde de fato sua memória ou identidade ancestral. Uma sociedade de caos étnico leva, a longo prazo, não à prosperidade, ao individualismo harmonioso ou ao governo republicano, mas à desordem política e social. Agora estamos captando os primeiros vislumbres desse caos. Dele talvez venha o pós-caos — isto é, a regeneração — um retorno à homogeneidade.

**(ver cultura, civilização; comunitarismo; colonização; alemão; philia)**

\* \* \*

## CAOS, PÓS-CAOS

Caos é aquele estado de desorganização e anarquia que afeta uma coletividade de qualquer tipo, uma vez assolada por uma catástrofe. O pós-caos é aquela fase em que uma nova ordem é reconstruída com base em uma lógica revolucionária e metamórfica.

É o eterno ciclo de vida, morte e renascimento, conforme expresso na teoria de Nietzsche sobre o eterno retorno do idêntico,<sup>[109]</sup> assim como na teoria matemática das catástrofes de René Thom.<sup>[110]</sup> A sociedade que conhecemos não pode ser consertada, o sistema não pode ser salvo. Essa é a ilusão de toda tendência conservadora. A única solução para a situação atual virá do caos — da guerra civil, da depressão econômica etc. — que derrube as mentalidades estabelecidas e torne aceitável e indispensável o que antes era inimaginável. Somente em situações de caos as variáveis dadas são alteradas e torna-se possível estabelecer outra ordem — o pós-caos. **Somente na crise, então, uma solução será encontrada.** Para construir uma nova casa, primeiro é preciso que a antiga desmorone. Não é um pessimista, mas um realista que vê isso.

(ver **convergência de catástrofes; interregno**)

\* \* \*

## CIRCULAÇÃO DE ELITE [111] —

Uma expressão do sociólogo Vilfredo Pareto<sup>[112]</sup> para designar o processo pelo qual as elites são renovadas, sangue novo é trazido e a incompetência é derramada.

Um povo que não renova suas elites afunda em uma 'sociedade bloqueada'. Uma esclerose das elites é uma doença bem francesa, pois na França o privilégio da vantagem adquirida sempre esteve em boa companhia com um igualitarismo paralisante. Antes e depois da Revolução... A circulação das elites exige um princípio de seleção rigorosa dos melhores e mais merecedores, enfim, é um 'desigualitarismo inteligente' fundado na justiça. A seleção das elites, como a noção de aristocracia, é baseada em princípios de liberdade e competição: 'Vence o melhor'.

igualitarismo social **rejeita o princípio da seleção** (o grande legado de maio de 1968) e, ao contrário, favorece a 'discriminação positiva' e as cotas para grupos étnicos, o que não leva à justiça social, mas à promoção da mediocridade.

Por trinta anos, nosso sistema de educação nacional abandonou os princípios de seleção e disciplina, bloqueando o processo democrático pelo qual circulam as elites e pelo qual os melhores das classes desfavorecidas são recrutados para as classes dominantes. Com efeito, o sistema escolar público foi massivamente desvalorizado e não é mais capaz de cumprir seu papel de facilitador do avanço social. Só o dinheiro agora possibilita o acesso a uma educação de qualidade. Esse igualitarismo antiseletivo leva ao corporativismo, ao nepotismo e ao bloqueio da circulação das elites.  
**(ver aristocracia; concorrência; democracia; meritocracia; seleção)**

\* \* \*

## GUERRA CIVIL, ÉTNICA

O grave e previsível confronto entre os nativos europeus e os colonizadores estrangeiros, principalmente de origem afro-magrebina — um confronto que ameaça eclodir na França e na Bélgica no início do século XXI.

Na Europa, especialmente nos dois estados acima mencionados, passamos, em relação ao Islã e suas populações estrangeiras, da fase de fricção e delinquência menor para a fase, a partir dos anos 1990, de **pré-guerra civil**, ligada às conquistas territoriais e demográficas dos alienígenas.

**Infelizmente, é apenas a eclosão de uma verdadeira guerra civil que resolverá os problemas atuais de colonização, africanização e islamização.** — a maior tragédia da história europeia e que escapa por completo à perspicácia das suas 'elites', cegas ou colaboradoras inimigas.

A guerra civil étnica é o único meio de tratar um problema 'calorosamente' que nunca pode ser resolvido 'friamente', dentro do sistema de leis do estado ou por meio de seus procedimentos democráticos. Não se engane: não estou convocando a guerra, mas a considero inevitável, algo quase automático. As soluções baseadas na 'convivência racional e pacífica', como defendem os nossos comunitários, pertencem ao reino da crença infantil, distinta dos intelectuais sonhadores, racionalizadores, que nada sabem de sociologia ou de história.

**É só quando estão de costas para a parede, perante uma emergência inevitável, que as pessoas encontram soluções que outros tempos seriam impensáveis.** Foi através da reconquista armada que a Espanha se livrou de sua ocupação árabe-muçulmana. Mas isso levou tempo - embora, com a atual aceleração da história, provavelmente levará menos agora. O importante é estar preparado para o inevitável.

As condições para uma guerra civil ainda não estão totalmente maduras, dada a apatia da população anestesiada da Europa (anestesiada pela sociedade de mercado e várias ideologias indutoras de culpa). Estas condições logo amadurecerão:

**1. Assim que o Estado começar a cair nas mãos das 'comunidades' afro-magrebinas e muçulmanas.** Isso já está começando a acontecer,

já que os municípios, seguidos pelas legislaturas regionais, permitem o 'voto dos imigrantes', e os poderes locais, eventualmente nacionais, recaem sobre os colonizadores.

2. Uma vez a **degradação da situação econômica do povo** (provocada em parte pelo envelhecimento da população) é agravada por um aumento conspícuo da criminalidade afro-magrebina, que atinge níveis insuportáveis e está ligada a conquistas estrangeiras cada vez mais pronunciadas do território nacional. Nunca se revolta quando os carrinhos de compras estão cheios.

É tudo uma questão de chegar a um estágio em que a população veja claramente o perigo. **Não haverá rebelião europeia até que os afro-magrebinos assumam o poder e sejam vistos como opressores e ocupantes**—não até o **catástrofe econômica** resultantes da imigração e do declínio demográfico. Isso está começando lentamente. Na verdade, resistimos a uma autoridade apenas se ela é vista como estranha e ilegítima — não resistimos a fatos sociais, a um tipo particular de sociedade ou a formas nacionais de poder.

**(vercolonização; convergência de catástrofes; resistência e reconquista; Estado de emergência)**

\* \* \*

## COLONIZAÇÃO

A ocupação e instalação permanente de um povo (ou vários povos) na pátria de outro povo. Este termo é preferível ao de 'imigração'.

É isto que a Europa está a sofrer neste momento: **uma colonização maciça por povos alienígenas**, o que a torna a maior tragédia de sua história, pois ameaça destruir sua linhagem étnica. Essa colonização é muito mais séria do que uma ocupação militar, porque é potencialmente irreversível. Ao mesmo tempo, essa colonização que ameaça uma conquista islâmica da Europa é realizada com a cumplicidade dos Estados Unidos.

Do ponto de vista tático, é necessário **falar de colonos em vez de imigrantes**, e deixar de afirmar que estes últimos são vítimas de 'exploração'. Pelo contrário, esses colonos vieram para a Europa para viver às nossas custas. Sua invasão vem tanto das maternidades quanto das fronteiras porosas (30% dos nascimentos na França são agora de pais estrangeiros e, se nada mudar, até 2010 o Islã se tornará a maior religião praticada na França).<sup>[113]</sup> **Estamos sofrendo 'uma colonização de baixo', muito diferente da antiga colonização européia do Terceiro Mundo.** A gravidade do fenômeno foi agravada pelo colapso demográfico da Europa.

A colonização européia foi civilizadora: trouxe muitas coisas para os países envolvidos e, ao contrário dos dogmas da esquerda xenófila (dogmas ecoados pelos intelectuais parisienses de direita), teve pouco efeito sobre a cultura nativa. Em vez disso, reforçou (estupidamente) o Islã, lançando as bases para seu atual ataque histórico à Europa.

**Em todos os âmbitos, a resistência a esta colonização e reconquista constitui o único objetivo primordial de todo projeto político europeu do século XXI.**

(ver [etnomasoquismo](#); [resistência e reconquista](#))

\* \* \*

## COMUNITARISMO

A doutrina que desvia e desfigura a noção de 'comunidade'. De origem americana, o comunitarismo é uma doutrina que defende a coabitação de diferentes comunidades étnicas dentro de uma mesma sociedade, cada uma com suas próprias leis, imaginando que a harmonia entre essas diferentes comunidades é possível.

É a própria negação da ideia de povo – é uma variante do apartheid. Dificilmente possível nos Estados Unidos, o comunitarismo é completamente irrealizável na Europa. Apresentado como uma alternativa à assimilação forçada, o comunitarismo infelizmente é defendido por certos intelectuais astrónomos da *Nouvelle Droite*.<sup>[114]</sup> É uma compreensão delirante e abstrata do politeísmo social e derivada da noção de que o Império é um '*pluriversum* dos povos'.<sup>[115]</sup> Conforme praticado pelo estado francês hoje em relação aos estrangeiros muçulmanos e afro-asiáticos, o comunitarismo tem o efeito de fragmentar a sociedade em uma série de guetos étnicos. É derivado da ideia rousseauiana ('contrato social') de que a coabitação entre diferentes grupos étnicos é possível dentro de uma única entidade política, através da magia da 'educação' e da 'razão política'.

Defendida pelos recém-convertidos da direita parisiense ao rousseauísmo e ao anti-racismo, essa tese simplesmente não se sustenta. Nenhum povo pode ser um amálgama de diferentes comunidades étnicas, produto de algum milagre realizado sob a beneficência do Estado. Nossos intelectuais não são apenas sonhadores, mas também ignorantes históricos, como todos os outros hoje. Querem fabricar a homogeneidade da heterogeneidade, misturando enxofre e salitre, hidrogênio e oxigênio sem explodir. No que diz respeito à imigração, o comunitarismo é a resposta mais estúpida possível, baseada na utopia mais infantil jamais concebida pelos intelectuais e burocratas ocidentais. Suas soluções teoricamente 'harmoniosas' foram um desastre na prática.

**A doutrina comunitária e os que a defendem são, objetivamente, cúmplices da colonização étnica e da invasão islâmica.** O pior aspecto, no caso dos comunitários de direita, é a vaidade de suas explicações (a de Bouvard e

Pécuchet,<sup>[116]</sup> os dois parentes 'filósofos', incapazes de distinguir o pensamento da realidade), enquanto a explicação da esquerda é simplesmente um cálculo cínico. Nenhum dos dois importa: os fatos sugerem que o comunitarismo termina em guerra civil.

**(verassimilação; resistência e reconquista)**

\* \* \*

## COMUNIDADE, COMUNIDADE-DE-UM-PESSO

Um grupo cujos laços orgânicos são animados pelo sentimento de pertença, homogeneidade, herança e vontade de viver juntos e partilhar o mesmo destino.

A noção de comunidade se opõe à de 'sociedade', cuja essência é mecânica, heterogênea e baseada em um contrato social. A comunidade é a forma mais natural de agrupar os humanos, pois se baseia no parentesco étnico e espiritual — que estabelece um equilíbrio harmonioso entre seus membros e serve como a expressão mais propícia de sua cultura. A comunidade preexiste suas formas específicas de organização e instituição, pois sua essência é histórica, inata e não contratual, ao contrário da sociedade.

A comunidade, porém, nunca existe em estado puro; sempre inclui certas relações sociais. Fala-se assim de um 'modelo comunitário', seja do **nação como uma comunidade de pessoas**, de família, clã, associação, exército (comunidade de combate), etc.

O modelo comunal se opõe radicalmente ao modelo social de igualitarismo e individualismo. No modelo comunal, as relações humanas são hierárquicas, interdependentes e multifuncionais. A comunidade não se limita ao presente; tem uma história e um destino. Seu ser transcende as existências individuais, imbuindo-o de significado. O modelo social, ao contrário, é puramente contratual, mecanicista e abstrato, com o indivíduo isolado, facilmente excluído, e todo o conjunto propenso a cair rapidamente na selva. O niilismo da sociedade de mercado contemporânea é impensável no modelo comunal.

A partir desta perspectiva, **a comunidade-de-um-povo é organicamente subdividida em sub-comunidades abrangentes**: nações, regiões, cidades, clãs, famílias, etc. **A verdadeira democracia, no sentido grego clássico, só é possível dentro desse contexto comunitário.** Isso segue as implicações e co-responsabilidades de indivíduos relacionados com a comunidade; de seus laços étnicos comuns; e os projetos e memórias comuns que os unem. O modelo social, por outro lado, é propenso ao caos étnico e seus membros individuais são indiferentes a um

outro, as solidariedades são puramente artificiais, a autodisciplina é impossível, a democracia é um simulacro e a ordem é uma coerção.

**Uma comunidade-do-povo — dado que a solidariedade, a justiça social, a liberdade, a segurança, a defesa e a transmissão de valores são possíveis dentro dela — opera com pelo menos um mínimo de unidade étnica e um sentimento de pertencimento inato.**

Ao definir o *Ummah*<sup>[117]</sup> como uma comunidade de crentes oposta ao modelo ocidental individualista de sociedade anônima, o Islã encontra em sua natureza comunitária uma ideia muito poderosa e eficaz. Apesar do bom senso de seus preceitos sociais e filosóficos, o Islã continua sendo o inimigo, pois sua ideologia totalitária e obscurantista é totalmente incompatível com a mentalidade européia do *liber civis*: o homem livre. Não se trata de contestar a crítica do Islã ao Ocidente, mas de negar-lhe o direito de nos oferecer suas soluções. Cada um deve encontrá-lo em si mesmo, à sua maneira.

É possível que a ideia de comunidade entre os europeus étnicos renasça apenas no infortúnio.

(ver **pessoas**)

\* \* \*

## COMPETIÇÃO, LUTA PELA VIDA

O choque de formas vivas pela supremacia e sobrevivência.

A competição, ou a luta pela vida, constitui a principal força motriz da evolução em tudo, desde as bactérias até os humanos, bem como na história. Mesmo os pacifistas mais fanáticos reconhecem isso.

A competição afeta todos os domínios da existência; é observável entre indivíduos e entre grupos. **A solidariedade comunal é o único elemento atenuante de sua dureza.** Ao embotar o egoísmo do indivíduo, seu objetivo é assegurar a superioridade da comunidade sobre outras comunidades.

Mesmo as religiões que "se submetem a Deus" (o Islã, por exemplo), que parecem renunciar à competição, apelam para ela. Para um indivíduo ou para um povo, a decadência se instala quando se começa a acreditar que a competição e a luta pela vida são "injustas", que a inimizade contra o Outro é "anormal", que o estado de paz é natural e a guerra antinatural, e que o Jardim do Éden é possível na Terra. A competição, a luta pela vida, é o estado normal e permanente de todos os seres vivos — o pacifismo renuncia à vida; é uma moral de escravos.

Não adianta reclamar dos inimigos: devemos ter satisfação em combatê-los e eliminá-los, sabendo que **eles sempre estarão conosco.** Aqueles que declaram não ter inimigos, que não estão em competição, que a paz é perpétua, sucumbiram à entropia da extinção e da morte, que os eliminará impiedosamente. Mesmo a cooperação mais sincera nunca é definitiva. Um indivíduo, um grupo ou um povo que não compete entre si está ameaçado a longo prazo pela extinção. **As formas vitais de harmonia nascem paradoxalmente tanto da luta quanto da concórdia. E a escolha dos amigos está indissoluvelmente ligada à designação do inimigo.**

O inimigo nunca está errado, se ele vencer. Um 'povo superior', um 'indivíduo superior', um 'grupo superior' (seja militar, econômico, religioso, etc.) opera não com princípios ontológicos abstratos, mas com base nos resultados concretos que vêm da competição. Isto é o

caso de todos os seres vivos. Um nunca é "intrinsecamente superior" aos outros. Um é superior apenas em alcançar com sucesso a supremacia.

**É a lei do mais forte, do mais capaz, do mais flexível que sempre domina. *Vae Victis*, morte aos vencidos, tal é a lei da vida; nunca nasceu um filósofo que pudesse provar o contrário**

. Se um indivíduo possui talento e vontade, ele pode derrotar multidões. A competição é econômica, política, étnica, etc. Baseia-se na aliança de vontade e talento. Nunca se deve reclamar de ser dominado. Simplesmente vem de não ser forte o suficiente

- não é eficaz, não é inteligente, não é obstinado o suficiente.

A chave para a vitória em qualquer competição, como Robert Ardrey<sup>[118]</sup> viu, é **osolidariedade dos combatentes**. Para os humanos, a competição e a luta pela vida não são primariamente individuais, mas coletivas. Assim se forma a polaridade amigo-inimigo, polaridade que é a fonte da própria vida.

**(verso seleção)**

\* \* \*

## CONCEPÇÃO-DE-MUNDO

O conjunto de valores e interpretações da realidade — implícita ou explicitamente distintos a um determinado grupo humano — seja um povo, uma civilização, uma família de pensamento, político ou não, uma religião, etc.

Fala-se, quase com indiferença, de uma 'visão de mundo'.

A concepção-do-mundo transcende — vai além — das doutrinas políticas, assim como das ideologias, podendo mesmo abarcar diversas ideologias antagônicas, muitas vezes baseadas nos mesmos princípios. Por exemplo, a direita liberal e a esquerda socialista, cristãos progressistas e cosmopolitas ateus, compartilham a mesma concepção geral do mundo. Uma concepção-do-mundo comprehende as facetas intelectual e espiritual, racional e intuitiva. É diferente da cultura, em que várias concepções de mundo podem coexistir dentro dela. Uma concepção-do-mundo implica um projeto político e histórico, juntamente com uma visão específica da natureza do homem.

**No universo europeu, ocidental, existem duas concepções-do-mundo opostas. O dominante, procedente do judaico-cristianismo, é igualitário, individualista e cosmopolita. A outra, mais ou menos censurada hoje, e derivada do antigo paganismo europeu, pode ser chamada de não igualitário, comunalista e étnico.** Com Nietzsche, este último alcançou uma formulação filosófica consciente. Certas pessoas, como os tradicionalistas cristãos, compartilham aspectos de ambas as concepções de mundo, vivendo uma contradição interna. É a guerra pelas concepções-do-mundo, a que os mitos estão evidentemente associados, que acaba por afetar o curso da história.

(ver **judaico-cristianismo, paganismo**)

\* \* \*

## CONSCIÊNCIA ÉTNICA

A consciência individual ou colectiva da necessidade de defender a identidade biológica e cultural do seu povo, condição indispensável à longevidade e autonomia da sua civilização.

É o que mais falta ao europeu de hoje, deformado pelo individualismo e pelo universalismo burgueses.

A consciência étnica se choca com os preconceitos do antirracismo e do etnomasquismo modernos, que afigem os europeus. A ideologia dominante demoniza a consciência étnica e a equipara a uma perversão racista e a uma vontade de perseguir. **Os europeus são assim negados o direito a uma consciência étnica, um direito que todos os outros povos têm.**

O individualismo burguês é o principal obstáculo ideológico ao renascimento da consciência étnica. Esse individualismo anda de mãos dadas com o esquecimento das raízes e da identidade. A ausência de consciência étnica é uma aflição mental coletiva, associada à recusa patológica de aceitar que se é produto de uma certa herança ancestral — uma recusa nascida daquele individualismo narcísico de que o Ocidente tanto gosta. A noção de consciência étnica dominará o próximo século. Judeus, chineses, árabes e indianos entendem bem isso. Os europeus sozinhos falharam em ver seu apelo.

A democracia só é real entre um povo etnicamente homogêneo, consciente de sua identidade étnica. **A consciência étnica é o fundamento democrático da justiça e da solidariedade social entre os membros do mesmo povo**, como a tradição grega a entendia.

(verdemocracia; etnosfera, blocos étnicos; *philia*)

\* \* \*

## CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A consciência de pertencer a uma civilização e a um povo há muito inscritos numa história e destino distintos.

A consciência histórica deve ser a base da política. Seu objetivo é garantir a sobrevivência a longo prazo de um conjunto humano, integrando-o ao destino das gerações futuras. Ao contrário dos muçulmanos, chineses e outros, os líderes europeus carecem de consciência histórica. A história não existe mais para eles, nem no passado nem no futuro. Seu horizonte temporal se estende apenas até a próxima eleição.**Essa ausência de consciência histórica sem dúvida se tornará o túmulo da civilização ocidental, incapaz como é agora de prever o futuro ou medir a estatura de seu passado - e, portanto, incapaz de garantir sua própria sobrevivência.**

(ver **pessoas; pessoas de vida longa, pessoas de vida curta**)

\* \* \*

## CONSUMISMO

Escolha de uma sociedade fundada exclusivamente na dimensão quantitativa do consumo material dos seus membros — em detrimento de todas as outras considerações.

O consumismo é o grau mais baixo de materialismo e economicismo, pois não se interessa pelo poder econômico de longo prazo, negligencia os efeitos ecológicos da economia e se concentra exclusivamente no mero volume de consumo imediato. O consumismo é uma forma de escravidão à qual sucumbiram os homens de massa de nossa civilização, esses homens de massa que não são nem cidadãos, nem atores, nem responsáveis, mas seres passivos, domesticados. Questões de natureza ecológica, étnica ou política não interessam ao consumidor. Até mesmo sua segurança pessoal fica em segundo lugar em relação ao seu padrão de vida. **Um ganso no curral de um foie gras<sup>[119]</sup> produtor.** — .

O consumismo decorre de uma certa patologia mental - como Thorstein Veblen,<sup>[120]</sup> Guy Debord,<sup>[121]</sup> e Jean Baudrillard<sup>[122]</sup> tem mostrado. Trata-se de acumular objetos, coisas, mas carece de sentido de fins, mesmo em matéria de prazer ou bem-estar.

(ver **economicismo**)

\* \* \*

## CONVERGÊNCIA DE CATÁSTROFES

As linhas convergentes de ruptura civilizacional que ao longo do século XXI consumirão o 'mundo moderno' em um grande caos planetário.

Pela primeira vez na história, a humanidade como um todo é ameaçada por uma convergência de catástrofes.

Uma série de 'linhas dramáticas' vão-se juntando e convergindo, como rios que se fundem, numa concomitância perfeita de rupturas e convulsões caóticas (entre 2010 e '20). **Desse caos — que será extremamente doloroso em nível planetário — surgirá a possibilidade de uma nova ordem mundial pós-catastrófica — o doloroso nascimento de uma nova civilização.**

Resumidamente resumidas, aqui estão as principais linhas-da-catástrofe: A primeira delas é a **cancerização do tecido social europeu**. A colonização do Hemisfério Norte por povos do Sul — cada vez mais imponente, apesar das afirmações tranquilizadoras da mídia — está criando uma situação extremamente explosiva; o fracasso da sociedade multirracial, que já é cada vez mais multirracista e neotribal; a progressiva metamorfose etnoantropológica do nosso Continente, verdadeiro cataclismo histórico; o retorno da pobreza no Ocidente e no Oriente; o lento, mas progressão constante da criminalidade e uso de drogas; a contínua fragmentação da família; a decadência do sistema educacional e principalmente da qualidade do ensino; quebras na transmissão do conhecimento cultural e das disciplinas sociais (barbárie e falta de competência); e o desaparecimento da cultura popular por causa daquela cretinização em massa que acompanha a cultura "espetacular". Tudo isso sugere que as nações européias caminham para uma Nova Idade Média.

**Fatores de ruptura social na Europa serão agravados por uma crise econômico-demográfica que culminará em pobreza em massa.** A partir de 2010, o número de trabalhadores ativos não será mais suficiente para financiar a aposentadoria dos baby-boomers. A Europa vai oscilar com o peso de seus idosos. Sua população envelhecida experimentará então uma desaceleração econômica, prejudicada pela necessidade de financiar

as necessidades de saúde e pensões de seus cidadãos improdutivos; além disso, uma população tão envelhecida secará o dinamismo tecnoeconômico. Acrescente a isso a economia do Terceiro Mundo que vem com a imigração em massa descontrolada de populações não qualificadas.

Uma terceira linha dramática da catástrofe modernista: **caos no Sul Global**. Ao perseguir uma industrialização à custa de sua cultura tradicional, os países do Sul, apesar de seu crescimento enganoso e frágil, estão criando um caos social que só tende a piorar.

A quarta linha dramática da catástrofe, explicada recentemente por Jacques Attali,<sup>[123]</sup> é a ameaça de uma crise financeira mundial, que promete ser qualitativamente mais grave que a dos anos 1930, trazendo outra Depressão. Os colapsos do mercado de ações e das moedas, como a recessão do Leste Asiático no final da década de 1990, são sinais do que está por vir.

A quinta linha de convergência: **o surgimento de religiões fanáticas e fundamentalistas, especialmente o Islã**. O surgimento do Islã radical é uma repercussão do cosmopolitismo excessivo da modernidade, que impôs ao mundo inteiro seu modelo de individualismo ateu, seu culto à mercadoria, sua desespiritualização dos valores e sua ditadura do espetáculo. Diante dessa agressão, o Islã radicalizou-se, voltando à sua tradição de conquista e dominação.

A sexta linha da catástrofe: uma **Confronto Norte-Sul, destacando as diferenças étnico-teológicas**. Com aumento probabilidade, esse confronto substituirá o antigo conflito Leste-Oeste. Não sabemos a forma exata que este confronto terá, mas será muito grave, dado que o que está em jogo é muito maior do que o anterior, um tanto artificial conflito entre o capitalismo dos Estados Unidos e o comunismo soviético.

A sétima linha da catástrofe: **a poluição incontrolável do planeta**, que ameaça menos o planeta (que tem mais quatro bilhões de anos pela frente) do que a sobrevivência física da humanidade. O colapso ambiental é fruto do mito liberal-igualitário (assim como do soviético) do desenvolvimento econômico universal.

A isso provavelmente se deve acrescentar: a provável implosão da União Européia, que se torna cada vez mais ingovernável;

proliferação nuclear no Terceiro Mundo; e a probabilidade de guerra civil étnica na Europa.

A convergência desses fatores em nossa civilização global extremamente frágil sugere que o século XXI não testemunhará uma extensão progressiva do mundo de hoje, mas sim a insurgência de outro. Precisamos nos preparar para essas mudanças trágicas, lucidamente.

**(vercaos, interregno, modernidade)**

\* \* \*

## COSMOPOLITANISMO

A crença de que a mistura sistemática de culturas é preferível à identidade de cada cultura — a crença que vem do preconceito de que algum tipo de civilização mundial é necessário.

Etimologicamente, o cosmopolitismo é a constituição de uma 'cidade-mundo', em que todo habitante é cidadão, independentemente de sua origem. O cosmopolitismo é um pilar da ideologia ocidental dominante. O Islã explora o cosmopolitismo ocidental para se estabelecer na Europa, mas carece de ideais cosmopolitas, pois se esforça para ser culturalmente hegemônico e monopolista. O Islã é "universalista", mas não cosmopolita.

**O cosmopolitismo nada mais é do que um diferencialismo fracassado. Seu ideal de misturar culturas para criar uma única cultura mundial é essencialmente totalitário.** Com seu simulacro de heterogeneidade, espreita a vontade de uniformidade.

\*

A democracia grega clássica se opôs ferozmente ao cosmopolitismo, pois desde Péricles<sup>[124]</sup> baseava-se nos direitos de sangue e na homogeneidade étnico-cultural. Somente no século XVIII, com o Iluminismo, a democracia foi associada ao cosmopolitismo, esse mesmo cosmopolitismo que os gregos viam como fonte do caos político e, portanto, da tirania.

O principal argumento do cosmopolitismo é que "a mistura e mistura de culturas é um enriquecimento". Como exemplo, a Viena do século XIX e sua cultura florescente são frequentemente citadas. Isso, porém, é sofístico, pois o que aqui é considerado cosmopolita não era nada cosmopolita, pois Viena tratava apenas dos povos e culturas da Europa e, portanto, estava enraizada em seus substratos nativos.

O atual discurso europeu sobre o cosmopolitismo insiste numa necessária africanização, como se fosse uma dádiva de Deus.

Na realidade, a riqueza cultural da Europa pouco deve às contribuições extraeuropeias, apesar do que afirma a vulgata oficial. Hoje, o cosmopolitismo procura dissolver a originalidade e a especificidade europeias

em uma mistura de culturas mundiais. Não tem futuro. Nunca houve uma 'cultura mundial'.**A Europa é a única vítima da propaganda cosmopolita de um futuro “mundo misto”; em todos os outros lugares houve um reforço de blocos identitários e étnicos.**

(vermischigenção; pessoas; universalismo)

\* \* \*

## LUTA CULTURAL

A defesa e afirmação criativa das culturas europeias ameaçadas.

**A luta política é estéril sem uma luta cultural para apoiá-la, acompanhá-la e justificá-la.** Uma cultura dinâmica e identitária, sustentada por seu estoque biológico nativo, é essencial para a sobrevivência de um povo ou de uma civilização. Todos os movimentos políticos que negligenciam a luta cultural, todos os Estados que rejeitam uma política de identidade cultural, operam no vazio.

A luta cultural não se restringe à defesa do patrimônio, à manutenção da tradição ou ao diálogo com a memória histórica — é também **criativo**. Pois não basta denunciar a destruição da cultura europeia para salvá-la — precisamos de uma contra-ofensiva.

\*

Para tanto, a luta cultural precisa abordar: a americanização, a islamização, a africanização, assim como o neopráimitivismo atual da sociedade. A luta cultural é polimórfica, tanto defensiva quanto ofensiva. Envolve a escola, não menos que as artes plásticas, a música, o audiovisual, a língua, a literatura, etc. **rejeitam tanto o cosmopolitismo quanto o antiquário.** Com a atual censura e subversão, a luta cultural tem interesse no ataque e na imaginação, pois continua a transmitir a herança comum.

A luta cultural também resiste à **substituição de memória** (de que os europeus foram vítimas) e o esforço para tornar as culturas estrangeiras preferíveis à nossa cultura nativa; resiste a substituir o orgulho por culpa e arrependimento, e resiste a todos os esforços para tornar o etnopluralismo (que rebaixa o significado da cultura européia) hegemônico em todos os lugares.

Ao mesmo tempo, é preciso ter cuidado com os pseudo-identitários, os colaboradores secretos e mercenários do sistema, que professam incessantemente sua admiração por 'todas as culturas do mundo', mesmo aquelas que nos são hostis e buscam a destruição de nossa cultura.

**A luta cultural não implica defender todas as culturas, apenas a cultura europeia, que assume ser superior às outras culturas.**

(ver cultura, civilização; etnocentrismo; neo-primitivismo)

\* \* \*

## CULTURA, CIVILIZAÇÃO

A cultura é a bússola das mentalidades, tradições, costumes e valores de um povo. A civilização é a expressão material tangível da cultura, representando as realizações práticas da cultura.

Como etnia, um povo pode adotar superficialmente a civilização de outro grupo, mas nunca pode ser integrado à cultura, pois esta se baseia, em última análise, em uma disposição hereditária ou biológica.

**Uma civilização cresce a partir do estoque mental e espiritual de uma cultura, cuja disposição étnica é em grande parte herdada.** A língua é um atributo da civilização, mas não da cultura, exceto na medida em que uma população aculturada pode adotar a civilização e a língua de outro povo, reconstruindo-a de forma etnizada e, portanto, desviante (negros francófonos ou americanos, por exemplo).**A cultura é a base das civilizações, mas a cultura também assenta na capacidade genética de um povo — isto é, nos seus substratos bioantropológicos, nas suas alemão.** A civilização é o aspecto material, exterior ou projeção de uma cultura. Ao contrário das ilusões dos filósofos marxistas e liberais, a cultura não é uma espécie de superestrutura produzida por uma dada condição tecnoeconômica, mas sim a infraestrutura mental que determina as formas sociais e econômicas.

\*

Como parte integrante da natureza fisiológica do homem, a cultura é a 'grade' sobre a qual o homem interpreta o mundo em termos de sua hereditariedade e ambiente. O Ocidente tentou se impor como uma 'civilização mundial' homogeneizadora, fundada no materialismo econômico, na democracia plutocrática e no humanitarismo igualitário dos direitos humanos. Mas falhou. O renascimento do Islã e de várias outras etnosferas (Índia, África Negra, China, América Latina...) demonstra que **a pluralidade das civilizações, produzidas por raças e culturas distintas, assim como os conflitos que as dividem, são intrínsecos à humanidade.**

O século XXI anuncia um **choque de civilizações**—não o advento de uma civilização humana e unificada, como acreditam os modernistas.

**A 'civilização ocidental' não é realmente uma civilização, mas sim um modo de vida técnico, sem profundidade**, baseado exclusivamente em uma domesticação quase pavloviana de hábitos materiais; e, como tal, é efémero, pois não assenta em nenhuma memória, nenhuma tradição, nenhuma substância cultural, mas sim em modos tão fugazes como uma nuvem cumulonimbus,<sup>[125]</sup> — nas formas mais superficiais de condicionamento.

O Islã denuncia a civilização ocidental, como anteriormente denunciou o comunismo, e por boas razões. Mas o que ela propõe em seu lugar é algo ainda pior: outra forma de totalitarismo. Acima de tudo, seu projeto civilizatório é totalmente incompatível com a cultura européia, pois se fundamenta na noção de submissão absoluta e carece, consequentemente, de um acordo orgânico e harmonioso entre liberdade e ordem.

**Hoje, os dois principais adversários da cultura e civilização europeias são a civilização americana-ocidental e a civilização islâmica.**

\*

Nada é adquirido permanentemente. Tudo pode ser perdido. Um povo pode ver morrer a sua cultura, quer pela modificação dos seus substratos étnicos (colonização), quer pela perda da sua substância interior, quer pela decadência. Este último é explicável apenas em termos do declínio psicobiológico de sua força vital. Os povos europeus estão hoje ameaçados pelo esgotamento da sua identidade e vigor cultural (pelo cosmopolitismo, pela africanização, pela islamização e pela transformação da sua cultura num resquício folclórico), mas a principal causa do seu declínio reside neles próprios e não nas agressões que assaltam eles. No abandono, raramente se é um inocente e quase sempre uma vítima consentida.

(ver **decadência; deculturação; alemão; oeste**)

D

## DECADÊNCIA

O enfraquecimento de um povo ou civilização decorrente de causas internas que o levam a perder sua identidade e criatividade.

As causas da decadência costumam ser as mesmas ao longo da história: o individualismo e o hedonismo excessivos, o abrandamento dos costumes, o egoísmo social, a desvirilização, o desprezo pelos valores heróicos, a intelectualização das elites, o declínio da educação popular, o abandono ou afastamento da espiritualidade e o sagrado, etc.

Outras causas: modificação dos substratos étnicos, decadência das aristocracias naturais, perda da memória histórica e esquecimento dos valores primordiais. A decadência ocorre sempre que a preocupação com a comunidade de pessoas na história desaparece, sempre que as linhas comunais de solidariedade e linhagem diminuem. Pode-se dizer, com efeito, que a decadência ocorre sempre que se combinam sintomas aparentemente contrários: o **intelectualização excessiva das elites**, cada vez mais afastados da realidade, e a **primitização do povo**. *Panem et circenses*. . .<sup>[126]</sup>

A Europa hoje conhece tal situação. Na maioria das vezes, a decadência não é vista como tal e, portanto, negada. Aqueles que o denunciam são estigmatizados como profetas da desgraça. **Os períodos de decadência às vezes assumem inicialmente a aparência de um renascimento.** Tais períodos procuram evocar o real, ocultando seus sintomas negativos para tranquilizar a todos.

Nenhuma decadência é irreversível. Faríamos bem em cultivar o pensamento de Nietzsche trágico otimismo.

(ver **desvirilização; individualismo; neo-primitivismo**)

\* \* \*

## DECULTURAÇÃO

A perda da memória e das referências culturais.

Existem várias formas de deculturação: primeiro, há o modelo americano-ocidental que aflige a Europa (muito mais severamente do que as culturas africana, árabe-muçulmana, chinesa, indiana, etc.); depois há a deculturação que vem da nossa colonização islâmica. Esses dois tipos de deculturação podem ser combinados, como **no afro-americanização** da juventude atual (rap, raï, hip-hop, etc.).

**Precisamos abandonar o mito de que a juventude imigrante, os 'Beurs-Blacks', são vítimas da deculturação.** Pelo contrário: como a mentalidade de outros colonizadores, eles desenvolveram uma contracultura identitária (música, língua, vestuário, etc.), que é ao mesmo tempo afro-árabe e americana — e, como tal, se opõe radicalmente à cultura francesa e europeia. **juventude francesa**, em contraste, que adotam a contracultura Beur-Black por imitação ou etnomasoquismo, são **as verdadeiras vítimas da deculturação**.

A ideologia dominante contribui deliberadamente para a atual deculturação, para a deseuropeização da juventude, porque quer separar a juventude das suas raízes e fazer com que perca a sua identidade, o que é considerado perigoso. O analfabetismo, o abandono do estudo da história e o humanismo clássico são exemplos bem conhecidos. A atual deculturação da juventude européia é perseguida não em prol de uma cultura superior e mais elaborada (como foi o caso quando as populações primitivas encontraram a cultura superior da Europa no século XIX), mas em prol da **uma cultura inferior, massificada e neoprimitiva**: que de **zapping**, videogames, tom-tom, pop art degenerada (o oposto de 'arte popular'), etc.

A luta contra a deculturação não é apenas uma questão de reenraizamento ou ensino de história, mas também de criação e imaginação identitárias.

(ver **cultura**)

\* \* \*



## DEMOCRACIA, DEMOCRATISMO, DEMOCRACIA ORGÂNICA

Um sistema político no qual o povo é soberano e governado por seus representantes eleitos.

Etimologicamente, a democracia, tal como aparecia em Atenas, era o "poder do *demos*", unidades administrativas nas quais apenas membros da *demos* (cidadãos livres) eram elegíveis para votar e ocupar cargos, ao contrário dos *metics* (*métoikoi*, 'estranhos'). A democracia era diferente da tirania ou da oligarquia. Originalmente, era parte constitutiva da tradição européia (helênica, germânica, escandinava, celta), ao contrário dos sistemas políticos orientais baseados no despotismo.

Reaparecendo com o Iluminismo do século XVIII, a democracia desde então foi amplamente corrompida - não apenas nas "democracias populares" do comunismo soviético - mas também nas atuais democracias ocidentais. **O democratismo é hoje um dogma mundial, mas é uma falsa democracia, pois negligencia os interesses do povo. As democracias ocidentais são, na verdade, oligarquias que escondem sua traição à tradição helênica-germânica da democracia.**

O que há de errado com a democracia ocidental, e especialmente francesa?

Em primeiro lugar, foi transformado em **um plutocracia** ('poder da riqueza'), em que o acesso ao poder e seu exercício são condicionados pelo dinheiro. Em segundo lugar, é dominado por uma classe política que foi institucionalizada como uma casta carreirista amplamente corrupta. Em terceiro lugar, o poder real não é exercido pelos chamados representantes do povo, mas por tecnocratas não eleitos (a nível nacional e europeu) e por decisores financeiros e económicos, grupos de pressão e organizações corporativas e minoritárias. O povo perdeu o controle de seu destino e um totalitarismo disfarçado passou a controlá-lo: sob a forma de uma falsa pluralidade, **a esquerda e a direita parlamentares funcionam quase como um único partido**, lidando com questões apenas se elas forem politicamente corretas. Ou seja, apenas se servirem aos interesses da oligarquia e da ideologia dominante.

O democratismo está se tornando ainda mais virulento porque a verdadeira democracia foi eliminada pelo sistema. O sistema, de fato, recusa a democracia real, pois com ela o povo pode expressar opiniões perigosas ou moralmente condenáveis. **O democratismo viola abertamente a democracia real e acusa os verdadeiros democratas de serem 'populistas'**, qual

recebeu uma conotação pejorativa. A recusa de realizar referendos sobre a pena de morte ou imigração; os ataques incessantes ao modelo suíço de democracia cantonal direta em que as naturalizações são submetidas ao voto popular; a demonização e exclusão ilegal da Áustria da União Européia depois que o FPÖ de Haider, um partido com mandato democrático, embora supostamente um da 'extrema direita', foi admitido no governo; a presunção do sistema de que os partidos 'nacionalistas', embora legal e democraticamente representados, são ilegítimos; indiferença do estado ao influxo maciço de estrangeiros (em toda parte opostos entre a população) e desprezo pelas demandas de 'lei e ordem' das classes populares - tudo isso sugere que a ideologia dominante pode ser**democrata, mas dificilmente é democrático**. Embora o princípio da democracia seja sempre reconhecido no discurso, não o é na prática. A democracia, como tal, é aceitável apenas como simulação.

Na Europa Ocidental, a melhor ilustração da ausência de democracia é o facto de os poderes estabelecidos favorecerem objectivamente a nossa substituição por colonizadores islâmicos não europeus, sem nunca terem consultado os europeus nativos.**A destruição do povo, seu etnocídio, é de fato programada pela atual pseudodemocracia**. Isso o torna completamente antidemocrático, pois destrói o que precisa ser conservado. Além disso, está sempre ligado **questões de importância secundária**que o povo ou seus representantes sejam consultados. Questões importantes são resolvidas em outro lugar. O Conselho Constitucional da França é o próprio emblema de nossas instituições antidemocráticas: sendo uma assembleia de notáveis, nomeados, não eleitos, que têm o poder de julgar a constitucionalidade das leis votadas pelo povo, fazendo-o em nome dos chamados princípios constitucionais que são, na realidade, puramente ideológicas.

\*

Devemos ser antidemocráticos? Não, devemos, em vez disso, reviver o **democracia orgânica** profundamente enraizado na tradição europeia. Tal democracia, como defendiam os antigos filósofos políticos atenienses, é **possível apenas entre pessoas etnicamente homogêneas**.

A noção de permitir que estrangeiros votem nega a própria ideia de nação e democracia. A participação de todos no exercício do poder, nas decisões políticas que afetam o todo, só é possível dentro de um conjunto humano que possua os mesmos valores, memórias e cultura. **Uma sociedade multiracial e multiconfessional não pode, em caso algum, ser democrática**, uma vez que carece de referências comumente compartilhadas. Tal sociedade seria endemicamente opressiva e culminaria em um sistema de castas.

**A democracia orgânica, ao contrário, abraça o princípio da aristocracia.** Ou seja, 'a seleção dos melhores para governar'.

**A democracia orgânica pressupõe, assim, uma meritocracia**, não uma plutocracia, como temos hoje. Também é necessário entender que a forma de governo não é tão importante. A oposição entre uma monarquia hereditária e uma república é principalmente uma questão de semântica. A existência de um rei hereditário, de uma família real, contribuiria para assegurar a continuidade, a proteção tutelar e a perspetiva espiritual da vontade do povo. Mas esta é uma questão que só a história decidirá, pois uma 'família governante' nem sempre é necessária para assegurar a continuidade espiritual e histórica de um povo.

\*

**A democracia orgânica não é igualitária.** Ela precisa de líderes, aqueles que servem ao povo, não a si mesmos. Na tradição oriental, que hoje nos contaminou, as elites governantes servem aos seus próprios interesses, à sua própria vaidade, às suas sinecuras. Na tradição européia, o líder, o rei, o imperador, as elites serviam ao seu povo, fazendo parte dele, como o cérebro faz parte do corpo. Daí seu caráter 'orgânico'.

A democracia orgânica, finalmente, não considera apenas os interesses imediatos, mas o destino histórico do povo, levando em conta sua memória e suas gerações futuras, respeitando os imperativos de soberania e independência, e acreditando na longevidade de seu coletivo, biológico e identidade cultural.

\*

Em uma palavra, a democracia orgânica é fundada nas seguintes noções, ostensivamente contraditórias, mas na verdade complementares:  
**homogeneidade étnica, primazia da vontade popular, seleção aristocrática e meritocrática e destino histórico.**

(ver aristocracia; nascido líder; meritocracia; populismo)

\* \* \*

## DESIGNAÇÃO DO 'INIMIGO' E DO 'AMIGO', 'INIMIGO' E 'ADVERSÁRIO'

O inimigo é aquele que fisicamente representa um perigo, que se esforça para eliminá-lo fazendo-o desaparecer; o adversário domina e enfraquece você.

É totalmente errôneo designar uma entidade abstrata, uma doutrina ou um sistema (como o liberalismo ou o socialismo) como um inimigo, mesmo que se pense que deve ser combatido. **O inimigo é alguém**. Carl Schmitt<sup>[127]</sup> disse do inimigo que ele é "a forma ou configuração de nossa própria questão".

<sup>[128]</sup> Também: 'Ai daquele que não tem inimigo, pois eu mesmo serei seu inimigo no Dia do Juízo'.<sup>[129]</sup> Quem, com efeito, não tem inimigos e não vê perigos estará sempre indefeso perante um inimigo cínico: como acontece hoje, no confronto dos europeus com os seus colonizadores do Terceiro Mundo.

**O principal inimigo da Europa atualmente é o estrangeiro, as massas de imigrantes colonizadores e o Islã. Seu principal adversário é a América**, que se alia ao Islã para enfraquecer e dominar a Europa.

Em oposição ao liberalismo, que entende a essência da política como mera gestão do Estado, Carl Schmitt a define em termos de 'designar o inimigo': uma definição que é verdadeira, mas insuficiente. **O político também implica designar o amigo**, isto é, designando aliados, mas ainda mais, designando seus correligionários, camaradas e irmãos étnicos, aqueles que possuem os mesmos interesses, as mesmas origens e os mesmos valores.

**Civilizações decadentes designam seus amigos como inimigos e seus inimigos como amigos.** É assim que as elites governantes da Europa demonizam e ostracizam como 'fascistas' quem se opõe aos colonizadores étnicos alienígenas, mesmo que esses supostos 'fascistas' defendam a identidade e a sobrevivência de seu povo. Da mesma forma, as elites se designam como amigas e protegem as massas alienígenas que a colonizam.

\*

Um exemplo impressionante, mas esclarecedor:**Árabes e muçulmanos poderiam ser nossos aliados geopolíticos e culturais se permanecessem em suas próprias terras, mas uma vez instalados na Europa são nossos inimigos.**

A América, da mesma forma, é um**adversário**, embora não seja intrínseca e eternamente assim. O adversário procura enfraquecer e dominar, mas não colonizar e aniquilar fisicamente. É por isso que os intelectuais que designam a América como o "principal inimigo" cometem o mais grosseiro dos erros lógicos.

(ver **etnomasochismo; xenofilia**)

\* \* \*

## DESTINO, TORNANDO-SE

O caminho de um povo na história ou de uma personalidade criativa, determinado pela Providência, vontade e capacidade.

O destino é a centelha que existe dentro de um povo (ou de um indivíduo excepcional), ou seja, é uma projeção de si mesmo no futuro, assim como um pacto invisível com um poder transcendente e uma luta contra os acasos do tempo.

Apenas povos longevos e grandes personalidades criativas têm um destino. É o *fatum* dos romanos e dos *moírados* gregos, essa força desconhecida, mas muito real, que dobra as costas dos próprios deuses. O destino é a luz sombria que permitiu a Ulisses encontrar o caminho de volta para Ítaca e Penélope, Agamenon para conquistar Tróia, Rômulo para fundar Roma, Carlos, o Martelo, para derrotar Abd-el-Rahman. A fúria do destino foi abraçada por Buda, Confúcio, Cristo, Maomé e muitos outros.

O mistério do destino é ao mesmo tempo biológico e espiritual, reúne perigo e vontade de poder na mesma concentração de força. Mas o destino não é casual ou aleatório; **uma boa parte dela é voluntária**. Não basta apenas 'ser', é preciso também 'tornar-se'. Como Robert Steuckers coloca, **a identidade é inconcebível sem continuidade** e o último deve ser desejado. Dito de outra forma: na tradição européia, o destino não é passivo, mas ativo. É uma resposta a um apelo, uma **resposta positiva a uma predestinação**, um chamado ao divino. Pois "aquele que tem um destino está possuído", como disse Shakespeare; aquele que possui um destino, pode-se acrescentar, responde a forças interiores que o possuem e o chamam para agir. Um povo inconsciente de seu destino é um povo destinado a desaparecer.

(ver **história; pessoas, vida longa**)

\* \* \*

## DESVIRILIZAÇÃO

O declínio dos valores de coragem e virilidade em prol de valores feministas, xenófilos, homófilos e humanitários.

A ideologia ocidental dominante fomenta essa desvirilização dos europeus, embora não afete os colonizadores estrangeiros. A homofilia, como a moda feminista da falsa libertação, a rejeição ideológica das famílias numerosas em prol do casal nuclear instável, a natalidade em declínio, a preferência dos fotógrafos pelo africano e o árabe, a justificação constante da miscigenação, a difamação dos valores guerreiros, o ódio a toda estética poderosa e contundente, assim como a imperiosa falta de coragem — são algumas das características presentes dessa desvirilização.

Confrontado com a virilidade conquistadora do Islã, o europeu sente-se **moralmente desarmado e confuso**. A concepção predominante do mundo – seja ela do Legislativo, da educação pública, da Igreja ou da mídia – é empregada para estigmatizar toda noção de virilidade, que está associada à “brutalidade fascista”. A desvirilização tornou-se um sinal de civilização, de costumes refinados, o discurso paradoxal de uma sociedade, metade da qual se afunda na violência e no primitivismo.

A desvirilização está ligada ao individualismo narcísico e à perda da identidade comunitária, qual paralisa toda reação às investidas dos **imigrantes colonizadores e do partido da colaboração**. Isso também explica a fraca repressão da delinquência imigrante, a ausência de solidariedade étnica européia e os "medos" patológicos que assombram os europeus.

Em nenhum caso a noção de 'virilidade' deve ser confundida com 'machismo' ou com a estúpida exigência de algum tipo de 'privilégio social masculino'. Há mulheres cujo comportamento cotidiano é mais 'viril' do que muitos homens. A **virilidade de um povo é condição para sua manutenção na história**.

(ver **etnomasoquismo; homofilia; xenofilia**)

\* \* \*



## DISCIPLINA

A regulação e adaptação positiva do comportamento por meio de sanção, recompensa e exercício.

A disciplina é a base de toda educação e de toda civilização. As teorias "pedagógicas" permissivas não podem deixar de levar à **falha na transmissão do conhecimento**, como é tão evidente hoje.

A crença de que "a autodisciplina é possível para todos" é uma perversão trágica do individualismo aristocrático. Somente seres superiores são capazes de autodisciplina, não o homem comum. Mas, contra o senso comum e as evidências esmagadoras, a ideologia igualitária se recusa a reconhecer que existem diferenças entre aqueles capazes de autodisciplina e aqueles que não são.

A recusa em aceitar disciplinas legalmente estabelecidas conduz à opressão mais selvagem, a uma lei da selva. A ideologia igualitária associa a disciplina e a ordem aos seus excessos, ou seja, à ditadura arbitrária. Mas exatamente o contrário é o caso, pois a **liberdade e a justiça são fundadas em uma rigorosa disciplina social**. O antropólogo Arnold Gehlen, como o etólogo Konrad Lorenz, demonstrou que o homem, por sua própria natureza biológica, é "um ser de cultura" (*Kulturwesen*), ou seja, 'um ser de disciplina' ( *Zuchtwesen*). É óbvio que os chamados defensores da liberdade (na verdade, licença) desafiam as disciplinas sociais em nome da liberdade e do estado de direito, mas o modelo social e político que eles defendem tem o efeito de destruir toda liberdade, toda lei, toda justiça social.: como visto na disseminação da delinquência e insegurança, o colapso da educação pública e igualdade de oportunidades, a tolerância de delinquentes e gangsters, privilégios para grupos de pressão influentes ou violentos, etc. — tudo isso ocorre à custa da segurança do cidadão. **Não devemos ter medo de dizer que toda sociedade que se recusa a manter a lei e a ordem, ou seja, a disciplina coletiva, está pronta para a tirania e a perda das liberdades públicas.**

\*

A impostura judicial da ideologia dominante procura fazer crer que a ausência de disciplina social é garantia de liberdades públicas, na medida em que afasta o espectro de um 'estado policial'. Mas exatamente o oposto é verdadeiro.**A ideologia da licenciosidade é a base do despotismo contemporâneo.**A maior das imposturas do liberalismo tem sidoconfundir indisciplina com liberdade e liberdade com anarquia.

As sociedades antidisciplinares de hoje dificilmente estão isentas de repressão e outras formas mais encobertas de totalitarismo. A repressão apenas mudou seu objeto e natureza. Os rigores da lei, fiscal e punitivamente, recaem agora sobre o 'cidadão transparente', mas o número de zonas proibidas continua a aumentar, assim como a delinquência e outras atividades criminosas são cada vez mais toleradas. De fato, todos os tipos de delinquências violentas cresceram. O 'discurso de ódio' (ou seja, discurso identitário) ou 'homofobia' é estritamente reprimido, como exige a polícia do pensamento, mas as drogas são descriminalizadas, o limiar da delinquência urbana é elevado, o secularismo é violado em favor do Islã, terroristas e manifestantes urbanos são apaziguados, etc.

Estes são os sinais de uma sociedade cujos valores fundamentais se tornaramsuicida—uma sociedade que reprime e censura tudo o que é vital e encoraja tudo o que é cultural e biologicamente patológico.

(ver **ordem; personalidade**)

\* \* \*

## DESINSTALAÇÃO

A tendência tipicamente européia de se abstrair de sua própria estrutura sem negar suas tradições - fazendo isso por curiosidade, conquista e aventura.

'Desinstalação' (*desinstalação*), este neologismo cunhado por Robert Steuckers, não é uma forma de desenraizamento nem de nomadismo. Motivou a era colonial da Europa, mas acabou se voltando contra a Europa: o espírito de desinstalação precisa ser reorientado hoje. Um bom exemplo disso é a conquista do espaço, cuja inspiração é puramente europeia.

**O espírito burguês é simultaneamente cosmopolita e 'instalado', enquanto o espírito aristocrático é tanto enraizado quanto desinstalado.** A desinstalação é uma marca faustiana e prometeica da cultura europeia. Conquistas, descobertas científicas e explorações são exemplos de desinstalação. Por atavismo, a maioria das outras culturas vive um enraizamento estático, enquanto o enraizamento europeu sempre foi dinâmico, desinstalado e acostumado com a ideia de **movimento**.

(ver **enraizamento; prometeico**)

\* \* \*

## DOMESTICAÇÃO

Submissão mental e comportamental a um sistema social e ideológico, acompanhada por uma perda de vontade e bom senso, e uma dependência física das condições materiais.

Este termo foi originalmente usado em referência aos animais domésticos — incapazes de autonomia e inteiramente condicionados pelo homem. De acordo com os etólogos, o homem é "autodomesticado" na medida em que seu comportamento está subordinado à cultura e não a seus impulsos. Para nós, porém, "domesticação" tem um sentido ligeiramente diferente,**designando aquela situação em que a passividade e a dependência do homem ocidental o tornam incapaz de reagir ao sistema, por mais nocivo que ele se torne.**

\*

Seus sintomas são inúmeros: suscetibilidade ao condicionamento ideológico (áudio/visual, escolar, profissional, etc.), dependência de modos de vida consumistas, perda da autonomia de julgamento em relação à propaganda e à culpabilidade, banimento de toda espiritualidade (substituída pela mídia gnose), etc. O homem domesticado é um conformista, não se revolta, nunca resiste, mesmo quando se entrega ao simulacro da emancipação e da originalidade. Por uma questão de recompensas sociais, ele segue cegamente seus muitos preconceitos inculcados. Ele vê a catástrofe global provocada pela colonização imigrante, mas não ousa se rebelar e se refugia na fuga. Ele é o perpétuo *vítima da moda*. Acima de tudo, ele não quer se sentir 'Outro', independente, pois isso significaria *sendo excluído*(o grande terror contemporâneo). O sistema fornece sua comida de cachorro, sua subsistência mínima, uma ninharia financeira - em troca ele abdica de qualquer espírito crítico que possa tocá-lo. O homem domesticado está profundamente ligado às estruturas sociais que o condicionam, desprovido de todo espírito revolucionário e visão histórica. Esteja no topo ou na base da escala social, ele é **um tipo humano incapaz de autonomia, o cidadão modelo de nossa era neototalitária, a figura moderna do escravo.**

O paradoxo do homem domesticado é que ele foi levado a se sentir um "indivíduo"; e, de fato, o individualismo narcísico tornou-se seu único horizonte. Ele é um pouco como o porco criado artificialmente que é alimentado à força em sua gaiola apertada. **O individualismo dessa criatura domesticada, porém, na verdade esconde sua submissão à moral do rebanho.**

Quantos intelectuais, artistas e filósofos brilhantes, à direita e à esquerda, foram domesticados (isto é, esterilizados pela ideologia dominante e pelo medo de desagradá-la), postos em posição de sentido, para dissipar seu talento e agir *comocções de guarda amordaçados*? Que preço terrível a pagar por renunciar a si mesmo e sabotar o próprio talento.

Infelizmente, esse tipo de ser humano tornou-se o tipo dominante. Em caso de choque, crise grave ou falha do sistema, o modelo que ele representa simplesmente ruirá — e então ele terá que contar com aquelas minorias que, em todas as sociedades, nunca são domesticadas.

Deve-se considerar também os **falsos resistentes**—aqueles que 'resistem', em particular, em palavras, mas de quem nada de importante se segue. O sistema já pegou eles, esses domésticos. Eles podem acomodar qualquer coisa, desde que sejam alimentados. Mas eles não são importantes. O melhor caso contra a domesticação é encontrado na fábula de La Fontaine de 'Le Chien et le loup' ('O Cão e o Lobo').<sup>[130]</sup>

(verburguesismo; desvirilização)

E

## ECOLOGIA, ECOLOGISMO, PRODUTIVISMO ECOLÓGICO

Ecologia é a ciência do meio ambiente natural e a preocupação em preservá-lo para o bem das sociedades humanas. O ecologismo é uma doutrina política que, em nome da ecologia, persegue objetivos bem diferentes.

A palavra vem do grego *oikos*, significa 'casa', 'habitat'. O imperativo ecológico é fundamental, mas não tanto para preservar Gaïa,<sup>[131]</sup> o Planeta Azul (que ainda tem quatro bilhões de anos pela frente), mas para evitar que a raça humana se destrua poluindo sua biosfera, o habitat em que vive. Não é a natureza 'em si', esse nebuloso conceito metafísico (sem nada a temer do homem) que precisa ser protegido, mas os habitats de nossa espécie.

Historicamente, os humanos, especialmente os europeus, têm buscado dominar e domesticar a natureza — ou seja, o ecossistema da Terra. Mas um bom jardineiro, mesmo quando estimulado pelo orgulho ou pela ganância, não faz o que quer. O provérbio *imperat naturam nisi parendo*<sup>[132]</sup> é bem conhecido. O aquecimento do planeta e as catástrofes que ele prepara já manifestam seus efeitos nefastos. Isso é o que vem de não seguir o antigo preceito latino. **No nível planetário, os cataclismos ecológicos são praticamente inevitáveis no início do século XXI — uma das linhas na próxima convergência de catástrofes.**

É provável que ocorram rupturas ecológicas nos seguintes domínios: aumento das temperaturas, desertificação, desflorestação, esgotamento das reservas pesqueiras e agrícolas, propagação de doenças virais, poluição dos mares e das fontes de água doce, etc. todos os outros e agrava sua gravidade.

**Quanto ao ecologismo, é uma pseudo-ecologia.** É uma fachada para esconder a agenda cosmopolita do trotskismo. Os Verdes se opõem à energia nuclear, que é a menos perigosa e menos poluente das fontes de energia. Na França e na Alemanha, suas políticas favorecem objetivamente o lobby do petróleo. Sua principal preocupação é o repovoamento da Europa pelo Terceiro Mundo. Esses ecologistas não passam de impostores.

**A ecologia também precisa incluir a biopolítica,** política social e demografia. Uma verdadeira 'sociedade ecológica' obedeceria a princípios relacionados

à manutenção dos equilíbrios naturais, da homogeneidade étnico-cultural da população, bem como da sua saúde pública.

**Mas como conciliar a ecologia com as exigências do poder econômico e industrial, principalmente na Europa?** Esta é a questão central. Sem produtivismo não há independência militar, não há criatividade industrial, não há dinamismo. O antiprodotivismo, negam-se os fundamentalistas ecológicos, é um apêndice do capital especulativo, porque desfavorece o mercado de trabalho nacional (sob a forma de terceirização, financeirização etc.) custas de nossos próprios produtores e empresários.**Há, porém, um produtivismo ecológico.**

Quem realmente se preocupa com a ecologia não pergunta: 'Como é possível produzir menos para poluir menos?', mas sim: 'Como é possível produzir melhor poluindo menos?' A resposta envolve tanto uma ruptura com o modelo planetário unificado de 'desenvolvimento'**um arqueofuturista se voltar para uma economia de 'dois níveis'.**

O poder econômico europeu é perfeitamente compatível com o ambientalismo. Com a condição de que haja uma vontade política que reconheça a importância da energia electronuclear (a fonte de energia menos poluente), que esta abandone progressivamente a economia petrolífera, utilize comboios às cavalitas, electrifique automóveis, introduza canais e outros meios de transporte pouco poluentes . Utopia? Sim, no quadro actual, que carece de tal vontade. Não, no âmbito de um projeto revolucionário, que pode vir depois da pós-catástrofe, do pós-caos.**Trata-se de substituir uma 'economia de poder'**<sup>[133]</sup>

para uma "economia de mercado".

(ver **convergência de catástrofes; economia, orgânica; economia, dois níveis**)

\* \* \*

## ECONOMISMO

A redução dos objetivos sociais e políticos à sua dimensão econômica, característica das ideologias ocidentais.

O economicismo é um desdobramento das doutrinas liberais clássicas dos séculos XVII e XVIII e foi posteriormente estendido às doutrinas socialistas de inspiração marxista. Seu objetivo central é uma política de 'desenvolvimento econômico', produção quantitativa, perseguida sem levar em conta os imperativos culturais, ecológicos, étnicos, etc. Reduz a felicidade humana a uma questão de padrões de vida; persegue o "crescimento" econômico em prol de interesses de curto prazo; e negligencia, entre muitas outras coisas, as condições necessárias para a renovação demográfica. Ele acredita que a saúde de um país é medida apenas por seu desempenho econômico. De uma perspectiva de longo prazo,**na verdade, o economicismo enfraquece o poder econômico**, porque ignora as forças externas que o afetam: como independência política, disponibilidade de recursos, taxa de natalidade, etc.

Do ponto de vista do economicismo, a história é explicável apenas em termos de fatores econômicos, que são vistos como facetas da infraestrutura de uma civilização, enquanto fatores culturais, demográficos e outros são ignorados ou tratados como secundários.

(versociedade, mercado)

\* \* \*

## ECONOMIA ORGÂNICA

Um modelo econômico de 'terceira via', que não segue o caminho nem do capitalismo liberal nem do socialismo estatista.

Uma economia orgânica nasce do preceito de que a economia deve funcionar como um organismo vivo, hierárquico e harmonioso, subordinado ao político, e não a um mecanismo frio e sem vida animado por dogmas socialistas ou pela lógica capitalista do lucro a curto prazo. Uma economia orgânica colocaria as finanças a serviço da produção e a produção a serviço do povo. Seria *organicamente integrar* o dinamismo empresarial, a justiça social, mas também os imperativos étnicos, culturais e ecológicos de forma quase biológica, procurando conciliar o melhor do mercado liberal com a economia planificada.

As principais características de uma economia orgânica seriam:

1. **Recuse a ideologia de livre comércio do globalismo** em favor do *autarquia dos grandes espaços*, ou seja, ele **centra a economia dentro de uma região civilizacional designada**, sem abolir o comércio mundial e as trocas financeiras internacionais, mas ao mesmo tempo garantir que o comércio exterior seja normalizado, limitado e sujeito a cotas e outras restrições.
2. **Recuse o socialismo estatista**, fiscalismo paralisante, obesidade administrativa e privilégio de um mercado competitivo livre dentro de um mercado autocentrado, protegido e regulado.
3. **regionalizar** produção e intercâmbio na Europa.
4. **Respeite os imperativos ecológicos**, que devem ser entendidos como sendo mais importantes do que os lucros de curto prazo.
5. Invista em **grandes obras públicas**.
6. **Coordenar o planejamento e o mercado**.
7. Abster-se de intervir na economia, exceto em um **político** maneira — estabelecer as normas fundamentais da economia e considerar suas necessidades gerais, mas não ditar administrativamente seus detalhes.

8. Abandone a progressiva direta **impostos** para deduzir uma pequena porcentagem de cada fonte de renda, seja ela qual for, para aliviar o peso das forças vitais da sociedade e melhorar sua produção global.
9. Permita que o estado, não os perigos do mercado, faça **política monetária**, ao contrário das atuais forças que afetam o euro.
10. Obrigar quem **recebe benefícios de desemprego** trabalhar para o bem do coletivo ou aceitar qualquer alternativa de emprego que seja proposta.
11. **Restringir o emprego de estrangeiros** negar-lhes o bem-estar.
12. Procurar, de forma mais geral, erradicar a pobreza e a miséria sem recorrer a métodos burocráticos centralizados e socialistas que falharam totalmente, e adoptar uma política de assistência social, assumida a nível local e regional, para os cidadãos carenciados.

Uma economia orgânica é imaginável apenas dentro de um **mercado europeu protegido**. Seria, como tal, recusar tanto a globalização imprudente quanto um socialismo estatista e taxativo, ao mesmo tempo em que aceitaria o mercado sempre que seus padrões fossem estabelecidos pela autoridade soberana. Também subordinaria as finanças à produção e a produção ao político, ao passo que hoje ocorre exatamente o contrário. Da mesma forma, subordinaria a moeda a imperativos políticos, não aos perigos dos mercados especulativos, como ocorre com o euro.

A economia orgânica é uma doutrina de temperança. Trata a economia como a "terceira função", subordinando-a à política e, assim, libertando-a tanto do estatismo quanto da anarquia de mercado. A economia orgânica concilia o dinamismo e a sinergia de todas as funções sociais, de modo que uma função não seja prejudicada por outra.

Paradoxalmente, os Estados Unidos, onde o Estado está dotado de uma forte vontade política de pilotar uma economia privada livre e dinâmica, está mais próximo de uma economia orgânica do que a Europa.

(ver **autarquia de grandes espaços; economia, dois níveis**)

\* \* \*

## ECONOMIA, DOIS NÍVEIS

A eventual organização da economia mundial em dois sistemas paralelos, um dos quais assumirá a forma de economia não industrial e neotradicionalista, enquanto o outro retém aspectos da atual economia tecnocientífica.

Somente tal sistema pode preservar o ecossistema e evitar a iminente catástrofe econômica mundial, especialmente devido à rápida industrialização da Ásia. Há, no entanto, poucas chances de se instaurar tal sistema, uma vez que colidiria com o dogma inviolável do 'desenvolvimento'. É provável, porém, que a **alternativa revolucionária de uma economia de dois níveis será imposta pelas catástrofes econômicas e ecológicas do início do século XXI.**

Uma economia de dois níveis pressupõe que a maior parte da humanidade retornará a uma economia de subsistência com baixas necessidades de energia, enquanto a economia tecnológica continua dentro de certas zonas restritas. Essas duas economias coabitariam dentro de um único país. Tal modelo, no entanto, é uma espécie de 'aposta', impensável na situação atual — baseado, como está, na hipótese da inviabilidade a médio prazo da atual economia mundial e seu eventual término em uma crise catastrófica.

(Um tratamento mais extenso desse conceito é desenvolvido em meu *arqueofuturismo*.)

\* \* \*

## IGALITARIANISMO

Esse dogma central das ideologias ocidentais decorre de uma secularização das afirmações judaico-cristãs de que todos os homens são essencialmente iguais, átomos de equivalência moral, política e social – e que a igualdade precisa ser realizada de fato.

**O igualitarismo é a raiz principal da ideologia dominante.** É a fonte de todos os totalitarismos modernos, bem como da decadência das sociedades ditas liberais e democráticas. Baseia-se numa recusa patológica de aceitar a natureza desigualitária das sociedades humanas — ou seja, é uma revolta utópica contra a própria vida. **O igualitarismo deriva do individualismo judaico-cristão—ou, dito mais exatamente, é uma perversão e secularização desse individualismo.** Não devemos esquecer, porém, que o vírus igualitário também se encontra nas concepções não-cristãs do mundo e que o cristianismo medieval soube se proteger dele.

O judaico-cristianismo pressupõe que os homens como indivíduos são iguais perante Deus, que esta igualdade é superior às suas diferenças, às desigualdades objetivas e aos vínculos étnicos. Essa visão puramente teológica e metafísica do mundo foi secularizada pelo Iluminismo — alegadamente 'anticristã', mas na realidade 'pós-cristã'.

Ao longo dos séculos XIX e XX, o igualitarismo evoluiu de exigir igualdade de oportunidades para exigir igualdade de resultados, dada a impossibilidade de realmente estabelecer tal sociedade. Recusando os princípios aristocráticos, que não conseguiu eliminar, o igualitarismo em todos os lugares promove falsas elites. Ela torna a desigualdade natural insuportável, favorecendo efetivamente a lei da selva ou uma tirania burocrática generalizada. Ao recusar uma visão orgânica e hierárquica da sociedade, **o igualitarismo gera novas desigualdades e o faz em nome da justiça.** afirmar que os homens são desiguais por natureza não é uma injustiça, mas um reconhecimento do que é. Como disse Aristóteles, "a justiça é baseada na observação das coisas".

O igualitarismo decorre do espírito pervertido que busca transformar a igualdade espiritual judaico-cristã diante de Deus em uma igualdade forçada diante das contingências da vida cotidiana. Antigo greco-romano

concepções de mundo, como as da Índia contemporânea, evitavam a ilusão de que os homens são equivalentes, porque se apoiavam numa visão realista de um universo policêntrico, diferenciado e naturalmente hierárquico. O igualitarismo, por outro lado, nos faz acreditar que a hierarquia é inherentemente injusta, embora não possa eliminá-la, pois faz parte da natureza das coisas; em vez disso, nega-a, criando em seu lugar formas ainda mais selvagens de desigualdade.**O igualitarismo é uma mentira institucionalizada.**São os mais humildes, paradoxalmente, os mais prejudicados com a sua impostura, já que por toda a parte se nega o direito à excelência e se privilegiam as mediocridades e os canalhas.

**O igualitarismo falha em compreender, na verdade despreza, a raça humana, pois privilegia uma concepção completamente abstrata do homem.**Leva assim à assombrosa ideia de que "tudo deve ser valorizado", que o vigarista tem tanto direito - senão mais - do que um homem honrado, que as pequenas obras de arte são tão importantes quanto as grandes obras, que as civilizações mais desenvolvidas não são melhores que tribos selvagens ('etnopluralismo'), que o cidadão não tem mais direitos que o estrangeiro, etc. Seus dias, porém, estão contados, pois o igualitarismo guerreia contra a natureza humana.

Ao negar as diferenças, assim como as desigualdades individuais e coletivas — e ao tratar o Homem como algo quase metafísico — a ideologia igualitária dominante do Ocidente produziu uma **consciência esquizofrênica**.De um lado, o dogma da igualdade natural, de outro, a realidade cega das desigualdades naturais dos indivíduos e dos povos. É perfeitamente lógico, então, que o igualitarismo, baseado em uma**mentira antropológica**, culmina em injustiça social e totalitarismo.

O igualitarismo é a fonte de todos os males e ilusões do mundo moderno. Seu núcleo perverso, metafísico, antropocêntrico**deifica o homem e o separa do reino animal**(*antropocentrismo*). Como Spencer<sup>[134]</sup>e Darwin mostraram, a**raça humana** está ligada, como todas as outras espécies animais, ao fato central da existência: a desigualdade. Isso não significa que as questões religiosas ou as dimensões espirituais e cósmicas do homem estejam fora de questão, mas, como Evola viu, significa que os homens são desiguais e carecem de uma unidade metafísica intrínseca.  
**(ver individualismo)**

\* \* \*

## ELITE, ELITISMO

A elite é aquela categoria social responsável pela gestão da sociedade, 'escolhida' ou 'eleita', como sugere sua etimologia. Elitismo designa a doutrina que promove a seleção dos melhores, não de acordo com o nascimento, mas de acordo com a capacidade objetiva.

Muito próxima da noção de 'aristocracia', a noção de 'elite' também degenerou na sociedade contemporânea. As elites carecem agora de qualidades aristocráticas, ou seja, não constituem 'os melhores', e os aristocratas tradicionais (salvo algumas exceções) já não pertencem a ela, há muito neutralizados.

As elites contemporâneas são 'recrutadas' segundo critérios que nada têm a ver com excelência ou caráter. Esses critérios agora são nepotismo, conexão, participação em um lobby, uma camarilha, uma máfia, um clã (sociológico ou étnico); ou então esses critérios estão relacionados à capacidade de ganhar dinheiro.**As elites da sociedade contemporânea não são mais selecionadas, mas recrutadas com base em princípios corporativos ou de mercado.**

O recrutamento já não se faz com base em critérios competitivos ou de excelência. Isso bloqueia a circulação das elites. Dois fenômenos contribuem para isso: primeiro, o igualitarismo e a indisciplina educacional que não permitem mais avançar os melhores; e segundo, a aversão da ideologia dominante ao 'elitismo', meritocracia ou seleção, que se tornaram tabus desde maio de 1968. Seleção e desigualdade, no entanto, ainda ocorrem, é da natureza humana. O atual sistema de formação de elite é caótico e injusto.**E o anti-elitismo leva à selva social.**

**(ver aristocracia; circulação de elites, meritocracia; seleção)**

\* \* \*

## IMPÉRIO, FEDERAÇÃO IMPERIAL

A unificação política de povos diversos, mas relacionados, sob uma autoridade soberana comum, que deixa cada povo autônomo e livre.

Um império federado é unido, mas não cegamente homogeneizado, como o estado-nação igualitário. Ele gira em torno da função de soberania, preservando a diversidade de suas outras funções. Sua existência é legitimada pelo poder e longevidade de seus povos, federados em um **comunidade política e histórica**. A vocação do império não é se tornar um 'Estado Mundial', como o Islã ou o Sistema Americano, mas sim **abraça e orienta o destino daqueles povos que histórica, cultural e etnicamente se sentem parte de uma mesma comunidade geral**.

Há também uma concepção negativa — uma concepção suicida — de império. Este é o modelo do final do Império Romano, seguindo os éditos de Caracala<sup>[135]</sup>(que concedeu cidadania romana a todos os súditos do Império, quaisquer que fossem suas origens); este é o modelo de Alexandre, que buscava um conjunto único de gregos e orientais; este é também o modelo dos antigos impérios coloniais europeus, que hoje colonizam a própria Europa.**O modelo etnopluralista e multirracial de império deve ser rejeitado**, pois inevitavelmente provoca discórdias internas e, em última análise, acaba destruindo o estoque fundador do império.

A única concepção positiva de Império é aquela que não se opõe à ideia de Nação — no sentido romano de 'ser nativo do mesmo grande povo'.**O Império é uma federação de povos etnicamente relacionados - uma espécie de Grande Nação Federal**. Um verdadeiro **modelo de império**. O Império não é um 'estado-nação', cosmopolita e centralizado, mas um conjunto de nações livres etnicamente, culturalmente e historicamente relacionadas, federadas em um grande império continental. A ideia de Império não é admissível, no entanto, se for um universalismo cuja tendência é para um 'Estado Mundial'.

Nesse sentido, o Império é uma Federação descentralizada, dotada de um forte poder central, mas restrita a certos domínios específicos e regulada segundo princípios de subsidiariedade:<sup>[136]</sup> como tal, este poder dirige-se aos domínios da política externa, controlo de fronteiras,

regras econômicas e ecológicas, etc. O princípio imperial não é de homogeneização; as suas várias componentes são autónomas e podem organizar-se de diferentes formas, de acordo com as suas próprias políticas internas (em matéria de justiça, instituições, autonomia fiscal, educação, língua, cultura, etc.). O Império mantém a unidade do conjunto e o projeto civilizacional geral — mas não deve ser visto como uma associação fluida, confederada, totalmente heterogênea, aberta a todo o mundo: é necessária uma disciplina do todo, para imbuí-lo de uma identidade firme e central. , direção clara. Nesse sentido, a atual União Européia, esse agregado administrativo sem vontade, está longe de representar a ideia imperial europeia.

Os componentes nacionais (ou regionais) do império estariam imbuídos de uma 'liberdade probatória' que aceita a 'grande política' do conjunto e a soberania de seu poder central, mas este poder, em troca, cederia suas identidades específicas, aceitando que cada nação ou região, conservando sua liberdade, tenha o direito de deixar a Federação a qualquer momento. A noção de Império pressupõe um projeto coletivo e longevidade na história. A Europa forneceria um quadro ideal para constituir um Império, pois reagruparia todos os europeus, em sua diversidade e sua unidade. Para concretizar um futuro 'Império Euro-iberiano', incluindo a Rússia, os europeus terão que decidir se a federação será baseada no estado-nação ou na região histórica. Mas seja qual for a resposta deles,**a ideia de Federação imperial parece, no final das contas, o único meio pelo qual a Europa será salva.**

(ver**Eurosibéria; nação**)

\* \* \*

## FIM DA HISTÓRIA

Uma visão histórica, herdeira secular das religiões de salvação (teleológicas e soteriológicas), segundo a qual os conflitos seculares entre os povos culminarão progressivamente no reagrupamento da humanidade num único Estado Mundial, regido por normas individualistas de paz, prosperidade e uniformidade.

O fim da história é uma utopia, outrora professada pelos marxistas, hoje pelo Islã (outrora seu *jihad* conquistou o mundo), bem como por liberais (notavelmente Francis Fukuyama), que acreditam que o colapso do comunismo está levando todos os povos do mundo a formar, no decorrer do século XXI, uma sociedade liberal global sob os auspícios de um todo-poderoso e mercado autorregulado — uma sociedade cujos únicos problemas serão os menores, solucionáveis pela polícia ou pelas regulamentações existentes.

A utopia inerente ao 'fim da história' está implícita em todas as ideologias modernistas e igualitárias. Seu objetivo é eliminar diferenças e conflitos entre os povos em prol de seu modelo peculiar de humanidade (o consumidor burguês). Essa utopia não tem chance de ser realizada, mas, no entanto, tem um efeito prejudicial sobre os europeus ao desafiar sua independência, identidade e soberania. Ligado a noções de 'pacificação global da humanidade', **o fim da história é, em essência, uma utopia profundamente totalitária.** Para a história, este rio do destino, cujo curso é imprevisível, está longe de ter secado.

\*

Com seus confrontos iminentes entre grandes blocos étnicos, o século XXI será, na verdade, possivelmente mais conflituoso e violento do que o século XX – por causa, não apesar da globalização! Em um planeta superpovoado, propenso a perigos crescentes, não é o fim da história levando a um estado mundial democrático e liberal que vemos chegando, mas **uma intensificação da história, à medida que a competição entre os povos respondendo aos imperativos da seleção e da luta pela vida se torna cada vez mais desesperada.**

(ver **história**)

\* \* \*

## ENROOTMENT

Apego a uma terra, a um património hereditário e a uma identidade que é o motor de todo o dinamismo histórico.

**Enrootment se opõe ao cosmopolitismo, à mistura cultural e ao caos étnico da civilização atual.**

O conceito, porém, é 'escorregadio', porque facilmente leva a certos mal-entendidos. O enraizamento europeu nunca é um apego ao passado ou à imobilidade. Em vez disso, vincula a herança ancestral à criação. Não deve ser entendido, então, como um museu nos faz entender, que neutraliza a identidade de um povo ao congelá-lo na memória nostálgica. A noção de enraizamento complementa a de 'desinstalação', explicada acima.**O enraizamento é a preservação das raízes, com base no conhecimento de que a árvore deve continuar a crescer.** As raízes são o que vivem: elas engendram a árvore e permitem seu crescimento.

O enraizamento baseia-se sobretudo na lealdade aos valores e ao sangue. A forma mais perigosa de enraizamento, ou pseudo-enraizamento, ocorre no meio regionalista e separatista da esquerda - na Provença, País Basco, e na Bretanha, por exemplo - onde as distinções lingüísticas e culturais da região são forçosamente afirmadas, mas no base de um modelo multirracial. Daí a litania frequentemente ouvida e surpreendente: "Nossos imigrantes são bretões, bascos ou occitanos como nós". A contradição é total: em nome da oposição à 'tradição' de homogeneização jacobina, são admitidos no país estranhos ao nosso solo e tradições — em nome do universalismo jacobino!

**Se limitado apenas à cultura, o enraizamento torna-se um folclorismo estéril.** Pois, por mais necessário que seja, o enraizamento cultural em si é insuficiente.

Para os europeus do futuro, o enraizamento nunca deve limitar-se apenas ao apego ou à defesa do seu país de origem (região ou nação); também precisa ser acompanhada por uma revolução interna que os torne conscientes da Europa (talvez mais tarde a Eurosibéria) como uma comunidade de destino.

**(verarqueofuturismo; desinstalação; tradição)**

\* \* \*

## Etnocentrismo

A convicção mobilizadora, própria de todos os povos longevos, de que pertencem a algo superior e que devem conservar a sua identidade étnica, se quiserem perdurar na história.

Não importa se é 'objetivamente' verdadeiro ou falso: o etnocentrismo é a condição psicológica necessária para a sobrevivência de um povo (ou nação). A história não é um campo no qual se elaboram princípios intelectualmente objetivos, mas um campo condicionado pela vontade de poder, competição e seleção. As disputas escolásticas sobre a superioridade ou inferioridade de um povo não vêm ao caso. **Na luta pela sobrevivência, o sentimento de superioridade e razão é indispensável para agir e vencer.**

Povos longevos, grandes e pequenos, sejam chineses ou judeus, sempre foram etnocêntricos. Mas deve-se desconfiar de um supremacismo metafísico que se torna desmobilizador ou desencoraja todo esforço ('seremos sempre intrinsecamente superiores, é inútil se preocupar com isso'). É a fábula da tartaruga e da lebre. A história tem repetidamente demonstrado que um povo imbuído de uma vontade feroz e um caráter endurecido pode derrotar e subjugar populações mais brilhantes e talentosas e civilizações excessivamente confiantes ou decadentes. Este foi o caso de todos aqueles povos entre os séculos VII e XI que foram invadidos pela erupção dos beduínos muçulmanos. Esta é a nossa situação hoje, pois também nós corremos o risco de ser subjugados por povos de diferentes culturas e civilizações.

Os europeus eram poderosos quando permaneciam ingenuamente etnocêntricos. A partir do momento em que começam a se questionar sobre 'o valor do Outro', o declínio se instala.

O dinamismo atual da América se baseia na convicção — verdadeira ou não — de que seu modelo é superior a todos os outros. **A história é antes de tudo um campo de subjetividade, de luta entre subjetividades.**

\*

O etnocentrismo europeu nunca foi assunto de conversa fiada. A contribuição da civilização européia (incluindo seu filho pródigo americano) para a história da humanidade supera, em todos os domínios, a de qualquer outro povo. Mas nunca se deve descansar sobre os louros. Na luta maior

da competição planetária, nada é ganho para sempre. De qualquer modo, as civilizações não duram se não cultivarem uma **orgulho interior**, um sentimento implícito de ser insubstituível, uma vontade feroz 'de identidade e continuidade'.

(ver **concorrência; consciência, étnica**)

\* \* \*

## ETNOCRACIA

Etnocracia<sup>[137]</sup>(em grego, ethnos significa povo e kratos significa poder) refere-se a um sistema político para o qual a homogeneidade de um povo é um pré-requisito incondicional para o exercício da vontade política do povo. Como consequência, os cidadãos de uma etnocracia derivam todos os direitos e deveres políticos desse critério étnico. A etnocracia baseia-se na conservação da multidão e das diferenças; ou seja, a originalidade própria de cada povo e de cada cultura. É universalmente aplicável a todos os povos e culturas e, ao mesmo tempo, constitui a superação radical de todos os universalismos destrutivos do igualitarismo.

Promove o nascimento de crianças saudáveis (ver eugenia) e zela pela preservação do meio ambiente (ver ecologia), pois prioriza o viver antes dos ídolos da economia, do consumismo e do mercantilismo. Ele cura todas as formas de etnomasquismo e protege as pessoas da autodestruição.

A etnocracia (também conhecida como genopolítica) será definitivamente o grande desafio político do futuro.

(ver **genopolítica; eugenia; Democracia, Democracia Orgânica**)

\* \* \*

## Etnomasoquismo

A tendência masoquista de culpar e desvalorizar a própria etnia, o próprio povo.

**O etnomasoquismo vem da vergonha e do ódio de si mesmo.** É uma psicopatologia coletiva, provocada por uma campanha de propaganda concertada para fazer com que os europeus se sintam culpados pela forma como trataram outros povos e para que se vejam como 'opressores'. Eles são levados, desta forma, a se arrepender e pagar sua suposta dívida. Uma verdadeira impostura histórica, seu arrependimento, nada menos, é instado pelas igrejas e pelo estado.

O etnomasoquismo também está na base de políticas antinatalistas que limitam sub-repticiamente a reprodução da população europeia. **É uma forma de auto-racismo, na verdade.** Maculado com o pecado original de seu racismo intrínseco, o homem europeu é culpado de ser quem é.

O etnomasoquismo promove uma apologia sistemática da mistura de raças e do cosmopolitismo. Curiosamente, nega aos europeus a ideia de uma identidade étnica, que todos os outros têm. Eles são obrigados, assim, a se mitigar, enquanto outros, como os africanos por exemplo, não o são. O etnomasoquismo é a contraparte da xenofilia (o amor e a superestimação do estrangeiro, o 'Outro'). é semelhante a **etnosiúcidio**. O etnomasoquismo não é novidade na história. É um sintoma de um povo cansado demais para viver e se perpetuar: um povo envelhecido pronto para passar o bastão para outro. As elites europeias sucumbiram a esta doença colectiva, o que explica a sua indiferença perante a actual colonização e a sua ideia de que devemos acolhê-la.

(ver **homofilia; xenofilia**)

\* \* \*

## ETNOSFERA, BLOCOS ÉTNICOS

Aqueles territórios governados por povos etnicamente relacionados.

A noção de etnosfera refere-se a um mundo baseado nas leis da vida, que rejeita o cosmopolitismo e as nações multiétnicas, cuja história é de contínuo fracasso. O futuro de nosso mundo superpovoado pertence a etnosferas homogêneas ou **blocos étnicos**. China, Índia, mundo árabe e África negra são etnosferas.**O século XXI será de blocos étnicos e etnosferas em conflito.**

Certamente não pertencerá à miscelânea cosmopolita de um Estado Mundial! O planeta não vai se unir em uma rede global de trocas e comunicações, pois os povos e civilizações de alguma forma se fundem em uma única unidade. O oposto está chegando!

**Atualmente, a Europa sozinha está tentando misturar raças e apenas suas elites vislumbram o espetáculo de uma heterogênea sociedade etnopluralista extensível a todo o mundo.** Quanto aos Estados Unidos, fundados em princípios antiétnicos, sua sociedade racialmente caleidoscópica não tem chance de se tornar planetária. Nem é certo se vai durar - por falta de um *comunidade etno-nacional*, sua existência provavelmente será efêmera. É muito mais provável que a China ou o Japão, representando etnosferas homogêneas, sobrevivam.

A noção de blocos étnicos não implica necessariamente uma visão belicista do futuro. O conflito, assim como a cooperação, são as leis da história. Para cooperar em um mundo superpovoado de povos díspares, será necessário conservar a própria identidade.**O mundo do futuro terá que ser de etnosferas cooperantes, embora baseado na lógica da 'paz armada'.** Será um mundo de 'guerra fria' entre blocos étnicos que nos servirá melhor. No entanto, não devemos ter ilusões sobre isso: em um mundo cada vez mais competitivo, o conflito entre etnosferas é inevitável. A atual ofensiva antieuropeia do Islã é um bom exemplo disso. Quanto à Europa e à Rússia, se não cumprirem seu destino formando um bloco étnico unificado, serão devoradas por outras civilizações continentais.

(ver autarquia de grandes espaços; identidade)

\* \* \*

## EUGENIA

Uma técnica para melhorar a qualidade genética de uma população. As biotecnologias e a engenharia genética fornecem hoje os meios técnicos e práticos de melhorar o genoma humano, não apenas por razões terapêuticas, mas também políticas. **A biotecnologia permite agora praticar uma eugenia positiva** que intervém diretamente no genoma para melhorar a hereditariedade, fazendo-o de forma mais eficaz e rápida do que as técnicas mais antigas baseadas na seleção por casamento.

Esse desafio prometido pela eugenia foi antecipado há muito tempo na arcaica imaginação pagã da Europa. Mas evidentemente representa um problema terrível ao ofender sensibilidades enraizadas no criacionismo monoteísta e no antropocentrismo.

O homem não só se torna criador de si mesmo, automanipulando, mas se vê imerso no vivo, como um 'objeto biológico', semelhante a outros animais. **Dupla revolução, acima e abaixo: o homem se torna, sendo um demiurgo, um rival do divino e, no mesmo golpe, torna-se material humano maleável para ser moldado e modelado.** A morte combinada do antropocentrismo e do deísmo metafísico.

A eugenia choca os igualitários compassivos: não se trata de criar diabolicamente o 'super-homem'? Sim claro. O essencial é dominar o processo, submetê-lo a uma vontade política, e não deixá-lo fazer parte de um 'mercado' eugênico desregulado. Impedir tal desenvolvimento, como exige a ideologia dominante, dificilmente é sustentável. O célebre físico britânico Stephen Hawking declarou recentemente que a biotecnologia permitirá "a criação de uma raça superior" e "um ser humano muito melhorado".<sup>[138]</sup>

A biotecnologia muito em breve também possibilitará nascimentos artificiais, extrauterinos, em 'incubadoras' (isto é, sem gravidez), à medida que forem sendo introduzidos material genético humano e cultural *em vitro*. Este procedimento pode tornar-se um poderoso meio de corrigir a natalidade europeia, agora ameaçada pelo despovoamento. . . **É claro que seria preferível fazer isso por meio de partos naturais.** Mas em situações trágicas, meio pão é melhor do que nenhum. . . Entre dois males, escolhe-se o menor.  
**(verarqueofuturismo; biopolítica; tecnociência)**

\* \* \*

## EUROPA

A Europa é a nossa verdadeira pátria - cultural, histórica, étnica, civilizacionalmente - abrangendo e abrangendo as suas diferentes nações e terras nativas.

**Finalmente chegou a hora de fazer da Europa um sujeito da história.**

Provavelmente é melhor começar definindo um europeu, antes de determinar sua nacionalidade formal ou legal - simplesmente porque um estrangeiro pode se chamar belga, alemão ou francês, embora seja muito mais difícil se chamar europeu (ou castelhano, um bretão, um bávaro, etc.). A Europa precisa pensar em si mesma como uma comunidade de destino, que substituirá o Estado-nação no século XXI.

\*

Além disso, a maioria das pessoas no mundo nos vê mais como europeus do que como alemães, italianos, franceses etc. A maneira como os outros nos olham é um sinal de que não estamos errados. Em um mundo globalizado, propenso a choques civilizacionais, a Europa - assolada pelo declínio demográfico, ameaçada por perigos que ameaçam a vida - enfrenta o imperativo primordial de se reagrupar para sobreviver, **pois o estado-nação isolado não tem mais peso** em um mundo onde uma entidade com menos de 300 milhões de habitantes carece de poder para assegurar sua independência.[\[139\]](#)

—

\*

**A atual União Européia é um objeto prostrado, um bastardo, sem identidade.**

As falhas irremediáveis da UE são bem conhecidas: burocratismo rígido aliado ao livre comércio global, submissão aos Estados Unidos, abandono da soberania, flutuações erráticas do euro, multirracialismo autoritário e apoiador de imigrantes, etc. -conhecido. **As instituições da UE existentes não servem os interesses dos povos europeus.**

**Voltar a uma Europa de Estados-nação enclausurados não é mais uma opção.** O Estado-nação francês nunca buscou a preservação da identidade de seu povo. De fato, ela mesma, impulsionada por sua ideologia cosmopolita, abriu a porta para os colonizadores estrangeiros. Enfrentamos um terrível dilema: França ou Europa? A questão, porém, está mal colocada. O que deve ser perguntado (para passar por cima e não por baixo dessa contradição) é: *como*

*pode-se fazer a Europa, a verdadeira Europa, sem desfazer e negar a França?*A resposta: é o estado francês que é motivo de crítica, não a França como entidade histórica e cultural.**Por pior que seja a atual forma de organização da Europa, não há razão para renunciar à perspectiva de construir outra Europa.**

\*

Com base em que princípios gerais pode assentar uma 'boa' construção europeia?

1. A Europa deve ser construída segundo princípios de soberania, independência e poder — no espírito da melhor tradição francesa. É claro que o pior dessa tradição também deve ser evitado - ou seja, seu centralismo nivelador que exclui a ideia de Europa (privando-a de um estado soberano e central) e resiste a uma autoridade federal abrangente imbuída de uma política estratégica e de uma economia autônoma . A 'construção europeia' deve ser concebida como tendo um poder executivo central e um chefe de Estado. A situação atual é uma bagunça completa: uma moeda única e não regulamentada, um exército embrionário, Estados membros despojados de 50% de sua legislação, tribunais sem autoridade! Duas coisas em uma. Ou voltamos à soberania do Estado (com moedas nacionais) e a UE se torna um conjunto de tratados, pactos, acordos,**Ou então, a soberania nacional é abandonada em prol de um estado imperial europeu digno desse nome.**
2. De acordo com esta segunda hipótese,**A Europa será federal e imperial ou não será.**Ela não pode ficar satisfeita por muito tempo com o atual conjunto vacilante de estados cooperativos, mas desiguais, sem uma política internacional comum, liderada por uma tecnocracia incompreensível e incontrolável, com tudo debilmente mantido unido pelo movimento retórico do livre comércio, democratismo e "valores" humanitários. ', e sustentado por regulamentações burocráticas e mecanismos financeiros. a europa vai

existem a longo prazo apenas como um grande**federação de regiões etnicamente relacionadas.**

3. A Europa Ocidental e Central, cujo futuro agora é incerto, precisa se aliar à Rússia para afastar seus inimigos comuns.
4. Em tal futura Federação Imperial, todo membro nacional seria livre, a qualquer momento, para abandoná-la se assim o desejasse.

Dito isto, a edificação de tal Europa emergiria não através da suave evolução da atual UE, cuja atual forma política é dificilmente viável, mas sim através da força dramática de circunstâncias já previsíveis.

(ver**convergência de catástrofes; Império; Eurosibéria**)

\* \* \*

## EUROSIBÉRIA

O espaço destinado a reagrupar finalmente os povos europeus, do Atlântico ao Pacífico, selando a aliança histórica entre a península europeia, a Europa Central e a Rússia.

O termo é preferível a 'Eurásia'.<sup>[140]</sup> A Europa aqui se reapropria de todo o norte da Ásia para a dominação russa. **Cuidado, porém: o conceito de Eurosiberia é um 'paradigma', isto é, um ideal, um modelo, um objetivo, uma de cujas dimensões é um mito concreto, agitador e mobilizador.**

A Eurosiberia será um 'Império do Sol', em cujos quatorze fusos horários o sol nunca se porá. A Eurosiberia é a fortaleza comum, a casa comum, a extensão máxima e a expressão natural da noção de 'Império Europeu'. Será uma verdadeira 'Terceira Roma', que a Rússia sozinha nunca foi.

A noção de Eurosiberia supõe a dissociação da Europa Ocidental do Oeste americano e a solidariedade e aliança da Europa com a Rússia. De Gaulle intuitivamente sentiu a necessidade disso. Temos os mesmos inimigos, os mesmos concorrentes étnicos/raciais. Nós — nós, futuros eurosiberianos — somos um pesadelo para o Pentágono, assim como para o Islã. **Se alguma vez fosse construída, a Eurosiberia reagrupara todos os povos indo-europeus brancos nas grandes regiões em que se espalharam, tornando-se—de longe e por muito tempo—não apenas a maior potência do mundo, mas a primeira hiperpotência da história.**

\*

As grandes extensões espaciais da Eurosibéria — "da terra das estepes aos fiordes e ao mato" — seriam economicamente independentes da América do Norte. Não seria agressivo nem imperialista, mas identitário. A China, a Índia, o mundo árabe-muçulmano, a África, o Sudeste Asiático, a América Latina, até a América do Norte, têm interesse em gerir o Planeta Azul (Terra), em cooperar com uma futura Federação Eurosiberiana - com a condição de que todos permaneçam em suas próprias terras.

Certamente será contestado que isso é utópico. Não. É só *uma ideia lançada na história* no sentido hegeliano. As grandes ideias sempre encontram seu caminho. Como diz Pierre Vial, é em direção a um 'autogoverno

Eurosiberia etnocêntrica' de que as futuras elites europeias voltarão suas energias, assim que chegar a era das tragédias que mudarão o mundo.  
**(verideia, ideal, idealismo histórico)**

**F**

## PÁTRIA, GRANDE PÁTRIA, TERRA NATIVA

A terra dos pais, ancestrais e linhagem. A noção de pátria (*patrie*) liga um 'povo' a uma 'terra'.

A necessidade de uma 'terra nativa' (*patrie charnelle*) está etológica e biologicamente enraizada no espírito humano — e nenhuma forma de globalização pode aboli-la. A identificação com a pátria é um dos pilares da psicologia humana —**uma pátria onde coincidem a cristalização do imperativo territorial e do imperativo étnico.**

A história dos povos europeus é tão complicada e emaranhada que a escolha de uma pátria é difícil de ser feita de maneira 'racional' ou 'mecânica'. Será a Bretanha, a Lombardia ou a Flandres? Será a França, a Itália, a Alemanha ou algum outro estado-nação? Será a América, para onde as elites europeias continuam a emigrar? A ideologia francesa do Estado-nação, como a ideologia alemã da "pátria como língua e cultura" de Fichte,<sup>[141]</sup> diminuiu a ideia de pátria, base de todas as relações antropológicas.

Ao revelar uma certa esquizofrenia européia, essa questão só pode ser respondida a partir *acima: a cada europeu sua própria pátria, nacional ou regional (escolhida com base em afinidades íntimas e emotivas) — e para todos os europeus a Grande Pátria, esta terra de povos intimamente relacionados.* A consciência de pertencer tanto a uma 'pequena pátria' quanto a uma 'grande pátria' é muito difícil para os contemporâneos compreenderem. O futuro, porém, provavelmente os obrigará a entendê-lo. **A Grande Pátria engloba e federa organicamente as terras nativas da Europa.** Isso é o que eu chamo de *Novo Nacionalismo.*

\*

O mundo moderno vive a **assunção dos desabrigados e a adesão dos desenraizados.** Um nômade *métis*,<sup>[142]</sup> o homem ocidental moderno é um transeunte em um mundo que se tornou uma Aldeia Global — organizado em redes, com o universalismo e o capitalismo global constituindo sua pátria virtual. Isso, porém, é uma ilusão, resquício de um modernismo já ultrapassado. Não há como prescindir da noção de pátria, pois ela é arcaica e atemporal, inscrita em nossos genes, e, nesse sentido, futurista — *arqueofuturista.*

Mesmo os imigrantes do Terceiro Mundo colonizadores da Europa permanecem ligados à sua pátria - à terra de onde vieram. Mas para eles, especialmente os muçulmanos, a Europa é uma nova pátria, uma terra conquistada (*Dar al Islam*).<sup>[143]</sup> Mas atenção: como uma constante da história humana, assente na permanente dialéctica conflito-cooperação que rege as relações entre os diferentes povos, haverá sempre a tentação **de ocupar a terra dos outros**. Em um bumerangue bastante singular da história, a Europa hoje é vítima dessa inversão alienígena.

\*

Essencial para a ideia de pátria não é apenas uma identidade com uma terra particular, mas uma identidade com uma comunidade étnico-espiritual particular. **A pátria não é simplesmente um território, mas uma linhagem biológica, o lugar onde estão enterrados os antepassados.** Daí a tragédia do *pieds-noirs*<sup>[144]</sup> que se estabeleceram na Argélia, onde os túmulos de suas famílias foram profanados - onde viveram e trabalharam e de onde foram expulsos à força. **Para sobreviver hoje, os europeus não precisam mais buscar outros países para conquistar, mas sim defender a Grande Pátria que compreende todas as terras nativas das quais são os únicos ocupantes de direito.**

No plano continental, a noção de pátria deve retomar uma dinâmica dialética. O novo horizonte do homem europeu - após o fracasso da colonização européia, a tragédia da atual colonização do Terceiro Mundo e a fantasia de uma "civilização do mundo ocidental" - é agora moldado **pela necessidade tanto de reconstruir suas terras nativas quanto de construir uma Grande Pátria imperial, a Eurosibéria, estendendo-se do Atlântico ao Pacífico.**

As palavras, é claro, são sempre um pouco imprecisas. Não são conceitos matemáticos, mas coisas que expressam as sutilezas do espírito. A pátria, como noção, tem um significado relacionado ao de 'nação', que etimologicamente se refere àqueles que estão intimamente relacionados. O essencial, porém, é que todas essas noções possuem uma base popular inabalável. Deixe-me dar Éric Delcroix<sup>[145]</sup> a última palavra aqui: 'Onde está a verdadeira terra natal, na qual nossos contemporâneos ainda se reconhecem como estando na Europa, onde eles podem fazer sua vida valer a pena e, portanto, eventualmente sacrificar? É preciso haver um povo, porém, antes que possa haver tal terra - por mais legítima que seja

seu apego a tudo o que eles investiram histórica e sentimentalmente.' Para ele, esse povo são os franceses, que atualmente estão sendo desfigurados pela imigração em massa, a tal ponto que correm o risco de se tornarem estrangeiros em sua própria terra, visto que seus novos 'compatriotas' não são europeus.

A questão aqui é definir o termo "patriótico" com base em critérios étnicos e históricos, e não de acordo com a ideologia cosmopolita da Revolução Francesa. Como Corneille escreveu em seu *Horácio*, 'Morrer pelo país é um ato tão digno / Os homens devem lutar para ganhar seu glorioso prêmio'.<sup>[146]</sup> Novamente, é necessário que uma pátria corresponda a um único povo homogêneo, pois na sociedade multirracial ao estilo americano nega-se até que seus soldados sejam sacrificados pelo bem da nação.

(ver **enraizamento; Eurosibéria, terra; nação; pessoas**)

## G

## GENOPOLÍTICA

genopolítica<sup>[147]</sup>(em grego, genos significa raça ou povo), como a etnocracia, baseia-se na conservação do genos, na promoção do saudável, na proteção do meio ambiente e na superação do Homo oeconomicus, da sociedade comercial e de todos formas de mercantilismo.

(ver **etnocracia; eugenia; democracia, democratismo, democracia orgânica**)

\* \* \*

## GEOPOLÍTICA

O estudo (ou prática) associado à política de povos, nações e estados, no que se refere ao domínio de espaços geográficos vitais de terra ou água.

Condenado no rescaldo da Segunda Guerra Mundial porque foi estupidamente declarado 'nazista' e acusado de legitimar a ideologia dos 'espaços de vida' (*Lebensraum*), a geopolítica (que todas as nações, incluindo os chineses e os americanos, praticam) fez um retorno contundente hoje. Robert Steuckers, um especialista europeu na área, escreve: 'O mais fundamental dos princípios geopolíticos postula que existe uma estreita relação entre poder e espaço'. Para Steuckers, a Guerra da Independência Americana, as duas Guerras Mundiais, a expansão do Império Russo e as atuais políticas (antieuropeias) da superpotência americana são (ou foram) manifestações da geopolítica em ação. Ele afirma, com razão, que os objetivos geopolíticos constituem a base histórica incontestável das nações e dos povos.

A geopolítica distingue entre potências continentais e potências marítimas (talassocracias). Este último, como a Grã-Bretanha no século XIX e os Estados Unidos hoje, se esforça para dominar as potências terrestres. A Europa, e especialmente uma possível Eurosiberia, é uma potência continental e marítima.

**A conquista e dominação de espaços territoriais e marítimos vitais (tanto por razões comerciais como militares) permanece mais do que nunca no centro da política mundial.** Aqueles que afirmam que os direitos humanos, os mercados financeiros, a 'nova economia' e a globalização tornaram obsoletas a geopolítica e a luta pelo espaço afirmam o oposto da verdade. **O século XXI será um século de povos lutando por terra e mar, mais do que em qualquer século anterior**, porque a Terra agora está 'cheia', sem espaços vazios para separá-los.

\*

A geopolítica desagrada aos ideólogos globalistas, pois pressupõe que a luta de um povo pela posse e dominação do espaço (o imperativo territorial) tem precedência sobre a luta pela moralidade ou ideologia. A geopolítica desafia a visão liberal ou socialista de 'um

mundo': uma Terra cujas terras serão unificadas em uma única pátria para uma humanidade uniformizada. A geopolítica nos ajuda a repensar os conjuntos humanos como **blocos territoriais etnopolíticos**.

Ao longo do próximo século — e já estamos vendo uma ampliação das lutas por espaços vitais — haverá conflitos por petróleo, gás e recursos minerais, por bacias hidrográficas e água potável, por reservas pesqueiras e minerais raros, por controle de rotas marítimas e oleodutos, etc.

\*

Quais são os principais desafios geopolíticos que a Europa enfrenta?

**1.O formidável avanço e conquista territorial do Islã em direção ao norte e ao leste, de Gibraltar à Índia.** Até a religião tem seus imperativos geopolíticos e territoriais. A atual expansão do Islã representa outra ofensiva árabe conquistadora contra os indo-europeus, à medida que avança para preencher a brecha criada por outros povos do Terceiro Mundo.

**2.O esforço americano para controlar e sujeitar a Europa Ocidental e a Rússia.** Desde o fim do comunismo, o grande temor da talassocracia americana é a Eurosibéria, a união da Rússia e da Europa, que seria um formidável concorrente: daí o desarmamento da UE e a extensão da OTAN ao Leste Europeu; as guerras dos Balcãs, destinadas a dividir os europeus; o pacto islamo-americano (encorajando a adesão da Turquia à UE, etc.) para enfraquecer a Europa, etc.

A Europa, numa palavra, é alvo de vários desígnios continentalistas: ocupação islâmica e do Sul Global, dominação dos Estados Unidos. O antigo condomínio soviético-americano, que dividiu e ocupou a Europa durante a Guerra Fria, chegou ao fim. Yalta<sup>[148]</sup>não existe— mais, mas agora enfrentamos uma ameaça ainda mais perigosa: um condomínio islamita-americano. Colonização por cima e por baixo: esta será a grande luta geopolítica do início do século XXI. Se os europeus não se conscientizarem disso, eles desaparecerão da história.

(ver**Europa; Eurosibéria**)

\* \* \*

## ALEMÃ

A raiz biológica de um povo ou civilização – o núcleo da etnicidade – sobre a qual repousa todo o resto.

Em latim, *a/lemão* significa 'germe', 'semente'. Se uma cultura for perdida, a recuperação é possível. Quando o biológico *a/lemão* é destruído, nada é possível. *O a/lemão* é comparável às raízes de uma árvore. Se o tronco for danificado ou a folhagem cortada, a árvore pode se recuperar. Mas não se suas raízes forem perdidas. A comparação vale para as civilizações. *O a/lemão* representa as raízes etnobiológicas de um povo; o tronco representa a cultura popular, a folhagem a civilização. Nada está perdido se *o a/lemão*, as raízes, são salvas. Esta metáfora aplica-se obviamente à Europa, cuja *a/lemão* agora está gravemente ameaçado.

Contrariamente à ideologia dominante, este conceito implica que as culturas e as civilizações assentam (não única mas principalmente) em distintas populações de carne e osso, bem como nas suas heranças físicas e culturais – ou seja, no real, *nova/ida*—em características biogenéticas relativamente invariáveis. Negar esses fatores biológicos é tão inteligente e eficaz quanto negar a redondeza da Terra, a circulação do sangue, o heliocentrismo ou a evolução das espécies — como fizeram outrora os ancestrais espirituais e intelectuais da atual ideologia dominante.

*O a/lemão* é inalienável, não é propriedade de alguma fantasia individual, mas é transmitida por cada membro à medida que transmite sua fala. Um povo pode renascer se sua cultura for destruída ou se sua religião ou espiritualidade for esquecida. Pode recuperar o seu património ancestral e responder ao apelo das tradições conservadas na memória, fazendo-as reviver. Mas se *o a/lemão* está danificado, nenhum renascimento é possível (ou se for, é artificial).

**É por isso que a luta contra a mistura de raças, o despovoamento e a colonização estrangeira da Europa é ainda mais importante do que a mobilização pela identidade cultural e soberania política.**

Todas essas causas são importantes, mas há uma ordem de prioridade baseada em **necessidade absoluta**.

(ver **consciência étnica; identidade; raça, racismo, anti-racismo**)

\* \* \*

## GLOBALIZAÇÃO, GLOBALISMO

A universalização planetária da troca, dos circuitos de produção econômica e financeira, junto com a informação; internacionalização da cultura. 'Globalismo' é a doutrina que defende a generalização desses fenômenos.

Na realidade, o processo de globalização econômica e cultural começou há mais de duzentos anos. Fala-se hoje de **globalizando** a economia planetária. Este fenômeno não é, no entanto, tão importante quanto geralmente se acredita – pois as economias, juntamente com as culturas nacionais ou regionais, permanecem muito fortes em todos os lugares. **A ideologia globalista engana a si mesma, pois uma globalização genuína levaria à catástrofe, minando tanto a economia mundial quanto o ecossistema.**

\*

Central para a ideologia dominante (mesmo para a ideologia da esquerda antiliberal e neotrotskista), o dogma globalista não é menos uma parte da ideologia universalista do Islã.

Na verdade, existem **uma pluralidade de globalismos**: a do Islã, a esquerda cosmopolita e pró-imigrante, e a do oeste liberal e pró-americano. O globalismo é uma arma na guerra contra a Europa, sua identidade, seu poder e sua independência econômica. Dá vazão à ilusão utópica de *fim da história*. Assim, os hinos globalistas endeusam a Internet, a "nova economia", a invasão imigrante da Europa, a globalização das redes financeiras – sem nunca ver que as realidades étnicas e as religiões ancestrais permanecem mais fortes do que nunca.

A globalização, de fato, não desafia a diversidade de culturas e o choque de civilizações, muito pelo contrário. Por uma dialética irônica, ela os estimula e regenera.

\*

Quanto mais pessoas se encontrarem em um planeta superpovoado, maior será, de fato, a necessidade de identidade. Isso é por que é **muito improvável que a globalização do século XXI seja pacífica— ou evitar choques civilizacionais**. (ver **cosmopolitismo; universalismo**)

\* \* \*

## GRANDE POLÍTICA

Ação política no sentido histórico, para a longa duração, que serve o povo e seus objetivos civilizatórios.

A "Grande Política", conceito formulado por Nietzsche,<sup>[149]</sup> opõe-se à 'política mesquinha' de políticos e partidos, com suas carreiras de curto prazo ou aspirações monetárias. A mesquinharia política resulta do domínio da "terceira função" (ou seja, a redução da política e da soberania a interesses econômicos de curto prazo). A tragédia de Victor Hugo, *Ruy Blas*,<sup>[150]</sup> descreve perfeitamente a total oposição entre a grande e a pequena política. A grande política não é individual ou partidária táticas buscando alguma conquista efêmera de poder, mas é uma estratégia—uma estratégia de grande design, baseada no orgulho coletivo, não na vaidade individual. **A Grande Política pertence ao reino do destino histórico – não ao reino individualista da política partidária mesquinha.**

\*

Os governos europeus de nossos dias carecem de qualquer senso de Grande Política. Sua 'política mesquinha' na verdade não é nem mesmo sobre buscar poder, apenas sobre aparências ou vantagem financeira ou vaidade da mídia. Isso é especialmente grave considerando que outras civilizações - as dos povos árabe-muçulmano, indiano, chinês ou americano - praticam a 'Grande Política', pois projetam seu destino no futuro.

**(ver pessoas, longevas; revolução)**

H

## FELICIDADE, 'PEQUENOS PRAZERES'

Uma versão secularizada, convertida em objetivos sociais e econômicos, do ideal celeste inspirador das religiões de salvação.

pequenos prazeres (*petit bonheur*) para todos — satisfazer as demandas materiais de um padrão de vida — tornou-se o objetivo formal da ideologia ocidental. Mas a felicidade, mesmo o bem-estar, não se encontra neste mercado de ingênuos. Nunca as taxas de suicídio foram tão altas.

Definidos estritamente em termos de bem-estar econômico e materialista, esses pequenos prazeres presumem falsamente que todos os seres humanos aspiram ao mesmo ideal de consumo quantitativo. Este objetivo puramente passivo, implicando uma **domesticação das pessoas**, despreza os requisitos espirituais, históricos e culturais da sensação interior de bem-estar de um indivíduo. Destroi a solidariedade comunitária. Exclui tudo o que não pode ser alcançado por meio de um certo 'nível de vida material'. Seu indivíduo massificado conhece, como tal, apenas a angústia e a insegurança em uma sociedade que promete o paraíso na Terra. A busca frenética pelo bem-estar material, sancionado socialmente, mas nunca alcançado, está levando ao que Konrad Lorenz<sup>[151]</sup> chamado de 'morte quente', que suaviza e enfraquece uma civilização.

Esse materialismo narcísico de pequenos prazeres é acompanhado pela pseudo-espiritualidade simulada da hipocrisia consumada: o humanitarismo dos direitos humanos e outras chamadas 'políticas culturais' destinadas a elevar a alma contemporânea.

(ver **consumismo; domesticação; individualismo**)

\* \* \*

## HEREDITARIEDADE

Características físicas e psicológicas inatas à natureza biológica — e, portanto, transmissíveis.

A hereditariedade não constitui apenas uma disposição individual ou familiar, mas coletiva. A disposição hereditária de um povo, embora não perfeitamente clara e, portanto, de caráter fluido, existe.

A ideologia dominante agora rejeita toda ideia de hereditariedade de um povo. Com base nos dogmas da assimilação e da integração, sustenta que a identidade não é transmitida, mas adquirida. Qualquer grupo humano pode, portanto, adaptar-se a qualquer cultura.**A ciência tabu da etnopsicologia demonstrou, porém, que o comportamento dos povos e nações depende em grau significativo de sua disposição genética coletiva.** Colocados em circunstâncias idênticas, povos diferentes produzem resultados diferentes. Aqueles que não são favorecidos por seu ambiente natural muitas vezes podem produzir mais do que aqueles que são. Os holandeses, por exemplo, cujo ambiente natural é atroz, superam em muito as populações africanas situadas em terras naturalmente ricas.

Precisamos acabar com o dogma behaviorista, cuja origem é marxista, segundo a qual as diferenças de níveis de desempenho e padrões de vida entre países e civilizações se devem exclusivamente aos acasos da história, às relações de produção e à exploração de um povo por outro.**Essas diferenças são atávicas, fruto de diferentes hereditariedades coletivas, muitas das quais, claro, são inatas.**

A hereditariedade, no entanto, não é tudo. Ou melhor, tem surpresas para revelar. Dentro de cada povo,**tendências degeneradas** sempre pode vir à tona. Daí o declínio de certas civilizações. A Grande Guerra de 1914-1918, por exemplo, danificou profundamente a base genética das elites européias, de seus aristocratas naturais. Assim, talvez por isso, o declínio do caráter e *virtus* tão evidente hoje. Além dos fatores genéticos, as ideologias nocivas também têm o poder de privar os grupos humanos da capacidade de resistência e criatividade.**Nenhum povo, exceto por períodos limitados, deve reivindicar ser hereditariamente superior a outro.**

A história nada mais é do que relações de forças – a luta pela vida. Se os europeus estão sendo colonizados por povos outrora dominados do

South, se eles aceitam todo tipo de humilhação, é devido, em primeiro lugar, a uma fraqueza dentro deles. A hereditariedade não é eterna. Precisamos estar constantemente alertas contra os complexos de superioridade.**A hereditariedade é adquirida, mas também conquistada e defendida.**Cada povo, por sua própria conta, pode perder a disposição hereditária que é sua força, pois ela só se atualiza dentro de sua própria cultura; ou, em casos de contra-seleção, esbanja estupidamente seu patrimônio genético.

Mais precisamente dito - e esta observação é totalmente tabu na Europa hoje, embora não no resto do mundo, que a reconhece livremente — **a mistura de raças é fatal para a hereditariedade de um povo e para a busca de sua civilização.**É a dialética do inato e do adquirido, é também a história do vivo.**Pois a transmissão cultural de uma tradição e a continuação de uma civilização são impossíveis sem manter seu núcleo biológico, seu estoque original.**André Lama, por exemplo, mostrou que a queda do Império Romano se deveu, em parte, à mistura dos romanos com populações estrangeiras.<sup>[153]</sup> —

(ver [alemão](#); [herança](#); [miscigenação](#); [raça, racismo e antirracismo](#))

\* \* \*

## HERANÇA

O conjunto de capacidades e traços culturais transmitidos de uma geração a outra que estrutura a identidade de um povo.

O patrimônio tem um caráter cultural e bioantropológico. **A duplo imperativo: sangue e espírito.** Qualquer ruptura na transmissão do patrimônio, seja popular, artístico, cultural, artesanal ou tecnocientífico, apaga parte da memória de um povo, preparando o **etnocídio** isso fará com que ele desapareça.

Os europeus, especialmente os franceses, estão agora sujeitos a uma tripla sabotagem de seu patrimônio: primeiro, a sabotagem de sua memória cultural e histórica, da qual as escolas públicas participam ativamente; em segundo lugar, a submersão do patrimônio cultural e das forças criativas da Europa sob a cultura de massa americana/occidental e pelo neo-primitivismo que vem com a africanização (o 'culto tom-tom' que Céline previu); e terceiro, agressões aos seus *germe*, através da mistura de raças, uma taxa de natalidade em declínio e o peso crescente de populações estrangeiras. A transmissão do patrimônio biológico e cultural é *asine qua non* para a manutenção dos povos europeus na história. Uma vez que não há mais nada próprio para transmitir, ele deixa de existir. Um povo sem herança é um povo alienado e, **se as coisas continuarem assim, os europeus se encontrarão muito mais desculturados do que as populações do Terceiro Mundo que antes dominavam.**

Mas há um paradoxo aqui. Embora o património biológico não tenha sofrido grandes alterações, o património cultural na história europeia está sempre em constante metamorfose, longe de ser algo fixo. O patrimônio cultural e civilizacional é um movimento. Como uma chama que permanece sempre a mesma, a substância que queima renova-se sem cessar. **O essencial é que exista no patrimônio um núcleo duro, um núcleo, de 'valores fundamentais'—atentos à memória histórica.**

(ver **enraizamento; hereditariedade; história**)

\* \* \*

## HERÓIS

Figuras emblemáticas de personagens míticos ou reais que representam os valores superiores de um povo ou de uma nação — que estão dispostos a se sacrificar pelo bem de seu povo.

A civilização europeia foi fundada com base em gestos heróicos, sendo o seu 'livro sagrado' o *Ilíada*, então o *Odisseia*. Uma sociedade é evidentemente julgada por seus heróis e anti-heróis. Hoje, a ideologia dominante tende **arejeitar toda noção de heroísmo**. Sociedades fortes, viris e conquistadoras, como o Islã, sempre tiveram seu culto de heróis-mártires. No sistema escolar francês, os heróis foram banidos e não são mais referenciados (Joana d'Arc, Bayard,<sup>[154]</sup> du Guesclin,<sup>[155]</sup> etc., e de jeito nenhum vamos falar de Charles Martel, que provavelmente seria acusado de 'racismo'); nem mesmo os heróis republicanos da Revolução são evocados! Havia, porém, alguns heróis residuais para a geração de maio de 68 (Che Guevara, Mao, Castro, Frantz Fanon,<sup>[156]</sup> etc.), cuja estatura duvidosa na verdade diminuiu desde então.

O pós-conciliar<sup>[157]</sup> A Igreja Católica, na sua rigorosa campanha de sabotagem, já não insiste no culto dos santos, suspeitos de paganismo latente. Os igualitaristas rejeitam os heróis porque **são personalidades superiores**, que se elevam acima da massa, dotando-a de modelos exemplares e, ao mesmo tempo, prestando-se a uma **ação dinâmica do povo**—como uma comunidade histórica de destino, nascida dos padrões exemplares de suas grandes personalidades criativas —uma noção, é claro, agora totalmente diabolizada. Heróis são modelos, que se sacrificam pelo bem de seu povo: algo completamente incompreensível para os 'escriturários' de hoje.

Nossa decadente sociedade etnomasquista não pode, porém, deixar de forjar pseudo-heróis ou sub-heróis: jogadores de futebol, estrelas de novelas, médicos humanitários *et todos os quanti*.<sup>[158]</sup> —

Os Estados Unidos, esta sociedade pretensamente mais decadente que a Europa (visão que exige demonstração), paradoxalmente, celebra constantemente na literatura e no cinema o seu culto à *heróis patrióticos*. Isso é especialmente curioso porque os Estados Unidos criaram os pseudo-heróis da mídia e do show business, os bufões fabricados pela "sociedade do espetáculo".<sup>[159]</sup> Uma análise da situação dos EUA é, portanto,

Não tão simples. Seu culto popular de heróis é impensável na Europa, **onde o heroísmo patriótico é ridicularizado por seu 'primitivismo'** e as elites culturais se dedicam a uma negatividade blasé. Os heróis do cinema francês dos últimos vinte anos foram, em sua maioria, tipos psicopatas dementes, quebradiços. Para o bem ou para o mal, foi o cinema americano que valorizou os heróis europeus. Por exemplo, filmes como *os 300 espartanos*, *Excalibur*, *Coração Valente*, etc

**A regeneração da Europa incluirá a reabilitação de seus heróis na cultura popular.** É incrível, no entanto, a forma como a mídia surpreendeu o público com seu culto insano de atletas milionários, de estrelas de cinema e música sem talento, mas bem pagas, e de personalidades falsas criadas por pesquisas de opinião - todas cujo "heroísmo" hipócrita é uma questão de privilégio financeiro e vaidade histriônica.

(ver **nascido líder; personalidade, criativo**)

\* \* \*

## HETEROTÉLIA

O resultado e as consequências de uma ação cujos efeitos são radicalmente contrários ao seu objetivo pretendido ou proclamado (do grego hetero e télos significando 'outro' e 'fins').

**Em geral, a heterotelia é o destino de todas as ideologias utópicas e religiões dogmáticas,** particularmente aqueles que defendem o igualitarismo, o humanitarismo e o anti-racismo.

Alguns exemplos: os massacres e as guerras perpetuadas em nome do 'Deus do amor e dos pobres'; ideologias de libertação e emancipação que inevitavelmente culminam no totalitarismo; Programas socialistas de esquerda que criam pobreza, fiscalismo, burocratismo e uma nova classe de especuladores; ideologias acadêmicas de anti-seleção que trazem desigualdades crescentes, um sistema de 'escola de dois níveis', um currículo barato para aqueles de renda modesta e um procedimento de admissão selvagem ou nepotista para a vida profissional (a selva social); a lei da jornada de 35 horas semanais, que agrava as rotinas de trabalho, penaliza as empresas e, a longo prazo, prejudica os assalariados;

[\[160\]](#) o antirracismo e a construção de uma sociedade multirracial, que provoca xenofobia e tensões étnicas; a permissividade e a recusa de fortes medidas antidelinqüentes justificadas em nome de um libertarianismo que favorece a insegurança e a violência; leis contra demissões que acabam desestimulando contratações; proteção excessiva dos locatários que inibe a construção de moradias; impostos crescentes que estreitam a base tributária, etc.

A expressão mais geral e visível da heterotelia é a **defesa excessiva de uma liberdade individual que acaba por cerceá-la.**

Essa heterotelia política, distinta da ideologia igualitária, é baseada em uma **recusa do real** uma profunda incompreensão do comportamento humano, das realidades econômicas e dos mecanismos sociais.

(ver **liberdade**)

\* \* \*

## HIERARQUIA

O poder de comando e precedência — estabelecido em forma de pirâmide no seio de toda sociedade — envolvendo tanto homens quanto funções.

A noção de hierarquia evidencia as contradições mais insuportáveis da ideologia igualitária dominante. Teoricamente, a hierarquia é rejeitada, mas na prática é aceita, pois nenhuma sociedade pode prescindir dela e está inscrita na memória genética. Todas as sociedades, humanas e animais, são hierárquicas, especialmente as últimas: as sociedades humanas conhecem formas extremamente complexas de hierarquia.

**A ideologia igualitária, como a sociedade ocidental que a produziu, vive uma verdadeira forma de esquizofrenia: ataca incessantemente a hierarquia, mas não pode impedir que surjam hierarquias, pois toda sociedade as engendra.** Expressões patológicas de anti-hierarquia, por exemplo, são evidentes em: o ataque à 'seleção' nas escolas públicas; o dogma de que todos os indivíduos, culturas e povos são iguais; a doutrina que concebe a informação e a comunicação em termos de 'redes horizontais'; e outras ilusões. . .

A anti-hierarquia obviamente não corresponde a nenhuma realidade real, uma vez que as hierarquias emergem espontaneamente em todos os domínios. No entanto, está no centro da utopia igualitária. Nas sociedades ocidentais, essa rejeição da hierarquia levou à formação de **hierarquias selvagens e caóticas** sem legitimidade real, e a formas de dominação que são ainda mais autoritárias e injustas por serem protegidas e camufladas em falsas relações "horizontais". Desta forma, a prática da exclusão e do ostracismo substitui as da sanção. É o **reino da hierarquia hipócrita**. Isso dá origem à sociedade bloqueada em que não há mais circulação de elites, onde se estabelecem castas privilegiadas e onde impera o reino da ilegalidade. Seus mecanismos são perversos; nos negócios, nas forças armadas, na escola e no governo, recusam-se formas claras e explícitas de autoridade em nome da "negociação" e do "diálogo". Na realidade, o processo leva a redes de influência e corrupção — ou **ahierarquias secretas**. Como ninguém é mais obrigado a obedecer, eles precisam ser comprados (corrompidos).

\*

**Da perspectiva européia, uma sociedade hierárquica não é uma sociedade opressiva no sentido oriental ou islâmico. Hierarquia é a organização disciplinada de homens livres em prol de seu bem-estar comum**—isso é hierarquia no sentido de que direitos implicam deveres e que a autoridade deve constantemente provar sua competência.

A hierarquia é insuportável se não repousar sobre uma autoridade transcendental; é insuportável se assentar apenas nas forças do dinheiro (já não se manda nem manda, mas compra cúmplices) — ou então, assenta no nepotismo. A hierarquia só pode ser legitimada com base numa reconhecida superioridade, fundada na meritocracia e no talento, no carácter e no bom senso.

Uma sociedade que recusa uma clara hierarquia meritocrática, estabelecida com base em justas sanções legais, cai inevitavelmente nas mãos de **hierarquias anárquicas e tirânicas**: como máfias, gangues étnicas, grupos de pressão, poderes financeiros, etc. Não é menos necessário opor-se à última ilusão, muito em voga entre os sociólogos (nossos homólogos contemporâneos dos utopistas socialistas do século XIX): de que uma 'nova sociedade' está sendo organizada como 'redes' e 'tribos', que, supostamente, trarão uma era de comunicação e cooperação não hierárquica — redes e tribos, aliás, fundadas unicamente na vontade individual de seus integrantes. Ao separar os papéis, a sociedade hierárquica renuncia, em contraste, à própria possibilidade de que a função soberana caia nas mãos de outros — assim como ela evolui de maneiras tão positivas quanto inescapáveis.

\*

Do ponto de vista espiritual, a abolição da função soberana só pode culminar na dominação brutal do mercado, não na instalação de redes horizontais; as sociedades em rede inervadas por essa extravagância milagrosa chamada 'comunicações' reproduzem as hierarquias mais selvagens e desreguladas, contra as quais o indivíduo permanece totalmente indefeso. Uma coisa certa: a rejeição das hierarquias naturais dá origem a uma sociedade caótica com as formas mais brutais e rígidas de hierarquia — ou seja, o autoritarismo.

A questão, portanto, não é a favor ou contra a hierarquia (a favor ou contra a seleção), pois é um dado sociobiológico incontornável; a questão é saber **que tipo de hierarquia escolher**.

\*

**A hierarquia só pode ser considerada em termos de um conjunto holístico**  
(ou seja, como uma totalidade harmoniosa e orgânica),**em que as regras do**  
**jogo são claras, os direitos e deveres são progressivos e desiguais, e os**  
**escalões superiores possuem competência, autoridade e uma honestidade**  
**indiscutível.**

**(veraristocracia; igualitarismo; elite; meritocracia; seleção)**

\* \* \*

## HISTÓRIA, CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA

A consciência, evidente nas civilizações europeias e em várias outras, da emergência e continuidade do destino colectivo de um povo no tempo. A história é profundamente trágica. É por isso que tanto os espíritos burgueses quanto os igualitários o rejeitam. Seja marxista ou, hoje, liberal-cosmopolita, esses espíritos sempre buscaram o **fim da história**, sinônimo de vale de lágrimas. Desde a queda do comunismo, a atual ideologia ocidental/americana luta implicitamente pelo fim da história, buscando estabelecer uma 'Nova Ordem Mundial', um planeta unificado. **A história, porém, está voltando estrondosa, com os inevitáveis confrontos que vêm de um mundo cada vez mais multipolar.**

**Existem três grandes concepções opostas da história: a concepção cíclica; a concepção linear, finalista; e a concepção esférica.**

1. A concepção cíclica encontrada nas sociedades primitivas ou antigas sustenta que tudo se repete eternamente e nada muda. A história é um loop, um recomeço, uma sucessão de 'eras' que retornam de novo e de novo.
2. A concepção linear e finalista (teleonômica e soteriológica) foi introduzida pelo judaico-cristianismo: a dinâmica da história culmina inevitavelmente no Juízo Final. Essa concepção foi adotada pelas ideologias ocidentais, elaborada no pensamento de Hegel e Marx (assim como nos liberais cosmopolitas), e secularizou a visão judaico-cristã do céu. Tal noção de Salvação, ingénua e maculada por uma crença no Progresso distinta de uma modernidade esgotada, continua a dominar a ideologia dominante, como um exorcismo, embora tudo indique que o século XXI refutará o seu otimismo infantil.
3. A concepção 'esférica' da história, formulada por Nietzsche e desenvolvida por Giorgio Locchi,<sup>[161]</sup> é essa filosofia trágica, sobre-humana e faustiana, cuja dinâmica não é mais baseada em um ciclo eternamente recorrente ou em um movimento linear predeterminado ("o sentido da história"), mas pelo "eterno retorno do idêntico" (não o "mesmo"). O passado pode ser reapropriado, até mesmo transformado,

a qualquer momento por um projeto de renovação. Essa posição é esférica, como uma bola que rola sobre uma superfície plana, com seus diferentes pontos tocando as mesmas fases de ascensão, decadência, guerra, paz, crise etc., que retornam constantemente, mas em situações e modalidades diferentes. O presente desta forma funde o passado imemorial com um futuro desejado. **Tradição e futurismo tornam-se aqui a mesma energia volitiva. O futuro permanece em aberto**, ao contrário do ciclismo pagão arcaico ou da linearidade judaico-cristã - ambos determinísticos.

\*

Os europeus fariam bem em se inspirar nessa noção nietzschiana-locchiana para **regenerar a sua história**, pois eles deixaram a história - eles não são mais seus mestres, tendo abdicado de seu destino para estrangeiros. A concepção esférica da história é **anti-fatalista**, aceitar que uma decadência indesejada ou uma regeneração imprevista é sempre uma possibilidade. **O atual declínio da Europa** (especialmente demográfica, étnica e espiritualmente) **não é irreversível**. Tudo pode acontecer: tanto as surpresas divinas quanto as malignas são o destino da história, essa torrente cujo curso ninguém pode prever. Mas se a torrente é uma sucessão de metamorfoses lentas ou brutais, dolorosas ou suportáveis, geralmente imprevisíveis, é importante perceber que a regeneração histórica da Europa será "um salto para o desconhecido". - tudo menos pacífico.

(ver **arqueofuturismo; destino, tornando-se; fim da história**)

\* \* \*

## HOMO OECONOMICUS

O homem reduzido unicamente à sua função econômica de consumidor e produtor.

Qualquer que seja seu projeto, a ideologia igualitária e humanitária, seja em sua versão liberal ou socialista, vê os homens como átomos econômicos intercambiáveis. O que conta nessa ideologia são as diferenças de desempenho produtivo ou de capacidade de consumo — ou seja, o que conta é o dinheiro.

**Reduzido assim à sua dimensão mercantil ou monetária, o homem perde o seu valor pessoal, cultural e étnico.** Tanto para os socialistas marxistas quanto para os liberais, o homem é *preeminente* um produtor e um consumidor. O Ocidente é essencialmente economista, ao contrário, digamos, do Islã, cuja principal ambição é conquistar por causa de seus objetivos militares e religiosos. A última ideologia é muito mais sólida do que a primeira.

A catastrófica imigração colonizadora que conhecemos desde os anos 60 foi motivada por preocupações econômicas. A única coisa que importava era a docilidade e o baixo custo da mão-de-obra. A desfiguração étnica da Europa nunca passou pela cabeça dos empregadores ou dos sindicatos. Essa concepção estritamente econômica, voltada para a produção e o consumo, é um dos grandes dogmas do igualitarismo.

Hoje, porém, o *Homo oeconomicus* nascido do utopismo dos séculos XVIII e XIX entrou em crise no exato momento em que "ele" parecia triunfante. Sua falha decorre da suposição de que o homem é um 'cidadão do mundo', motivado exclusivamente por suas necessidades econômicas. Mas agora estamos testemunhando um retorno planetário das 'necessidades de identidade' (culturalmente, etnicamente, religiosamente), bem como das 'necessidades de vontade de poder'. A economia nunca pode atender ou dominar essas necessidades. O objetivo principal da política contemporânea é tornar o homem feliz por meio da economia, como se seu bem-estar fosse estritamente uma questão de riqueza.

\*

Em uma palavra, a noção de *Homo oeconomicus* é fundada em um **interpretação totalmente errônea da motivação humana**. Além do parêntese histórico dos últimos dois séculos, as motivações humanas mais profundas nunca foram sobre economia ou consumo. A natureza humana é mais sobre sentimento do que matéria; é mais profundo

os impulsos levam o homem muito além das preocupações econômicas – em direção a satisfações imateriais (sentimentos, fé, patriotismo, etc.).

\*

*Homo oeconomicus* representa um homem diminuído, domesticado e privado, sobretudo, de seus traços naturais. Os europeus sucumbiram a tal domesticação. Mas isso não vai durar para sempre; a natureza humana eventualmente reclamará seus direitos. E além, **esse tipo de homem é miserável**: nas sociedades de mercado mais ricas e economicamente bem-sucedidas do Ocidente, as taxas de suicídio são significativamente mais altas do que nas sociedades pobres, passadas ou presentes.

A civilização ocidental tem uma visão totalmente equivocada da natureza humana. O homem não é primariamente um *Homo oeconomicus*, mas, de forma mais geral, na visão mais ampla dos filósofos gregos, um *azōon politikon*, um 'animal político'. As repercussões de tal erro não tardarão a chegar. (ver **burguesismo; economicismo; sociedade, mercado**)

\* \* \*

## HOMOFILIA

A justificação da homossexualidade, considerada não apenas como uma forma normal de comportamento, mas como algo digno de proteção e admiração.

Depois de muito buscar o reconhecimento como um elemento social marginal, o lobby homossexual agora exige uma espécie de superioridade, com a heterossexualidade tratada como algo inferior ou mutilado. Primeiro direitos iguais, depois privilégios. A 'homofobia' (a crítica da homossexualidade) é, portanto, processada como se fosse uma forma de racismo ou anti-semitismo. A máfia lavanda não quer apenas existir em paz, mas dominar.

\*

**A homofilia é um dos sintomas mais grosseiros da decadência e dissolução do sentido de sentido da sociedade.** Um povo que trata a homossexualidade como uma das belas artes é um povo que vive em contradição com as regras da biologia e da etologia, e em contradição com a 'lei natural' de que falou Robert Ardrey. Põe em perigo a reprodução e a existência de um povo: pertence à doutrina antivitalista da gnose maçônica e, juntamente com a mestiçagem, a xenofilia, o antinatalismo e o feminismo, procura destruir as forças vitalistas, o germe, prelúdio da erradicação programada do europeu.

(ver **desvirilização**)

\* \* \*

## DIREITOS HUMANOS, DIREITOS HUMANOS

A pedra angular da ideologia moderna de progresso e igualitarismo individualista - e a base sobre a qual a polícia do pensamento foi criada para destruir os direitos do povo de existir como um povo.

Como uma síntese da filosofia política do século XVIII (muitas vezes mal compreendida), os direitos humanos<sup>[162]</sup>é o horizonte inescapável da ideologia dominante. Com o antirracismo, torna-se o ponto central de referência para todas as formas coletivas de condicionamento mental, para o pensamento pronto e para a paralisia de toda revolta. Profundamente hipócrita, a ideologia dos direitos humanos acomoda toda forma de miséria social e justifica toda forma de opressão. Funciona como uma verdadeira religião secular. O 'humano' nos direitos humanos nada mais é do que uma abstração, um consumidor-cliente, um átomo. Diz tudo que a ideologia dos direitos humanos se originou com os Conventionnels da Revolução Francesa,<sup>[163]</sup>imitando os puritanos americanos.

A ideologia dos direitos humanos conseguiu se legitimar com base em duas imposturas históricas: a da caridade e da filantropia — e a da liberdade.

Os 'humanos' (uma noção já vaga) não possuem direitos fixos ou universais, apenas os legados por sua civilização, por sua tradição. Contra os direitos humanos, é preciso opor duas ideias-chave: a dos direitos de um povo a uma identidade e a da justiça (que varia de acordo com a cultura e pressupõe que todos os indivíduos não são igualmente dignos de louvor). Essas duas noções não repousam na presunção de um homem universal abstrato, mas sim em homens reais, localizados em sua cultura específica.

Criticar a religião secular dos direitos humanos obviamente não é apologia de comportamento selvagem, embora em numerosas ocasiões os direitos humanos tenham sido usados para justificar a barbárie e a opressão (a repressão genocida da Vendée durante a Revolução Francesa<sup>[164]</sup>ou o extermínio dos índios). **A ideologia dos direitos humanos tem sido muitas vezes o pretexto para perseguições: em nome do 'Bem'.** Ele não protege os direitos dos indivíduos mais do que o comunismo. Muito pelo contrário, pois impôs um novo sistema de opressão, baseado na

liberdades puramente formais. Sob seus auspícios e com desprezo a toda democracia, legitima a colonização da Europa pelo Terceiro Mundo, tolerando delinqüências assassinas da liberdade, apoiando guerras de agressão realizadas em nome do humanitarismo e recusando-se a deportar imigrantes ilegais; essa ideologia nunca fala contra a poluição ambiental que causa ou a selvageria social de sua economia globalizada.

A ideologia dos direitos humanos é, antes de tudo, estrategicamente utilizada para **desarmar os povos europeus**, fazendo com que se sintam culpados por quase tudo. Assim, autoriza seu desarmamento e paralisia. É uma espécie de corrupção da caridade cristã e do seu dogma igualitário de que todos os indivíduos devem ser valorizados igualmente perante Deus e os homens.

**A ideologia dos direitos humanos é a principal arma usada hoje para destruir a identidade da Europa e promover os interesses de seus colonizadores estrangeiros.**

**(verigualitarismo; ideologia, ideologia ocidental)**

\* \* \*

## HUMANISMO, SUR-HUMANISMO

A atitude filosófica e política herdada da civilização greco-romana, que defende o ideal do homem livre — liberto dos dogmas e da barbárie, inserido numa ordem civil e conhecedor da diversidade das nações.

**Em nenhum caso o humanismo deve ser associado ao humanitarismo,** como Yvan Blot (presidente do Club de l'Horloge)<sup>[165]</sup> explica, 'O ideal humanista é uma síntese do ideal de liberdade e o ideal de enraizamento. Aos valores de liberdade de expressão, competitividade, busca pela excelência, desejo de ser o primeiro, correspondem valores gregos de honra, justiça, equidade, lealdade familiar, patriotismo, religião — e de "filantropia", no sentido daquilo que é humano'.

O humanismo é uma 'escola de realismo' que vê o homem, sem expectativas utópicas ou otimistas, como ele é. Defende a sabedoria e a ambição, respeita as diferenças e rejeita ódios injustificados — mas, ao mesmo tempo, reconhece a existência de diferentes identidades étnicas e culturais.

A atitude humanista é o oposto das fanáticas religiões monoteístas do deserto, particularmente o Islã. Mas **é não é uma forma de tolerância absoluta nem, sobretudo, é um igualitarismo.** Humanismo — uma atitude anti-caos por *excelência*, uma doutrina de equilíbrio - rejeita a ditadura brutal e os regimes totalitários, assim como rejeita a permissividade social. Defende a justiça, a hierarquia holística da cidade e o dever patriótico. **Da mesma forma, rejeita o cosmopolitismo e toda visão de uma "humanidade unida e uniforme".**(a utopia do 'Estado Mundial'), uma vez que a ideia de distinção étnica e equidade cívica são centrais para sua concepção do político. Doutrina de sabedoria e equilíbrio, escola da vontade e sujeito do real, o humanismo é a base do 'estado de direito' — hoje completamente abusado por seus defensores 'democráticos'.

A base do humanismo, um princípio central da tradição européia e sua herança greco-romana, é assim **reconhecimento e a fusão da justiça, do direito positivo, da cidadania e da identidade étnica.**

\*

O sobre-humanismo, noção nietzschiana desenvolvida conceitualmente por Giorgio Locchi, é um **humanismo para uma era de crise e transcendência.** É um

**transgressão positiva e trágica do humanismo em estado de emergência.** Diante de grandes perigos, o autêntico europeu precisa superar e transgredir certos princípios. Pelos perigos que ameaçam sua *pessoas* exigem soluções tão impensáveis quanto indispensáveis. Como tal, transgride não para agradar a um ditador ou obedecer a tal e tal dogma, mas sim para servir a sobrevivência do seu povo, ou seja, na defesa da sua futura linhagem e herança ancestral. Mais de 2.400 anos atrás, Xenofonte escreveu em sua *nábase*,<sup>[166]</sup> 'Chegará o dia em que a águia de Zeus estenderá serena e impiedosamente suas garras.' Isso é o que significa surumanismo.

Em momentos de suprema tragédia, o homem se concede poderes divinos, atendendo ao que o inspira e o ultrapassa. Segundo a tradição pitagórica, ele se torna "o ouvido dos deuses".

(ver **liberdade; prometeico; tecnociência**)

\* \* \*

## HUMANITARIANISMO

O amor declarado de todos os seres humanos, independentemente da distinção - e a afirmação de nosso suposto dever de ajudar os oprimidos, famintos ou doentes, etc.

**O humanitarismo é um humanismo delinquente e desfigurado.**Vem de uma espécie de piedade sistemática pelo 'Outro' e uma indiferença pelo 'Próximo'. É uma exacerbação do que antes se chamava 'filantropia' e uma secularização hipócrita da 'caridade' cristã. Nesse sentido, vem da xenofilia e legitima, como tal, 'preferências estrangeiras' que discriminam a favor dos estrangeiros.

O humanitarismo demonstra apoio em massa aos imigrantes ilegais e assiste vítimas de massacres e guerras civis em lugares distantes (pelos quais se sente responsável), mas ao mesmo tempo é totalmente indiferente à pobreza e precariedade dos nativos europeus. Está escandalizado com a deportação de albaneses, mas não com a deportação de sérvios. Condena a guerra da Rússia contra os chechenos, mas não a guerra da Chechênia contra a Rússia ou o bombardeio anglo-americano do Iraque, etc.

O humanitarismo moderno começou com as campanhas do século XX contra a 'fome mundial' e com a ideologia hipócrita da assistência ao Terceiro Mundo.**O humanitarismo corrompe a noção greco-romana de humanismo**,pois este último defende não *amor indiscriminado da humanidade*. Concretamente, os movimentos humanitários na verdade não vêm em auxílio do mundo mais amplo. Por trás de seu empreendimento humanitário, está o *negócio de caridade*, que é muito lucrativo e dá às personalidades da esquerda cosmopolita uma boa dose de exposição na mídia. O humanitarismo foi de fato comercializado – uma falsa destilação da "filantropia" iluminista. Embora dificilmente eficaz na prática, sua ideologia nociva afeta negativamente os europeus, pois seu igualitarismo frenético implica que todos os homens e todos os povos têm o mesmo valor e que a unidade metafísica da raça humana impõe a obrigação de ajudar o 'Outro', em vez de do que a própria espécie. (**veretnomas oquismo; direitos humanos; preferência, europeu; xenofilia**)

**EU**

## IDEIA, IDEAL, IDEALISMO HISTÓRICO

O idealismo histórico, teorizado por Hegel, sustenta que uma grande Ideia é necessariamente encarnada na história, embora sem nenhum conhecimento avançado de como ela deve ser realizada.

A posição de Hegel muitas vezes foi mal compreendida, especialmente pelos marxistas, que inverteram seu significado. Quando Hegel invocou o "aparecimento da Razão na história", ele não quis dizer que era algum tipo de autômato do destino, mas sim uma irrupção de uma Ideia (encarnando uma vontade de poder) que poderia muito bem se tornar o contra-ataque. atual para o 'inevitável'.

Curiosamente, o idealismo histórico é fatalista e antifatalista. É fatalista sempre que espera que certas ideias sejam realizadas, necessariamente, por algum tipo de metafísica pré-programada (sociedade sem classes, o comunismo universalista de Marx, o mito do progresso indefinido do liberalismo).

Isso é **anti-fatalista** sempre que posa uma **Ideia dissidente ou aparentemente irrealizável que pode se manifestar na história através da força de vontade**: o espanhol **reconquista** que levou séculos,[167] — afirmação de De Gaulle da derrota alemã em 1940, a independência da Argélia, a reunificação de Kohl da Alemanha dividida, etc.

\*

O idealismo histórico é o oposto daquele *fatalismo histórico negativo* distinto para nossos especialistas míopes. Hoje, por exemplo, esses especialistas afirmam que o Islã e os estrangeiros não europeus são agora uma parte estabelecida da Europa. Contra tais reivindicações, afirmamos e inculcamos deliberadamente a ideia de **reconquista**, mesmo que suas modalidades exatas ainda sejam desconhecidas.

Da mesma forma, o conceito de *Eurosibérianasce* de uma vontade de se realizar na história, mesmo que seja muito cedo para determinar como.

\*

Esse **idealismo histórico positivo** opõe-se à visão mecanicista da história, em que tudo é previsto, em que toda surpresa ou desvio é descartado antecipadamente. Em contraste, o idealismo positivo pressupõe que uma Idéia - concebida por uma **vontade inabalável** transmitido por elites conscientes e capazes a sucessivas gerações — tem a chance de um dia ser realizado, apesar das alegações dos fatalistas. Nada está totalmente perdido **esempre foram minorias imbuídas**

**com uma ideia-força que inverteram o curso esperado dos acontecimentos históricos.**

Obviamente, precisamos ser pacientes, adotar uma perspectiva de longo prazo e parar de acreditar que Roma será construída em um dia. A atual aceleração da história e os riscos crescentes do novo século podem divulgar surpresas divinas. . .

(ver**história; resistência e reconquista**)

\* \* \*

## IDENTIDADE

Etimologicamente: 'Aquilo que torna singular'. A identidade de um povo é o que o torna incomparável e insubstituível.

Característica da humanidade é a diversidade e singularidade de seus muitos povos e culturas. Toda forma de sua homogeneização é sinônimo de morte, assim como de esclerose e entropia. O universalismo sempre busca marginalizar a identidade em nome de um modelo antropológico único e único. **Mas identidades étnicas e culturais formam um bloco: manter e desenvolver o patrimônio cultural pressupõe a comunidade étnica de um povo.**

A humanidade não sobreviverá aos desafios que está gerando se continuar sendo um *pluriversum*, isto é, se permanecer um agravamento turbulento de povos etnocêntricos profundamente diferentes.

**Olhar: a base da identidade é biológica; sem ela, os domínios da cultura e da civilização são insustentáveis.** Dito de outra forma: a identidade, a memória e os projetos de um povo vêm de uma disposição hereditária específica.

\*

Os republicanos jacobinos e universalistas — que supostamente defendem a 'identidade da França' e seu 'excepcionalismo cultural', acreditando que podem integrar massas etnicamente estranhas — estão nas garras de uma contradição total.

A noção de identidade obviamente se refere a **etnocentrismo** e permanece incompatível com a coabitação 'etnopluralista'. A esse respeito, Pierre Vial escreve (em *Une Terre, un Peuple*) que: 'A identidade, para um indivíduo ou um povo, decorre de três elementos básicos: raça, cultura e vontade'. A implicação aqui é que nenhum desses elementos é suficiente para formar uma identidade: sem uma base biológica relativamente homogênea, nenhuma cultura prospera; **mas a biologia por si só não garantirá a longevidade de uma cultura, se faltar a vontade do povo e de suas elites.** Uma cultura não sobrevive nem prospera com elites decapitadas.

\*

A ideia de identidade é uma pedra no sapato da ideologia universal e igualitária dominante. Por um lado, choca terrivelmente, suspeitando (com razão) que a identidade sempre tem um cheiro étnico. No

por outro lado, não se pode — ou melhor, não se pode mais por razões políticas — contrapor-se abertamente a uma 'identidade corsa' ou a uma 'identidade bretã'. Sem mencionar uma 'identidade judaica', que ninguém pensaria em contestar, embora no século XIX judeus seculares e universalistas, começando com Marx, defendessem a erradicação da identidade judaica - erradicando os costumes, a religião e as prescrições endogâmicas judaicas. Como se superam tão flagrantes contradições? Apenas através de contorções ideológicas:

1. A identidade dos povos constituintes da Europa não é negada abertamente, mas neutralizada, esvaziada de substância e relegada ao estudo académico ou ao folclore (no pior sentido do termo), despojado desta forma de qualquer referência étnica. Apenas a identidade lingüística é paga da boca para fora e, mesmo assim, apenas com bastante reticência. Como insistem os líderes de esquerda do movimento de independência bretão, um não-europeu estabelecido na Bretanha é automaticamente um bretão. (Aqui o termo 'bretão' assume o sentido universalista que tem 'americano'.)
2. **Entende-se, é claro, que a identidade é aceitável para populações estrangeiras, mas repugnante sempre que exigida pelos europeus.**  
- porque é 'racista'. As identidades africana, antilhana e árabe-muçulmana são encorajadas, enquanto qualquer profissão de identidade étnica por europeus nativos é automaticamente submetida a uma hermenêutica de suspeita. Nesse espírito, os europeus são instados a abandonar todos os vestígios de identidade (ou então relegá-los ao museu). É simplesmente muito perigoso.

\*

A noção de identidade não está de forma alguma ameaçada pelo mundo que está por vir, pois apesar — ou por causa — da globalização e da ocidentalização, veremos a identidade fortalecida maciçamente pela formação de grandes blocos étnicos no Sul Global. **A única identidade ameaçada é a dos povos perigosos (análogas às 'classes perigosas' da Paris do século XIX):** [168] os 'povos perigosos' sendo europeus nativos, que agora estão proibidos de ter uma identidade, pelo menos uma identidade que não seja uma peça de museu.

\*

Finalmente, a ideia de identidade tem de estar ligada à noção de **continuidade** (na formulação de Robert Steuckers). A identidade nunca é fixa ou congelada. Permanece em mudança, conciliando o ser e o devir. A identidade é dinâmica, nunca estática ou puramente conservadora. A identidade deve ser vista como a base de um movimento que perdura ao longo da história — a continuidade geracional de um povo. Noções dialéticas que associam identidade e continuidade permitem que um povo seja **produtor de sua própria história.**  
**(verenraizamento; etnocentrismo; etnosfera; pátria, terra natal)**

\* \* \*

## IDEOLOGIA, IDEOLOGIA HEGEMONICA, IDEOLOGIA OCIDENTAL, IDEOLOGIA EUROPEIA

Uma ideologia é um sistema de ideias explicitamente ou implicitamente organizado que é tanto uma concepção-do-mundo quanto o portador de um projeto político, social, econômico e cultural específico.

A Europa hoje é vítima de uma ideologia que ela mesma criou — uma que começou com a filosofia do século XVIII do Iluminismo e culmina no que se chama de 'ideologia ocidental' ou 'ideologia globalista'. **A ideologia ocidental se tornou um bumerangue contra os europeus.** Essa ideologia (que o comunismo compartilhou em grande parte até seu colapso) é baseada nos seguintes pressupostos:

1. Um individualismo absoluto e a busca do prazer por meio do materialismo econômico.
2. Uma interpretação da tecnologia como uma espécie de divindade capaz de conferir felicidade e servir como substituta da espiritualidade — tecnologia vista aqui não como instrumento de poder e soberania, mas simplesmente como meio de conforto — uma dominação por *gadgets*.
3. A afirmação hipócrita da igualdade de todos os seres humanos e, com base nisso, a negação implícita da ideia de povo (no sentido étnico).
4. Uma rejeição do divino e da herança ancestral e sua substituição por um presentismo, desdenhoso tanto do passado quanto do futuro.
5. A crença no 'desenvolvimento' econômico infinito da humanidade, como a forma suprema de felicidade coletiva e individual — um desenvolvimento sem qualquer consideração por limites físicos ou ecológicos.
6. O culto do progresso sem fim.
7. A luta contra as identidades étnicas da Europa.

\*

**Fundado na Razão**(uma racionalidade autossuficiente), **A ideologia ocidental não passa de uma forma degenerada de metafísica, pois afirma representar**

**aspirações humanas, servindo como norma ética universal, no lugar da religião.** Seus postulados, porém, são irrealistas e antivitalistas, desdenhando o real — isto é, a realidade observável das sociedades humanas. Enquanto criticam o materialismo absoluto da ideologia e da sociedade ocidentais, certos filósofos cegos (da direita intelectual) imaginam que uma aliança "espiritual" com o Islã é desejável. Isso seria como cair entre Charybde e Scylla.<sup>[169]</sup> Somente em si mesmos - em suas próprias tradições - os europeus conseguirão encontrar e reviver seu povo.

\*

A filosofia dos 'direitos humanos' e a idolatria da tecnologia como fonte de bem-estar compõem o currículo da ideologia ocidental. Hoje é hegemônico, totalitário. Não tolera desafios. Em vez de serem rivais, as diferentes versões de direita e esquerda da ideologia ocidental perseguem o mesmo projeto geral de civilização. Por mais triunfante que essa ideologia possa ser no momento, ela é inherentemente desestruturante. Pois o mundo não se conforma com seus postulados, nenhum dos quais jamais foi realizado. Seu presente triunfo será efêmero.

A ideologia ocidental acena para um renascimento: uma verdadeira *ideologia europeia*.  
**(vercrença em milagres; igualitarismo; direitos humanos; modernidade; progresso, progressismo)**

\* \* \*

## IMIGRAÇÃO

O afluxo de populações estrangeiras para um território cuja população nativa corre o risco de ser submersa.

A imigração de não-europeus para a Europa conduziu a uma verdadeira colonização.**O termo 'imigração' deve ser criticado como insuficiente e substituído pelo termo 'colonização'**—esta colonização que é o fenômeno histórico mais grave a assolar os europeus desde a queda do Império Romano. Na luta política e ideológica, não devemos confiar nas palavras de nosso adversário, mas sim impor nossos próprios conceitos.**Não recebemos imigrantes estrangeiros, estamos sendo colonizados por eles.**  
(ver **colonização** e também meu *La Colonization de l'Europe* [Paris: L'Æncre, 2001])

\* \* \*

## INDIVIDUALISMO

A ideologia e a tendência cultural de afirmar a primazia do indivíduo e seus interesses sobre o grupo ao qual pertence. Esta é uma noção ambígua. Pois existe um individualismo positivo, o das tradições helênica, celta e germânica, e um individualismo negativo, que é uma distorção trágica do primeiro, e decorre de uma mentalidade burguesa hostil à própria comunidade ou povo. Também decorre das religiões de salvação individual (soteriológicas), nas quais o homem fala diretamente com Deus, sem intermediários.

\*

**Positivamente, o individualismo europeu está tipicamente ligado a noções de liberdade e responsabilidade, e aceita a causa do patriotismo, assim como o espírito de sacrifício.** Este é o individualismo da personalidade criativa, artista ou aristocrata. **O individualismo negativo da sociedade de consumo, ao contrário, vem da massificação e domesticação do indivíduo isolado.** É o individualismo das massas condicionadas, dos homens que não passam de átomos devoradores, separados de sua comunidade e de seu povo. Assim, é necessário distinguir entre **individualismo aristocrático** e **individualismo burguês**. Este último é narcisista e niilista, suscetível a formas de escravatura ou robotização que geralmente são introduzidas em nome da emancipação. Apesar de suas aparências e simulacros, o socialismo de esquerda, como a sociedade de mercado, sustenta um individualismo achataido — irresponsável e carente de assistência — que rejeita a solidariedade e culmina em reflexos corporativos ou egoístas.

\*

O individualismo contemporâneo persegue o seguinte paradoxo: exalta o indivíduo narcísico, mas a longo prazo o opõe ao isolá-lo das solidariedades naturais. O individualismo é positivo se valoriza a personalidade criativa, dentro da comunidade-das-pessoas. (ver **comunidade; personalidade, criativo**)

\* \* \*

## INEGALITARIANISMO

Reconhecimento da diversidade e desigualdade de todas as formas de vida, biológicas ou sociais.

Segundo o filósofo Giorgio Locchi, a diferença entre 'igualitarismo' e 'inegalitarismo' equivale a uma verdadeira guerra entre concepções de mundo, como Nietzsche notou pela primeira vez.

O desigualitarismo não deve ser confundido com injustiça, opressão social ou estabelecimento de privilégios de casta. Sua visão de mundo parte do princípio de que os humanos não são equivalentes nem comparáveis (coletiva ou individualmente), que são **desigual por natureza**, seja por temperamento ou virtude. Soluções e moral não podem, portanto, ser iguais em todos os lugares. Da mesma forma, isso implica que **seres humanos e civilizações não são e não podem ser igualmente capazes ou estimáveis**.

\*

A visão desigualitária do mundo é a base de toda justiça e harmonia social, porque respeita o caráter orgânico da vida. Para Nietzsche, o igualitarismo representava um 'ódio à vida' e levava a esforços tirânicos para criar um universo social artificial. Os despotismos democráticos do século XX são excelentes exemplos disso.

O desigualitarismo é um reconhecimento da diversidade da vida, é a lógica básica da competição dominando as diferentes formas de vida. Sem esse reconhecimento, os resultados levariam à selvageria – ao oposto da ordem, do equilíbrio e da justiça. Não há necessidade de limitar o desigualitarismo a diversidade (como fazem nossos intelectuais 'etnoplenaristas', que são, na verdade, profundamente igualitários), mas entender que **formas de vida desiguais implicam noções de superioridade e qualidade**.

\*

Isso levanta a questão de como os critérios de desigualdade ou superioridade (dos homens ou das civilizações) devem ser julgados. É uma questão de riqueza? De força? De poder? Não é a **capacidade de suportar e sobreviver, que é a base da dominação.**  
**(ver igualitarismo)**

\* \* \*

## INTERREGNO

Um conceito de Giorgio Locchi, em que o tempo histórico culmina tanto no fim de uma civilização quanto no possível nascimento de uma nova civilização.

Atualmente vivemos um interregno, um trágico momento histórico em que tudo está em chamas e tudo, como uma fênix, pode renascer das cinzas. Esta é a noite escura, a 'meia-noite do mundo' evocada por Hölderlin, entre o crepúsculo e o amanhecer.<sup>[170]</sup>O interregno é o período de regeneração entre o caos e o pós-caos, o momento da tragédia, quando tudo volta a ser possível. Os povos europeus vivem atualmente um interregno. Metamórfico em essência,

**A civilização européia conheceu três eras distintas:** A Antiguidade, a Idade Média que surgiu das ruínas da Antiguidade e, a partir do século XVI, uma Terceira Idade de expansão, a da "modernidade", que agora está chegando ao fim, após o terrível declínio inaugurado pelo Primeiro Mundo Guerra. Colonizada por povos alienígenas, nossa civilização enfrenta a morte nos primeiros vinte anos do novo milênio.

**O interregno que vivemos é o período mais crucial e decisivo desde as guerras persa e púnica.**<sup>[171]</sup>Ou os europeus se unirão em autodefesa, expulsarão os colonizadores, se livrarão do jugo americano e se regenerarão biológica e moralmente – ou então sua civilização desaparecerá – para sempre. Nunca as apostas foram tão altas.

**O interregno dará origem à Quarta Era da Civilização Europeia**—ou então a Europa morrerá pura e simplesmente. Tudo será decidido no período decisivo que agora se inicia. E o nascimento, se ocorrer, será doloroso, cheio de sangue e lágrimas — os combustíveis da história. Para a nossa civilização, o século XXI será um julgamento de vida ou morte, sem possibilidade de recurso. (*veraos, Eurosiberia, história*)

\* \* \*

## INVOLUÇÃO

A regressão de uma civilização ou espécie a formas desadaptativas que levam à diminuição de suas forças vitais.

Estamos atualmente ameaçados por uma grave involução, particularmente na cultura. Isto deve-se não só à difusão da cultura pop, da qual a América é o principal distribuidor, mas também à africanização da cultura europeia e à invasão islâmica. A involução cultural também foi estimulada pelo declínio da Educação Nacional (40% dos adolescentes são parcial ou totalmente analfabetos), a regressão do conhecimento, o colapso das normas sociais, a imersão da juventude em um mundo de jogos audiovisuais, a progressão do neoprimativismo, a perda dos reflexos defensivos, etc.

A involução também tem raízes biológicas: a desvirilização provocada pelas ideologias e estilos de vida das sociedades urbanas de mercado e pelas ideologias culposas de queda da natalidade, anti-seleção, etc.

Sem dúvida, nossos líderes nos dirão que não veem sinais de involução. Nenhum sinal porque o mercado continua a se expandir. A involução, porém, é como um vírus, cuja aparição a princípio passa despercebida. Para quem vê, no entanto, já está trabalhando. A involução começa com o espírito e depois com o comportamento individual, antes que sua gangrena se espalhe para as instituições sociais e econômicas.

**(vercaos, decadência, neo-primitivismo)**

J

## JUDAO-CRISTIANISMO

A concepção de mundo distinta do judaísmo e do cristianismo, ao qual este último confere suas formas maiores, primeiro como religião, depois, com o advento da modernidade, como ideologia.

A implantação do judaico-cristianismo constituiu uma adição estranha à Europa panteísta e politeísta. Daí a sua esquizofrenia cultural e mental: por um lado, uma consciência cristã igualitária e universalista; do outro, uma consciência pagã e particularista. A mentalidade científica desenvolveu-se em oposição ao judaico-cristianismo, de acordo com seu espírito pagão, mas suas ideologias políticas (igualitária, cosmopolita, progressista e individualista) tomaram um rumo judaico-cristão. Os postulados marxistas que animam a esquerda (mesmo depois da queda do comunismo) são, por exemplo, uma secularização direta das doutrinas judaico-cristãs de salvação. Da mesma forma, a hegemonia americana e seu interventionismo "humanitário", como seu modelo de sociedade de mercado, expressam uma versão protestante do judaico-cristianismo. É importante,

**O catolicismo tradicional, elaborado ao longo da Idade Média, foi marcado por uma certa "paganização do judaico-cristianismo"; neste sentido, faz parte da tradição europeia integral, embora não detenha o monopólio sobre ela.**

Nas artes, na cultura, na filosofia, na mentalidade e nos ritos populares, o paganismo está presente e ainda é vital. Da mesma forma, não há comparação entre a cristianização da Europa e a atual instalação do Islã. O cristianismo foi desenvolvido e elaborado pelos próprios europeus - embora com base em certas fontes estrangeiras - enquanto **islamismo—que deve ser visto como um perigo maior para a Europa do que o americanismo—simplesmente foi imposto**, sem qualquer aclimatação, como uma concepção do mundo e da sociedade radicalmente alheia à mentalidade e à tradição europeias.

\*

**O cristianismo do Vaticano II, ao retornar às fontes bíblicas do cristianismo primitivo, constituiu uma ruptura comprometedora com**

**o sentido pagão-cristão do sagrado.** Inaugurou uma profanação das doutrinas religiosas cristãs, uma politização de seus princípios espirituais e, da mesma forma, o colapso das práticas religiosas católicas. Tendo abandonado a sua língua sagrada, o latim (enquanto o Islão conserva o seu árabe clássico), e tendo sucumbido às sereias da modernidade, o neocristianismo nascido no Vaticano II (este paleocristianismo que regressa às fontes ultraigualitárias do cristianismo primitivo) lançou fora do sentido sagrado enraizado na tradição ancestral (ainda que subterrânea e inconsciente), e caído em um ateísmo puro e simples, como evidenciado nas obras dos teólogos católicos contemporâneos.

As igrejas contemporâneas se assemelham aos correios, sem conservar nada da catedral. O discurso de seus prelados oficiais é praticamente idêntico ao de um dirigente sindical. **Ao descartar a sacralidade pagã, o culto dos santos e da Virgem Maria, o neocristianismo oficial do Vaticano II destruiu a Igreja como instituição religiosa e tornou-se uma ideologia objetivamente oposta ao destino dos povos europeus.** É tentador compará-lo ao cristianismo primitivo, que contestava o patriotismo romano antes do *atualizaçāo* do século IV.<sup>[172]</sup> —

Daí: a tolerância "ecumênica" da Igreja à ofensiva islâmica, o alinhamento sistemático de seus prelados em linhas neo-trotskistas, seu encorajamento de *etnomasquismo*, seu acordo quase perfeito com as classes intelectual-midiáticas politicamente corretas — tudo centrado na religião hipócrita dos direitos humanos. No Oriente, felizmente, a Igreja Ortodoxa resistiu melhor a esses cantos de sereia. **A Igreja Católica oficial está em processo de suicídio; mas ao morrer não matou a verdadeira alma dos povos da Europa.**

Por que? Porque – e isso pode ser visto nas deserções em massa que ela forjou – a Igreja pós-conciliar se separou da sacralidade distinta dos europeus. Suas manobras de 'marketing' (como a Jornada Mundial da Juventude) não mudam nada. A Igreja condenou-se a ser apenas mais uma seita arrastada pelo vento frio que vem com o Islã.

\*

Pela resistência: o que fazer?

**Um compromisso histórico é evidentemente possível entre os pagãos autênticos e os católicos e cristãos ortodoxos que continuam**

**praticar o cristianismo europeu tradicional.**Mas nenhuma resistência à presente ofensiva pode ser travada sem apelar para a 'alma pagã', associada ao espírito das duas invencíveis divindades pagãs, Apolo e Dionísio. Pierre Vial escreve em *Une Terre, un Peuple*, 'Durante dois mil anos de cristianismo, os europeus, de uma forma ou de outra, nunca esqueceram essas antigas divindades: elas fazem parte de nossa herança e devem ser assumidas, como outras de suas partes, agradem ou não'.

**Dito de outra forma: um autêntico pagão sempre se oporá a uma igreja transformada em mesquita, a um campanário em minarete—mesmo que um prelado oficial da Igreja sancione tal transformação... (verpaganismo)**

**eu**

## TERRA, TERRITÓRIO

O espaço geográfico de existência e sobrevivência de um povo — e sua encarnação em um 'lugar'.

A noção de povo, como a de sangue ou identidade, é incompreensível sem a noção de 'terra' (*terre*). **A apropriação territorial é um imperativo etológico do vivente.** O único povo — o povo judeu — tendo existido por um certo período em diáspora sem terra, sendo como tal um sangue e um espírito sem solo — sempre procurou recuperar suas raízes territoriais: o estado de Israel tornou-se desde então a concretização de sua Terra prometida. Da mesma forma, a diáspora chinesa sempre se refere à sua pátria de origem, à qual se sente vinculada.

\*

Mesmo os povos muçulmanos, árabes e turcos assombrados por seu passado nômade, possuem a "terra do Islã", que estão sempre tentando expandir. sedentarismo<sup>[73]</sup> e nomadismo estão ligados. Povos puramente nômades, como os ciganos, nunca foram historicamente criativos. A terra é o lugar que se deixa para conquistar, o lugar que se habita e se ama — e onde se vai ser enterrado.

A conquista do espaço, tal como formulada por Wernher von Braun e Júlio Verne, seus principais teóricos, nunca foi entendida como um nomadismo ou um abandono da Mãe Terra, mas sim como uma extensão. O astrônomo Hubert Reeves poderia escrever: 'Quando a humanidade começar a conquistar o planeta Marte, ela será inevitavelmente dividida em territórios'.

**Um povo não pode existir sem uma terra.** Costuma-se dizer que o século XXI será um século sem fronteiras — um século de redes, fluxos, uma era em que as zonas substituem as terras claramente delimitadas. Essa visão nômade, porém, não corresponde em nada ao que está por vir. **A globalização provoca não um enfraquecimento da ideia territorial, mas sim, como consequência indireta, o seu reforço.** As noções de pátria e território nunca serão obsoletas, pois estão inscritas na memória genética. Os mares, como o espaço aéreo, são extensões do território nacional.

\*

**O homem é um animal territorial**—aquele que defende sua terra ou conquista outra. Hoje, as terras europeias estão ameaçadas pelo Islã, que está tentando transformar a Europa em uma 'terra do Islã' (*Dar al Islam*), e pelos americanos, que tentam fazer do continente um de seus espaços geoestrategicamente dominados. A defesa das terras europeias e, além disso, do espaço eurosiberiana, é indissociável da sua defesa como povo.  
**(verenraizamento; Eurosibéria; pátria; geopolítica; pessoas)**

\* \* \*

## LEGITIMAÇÃO (POSITIVA OU NEGATIVA)

Aquele conjunto de discursos midiáticos, sistemas ideológicos e educacionais e arsenal legislado de leis, que procura justificar a dominação de um determinado regime governamental e sistema político – por meio do consentimento e da legitimidade.

*Legitimação positiva* designa um discurso em que o sistema dominante se justifica pelos seus actos positivos, pelos seus sucessos e pela prosperidade e paz civil que assegura. Esse tipo de legitimação positiva não é mais possível hoje: diante do desemprego, da pobreza crescente, dos efeitos da imigração em massa, da explosão da insegurança e da imperiosidade geral da classe política em encontrar soluções viáveis, **o sistema agora depende da legitimação negativa.** Esse tipo de legitimação repousa no preceito de que 'sem nós as coisas vão piorar, seriam fascistas'. **O poder aqui não se legitima mais com base em suas conquistas, mas de maneira virtualista, invocando o espectro da Grande Ameaça — o espectro do racismo, da antidemocracia, da ditadura etc.**

Depois de um período de promessas falhadas surge assim a chantagem — na forma de proteger a população dos fantasmas do mal. Um sistema político baseado nesse tipo de legitimação negativa não tem muito tempo de vida. (ver **democracia**)

\* \* \*

## LIBERALISMO, LIBERALISMO GERENCIAL

Doutrinas e práticas econômicas que defendem a maximização da liberdade para os atores privados no mercado — e a minimização das regras e intervenções socioeconômicas das autoridades políticas. Nos Estados Unidos, o termo 'liberal' implica 'liberalismo político' e, portanto, deve ser traduzido como 'progressismo'. O conceito de liberalismo econômico, em contraste, é ambíguo. Digamos simplesmente que **o liberalismo econômico é preferível a um estatismo social paralisante, mas em si só é positivo quando serve a uma vontade política superior e opera dentro de um espaço econômico protegido e autocentrado.**

Designar o liberalismo como o *inimigo* muitas vezes revela um paramarxismo mal compreendido — uma tendência que atinge também os ideólogos da direita romântica, ignorantes da economia e imitadores da esquerda. Nada é sempre preto ou branco, e o liberalismo não comprehende um único bloco. A rigor, não é nem uma ideologia, mas um método, uma técnica econômica prática. A seu favor, o liberalismo traz para a esfera econômica o espírito de iniciativa, de competição, responsabilidade, eficácia e seleção. Negativamente, fomenta o culto do imediatismo, é indiferente à ecologia, à biopolítica, ao destino das pessoas, etc.

**O erro do antiliberalismo dogmático é exigir tudo dele.** Mas o liberalismo não pode ser mais do que uma doutrina limitada, necessitando de correção e conclusão. Aplicado a um espaço autárquico europeu, o **liberalismo deveria estar, domesticamente, sujeito à economia política geral e, internacionalmente, protegido do livre comércio global.**

O liberalismo surge do reino dos meios, não dos fins. É necessário respeitar a sua eficácia prática mas ao mesmo tempo equilibrá-la com políticas sociais e económicas subordinadas a objectivos políticos mais vastos. A intervenção do poder soberano na economia liberal não deve ser diretamente económica, administrativa ou fiscal — mas política. Deveria tratar-se de estabelecer regras gerais, estabelecer os grandes objetivos da política industrial, garantir a liberdade de mercado, favorecer empresas dinâmicas, proteger a economia nacional — sem paralisar os atores económicos com regulamentação e tributação excessivas.

Nesse sentido, podemos falar de **liberalismo gerenciado**, que está muito longe do globalismo burocrático e regulatório de livre comércio da UE, combinando,

como o faz, os aspectos negativos tanto do capitalismo transnacional desregulado, por um lado, quanto de um socialismo tecnocrático e corporativista, por outro.

(ver **autarquia de grandes espaços; economia, orgânico**)

\* \* \*

## LIBERDADE, LIBERDADE

A capacidade de um indivíduo ou de um povo de agir de acordo com sua própria vontade — uma capacidade conquistada pela disciplina e fundada na multiplicação da competência e da liberdade.

**O "homem livre" é desde há muito um modelo para a sociedade europeia,** em oposição aos bárbaros e escravos do pensamento grego. Hoje, o conceito de 'liberdade' sofreu uma verdadeira inversão de sentido, assim como o termo 'democracia'. **A liberdade hoje significa o que outrora se chamou de 'escravidão', pois se confunde com uma permissividade que leva a um certo tipo de servidão.** Em contraste, a liberdade real é a faculdade de aumentar o próprio poder, de multiplicar a capacidade de afetar o real e, por meio da autonomia, de superar o determinismo. Essa concepção se opõe às noções individualistas e igualitárias de liberdade - concebidas como formas de **licença passiva ou ausência de restrições.** a escravidão — que vem da ideologia do pronto-a-pensar dominante e impede que o povo e seus defensores expressem abertamente suas convicções e demandas — é imposta por uma polícia do pensamento, uma xenofilia obrigatória, a interdição da democracia direta e o poder dos juízes.

Definido como um conceito global e abstrato durante a Revolução Francesa de 1789, **A liberdade se opõe às liberdades.** Assim tomada como um absoluto, a liberdade torna-se um conceito frio e totalitário. A sociedade ocidental não defende a liberdade mais do que a sociedade comunista, pois promove uma conformidade geral em que a permissividade em relação a várias delinquências anda de mãos dadas com a repressão de toda oposição legítima.

**O exercício da liberdade pressupõe disciplina e ordem, autoridade e estado de direito.** O *laissez-faire* sistema escolar de hoje, que deixa mentes jovens completamente incultas, está preparando o caminho para futuros bárbaros e escravos. Acima de tudo, o homem livre é senhor de si mesmo — graças à disciplina que amplia suas possibilidades.

\*

Um povo livre decide seu destino para o longa duração. Hoje, por exemplo, **a colonização do Islã e do Sul, que substitui a população, é um símbolo da perda de liberdade da Europa.** faz parte do mesmo

processo que submete a Europa à esfera de influência da América e diminui sua independência política e econômica. Mesmo a liberdade individual, corroída pela demissão dos poderes públicos perante o **selva social**, é afectado: frouxidão para com a delinquência, indiferença face à exclusão sócio-económica dos nativos europeus, etc. Nestes e outros domínios, o singular dogma da 'Liberdade' mina as liberdades do povo. Pode-se parafrasear o Big Brother aqui, com sua fórmula: 'Liberdade é escravidão'. E vice versa.

Vivemos uma situação estranha, paradoxal — uma situação de fim de regime: o poder público não cessa de regulamentar, fiscalizar, oprimir, tributar — marginalizando delicada e habilmente quem cria e trabalha — ao dispensar tolerância e vantagem a delinquentes, ilegais, e delinquentes. **Para a ideologia reinante, tudo o que é 'Outro' tem todo o direito e nenhum dever.** Tudo o que é nativo e segue a lei natural tem apenas deveres e é sempre suspeito. O sistema se esforça para fazer escravos de homens livres e hilotas<sup>[174]</sup>homens livres. O Império Romano morreu disso.

Dada a demissão das autoridades públicas perante delitos de toda espécie, **as liberdades públicas retrocederam** para cidadãos autênticos, agora privados não apenas do direito à segurança, mas vitimados por impostos arbitrários e infrações regulamentares. Para se legitimar, o Estado cria um **simulacro de novas liberdades**(PACs,<sup>[175]</sup>cotas raciais, 'direitos' vagamente designados para sujeitos vagamente designados, leis feministas, leis homófilas e xenófilas, etc.), enquanto no mundo real é cada vez mais restritivo, regulador, espionando, sobrecregando - desencorajando toda iniciativa e indiferente ao colapso da segurança pública e do espírito civil. **Globalmente falando, tudo o que é desviante e delinquente é objeto de tolerância benevolente, tudo o que é criativo, inventivo, produtivo e identitário é suspeito e reprimido.** Nem mesmo a liberdade de pensamento está mais assegurada, já que o politicamente correto (cujos principais dogmas são o antirracismo e a proibição de reflexos identitários) controla todas as esferas sociais. A liberdade de pensar e se expressar fica restrita a esferas secundárias, afetando principalmente os marginalizados e desviantes, principalmente no que diz respeito às questões sexuais.

Tudo isso é bastante normal e já ocorreu antes na história. A que concepção de liberdade e liberdades, então, devemos nos apegar? A primeira regra deve ser **uma liberdade étnica do povo** determinar seu próprio destino. A vontade do povo deve transcender a autoridade dos juízes, censores e especialistas.

**Princípios morais desincorporados e abstratos não devem ser impostos à vontade popular, assim como deve ser permitido à vontade popular determinar seus próprios princípios distintos.**

A segunda regra é que a função soberana, o poder público, deve garantir a ordem social e a disciplina cívica, com o objetivo de preservar as liberdades individuais e comunitárias. **Não há liberdade sem uma ordem jurídica conforme à lei natural: não há liberdade sem autoridade.**

(ver **democracia, orgânica**)

**M**

## MASSA, MASSIFICAÇÃO

A transformação de um povo em uma massa de indivíduos uniformes e indiferenciados.

Vem com o igualitarismo moderno. 'As massas': este conceito compartilhado tanto pelo marxismo quanto pelo capitalismo é estranho a toda noção orgânica de um povo etnicamente criado. Massificação implica uniformidade cultural e mistura de raças (*métissage*), o consumismo e o culto à mercadoria. As 'massas atomizadas' se opõem tanto ao indivíduo livre quanto ao povo como um conjunto orgânico organizado em hierarquias comunais. **Este empreendimento de massificação e homogeneização falhou em todos os lugares, exceto infelizmente entre os europeus nativos, que foram emasculados por ele.**

Mas, apesar de sua vontade de "reduzir tudo ao mesmo", apesar da padronização socioeconômica, a sociedade igualitária de mercado não conseguiu neutralizar o nacionalismo étnico ou o ressurgimento de identidades.

(ver **individualismo; neo-primitivismo**)

\* \* \*

## MEMÓRIA, MEMÓRIA COLETIVA

A integração mental e a apropriação do próprio passado. Assim como um indivíduo não pode agir se esqueceu seu passado, **um povo torna-se impotente e indefeso se perde a memória coletiva de sua história.** O que é memória? É uma reserva de informações sobre si mesmo que estrutura a experiência e permite que as atividades do presente antecipem as do futuro.

**A ideologia dominante visa hoje a tornar amnésicos os franceses e os europeus.** Isso é feito de várias maneiras: pela deculturação, pela destruição lenta do aprendizado histórico (ou, da mesma forma, fazendo os europeus se sentirem culpados por serem quem são ou negando sistematicamente seu gênio), fabricando uma 'falsa memória' baseada na memórias de outros povos, pelo culto do presentismo, etc. Se hoje se fala em 'trabalho da memória' é para fazer **Europeus se arrependem do que supostamente fizeram a outros:** não apenas nossa memória é perdida dessa maneira, mas tudo o que conservamos é por causa da autoflagelação. Todos os povos e civilizações fortes, ambiciosos e vivazes se exaltam em sua memória histórica.

\*

Povos longevos nunca esquecem seu passado e possuem memórias tenazes. Os povos muçulmanos não perderam a memória de sua *A/corão* e disso vem sua força. O marxismo nunca conseguiu erradicar a memória histórica dos sérvios, russos ou chineses. Um povo privado de sua história é um povo debilitado.

'O homem do futuro é o homem com a memória mais longa': [176] esse — **árquico futurista** A fórmula de Nietzsche sugere que é necessário projetar a memória no futuro como vontade e projeto. Uma civilização amnésica se condena a uma vida curta. Para dominar o espaço, é preciso também dominar o tempo — para perseguir o destino futuro, é preciso **orgulhosamente** tomar posse de seu passado.

(ver **árquico futurismo; identidade; pessoas, longevas; tradição**)

\* \* \*

## AIDS MENTAL

O colapso do sistema imunológico de um povo diante de sua decadência e de seus inimigos.

Louis Pauwels<sup>[177]</sup>cunhou o termo na década de 1980 e desencadeou um escândalo na mídia - pois apontou para uma verdade dolorosa (em geral, quanto mais o sistema neototalitário se escandaliza com uma ideia e a demoniza, mais provável é que seja verdade).

A AIDS vem de um retrovírus que destrói o sistema imunológico de um organismo. A 'Aids Mental' é uma infecção de natureza psicológica que afeta praticamente todas as 'elites' - a classe política, a classe da mídia, o show business, a comunidade 'cultural', 'artistas', cineastas - inclinando-os a se opor aos interesses de seu próprio povo e para **advogam valores degenerados como se fossem realmente de regeneração**. Um povo, uma nação, uma civilização – no nível mais complexo e holístico – é um organismo vivo. As sociedades europeias são hoje ameaçadas pelo colapso das suas defesas imunológicas: as agressões neste sentido não são combatidas, mas encorajadas. Diante de um perigo evidente, assistimos a um caso mórbido de *anti-oportunidade*: aquilo é, **no exato momento em que as medidas de defesa antipatológica são mais necessárias, exige-se exatamente o oposto — o que, claro, apenas reforça a progressão da patologia**.

Alguns exemplos: onde o sistema educacional produz analfabetismo e violência, incentiva-se ainda mais o reforço dos métodos 'antiautoritários' responsáveis por essas condições; no momento em que os gases de efeito estufa provocaram um aquecimento global catastrófico e precisam ser reduzidos, a energia nuclear, a menos poluente das fontes de energia, é abandonada; à medida que a violência cívica, a delinquência e a insegurança explodem por toda a parte, não só a sua realidade é negada em nome de certos sofismas intelectualistas, como também são minadas as medidas policiais e judiciais que as poderiam conter; quanto mais a colonização do Terceiro Mundo prejudica os povos europeus, mais medidas são tomadas para continuá-la, para prevenir as reações imunológicas que os europeus étnicos possam ter e para denunciar como 'racista' qualquer um que ousar resistir a ela. De forma similar,

homossexualidade idealizada. Assim, no exato momento em que são necessárias medidas corretivas, advoga-se exatamente o oposto — o que simplesmente reforça a progressão da doença.

Existem outros exemplos de AIDS mental: formas vazias e inúteis de 'arte', como *Tag*,<sup>[178]</sup>são caracterizados como 'obras de gênio'; tipos humanos degenerados ou desviantes são transformados em modelos sociais, etc.

\*

A AIDS mental que aflige as "elites" européias está se espalhando através de um processo de **deperplexidade intelectual**: sua patologia surge do 'falso espírito' que despreza o 'bom senso vulgar' (afirmando que o preto é branco) e se baseia, portanto, em uma **otimismo forçado** ('tudo está indo muito bem', embora não esteja). A AIDS mental é baseada em uma deturpação da realidade - bem como na incapacidade de detectar ataques virais.

Com a AIDS biológica, os linfócitos T4, que deveriam defender o organismo, não reagem ao vírus HIV como uma ameaça e o tratam como um 'amigo', ajudando-o assim a se reproduzir. O mesmo vale para a AIDS mental. Os prelados católicos, como os republicanos seculares, argumentam com grande convicção que 'o Islã e a imigração são um enriquecimento', embora isso claramente ameace destruí-los. Na maioria das vezes, isso não é uma questão cínica das 'elites' *traição*, mas algo pior: a perda da referência interna e do bom senso. A AIDS mental é uma patologia intelectualista que deve ser denunciada incessantemente — pois sua palavra de ordem parece ser: "Por que fazer algo simples quando, em vez disso, pode ser complicado?" **A AIDS mental confunde, de fato, o inimigo com o amigo.**

(ver **etnomasoquismo; xenofilia**)

\* \* \*

## MERCANTILISMO

A teoria segundo a qual o mercado é a única base da ordem e da prosperidade.

O mercantilismo internacional é a doutrina oficial do pensamento econômico contemporâneo — a doutrina oficial das corporações, dos bancos e da Comissão Européia. As trocas e os lucros que gera têm precedência sobre as noções de produção, pleno emprego, independência ou abastecimento. Daí a terceirização e a abolição das barreiras tarifárias. O mercantilismo trabalha contra a economia européia, contra sua independência e poder – em benefício dos Estados Unidos e das “economias emergentes”.

O mercantilismo é a base do livre comércio, que nega qualquer ideia de independência econômica. Baseia-se na falsa suposição de que a humanidade é um conjunto de economias homogêneas, cada nação respondendo às mesmas relações de produção, cada uma se especializando em uma área específica em que se destaca.

(ver **economia, orgânica; sociedade, mercado**)

\* \* \*

## MERITOCRACIA

Poder para os mais capazes e meritórios, independente de sua origem social ou pertença comunal.

A meritocracia é inspirada na teoria 'social darwinista' da seleção natural e é racionalmente organizada pelo estado. Há muito tempo é um dos princípios da República Francesa (exames competitivos, ensino público gratuito, bolsas de estudo, etc.). Procura abolir os privilégios de nascimento selecionando o melhor das diferentes classes sociais do povo. Hoje, porém, com a combinação de princípios de antisseleção nas escolas, ação afirmativa (cotas raciais e preferências por estrangeiros) e a destruição da educação pública, a meritocracia deu lugar a **caos social**. Não há mais circulação de elites, nem os mais capazes são promovidos socialmente. Como de costume com doutrinas igualitárias, castas ilegítimas são criadas. Só os princípios aristocráticos permitem que os melhores elementos do povo desenvolvam as suas capacidades inatas. **A meritocracia é um socialismo aristocrático.** (ver [aristocracia](#); [democracia](#); [elite](#); [seleção](#))

\* \* \*

## METAPOLÍTICA

A difusão social de ideias e valores culturais para provocar uma transformação política profunda e de longo prazo.

A metapolítica é um esforço de propaganda — não necessariamente de um partido específico — que difunde um corpo ideológico de ideias que representa um projeto político global.**A metapolítica é o complemento indispensável de toda forma direta de ação política, embora em nenhum caso possa ou deva substituí-la.**

Das 'sociedades de pensamento' (e 'clubes') que preparam a Revolução Francesa aos grupos de pressão e associações de hoje, a prática metapolítica **constitui um requisito não apenas para toda ação política ou revolucionária, mas para a manutenção dos poderes constituídos.**

Situada para além da política partidária, a metapolítica tem a vantagem de uma 'neutralidade' não eleitoral ou desinteressada, o que aumenta seus poderes de persuasão. Possível em todos os tipos de mídia, a metapolítica difunde uma concepção-do-mundo aplicável ao longo prazo. Foi através de um longo e exaustivo esforço metapolítico que o igualitarismo passou a dominar não apenas a cena política, mas a mentalidade daqueles que supostamente se opunham a ele.**A metapolítica é a ocupação da cultura, a política é a ocupação de um território.**

\*

Uma metapolítica multifacetada dirige-se aos impulsionadores e agitadores, bem como à população em geral; visa formar ideologicamente uma elite ativa, bem como influenciar a população. Finalmente, a metapolítica deve **evitar o culturalismo excessivo**, que corre o risco de se tornar um intelectualismo vazio, uma erudição presunçosa ou uma filosofia de amadores — ao contrário, precisa perseguir o objetivo político de afirmar positivamente as linhas principais e os conceitos centrais de seu projeto social/civilizacional particular.

**(ver política, grande política)**

\* \* \*

## MISCIGENAÇÃO

A mistura de raças ou diferentes grupos étnicos.

Em nome do antirracismo, a ideologia dominante insiste que a miscigenação (*métissage*) é o destino do planeta. **No entanto, são apenas os europeus que realmente acreditam nisso**, não os outros povos do mundo, que agora estão se organizando em **blocos étnicos** para preservar sua identidade.

Com a população substituta que vem com a colonização do Terceiro Mundo, a miscigenação ameaça destruir nosso *a/lemão*, ou seja, as raízes da civilização europeia. Populações mestiças étnico-raciais, da mesma forma, fomentam a instabilidade e raramente realizam grandes criações históricas. Inevitavelmente sucumbem ao supremacismo racial, que enfraquece a solidariedade nacional. O exemplo da América Latina é especialmente eloquente: a hierarquia social ali organizada, admitida ou não, segundo um critério implícito de "mais ou menos sangue branco". **A ideologia da miscigenação culmina, como tal, num racismo implícito e generalizado.**

A justificativa constante e repetitiva de **miscigenação como um imperativo social** é eminentemente um traço etnomasquista das elites europeias; mas também vem de um otimismo utópico que vê uma futura Europa racialmente misturada como necessária para seu bem-estar maior. Este dogma baseia-se em certos princípios pseudocientíficos de *o pensamento único*<sup>[179]</sup>—o pensamento monofônico reinante (representado por Jacquard,<sup>[180]</sup> Coppens,<sup>[181]</sup> Le Bras,<sup>[182]</sup> etc.), que sustenta que as "raças puras" são degeneradas e que a homogeneidade étnica é uma desvantagem histórica. Acontece que esse dogma se baseia em uma flagrante contradição: pois os partidários da miscigenação (partidários, da mesma forma, do 'anti-racismo') afirmam que é biologicamente necessário 'misturar as raças' - embora, ao mesmo tempo, afirmem que 'raças não existem' e que os determinantes biológicos não têm significado. . .

\*

O dogma do *métis* (homem miscigenado), essa figura do futuro, também faz parte do sonho universalista de *l'homme unique*—uma humanidade uniforme - o homem desapegado. **A ideologia da miscigenação tem, como tal, um componente totalitário—a do estado mundial e aquela**

**de um novo homem, que deve ser o mesmo em toda parte—uma ideia compartilhada por trotskistas e ultraliberais.**

A miscigenação é tolerável apenas em casos excepcionais, não em escala de massa e, especialmente, quando é obrigatória ou sistemática.

\*

No mesmo espírito, exige-se a “miscigenação cultural” — uma miscigenação que conduz não à esperada formação de uma cultura universalista, mas à destruição (a afro-americanização) da cultura europeia — só sujeita à **imperativo da mistura de raças**. Enfeitado com a fraseologia mais elaborada, esse imperativo domina praticamente todos os reinos contemporâneos do discurso europeu.

\*

Em questões biológicas e culturais, seria estúpido rejeitar categoricamente toda miscigenação em nome da pureza biológica. **Para serem férteis, porém, tais melanges precisam ocorrer entre povos intimamente relacionados.** É uma lei geral da vida. Sindicatos excessivamente próximos, como sindicatos excessivamente díspares, fracassam: o primeiro leva à esterilidade, o segundo ao caos. De qualquer forma, os fatos dificilmente sugerem que a humanidade esteja evoluindo para uma mistura geral de raças; apenas as sociedades decadentes sucumbem a tal ilusão.

**(ver [caos étnico](#); [etnosfera](#); [identidade](#); [raça](#), [racismo](#))**

\* \* \*

## MODERNIDADE, MODERNISMO

Culto do presente, supostamente superior ao passado.

Como noção, a modernidade é ambígua; a princípio positivo, tornou-se negativo. Originalmente concebida em função da capacidade de inovação e transcendência do europeu, no século XX a modernidade acabou sendo confundida com um ingênuo progressismo e antitradicionalismo — em nome do **presente**, tratado como se fosse intrinsecamente superior ao passado. **O modernismo agora não passa de um academicismo da moda.**

**A modernidade nunca cumpriu suas promessas, porque essas promessas eram impossíveis**, devido às suas raízes no utopismo e na negação do real. A modernidade prometia: primeiro, garantir felicidade, paz e prosperidade por meio da dominação econômica e tecnológica; em segundo lugar, substituir a estética e as filosofias tradicionais por novas estéticas radicais e filosofias sem continuidade; e terceiro, acabar com povos, religiões e costumes em prol de uma humanidade homogênea e de um indivíduo atomizado. Formulados no final do século XVII, tais objetivos foram desde então retomados pelo mercantilismo globalista, pelo marxismo e pelo mito da **progresso**.

\*

A modernidade foi um fracasso total, compatível com a presunção de suas pretensões. Depois de três séculos e meio modernos, o século XXI caminha agora para uma **convergência de catástrofes**. Seu fracasso, no entanto, não é motivo para abraçar um "tradicionalismo" contemplativo. Exatamente o oposto.

\*

**A modernidade é antiquada, o oposto do futurismo. Ao condenar uma ancestralidade desprezada, ou seja, as tradições vitalistas formativas, a modernidade se condena ao efêmero.** (A esse respeito, veja meu *Arqueofuturismo*.) De acordo com minhas teses, Rodolphe Badinand e Georges Feltin-Tracol escrevem: 'A pós-modernidade (ou arqueofuturismo, ou paganismo, não importa o termo) sente o imperativo de restabelecer aquela antiga coerência esférica entre presente, passado, e futuro. Contrário à **atitude tradicionalista**,

**veementemente voluntarista, vindo em última instância da modernidade** sua recusa do modernismo, não se refugia num passado longínquo, impossível de recuperar — mas **firma a possibilidade de outro futuro**, para o qual abre o caminho'.<sup>[183]</sup> O tradicionalismo pode ser visto como um "modernismo superficial". Não tanto 'anti-moderno', mas 'não-moderno'. A alternativa à modernidade não é o tradicionalismo e o antiquário, pois eles compartilham a mesma visão linear do tempo que a modernidade (exceto por buscar uma regressão em vez de uma progressão); o tradicionalismo e o modernismo opõem-se igualmente à visão esférica e dinâmica do tempo.

\*

Exausta no auge de sua influência, no exato momento em que é aclamada por toda parte com estrondosos elogios, a modernidade está morrendo. A palavra 'moderno' perdeu até o seu significado. Já era empregado no século XVII (durante 'a querela entre Antigos e Modernos').<sup>[184]</sup> O sentido mais profundo do conceito implica 'tudo o que se opõe ao passado' — e isso nos últimos três séculos. Isso torna o termo agora duplamente estúpido, pois se opõe ao que se considerava moderno há cem anos (numa época em que o termo tinha uma ressonância muito maior do que tem hoje), mas acima de tudo, ele se priva de um futuro ao 'fazer a massa *tábua rasa*'. O conceito de 'modernidade' é inherentemente suicida, pois, desde o início, nega a longevidade de um povo e de uma civilização, nega **aunidade do passado e do futuro**.

Pierre-Émile Blairon escreve: 'A modernidade é um totalitarismo do nada: globalização, indiferenciação, homogeneização... A modernidade não está em crise, a modernidade é uma crise'.<sup>[185]</sup>

\*

Em todos os âmbitos, o sistema atual se reafirma incessantemente, legitimando-se, esquecendo suas falhas e imperiosidade. A seu ver, tudo deve ser modernizado — '*para modernizar a democracia*' sendo uma das suas expressões preferidas: as relações humanas, as comunicações, a moral, as instituições, a justiça, a sexualidade, o comportamento social, a política imigratória, etc., devem ser constantemente 'modernizadas'. E vimos os resultados. As mais lamentáveis delas são evidentes na modernização da arte, que passou a significar **decadência e primitivismo — a nova barbárie**.

\*

Da mesma forma, a arte "moderna" (ou "contemporânea") tornou-se o pior tipo de nostalgia acadêmica; por cinquenta anos andou em círculos, uma nulidade subsidiada.**Paradoxo: vendo-se como inovação permanente, a modernidade acaba sendo uma repetição insistente, impotente para avançar ou criar.**  
**Outrora uma vanguarda, a modernidade tornou-se desde então uma retaguarda, frustrada por sua própria insolência.** Agora é um culto - sinal de um povo envelhecido que se convenceu de que é eternamente jovem.

\*

Com o Vaticano II, a Igreja também procurou modernizar-se: o resultado, uma perda de setenta por cento dos paroquianos. Ao triunfar, o Islã nem por um segundo pensou em 'modernizar'! De fato,**tudo o que é decadente e decadente assume a aparência de 'moderno'**. Enfeita-se, assim, com a degradação dos costumes, a confusão dos papéis sexuais, a permissividade social, a abdicação da disciplina, o cosmopolitismo, o livre comércio desenfreado (depois de ter feito o devido sacrifício ao deus marxista), etc., retratando essas tendências patológicas como 'novidades', no sentido de que 'tudo o que é novo é positivo', mesmo o nada, o regressivo, qualquer coisa. De fato, sucumbiu ao fatalismo histórico, sem a menor compreensão de que a história não o segue mais.

\*

Contra a modernidade, opomos não o tradicionalismo ou o reacionismo, que também são formas do 'moderno', mas a tradição e o espírito de continuidade. Quanto à tecnociência, não há nada de 'moderno' nela, pois vem da Antiguidade grega; é um instrumento perfeitamente neutro a serviço da vontade.

**(verarqueofuturismo; convergência de catástrofes; interregno; progresso)**

\* \* \*

## MUSEOLOGICALIZAÇÃO

A transformação de uma tradição viva em peça de museu, que a priva de um sentido ou significado ativo.

Estamos vivendo um paradoxo:**em todos os lugares afirma-se que o 'patrimônio' é uma questão de extrema preocupação, mas ao mesmo tempo está sendo destruído com paixão.** Ao fazer das tradições peças de museu, petrificando-as, matando-as, congelando-as, elimina-se o seu caráter de 'tradição' (como algo transmitido e evoluindo), ao serem transformadas em objetos de erudição ou curiosidade.

Não há dúvida de que preservar o patrimônio é fundamental, mas por si só isso é insuficiente, porque**um patrimônio é construído todos os dias e não pode, portanto, ser conservado em um museu.**

\*

A sociedade moderna é paradoxalmente ultraconservadora e museológica, por um lado, e, ao mesmo tempo, hostil às tradições vivas de identidade; A modernidade ocidental provou-se igualmente incapaz (especialmente nas artes) de produzir novas obras em continuidade com a tradição. A chamada arte ou arquitetura 'moderna' não é moderna há pelo menos cinquenta anos, ela simplesmente recicla o academicismo oficial, que é niilista.

(ver [tradição](#))

**N**

## NAÇÃO, NACIONALISMO, NOVO NACIONALISMO

Etimologicamente, uma 'nação' é uma comunidade popular e política formada por pessoas da mesma origem étnica, do mesmo 'nascimento'.

A nação não deve ser confundida com o Estado-nação. 'Nação' e 'ethnos' são a mesma palavra, designando uma comunidade cujos membros são da mesma origem. Opor a nação ao Império é, semanticamente, entendê-la mal. Um Império, no sentido positivo, é uma federação, um conjunto de nações semelhantes e estreitamente relacionadas — uma "nação federal".

### **O nacionalismo não deve ser associado a uma defesa do estado-nação**

**jacobino e cosmopolita.** Como conceito, o nacionalismo precisa mudar seu significado: primeiro, ele precisa adquirir **uma associação étnica e não mais uma associação estritamente política abstrata.** Deve retornar ao seu sentido etimológico original. Em segundo lugar, doravante, o nacionalismo deve ser entendido em um sentido europeu ampliado – de uma forma visionária e voltada para o futuro – para incluir todos os povos indo-europeus do continente. Nesse sentido, o patriotismo regional torna-se um componente orgânico de uma **nacionalismo grão-europeu imperial**—o que eu chamo de **Novo Nacionalismo.**

\*

No que diz respeito à França, a situação é especialmente delicada e complexa. Em nenhum caso o nacionalismo francês deve se identificar com a tradição do nacionalismo jacobino, já que este é cosmopolita, antiétnico e, paradoxalmente, destrói a 'França' que diz amar (este é o 'paradoxo francês'). O mesmo vale para as atuais instituições da União Européia, cuja principal preocupação parece ser a destruição dos povos e nações da Europa. **Outro caminho é possível, imperial, com três dimensões: primeiro, a região de base étnica; em segundo lugar, a cidadania baseada na nação histórica; e terceiro, uma nacionalidade global, étnica e histórica que abrange todo o continente.**

\*

A relação entre esses três níveis é complexa demais para ser resolvida racionalmente de uma só vez. Só a história resolverá. O problema da Europa impõe uma **solução de cima para baixo** que transcende as divisões existentes, uma solução que não destrói o apego ao etnicamente

região de base, que não destrua a fidelidade aos conceitos históricos de Espanha, França, Alemanha, etc. (às suas línguas, às suas culturas), que não feche uma *futurista* construção do **Grande Nação Europeia**. Precisamos privilegiar a ideia de exclusão e não a de inclusão.

(ver **Império; Europa; Eurosibéria**)

\* \* \*

## NEO-PRIMITIVISMO

O atual processo de involução cultural observável em direção ao comportamento primitivo das massas, um enfraquecimento da memória cultural e o advento da selvageria social.

Os sinais desse novo primitivismo são múltiplos: o aumento do analfabetismo nas escolas, a explosão do uso de drogas, a afro-americanização da música popular, o colapso dos códigos sociais, o declínio da cultura geral, do conhecimento e da memória histórica entre os jovens, a dissolução da arte contemporânea em um niilismo brutal e vazio, o embrutecimento em massa e a deculturação promovidos pela mídia audiovisual (a 'religião católica'), o aumento da criminalidade e do comportamento incivil, o declínio do dever cívico, o desmoronamento acelerado das normas sociais e disciplinas coletivas, a deterioração da língua, etc.

A geração da juventude 'Beur-Black' oferece um exemplo notável desse neo-primitivismo, mas eles não são os únicos tocados por ele.

\*

O paradoxo deste novo primitivismo, verdadeiro processo de 'descivilização', é a sua associação com a ideologia desvirilizada dominante, que defende a civilidade, o Estado de direito, o altruísmo, o humanitarismo, a cidadania e a 'cultura'. Mas isso é colírio. O neoprinativismo acomoda perfeitamente o controle social, a domesticação pelo consumismo e a perda coletiva do espírito cívico. Isso é a **contraparte do neototalitarismo**. Serve à estratégia de curto prazo da classe política, da classe intelectual-midiática e, sobretudo, das potências financeiras transnacionais. Se alguém raciocinar dialeticamente, esse neoprinativismo poderia muito bem se voltar contra a civilização que o engendrou — na medida em que a atual geração de jovens será tecnologicamente incapaz de desempenhar as funções que tornam tal civilização possível.

\*

Esta geração oferecerá uma resistência mínima às minorias ativas, sejam elas quem forem. O que poderia tal massa de escravos - esses "últimos homens" de que Nietzsche falava?<sup>[186]</sup> — fazer diante de uma resoluta minoria aristocrática?

(ver **deculturação; involução; massa, massificação**)

\* \* \*

## NIILISMO

Uma crença profunda na ausência de todo 'sentido da vida': a aniquilação dos valores superiores; uma tendência cínica e desanimada de desprezar os princípios de ação, até mesmo de acreditar que eles não existem mais.

Nihilismo (do latim *nihil* 'nada') caracteriza uma época em que tudo se tornou equivalente, em que todo o sentido autêntico do sagrado se foi, em que a principal preocupação é o consumismo e o materialismo imediato. Os valores vitalistas (relacionados com a conservação de uma linha, a defesa de uma terra, o espírito comunitário, a preocupação com as gerações futuras, a perpetuação das tradições, a estética, etc.) **uma ética dissimulada de falsos valores** (os discursos humanitários, antirracistas, vulgados democráticos, pseudo-sociais ou ecológicos em desacordo com os fatos, etc.). O nihilismo é o desdobramento direto do espírito burguês — obsessivo, egoísta e calculista. As preocupações dominantes do sistema, da mesma forma, são o ganho financeiro de curto prazo, a maximização do lucro e a exclusão de todas as outras considerações, mesmo as da saúde.

Essa atitude é fundamentalmente nihilista porque sustenta que *nada* é de valor, exceto preocupações materialistas imediatas. Representa o colapso de toda consciência histórica e uma recusa de toda transcendência além do egoísmo materialista individual. Vivemos hoje a apoteose do nihilismo: o desenraizamento individual, o triunfo do mercado pelo mercado e a dissolução do sentido autêntico da vida. A 'felicidade' perseguida, porém, obviamente não é um encontro, mas o contrário, algo ainda pior: o desespero. Isso é evidente, por exemplo, na taxa de suicídio, mas também nas formas mórbidas e nocivas da arte contemporânea, na redução da comédia ao nível do escárnio, na substituição do riso pelo riso abafado, da tragédia pelo lamento.

\*

Vivemos uma implosão das ideologias ocidentais, a generalização do narcisismo, o suicídio demográfico da Europa e a ditadura da **um mundo sem sentido** acelerando em direção à catástrofe.

Alguns veem o Islã como um remédio para o nihilismo. O Islã, é verdade, é tudo menos nihilista. O problema aqui é que implica trocar um mal por

outro, dado que o objetivo do Islã é a destruição da civilização européia.**Apenas uma explosão pode curar a Europa de seu niilismo.** Pois quando sua sobrevivência física e material é ameaçada por grandes crises, os homens, paradoxalmente, reencontram o transcendente em suas vidas. Depois de um certo grau, a regeneração acarreta tragédia.

(ver**convergência de catástrofes; sagrado; sociedade, mercado**)

# O

## ORDEM

A ordem é a base de toda civilização criativa, porque disciplina a natureza animal anárquica do homem por meio de suas harmonias políticas e culturais.

A ordem é inaceitável se não for disciplinar, educativa, seletiva — se for puramente repressiva a serviço de uma elite congelada. Qualquer noção de ordem precisa, porém, ser tratada com cautela, pois pode ser estimulante ou enervante, fonte de vigor ou de esclerose.**Não há ordem sem projeto, sem entusiasmo, sem movimento.**A ordem não é simplesmente repressiva (a síndrome americana), mas uma forma de apoio, uma atração,**uma constituição disciplinada de um ideal comum.**

Uma ordem autêntica é encontrada na comunidade de pessoas homogêneas e autodisciplinadas, animadas pelo espírito da filosofia aristotélica.*philia*, amizade e solidariedade espontânea. Ordem e harmonia andam juntas. Na tradição européia, a ordem não é um estado estático, mas a organização de um devir compartilhado.

(ver **disciplina; liberdade**)

P

## PAGANISMO

A atitude filosófica e/ou religiosa, geralmente politeísta e panteísta, que é o antípoda das religiões de salvação reveladas, do monoteísmo religioso ou secular, ou do materialismo ocidental.

Para Christopher Gérard,<sup>[187]</sup>uma das principais autoridades contemporâneas praticantes sobre o assunto: 'Paganismo, como uma visão coerente do mundo . . . é fiel a uma ancestralidade, considerada parte de uma memória muito longa, enraizada em múltiplos terrenos, aberta ao invisível. . . um participante ativo no mundo, uma harmonia procurada entre o microcosmo e o macrocosmo. O paganismo em essência é uma religião natural, a mais antiga de um mundo "nascido" com seu nascimento – se é que o mundo já nasceu. Em vez de uma moda excêntrica - ou a elegante nostalgia de refugiados literários de alguma mítica Idade de Ouro, acho que o paganismo está a caminho de se tornar a primeira das religiões do mundo.'<sup>[188]</sup>Ele menciona 1,5 bilhão de pagãos nos cinco continentes, o que o tornaria o maior grupo religioso do mundo. Gérard acrescenta: 'Sem ser estritamente moralista. . . um paganismo vivido parece-me incompatível com tudo o que torna o homem servil. Como a exaltação da vida - do eterno *élan*—o paganismo recusa tudo o que degrada o homem: drogas, dependências, todo tipo de vida doentia'. Um paganismo vivido, em outras palavras, não é destrutivo, nem ligado aos costumes permissivos e antivitalistas do atual Ocidente (como alguns prelados nos querem fazer crer). O Orgulho Gay não tem nada em comum com a bacanal pagã! Além disso, o paganismo não é supersticioso nem ritualístico vago, em contraste com o Islã (este sistema de crença que mais se opõe a ele), pois o Islã é todas essas coisas no mais alto grau.

\*

Pierre Vial escreveu que o paganismo não é *anticristão*, mas *um cristão e pós-cristão*. 'Ser pagão é recusar a inversão de valores que Nietzsche denunciou no cristianismo. É tomar o herói, não o mártir, como modelo. O sofrimento cristão sempre me causou repulsa. Celebrar o valor redentor do sofrimento parece uma forma de masoquismo'. (Hoje, os cristãos europeus modernos praticam seu etnomasoquismo e culpabilidade nos colonizadores imigrantes; em todos os domínios eles praticam o 'dever de arrependimento'.) Vial continua, 'Exaltar

miséria, sofrimento e doença não são saudáveis e eu prefiro muito mais o ideal grego de transcendência ou o estoicismo de Marco Aurélio.<sup>[189]</sup> — Paganismo não deve, porém, ser confundido com anticlericalismo ou ateísmo. Outro ponto: uma definição puramente intelectual do paganismo... não será suficiente. Talvez seja necessário, mas não vai longe o suficiente. Para que o paganismo exista, ele deve ser vivido. Não apenas nos gestos, mas nas expressões mais comuns da vida. O paganismo é definido principalmente em referência ao sagrado... Afirma a imanência do sagrado'.<sup>[190]</sup> —

Tanto para Gérard quanto para Vial, o paganismo é a autêntica 'religião', pois une os homens da mesma comunidade e os liga a um cosmos no qual o divino está em toda parte, onde os deuses não são separados, mas fazem parte do profano mundo.

\*

**Da mesma forma, o gnosticismo, que inspira a Maçonaria, nada tem a ver com o paganismo.** Os traços constitutivos do paganismo são: a presença do sagrado e do sobrenatural na natureza; uma concepção cíclica ou esférica do tempo; a recusa em considerar a natureza como 'propriedade' dos homens que a exploram e assim a destroem; o ir e vir da sensualidade e do ascetismo; a apologia incondicional da força vital (o 'sim à vida' e 'a Grande Saúde'<sup>[191]</sup> do Zarathustra de Nietzsche); a ideia de que o mundo é 'incriado' e corresponde a um rio de devir, sem começo nem fim; o sentimento trágico da vida recusando todo niilismo; o culto dos antepassados, da linha, da identidade biológica e cultural do nosso povo; a recusa de todas as Verdades reveladas e universais e, portanto, a recusa de todo fanatismo, dogmatismo e proselitismo forçado.

Precisamos tomar cuidado, porém, com certos supostos pagãos que sustentam que o paganismo significa 'tolerância absoluta', em nome do 'politeísmo social'. Esses pagãos, como a Igreja pós-conciliar, apóiam, por exemplo, a imigração e o Islã e se recusam a lutar contra a decadência social reinante. Esse pseudopaganismo de clérigos seculares dá ao espírito pagão uma inclinação esquerdista. **É um pseudo-paganismo, na verdade — puramente negativo e reativo, um judaico-cristianismo oco, uma fixação anticatólica.**

Não é uma filosofia de vida, mas uma atitude de ressentimento. Além disso, esses pseudo-pagãos, que carecem de verdadeira cultura, nunca foram capazes de

definem nem vivem positivamente seu suposto 'paganismo'. De uma forma totalmente absurda, até os levou a uma posição pró-islâmica (cuja *Alcorão* considera os pagãos 'idólatras' - e cujo destino é o das ovelhas abatidas do Eid al-Adha<sup>[192]</sup>) — e ao igualitarismo da tolerância absoluta de toda forma de desvio, justificada em nome de um 'politeísmo social' puramente casuístico (homofilia, antirracismo, etnopluralismo, tribalismo, etc.). Não é preciso nem criticar a Igreja para assumir a posição de monsenhor Gaillot<sup>[193]</sup> e os humanitários pós-conciliares.

Contra isso, afirmamos que **paganismo é em essência um partidário da ordem social** — que vê como refletindo a ordem cósmica; é igualmente **opõe-se à fusão dos povos, à mistura aleatória e, portanto, a um individualismo massificador**. A visão pagã do mundo é holística e orgânica e vê seu povo como **um comunidade hierárquica do destino**. Como o antigo paganismo grego, a **noção de Cidade, inseparável das noções de patriotismo e identidade étnica**, é fundamental para a concepção pagã do mundo. Da mesma forma, a noção nietzschiana **devontade de poder** está perfeitamente de acordo com o paganismo (na medida em que respeita a ordem natural, cósmica).

Na Europa, o paganismo - sua antiga religião, muito mais antiga que o cristianismo - assumiu várias formas: primeiro, há um paganismo "filosófico" (ou neopaganismo), com componentes helênicos, romanos, germânicos, escandinavos, etc., todos que não acreditam em deuses antropocêntricos, mas sim em uma visão sagrada, politeísta e panteísta do mundo, na qual as divindades são alegorias eternas que representam as multiplicidades da vida e do cosmos; este paganismo conhece numerosos rituais comunitários ligados às diferentes fases da vida humana e aos ciclos sazonais; tem sido evidente na arte européia por séculos. Há também um paganismo 'selvagem' que se estende desde a (pseudo-pagã) Nova Era até o budismo europeu. Outro falso paganismo é o paganismo intelectualista, que muitas vezes é apenas uma forma de ódio anticitólico; o que Gérard chama de 'paganismo de salão'.

Não existe uma 'Igreja' pagã. O paganismo não é sociologicamente unificado — é preciso falar de paganismos. A própria palavra é ambígua, cunhada pelos cristãos para designar a religião dos camponeses (*pagão*).

Pode-se notar também que **as seitas não pertencem nem ao paganismo nem à sua filosofia, mas a derivações das místicas religiões monoteístas de salvação.**

\*

Os pagãos hoje precisam ter inteligência e sabedoria para não *-a priori* —rejeitar os cristãos tradicionais, e vice-versa, pois a luta contra o inimigo comum é o mais importante. Não sectarismo, mas um **compromisso histórico**, é necessário aqui. **Nenhuma reconciliação, ao contrário, é possível com o judaico-cristianismo da esquerda pós-conciliar.**

A principal reprovação pagã do cristianismo (feita por Pierre Vial, Giorgio Locchi e Louis Rougier<sup>[194]</sup>) tem suas raízes no universalismo e igualitarismo e sua visão progressista da história; As ideologias totalitárias de salvação, como o liberalismo globalista, com seu fim da história e seu humanitarismo desarmador, são simplesmente **formas secularizadas de cristianismo**. O universalismo, por exemplo, transformou-se em cosmopolitismo secular, e a caridade cristã em humanitarismo masoquista. A caridade universal, como vem do judaico-cristianismo e se choca com a visão pagã do mundo, tem sido central para o desarmamento moral da Europa, para seu fracasso em resistir à invasão colonizadora do Terceiro Mundo. Da mesma forma, ao situar Deus fora ou acima do universo e declarar este último profano, o judaico-cristianismo abriu caminho para um materialismo ateu. Segundo Agostinho<sup>[195]</sup> e Aquino,<sup>[196]</sup> o cristianismo tradicional afirmava que a igualdade e a universalidade dos homens diante de Deus não se destinam à Cidade, mas ao além, após o Juízo Final.

Precisamos, desde já, reconhecer que o vírus igualitário, universalista e antinacionalista dos primeiros cristãos, neutralizado pela Igreja medieval e pela cavalaria, voltou com força com a Igreja moderna pós-conciliar.<sup>[197]</sup> O cristianismo tradicional, seja católico ou ortodoxo, incorporou importantes elementos pagãos, notadamente no politeísmo da Santíssima Trindade, no culto dos santos e da Virgem Maria, etc. Podemos ainda citar Pelágio,<sup>[198]</sup> Teilhard de Chardin,<sup>[199]</sup> Giordano Bruno,<sup>[200]</sup> ou outros clérigos que tentaram uma síntese do cristianismo europeu e do paganismo.

**A coisa mais importante hoje é enfrentar o inimigo comum, o Islã**—a mais abstrata, a mais intolerante, a mais perigosa das religiões monoteístas (modelo fundador do totalitarismo, ainda mais que o comunismo), com as quais, infelizmente, colaboram suicidamente a hierarquia católica e nossos intelectuais pseudo-pagãos 'etnopluralistas'. No decorrer do século XXI, não é razoável esperar que autênticos pagãos na Europa e na Índia sejam os que estarão na linha de frente na luta contra a religião totalitária do deserto – não clérigos católicos ou "secularistas" republicanos.

**Seria inútil instrumentalizar o paganismo como uma 'religião política'.** Pois o paganismo é antes de tudo uma atitude, um posicionamento filosófico, espiritual, uma escolha de valores, e em nenhum caso tem vocação para se institucionalizar como religião— como uma 'nova Igreja'. O catolicismo europeu — antes de ser dessacralizado pelo Vaticano II — incluía importantes elementos pagãos, a tal ponto que certos teólogos modernos o acusam de ter sido um 'cristianismo pagão' — a mesma censura que Lutero e Calvino fizeram dele. A ortodoxia grego-eslava ainda mantém muitos resquícios pagãos.

A aliança histórica dos autênticos filósofos pagãos (inspirados na herança da Grécia, Roma e Índia) com o cristianismo europeu tradicional é um pré-requisito para a luta impiedosa que deve ser travada contra a gnose maçônica, o obscurantismo dos colonizadores muçulmanos e o vírus do materialismo.

**(verjudaico-cristianismo)**

\* \* \*

## PESSOAS

Um conjunto étnico — biológico, histórico, cultural — com um território, sua pátria, no qual está enraizado.

'O povo' — o próprio termo é suspeito para a esquerda cosmopolita, que o vê como algo que beira o politicamente incorreto — não é uma 'população' estatística; é **um comunidade orgânica que abraça um corpo transcendente feito de ancestrais, vivos e seus herdeiros**. Embora marcado por uma certa espiritualidade, um povo está diacronicamente enraizado no passado e projeta-se no futuro — está submerso em matéria biológica e genética, mas ao mesmo tempo é uma realidade histórica e espiritual.

**É a pertença a um povo específico que distingue o homem e o torna humano.** Embora as doutrinas igualitárias ocidentais modernas reduzam os povos a agregados socioeconômicos indiferentes, na verdade os povos constituem as bases orgânicas da raça humana; da mesma forma, tais doutrinas concebem o homem ideal como um indivíduo "emancipado" de seus apegos orgânicos — como uma célula indiferenciada em um magma humano.

É necessário recordar, especialmente para certos cristãos, que **o apego de um povo é incompatível com o cosmopolitismo atual do cristianismo**. A alegação, por exemplo, de que "estou mais próximo de um católico africano do que de um europeu não-cristão" é uma afirmação universalista que relega a nação de um povo a algo de importância secundária. Este é, de fato, o grande drama do cristianismo europeu, marcado pelo universalismo paulino. Um católico apegado ao seu povo e consciente dos perigos biológicos e culturais que os ameaçam poderia dizer: 'Respeito todos os cristãos do mundo, *mashic et nunc*<sup>[201]</sup> Luto pelo meu ~~povo~~ acima de tudo, seja qual for a sua religião'.

O espírito jesuíta pode resolver a contradição em referência ao *Antigo Testamento's* tradição hebraica: 'Babel - a mistura de povos díspares - é uma punição de Deus, Que quer que Seus povos sejam separados e diversos - a humanidade é uma no Céu, mas múltipla na Terra'.

O Islã árabe não tem dificuldade em conciliar a noção de povo (a 'nação árabe') com a de seu universalismo. Os judeus, por seu lado, também reconciliaram uma feroz defesa de sua etnicidade – sua singularidade – com sua religião, por mais teoricamente monoteísta e universalista que seja. Em nenhum momento o judaísmo e o islamismo, ao contrário das igrejas cristãs de hoje, se envolveram em diatribes duvidosas e culpadas contra a "xenofobia" e o etnocentrismo. Eles não são masoquistas... .

\*

Como toda noção antropológica, 'povo' carece de rigor matemático. Um povo não se define como uma totalidade biocultural homogênea, mas como uma relação. É o produto de uma alquimia orgânica que reúne vários 'subpovos'. Os bretões, catalães, escoceses, etc., podem ser vistos assim como os subpovos de um povo maior — os europeus.

\*

Devemos destacar a ambigüidade que envolve a noção de povo. A ideologia universalista da Revolução Francesa confundia a ideia de povo com a de um "conjunto de habitantes que possuem jurisdicionalmente a nacionalidade", seja qual for a sua origem. **Dados os fatos de imigração em massa e naturalização, a noção do povo francês foi bastante diluída** (como fizeram os povos britânicos ou alemães, pela mesma razão). É por isso que (sem abordar a questão insolúvel do que constitui um 'povo regional' ou um 'povo nacional'), convém transcender dialeticamente os problemas semânticos — **e afirmar a legitimidade histórica de um único povo europeu**, historicamente ligados, cujas diferentes famílias nacionais se assemelham por terem, por milhares de anos, as mesmas origens etnoculturais e históricas. Apesar das diferenças nacionais, linguísticas ou tribais, os negros africanos, mesmo na Europa, não foram convocados por Nelson Mandela ou pelo senegalês Mamadou Diop? [202] para 'pensar como um só povo'? De Nasser [203] para al-Qadhafi, por meio de Arafat, os árabes não foram instados a se verem como um povo árabe? Por que os europeus não têm o mesmo direito de se ver como um povo?

Quanto aos 'povos regionais', é preciso opor-se aos regionalistas de esquerda, antijacobinos e antiglobalistas autoproclamados, que aceitam sem hesitar o conceito de francês ou americano *solus* — Quem

confundem cidadãos e residentes, e que reconhecem como bretões, alsacianos, corsos, etc., *qualquer um* (mesmo de origem não europeia) que vive nessas regiões e opta por aceitar tal identidade.

\*

Ao pertencer a um povo, seus membros estão emocionalmente inclinados a se definir como tal, o que implica filiação política. Por esta razão, dizemos que **um povo existe naquele ponto onde os imperativos biológicos, territoriais, culturais e políticos se unem**. Mas em nenhum caso o mero apego cultural ou linguístico é suficiente para formar um povo, se eles não têm raízes biológicas comuns. Os imigrantes estrangeiros do povo X que se instalam no território do povo Y — mesmo que adotem elementos culturais do povo anfitrião — não fazem parte de Y. Como pensava De Gaulle, pode haver pequenas exceções para pequenos números de pessoas compatíveis (White), passíveis de serem assimiladas, mas isso nunca poderia ser o caso, digamos, das Índias Ocidentais Francesas.

De forma similar, **na definição da noção de povo, considerações territoriais ou geopolíticas também devem ser levadas em conta**. Um povo não é uma diáspora: os judeus sentiram-se obrigados a reconquistar a Palestina como sua 'terra prometida' porque, como Theodor Herzl<sup>[204]</sup> argumentou, 'sem uma terra prometida, os judeus são apenas uma diáspora religiosa, uma cultura, uma união, mas não um povo'.

Fala-se muito hoje, na esquerda e na direita, sobre a 'desterritorialização' das pessoas. Na realidade, não há nada disso. Todo povo sadio, ainda que possua uma importante diáspora (chineses, árabes, indianos, etc.), mantém estreitas relações com sua pátria.

\*

Os gurus modernistas há muito afirmam que o futuro não pertence aos povos, mas à humanidade concebida como um único povo. Mais uma vez, não haverá nada do tipo. **Apesar da globalização e em reação a ela, o século XXI será mais do que nunca um século de povos distintos**. Só os europeus, submersos nas ilusões de sua decadência, imaginam que os povos sanguinários desaparecerão, para serem substituídos por um miscigenado 'cidadão do mundo'. Na realidade, quem corre o risco de desaparecer são os europeus. Amanhã não haverá crepúsculo dos povos.

Por outro lado, o crepúsculo de vários povos já é possível. Esquece-se frequentemente que os ameríndios ou os egípcios desapareceram — esvaziados internamente e invadidos. Pois a história é um cemitério de povos — de povos fracos — exaustos e resignados.

\*

Aqui cabe uma cautela: teóricos de direita e de esquerda do 'etnopluralismo', contrários à homogeneização da humanidade, falam da 'causa dos povos', como se todo povo devesse ser conservado. Na realidade, o *sistema que destrói povos*<sup>[205]</sup>—o título de um dos meus livros que foi mal interpretado por certos intelectuais — só ameaça povos inaptos, ou seja, os europeus de hoje. Também ameaça aqueles resíduos<sup>[206]</sup> povos, cujo destino interessa apenas aos guardiões de museus. Parece perfeitamente estúpido e utópico acreditar que todos os povos podem ser conservados no formaldeído da história. Que visão igualitária pacifista.

**A principal ameaça à identidade e existência dos grandes povos ocorre, ao contrário, pela conjunção da deculturação e da invasão colonizadora de povos alheios**—que estamos experimentando atualmente. O 'sistema' globalista ocidental nunca ameaçará povos fortes. Árabes, chineses ou indianos estão ameaçados? Pelo contrário. Reforça sua identidade e seu desejo de conquista, provocando sua reação a isso.

As pessoas em perigo - em grande parte por causa de suas próprias falhas - são nosso povo, por razões tanto biológicas quanto culturais e estratégicas. É por isso é necessário substituir a ideologia igualitária da '**'causa de povos'** com a '**'causa de nossopessoas'**'.

\*

São três as posições possíveis: primeiro, os povos não existem, ou já não existem — é uma categoria obsoleta — só conta a humanidade (a tese do igualitarismo universalista); em segundo lugar, todos os povos devem existir e ser conservados (a posição utópica — também igualitária — etnopluralista — completamente inaplicável à nossa época); e terceiro, somente povos fortes e obstinados podem subsistir por longos períodos históricos—períodos de seleção em que apenas os mais aptos sobrevivem (a tese voluntarista, realista, desigualitária). Obviamente, apoiamos a terceira posição.

O que é essencial é **reapropriar-se do termo 'povo'** e progressivamente alargá-lo a todo o Continente Euro-siberiano. O

A compreensão atual de "europeu" pela ideologia reinante em Bruxelas é inspirada na ideologia jacobina francesa. Essa ideologia não faz referência a um grande povo europeu etno-histórico, apenas a uma massa de residentes díspares que habitam o território europeu. Essa tendência precisa ser radicalmente substituída.

Propomos que os povos europeus se tornem **assuntos históricos** novamente e deixar de ser **objetos históricos**. No trágico século que se aproxima, é especialmente crucial que os europeus se tornem conscientes dos perigos comuns que enfrentam e que, doravante, formem uma autoconsciência **comunidade do destino**. Trata-se, de fato, de forjar uma 'nova aliança' que — através da ressurreição, da metamorfose e da transfiguração histórica — levará à refundação de um grande povo europeu e, em meio à decadência, triunfará — não sem dor, de claro — em dar à luz novamente a fênix.

(ver **Eurosibéria; nação; populismo; região**)

\* \* \*

## PESSOAS DE VIDA LONGA; PESSOAS DE VIDA CURTA

Um povo que deseja e sabe preservar-se na história, assegurar a sua linha biológica e manter a longevidade da sua civilização.

Este conceito vem do filósofo Raymond Ruyer.[\[207\]](#) Os árabes, chineses, judeus, indianos e outros são exemplos típicos desses povos longevos. Entorpecidos pela civilização ocidental, que eles criaram tragicamente e que se voltou contra eles, os europeus de hoje não se veem mais como um povo de vida longa. Para gostar **pessoas de vida curta**, eles não estão preocupados com seus ancestrais ou sua posteridade — sua linhagem, herança cultural ou futuro. Eles se dedicam ao culto do presente imediato, à busca de pequenos prazeres individuais e à preservação nervosa de suas aquisições materiais.

Povos pequenos são destruídos por suas desvantagens demográficas, militares e tecnológicas. Os grandes povos, ao contrário, que se afundam no esquecimento do tempo, morrem de anemia, de falta de vontade — apesar da força aparente de sua civilização realmente frágil. Este foi o destino dos incas, dos astecas, dos egípcios e outros. Um povo longevo é caracterizado pelas seguintes qualidades: vigor demográfico, consciência étnica coletiva, solidariedade popular e um ideal espiritual comum. **Um povo longevo possui profundas raízes biológicas, uma memória e uma história comum, uma ideia do divino e um projeto.** Isso é tudo o que falta à civilização ocidental, já que não pode se projetar nem cinco anos no futuro. Tudo isto está apto para a reconstrução.

(ver **história**)

\* \* \*

## PERSONALIDADE, CRIATIVIDADE

O tipo superior de homem que mobiliza e conduz seus semelhantes, imbuindo-os de uma meta e de um projeto.

A humanidade é dividida em dois tipos, como observaram numerosos psicólogos: as "personalidades criativas" e o humano genérico. Estes imitam e reproduzem comportamentos sociais e são conduzidos apenas por disciplinas externas a eles, por entusiasmos forjados por outros, por normas aprendidas. O primeiro tipo, a personalidade criativa, é muito mais raro, imbuído de capacidades superiores. Eles são seus próprios mestres, são autodisciplinados e criativos.

**A história nada mais é do que a fertilização dos povos por suas personalidades criativas**—por seus líderes políticos, poetas, artistas, mestres espirituais, filósofos, inventores, guerreiros ou empresários. A própria noção de uma personalidade criativa afronta o igualitarismo dominante. Pois implica que as sociedades humanas não são mecanismos fortuitos, mas campos de força, dominados por vontades e talentos, cujos avanços sempre vêm de energias e intuições excepcionais.

As personalidades criativas existem em todos os níveis do organismo social, mesmo nos mais modestos. Essa noção não tem nada a ver com 'classe' e menos ainda com riqueza monetária. Em nenhum caso a personalidade criativa deve ser confundida com uma 'elite burguesa'. Pode aparecer nos reinos mais inesperados. Não espera sucesso, pois muitas vezes é desprezado em sua vida. É a semente que fertiliza o solo. Às vezes, até remodela a história.

\*

**A sociedade ocidental atual é decadente porque tenta eliminar suas personalidades criativas**—por causa de burocratas ou conformistas ideológicos. É uma velha história, bem conhecida de Roma em seu declínio, mas também uma luta perdida antecipadamente. Nenhum sistema social pode abolir o poder de fascínio que a personalidade criadora exerce sobre o humano genérico, o homem de base. Molière, Mozart, Baudelaire, Nietzsche, Van Gogh ou Céline não são esquecíveis. Mas o sistema tenta nos fazer esquecê-los — porém em vão.

A personalidade criativa é animada pelo que os gregos chamavam *poeisis*, poesia, o 'poder de criar'. Suas dimensões são tanto políticas quanto estéticas, embora as duas possam ser as mesmas. A personalidade criativa

possui tanto uma força que vem de baixo — telúrica, genética, ancestral, dionisíaca — quanto uma força que vem do alto — o que os antigos chamavam de 'inspiração', aquela energia apolínea de origem desconhecida. A personalidade criativa pode ser definida por uma única palavra: **entusiasmo**—que, etimologicamente, significa 'possessão divina'.  
**(ver aristocracia; nascido líder; elite)**

\* \* \*

## FILIA

Conceito aristotélico que significa 'amizade' — consenso etnocultural entre membros de uma mesma cidade.

Para Aristóteles, a democracia só é possível dentro de grupos étnicos homogêneos, enquanto os déspotas sempre reinaram em sociedades altamente fragmentadas.

**Uma sociedade multiétnica é, portanto, necessariamente antidemocrática e caótica,** pois faltaria *philia*, esta profunda fraternidade de cidadãos de carne e osso. Tiranos e déspotas dividem e governam, querem a Cidade dividida por rivalidades étnicas. **O condição indispensável para garantir a soberania de um povo reside, portanto, em sua unidade.** Caos étnico impede a *philia* de desenvolver. Uma cidadania é formada com base na proximidade – ou não é formada de forma alguma. As doutrinas abstratas e integracionistas da Revolução Francesa concebem o homem simplesmente como um "homem", um residente, um consumidor. O espírito cívico, assim como a segurança pública, a harmonia social e a solidariedade, não se baseia apenas na educação ou na persuasão, mas na unanimidade cultural – em valores comuns, estilos de vida e comportamentos inatos.

Para saber mais sobre essa noção crucial, o livro de Yvan Blot *L'héritage d'Athena* [208] — deveria ser consultado. (ver **democracia; pátria**)

\* \* \*

## POLÍTICA, GRANDE POLÍTICA

Uma atividade (o político) ou uma função (política) cujo objeto é a longevidade e a defesa, em todos os domínios, de uma Cidade (cuja raiz etimológica grega é *polis*) — isto é, de um grupo humano constituindo uma comunidade de origem e destino — cuja principal função é, portanto, o exercício da soberania.

Na filosofia política contemporânea, maculada pelo economicismo, a essência do político é "a gestão da nação", concebida como uma espécie de negócio. Isso transforma a classe política em uma casta de carreiristas, semelhante à *apparatchiks* dos antigos regimes comunistas. **A destino das pessoas** escapa totalmente à visão política do político, como qualquer outra dimensão histórica da atividade política.

O político não existe na administração do dia-a-dia ou na busca americana pela felicidade. Também não é simplesmente **odesignação do inimigo**, como Carl Schmitt ensinou, por mais justa e instrutiva que essa designação possa ser. A essência do político é antes de tudo — fundamentalmente — a **designação do amigo** — ou seja, o camarada, aquele que pertence à mesma comunidade e compartilha os mesmos valores. Nesse sentido, é antes de tudo o delineamento de um campo de pertencimento. Quem está do nosso lado? Quem é quem? Essa é a questão política central.

**A essência do político é estética, poética e histórica.** De acordo com o verbo *gregopoeisis*—criar, fazer. Com efeito, a vocação última do político é criar — fazer — um povo na história. Segue-se que a essência do político não é apenas sobre economia, justiça, equilíbrio social, paz civil e segurança internacional, mas também arquitetura, ecologia, artes plásticas, cultura, demografia, biopolítica, etc.

\*

O político é o domínio da vontade e da soberania. Não é de estranhar que nossa época faça de tudo para destruir o político em nome da economia ou do interesse individual. **Os políticos contemporâneos foram despolitizados e a Europa padece desta abdicação do político, ou seja, da inexistência da função soberana.** Esses políticos são alvo de piadas e falsas lisonjas do dinheiro e da mídia, mas seus cálculos são inevitavelmente de curto prazo e eles carecem de

um projeto histórico; da mesma forma, eles não têm poder real, que reside inteiramente nas mãos das forças financeiras.

O próprio Estado deixou de possuir o monopólio do poder ou a vontade política. Deixou de ser uma autoridade política para ser uma autoridade tecnoburocrática. Tanto em Bruxelas quanto em Paris, não passa de uma administração, uma corporação com cronogramas de curto prazo. Funcionários ou políticos — muitas vezes confundidos — agem como empregados assalariados ou executivos corporativos, mas não como servidores do povo. Sem exceção, os políticos europeus estão situados em algum lugar entre as estrelas do show-business e os escalões superiores da gestão corporativa. Vaidade e dinheiro, mas nenhum poder real. Para **o verdadeiro poder político pressupõe tanto uma compreensão desinteressada do seu exercício como um espírito visionário.**

\*

Por fim, chegamos à noção de**Grande Política**, um termo criado por Nietzsche. Ela expressa a essência do político:**inscrever e manter um povo na história, como criador e ator autônomo do seu próprio destino, preservando a sua identidade e, se possível, impulsionando a sua ascensão**. A Grande Política inscreve-se assim na história *longa duração*, que é o oposto da 'pequena política' dos políticos - que é basicamente presentista e a-histórica. A Grand Politics situa-se nessa encruzilhada entre o bem-estar do indivíduo e a longevidade do povo, entre a pacificação e o poder, entre a fidelidade à tradição e a inovação ambiciosa.

A Grand Politics deve doravante levar em conta os seguintes fatores e objetivos essenciais (a lista não é exaustiva), que são totalmente ignorados pelos políticos franceses e europeus hoje:

1. Enfrentar o renascimento da luta ancestral do Islã contra os povos europeus.
2. Conter o declínio demográfico do Continente e reverter sua colonização pelo Terceiro Mundo.
3. Garantir a proteção econômica dos territórios europeus.
4. Para libertar os europeus de sua subjugação aos americanos - para ganhar sua independência; construir uma verdadeira união continental de

poder com a Rússia e ter como principais aliados a China e a Índia.

5. Encontrar uma alternativa para a atual direção catastrófica de curto prazo da economia global, especialmente no que diz respeito à ecologia.

Estamos longe de tudo isso. Mas as sanções dramáticas que em breve surgirão de nossa falta de previsão podem muito bem colocar as coisas de volta em seu devido lugar.

\*

O político nunca substitui o espiritual. Mas o espiritual não é nada sem o político. A noção do político supõe **ideias de soberania e um sentido transcendente da história.**

(ver **história; soberania**)

\* \* \*

## POPULISMO

A posição que defende os interesses do povo perante os da classe política — e defende a democracia direta.

Este termo atualmente pejorativo deve ser tornado positivo. A aversão predominante ao populismo na verdade expressa um desprezo dissimulado pela democracia autêntica. Como seu corolário antidemagogo, o antipopulismo é uma astúcia semântica de políticos e intelectuais burgueses — para desviar a vontade do povo, especialmente dos estratos sociais modestos, reputados perigosos, por serem os mais nacionalistas.

A burguesia cosmopolita, seja de esquerda ou de direita, que hoje detém o poder ataca o 'populismo' porque rejeita a democracia direta e porque está convencida de que **o povo é 'politicamente incorreto'**. Em matéria de imigração, pena de morte, disciplina escolar, políticas fiscais – em inúmeros outros assuntos – é bem sabido que os desejos mais profundos do povo (como evidenciado em referendos e outros lugares) nunca, apesar da propaganda incessante da mídia, correspondem aos do governo. É lógico, então, que aqueles que confiscaram a 'vontade popular' tendam a associar o populismo ao despotismo.

Disso decorrem as suspeitas sobre a democracia cantonal ao estilo suíço, ou as sanções ilegais da UE contra a Áustria por permitir que o partido populista FPÖ entrasse no governo, embora tivesse conquistado o direito nas urnas. **Na verdade, o populismo é a verdadeira face da democracia—no sentido grego—e o antipopulismo o das elites atuais, fundamentalmente antidemocráticas.**

O antipopulismo marca o triunfo final das classes político-midiáticas isoladas, pseudo-humanistas e privilegiadas – que confiscaram a tradição democrática para seu próprio lucro.

Há algum tempo, o termo 'pessoas' tem tido má fama. Prefere-se falar de "república" — um termo igualmente fluido que se voltou contra seu significado original. Para a classe da mídia intelectual, 'pessoas' significa *petits blancs*—a massa de brancos franceses economicamente modestos e não privilegiados - que formam aquela categoria social da qual se espera que pague seus impostos, renuncie a todos os privilégios e, acima de tudo, fique quieta. **É por isso que as naturalizações em massa, *jus soli*, e a**

## **a emancipação dos estrangeiros nas eleições locais foi introduzida: para 'mudar o povo'.**

A ideologia dominante persegue uma estratégia tríplice: primeiro, tornar os europeus étnicos "corretos" e, se possível, restringir sua reprodução; segundo, deixar todo o poder real nas mãos das finanças internacionais; e terceiro, assegurar à classe política amplas recompensas financeiras. Isto é *o macio*, forma moderna de opressão.

Uma situação como essa é inherentemente frágil: alguém se pergunta se os políticos antipopulistas e antirracistas suspeitam que, uma vez que um certo limite numérico seja ultrapassado, seus pupilos muçulmanos e estrangeiros os jogarão na lixeira da história?

**(verdemocracia; pessoas)**

\* \* \*

## PREFERÊNCIA EUROPEIA; PREFERÊNCIA NACIONAL, PREFERÊNCIA ESTRANGEIRA

Uma noção política herdada da democracia grega, que concede direitos superiores aos nativos da cidade — aos 'cidadãos'.

É uma ideia de bom senso - praticada por todos os povos da Terra, exceto pelas doentes sociedades ocidentais (França em particular) - a ideia de que **cidadãos em seu próprio país devem ter uma vantagem de direitos sobre os residentes estrangeiros**. O que mais poderia significar a noção de 'cidadania' - que a esquerda evoca em todos os domínios, mas cujos princípios viola irrefletidamente?

Ser um europeu nativo tornou-se uma desvantagem em nossas sociedades etnomasoquistas. A preferência francesa (ou européia), por uma incrível virada ideológica, agora é considerada 'racista'. Na França e na Bélgica, discute-se até a abertura do serviço público a estrangeiros.

A noção de 'preferência nacional' é a base do direito internacional e é praticada em todos os países do mundo. Só na Europa é diabolizada e, numa flagrante denegação de justiça, condenada pelos tribunais — constituindo com efeito um **usurpação do princípio da reciprocidade internacional**. Nenhum país concede direitos iguais aos europeus (muito menos direitos superiores), mas os europeus são de alguma forma obrigados a conceder direitos iguais ou superiores aos seus residentes estrangeiros.

\*

As chamadas leis 'anti-racistas', como programas massivos de bem-estar social, levam, objetivamente, a uma situação em que os estrangeiros (mesmo imigrantes ilegais) são privilegiados, porque outrora foram supostamente vítimas de exclusão e ódio xenófobos. **O anti-racismo oficial metamorfoseia-se assim num racismo explícito anti-europeu.**

A política oficial dita, portanto, que os estrangeiros devem ser os beneficiários da 'discriminação positiva'. Protegidos por associações especializadas, defendidos pela mídia, beneficiários de inúmeros serviços e pagamentos previdenciários, supostamente vitimizados, os estrangeiros, objetivamente falando, são **privilegiado**, em vigor. E esses privilégios continuam crescendo junto com a chegada incessante de novos imigrantes. A preferência estrangeira é de fato agora a regra - embora a justiça e o bom senso pareçam

ditar uma situação de **preferência europeia**. No Marrocos, a regra é 'preferência marroquina' - na Índia, 'preferência india' - em todos os lugares, exceto na Europa.

A condenação judicial de Catherine Mégret, prefeita de Vitrolles,[\[209\]](#) por atribuir 5.000 francos a cada recém-nascido de ascendência francesa ou europeia, revela até que ponto o domínio da ideologia, do fanatismo e do despotismo aflige todos os que seguem *o lei natural* de favorecer o próprio povo.

**A recusa da preferência nacional culmina inevitavelmente na preferência estrangeira:** outro sinal de que a ideologia igualitária enlouqueceu, que inverteu o princípio igualitário para favorecer a superioridade dos estrangeiros. **A preferência estrangeira é uma patologia coletiva**, imposta pelas elites reinantes, embora não dure. Uma situação tão anormal só pode levar - e isso será para melhor - a uma crise gravíssima. A harmonia social e a paz são possíveis apenas com o princípio aristotélico de "cada cidade seu próprio privilégio".  
(ver **etnomasoquismo; raça, racismo; xenofilia**)

\* \* \*

## APRESENTISMO

Culto do presente, do momento, da moda — culto distinto da sociedade ocidental — esquecido do passado e indiferente ao futuro. O presentismo é uma forma de cegueira — é o comportamento de 'aqueles cujos olhos estão no chão, não no céu, não no que está à frente ou atrás deles' — na expressão do pintor e identitário bretão Yann-Ber Tillenon.[\[210\]](#)

O longo prazo nunca é levado em consideração. As gerações futuras não contam, a noção de linhagem, como a de previsão, está ausente. Apenas a 'geração atual' conta. Mas quando uma moda deixa de estar na moda, 'sua *o/har*', como Olivier Carré[\[211\]](#) diz, 'torna-se pegajoso'.

O presentismo fomenta o desprezo pela sobrevivência do próprio povo. É consequência de um individualismo narcísico e do espírito burguês. Tornou-se uma forma **derecusando um futuro comum e um passado comum, memória e previsão, enraizamento e ambição coletiva, identidade e continuidade**. A civilização contemporânea está sufocada pelo presentismo, o que a torna extremamente frágil, pois se recusa a antecipar as crises que inevitavelmente a atingirão; por exemplo, a ameaça de uma guerra civil étnica, o choque inevitável com o Islão, as dramáticas consequências económicas do envelhecimento da população, os efeitos ecológicos do aumento da poluição e das temperaturas atmosféricas mais elevadas, etc. O presentismo afecta o espírito público em geral, bem como grandes grupos económicos, cujas estratégias são voltadas para o desempenho financeiro de curto prazo; da mesma forma limita as ambições políticas para o horizonte das próximas eleições e a comunidade internacional falha em reduzir a emissão nociva de gases poluentes. O destino das gerações vindouras tornou-se, em uma palavra, a menor das preocupações desta civilização.

O presentismo é tanto a demanda infantil **portudo agora** e o reino indiviso do ***hic et nunc***. (ver **economiçmo; modernidade**)

\* \* \*

## PROGRESSO, PROGRESSIVISMO

A crença de que a história é um movimento ascendente em direção à melhoria constante da condição humana.

A ideia de progresso está em crise há muito tempo (as famosas 'desilusões do progresso'), pois o progressismo insiste que as coisas estão sempre melhorando. A ideia, no entanto, é minada por dentro por um pessimismo generalizado e pelo colapso de qualquer confiança no futuro, assim como suas realizações ficam constantemente aquém das expectativas. A 'felicidade dos povos', rapsodizada por Victor Hugo,<sup>[212]</sup> não teve nenhum encontro no século XX - exatamente o oposto. **O que é particularmente impressionante é que a ideologia progressista (como sua contraparte modernista) continua a andar em círculos, mesmo que o mundo que ela criou esteja caminhando, a toda velocidade, em uma névoa, em direção ao desastre.**

\*

A ideia de progresso — central na visão 'moderna' do mundo desde o século XVII — é um desdobramento secular e materialista das doutrinas religiosas da salvação. O século XXI não trará o fim da história, nem a prosperidade mundial de um estado universal, mas uma terrível aceleração da história e um aumento de sua essência trágica. Contra o progressismo, faríamos bem em substituir a visão metamórfica da história que Heráclito<sup>[213]</sup> e Nietzsche inspirou: nada é imutável, nada é linear. **A vida está se tornando e, portanto, cheia de surpresas.** Através de um *contradição dialética* que freqüentemente ocorre na história, o progressismo e as ideologias do fim da história provocaram, na verdade, um ressurgimento da história — por causa das catástrofes que eles mesmos estão produzindo.

Quanto ao 'progresso científico', ele não possui, repitamos, nada de qualitativo; é puramente quantitativo e neutro; leva até mesmo ao desastre se não for dominado (como quando sucumbe a motivos puramente de mercado ou lucro) — ou pode levar a benefícios significativos se pensado, planejado e ordenado pela lucidez fria de uma vontade política.

(ver **convergência de catástrofes; história; modernidade**)

\* \* \*

## PROMETÉICO

A característica central da mentalidade trágica do europeu. Prometeu deu fogo ao homem e por isso os deuses o puniram. Acorrentado a uma rocha distante e isolada, uma águia comia seu fígado todos os dias, que ele cultivava todas as noites. O homem europeu possui um fogo interior que o consome, o destrói, mas ao mesmo tempo o eleva. Ele é suicida e autoconstrutor. Heidegger, depois do grego *denotatos*, chamou-o de 'o mais arriscado'.

Ao contrário da 'submissão a Deus' defendida pelas religiões de salvação, o prometeísmo na história européia se distingue por uma vontade de 'igualar o divino'. **Combina a vontade de poder titânico (no estilo jüngeriano<sup>[214]</sup> sentido), arrogância, racionalidade e tomada de riscos.** Nem 'bom' nem 'mau', nem benéfico nem prejudicial, é uma força interior que deve ser dominada incessantemente. Pode ser encontrado entre empresários e entre artistas, cientistas e estadistas. A alegoria do Fausto de Goethe, como a de Don Juan, traduz perfeitamente esse prometeísmo, que perpassa a tradição européia. Prometheanism é ambos**força e fraqueza**.

É uma força que produz uma mentalidade desafiadora, desafiadora, é uma fragilidade que corre o risco de sucumbir à miopia e à autodestruição (como retratado na obra de Wagner *O Crepúsculo dos Deuses*).<sup>[215]</sup>

Prometheanism pode ser definido como uma energia que vem da 'contradição dos opostos'. Como o arreio de uma carruagem, deve ser usado deliberadamente e com força, pois sua energia é**criação de pedidos.** (ver**personalidade, criativa; tragédia**)

R

## RAÇA, RACISMO, ANTI-RACISMO

Uma população geneticamente distinta.

A ideia de uma 'raça pura' obviamente não é séria. É o **fato racial** isso conta. Uma raça pode ser o produto estabilizado de uma melange antiga. A genética contemporânea, em desuso com a ideologia dominante, confirmou bem e verdadeiramente a divisão da humanidade em *populações geneticamente estatísticas*.

\*

As raças não se distinguem tanto por diferenças fenotípicas (cor da pele, cabelo, altura, etc.) **diferenças fisiológicas e biológicas inatas.**

Em referência a Henri Vallois<sup>[216]</sup> trabalho, Pierre Vial explica que, 'A identidade repousa, na raiz, em uma realidade biológica - uma realidade que tem sido objeto de antropologia física... Esta pertença biológica condiciona numerosas características humanas, tanto a nível individual como coletivo. O homem da rua, ainda possuindo um pouco de bom senso, apesar da incessante lavagem cerebral da mídia, bem sabe que há uma diferença entre um senegalês e um auverne. A diferença aqui não implica necessariamente inferioridade ou superioridade'.<sup>[217]</sup>

**O etnodiferencialismo** A invocação de frascos difere significativamente do conceito ambíguo de *etnopluralismo*. O etnodiferencialismo recusa toda coabitAÇÃO com diferentes povos no mesmo território, assim como recusa a colonização ou a dominação racial — enquanto o etnopluralismo potencialmente leva ao desastre — apoiando, como o faz, a coabitAÇÃO 'comunitária' de diferentes povos dentro de um mesmo território político — uma coabitAÇÃO que nunca teve sucesso na história e inevitavelmente leva ao racismo e ao conflito racial. A noção de raça não esgota a de etnicidade. A raça é o constituinte biológico da etnicidade.

\*

Por razões estritamente dogmáticas, o pensamento unidirecional (*o pensamento único*) da ideologia dominante nega até mesmo a existência de raças (com o pseudo-argumento de que as diferenças genéticas individuais são mais importantes

do que diferenças entre grupos raciais). Ele afirma que quer combater legalmente o 'racismo' - que é demonizado da mesma forma que os vitorianos demonizaram a libertinagem. Mas como, pode-se perguntar, algo que supostamente não existe pode ser condenado? E como é possível haver 'racismo' se as raças são fictícias?

**O anti-racismo, o viático indispensável dos hipócritas, é na verdade uma forma de xenofilia (a valorização do 'Outro') e de fobia racial.** Obcecado e apavorado com o fato da raça — um grande problema com o advento da sociedade multirracial e os problemas que ela traz —**A ideologia ocidental sucumbiu tanto à fobia racial quanto, contraditoriamente, à mania racial.** Declarar-se 'antirracista' e denunciar o racismo são hoje propriedade obrigatória de todos os ideólogos, artistas, políticos e jornalistas, de esquerda e de direita — uma obrigação tão necessária quanto se proclamar um 'bom muçulmano' na Arábia Saudita .

Na Europa chegamos ao absurdo de quem afirma a 'desigualdade das raças' ou a 'superioridade da raça branca' (verdadeiro ou não, não importa) é acusado de 'ódio racial', mesmo que essas afirmações respeitam outras raças. Pior: 'ser racista' hoje (veja o caso do líder austríaco do FPÖ, Jörg Haider),<sup>[218]</sup> não tem nada a ver com ver o 'Outro' como inferior ou com ameaçar esse 'Outro', mas simplesmente com defender a própria identidade ou defender-se da invasão. Isso sugere que as elites europeias podem ter algum tipo de problema psicanalítico com raça – não muito diferente do que os vitorianos tinham com "sexo". **Fixados na questão da raça, os antirracistas reprimem seus próprios instintos mórbidos e obsessões ocultas.** 'Raça' para eles é algum tipo de espírito diabólico que precisa ser exorcizado.**O anti-racismo, como tal, torna-se um exorcismo ideológico.**

Os africanos ou asiáticos, ao contrário, falam de raça e do fato da raça como se fosse perfeitamente natural. Árabes e africanos também publicaram recentemente trabalhos (na França e na Grã-Bretanha) afirmado sua superioridade intrínseca sobre os 'brancos': líderes muçulmanos chegaram a afirmar a necessidade de 'erradicar os brancos do planeta'. Eles nunca foram processados pelas autoridades francesas. Pode-se concluir disso que as elites não consideram o racismo "anti-branco" perigoso, uma vez que se supõe implicitamente que o homem branco sempre se defenderá e será

dominante. Isso implica um certo desprezo por outras raças - pois pressupõe que os brancos sempre dominarão e que os não-brancos são deficientes congênitos e precisam de proteção. De qualquer forma, demonstra **aracismo reprimido da ideologia antirracista dominante.**

\*

O 'ódio racial' - um sentimento evidentemente absurdo que censura outros humanos não por seus atos, mas por seu ser - é um desdobramento inevitável da sociedade multirracial. **Todas as sociedades multirraciais são multiraciais.** Nenhum jamais funcionou em harmonia. Todos eles geram discriminações.

No tema racial, a ideologia dominante tem se enredado em inúmeras e intransponíveis contradições: ação afirmativa, cotas para negros, etc. Reconhece-se a existência das raças, mas sem reconhecer sua legitimidade. O antirracismo de militantes a favor das cotas raciais (como, por exemplo, a reivindicação dos negros pelo coletivo Égalité)<sup>[219]</sup>é uma expressão do racismo mais pronunciado - e tem o efeito deracializando a sociedade.

Nada, aliás, nunca é dito sobre o 'racismo anti-branco', que nunca é reprimido, embora esteja sempre presente. O racismo é visto de uma forma: somente a etnia européia é intrinsecamente culpada desse pecado original.

\*

No final do século XIX, o neologismo 'racismo' não tinha o mesmo significado nem o mesmo sentido pejorativo atual. Designava uma doutrina que buscava explicar as diferenças entre povos e civilizações com base em sua composição racial — o que hoje chamaríamos de explicação "genética" para o caráter geral de um povo. E, é ignorado em todos os lugares, os primeiros 'racistas' autoproclamados - como o Dr. Jules Soury,<sup>[220]</sup>René Martial,<sup>[221]</sup>ou Jeremy Salmon— eram partidários da miscigenação! Para esses pioneiros raciais, os cruzamentos genéticos eram a melhor maneira de alcançar uma "raça de aptidão" - onde quer que as "raças puras" tivessem falhado por causa de sua especialização excessiva. Como cavalos ou cães, eles pensavam que a raça humana deveria praticar cruzamentos seletivos para obter os melhores resultados. **Originalmente, então, o racismo era uma doutrina de miscigenação.** Mas depois disso foi adicionado a todos os molhos

- dado que suas poderosas conotações emocionais não significam mais muito.

Alguém é acusado de 'racismo' no Ocidente com base na alegação mais extravagante: quem defende sua identidade e pátria de colonizadores estrangeiros é considerado 'racista'. Devido a alguma qualidade mágica, somente os europeus produzem teorias racistas. Esquece-se, por exemplo, as inúmeras posições racistas e supremacistas antibrancas assumidas pelos discípulos africanos do sociólogo senegalês Cheikh Anta Diop<sup>[222]</sup>— cujo trabalho os atuais líderes da nova África do Sul ou Zimbábue não param de divulgar — sem ofender ninguém.

O racismo hoje se confunde com a xenofobia. **Não se trata nem de racismo ou antirracismo, mas de afirmar a importância da raça na constituição da humanidade. As diferenças biológicas neste sentido são uma fonte de riqueza; eles se tornam fontes de conflito apenas quando as barreiras raciais deixam de existir.** Como explicou De Gaulle, a França é obviamente um país da raça branca e, como todo país desse tipo, é perfeitamente capaz de acolher um pequeno número de minorias (como os negros das Índias Ocidentais Francesas), mas certamente não pode se tornar um multinacional. -sociedade racial sem gerar conflitos incontroláveis. Este é o caso com todas as pessoas. Pois aqueles que carecem de um mínimo de homogeneidade biológica estão ameaçados a longo prazo com a decomposição interna. **O fato racial não é tudo, claro. Mas está lá.** Negligenciá-lo inevitavelmente leva à catástrofe.

Fazer da noção de 'raça' um tabu, transformá-la numa proibição quase religiosa, anula-a — o que tem a consequência acrescida de inverter os seus efeitos, pois como todo 'segredo de família', torna-se uma bomba-relógio. Suas repercuções são facilmente imaginadas.

**(ver***caos étnico; etnomasocismo; pessoas; xenofilia*)

\* \* \*

## REGIÃO, REGIONALISMO

Uma região é um subgrupo etnogeográfico de um bloco muito maior ao qual pertence. Embora não constitua um estado ou um povo em si, a região é um lugar de enraizamento e um lugar de identidade insubstituível, especialmente na Europa.

As regiões da Europa são fundamentais para o continente. Entidade de escala humana, a região é herdeira de uma longa história que tem fomentado uma identidade, um sentido de lugar e de pertença, uma comunidade que contrapõe um cosmopolitismo anónimo e um centralismo burocrático.

As regiões (para além das variações geográficas provocadas por séculos de perigo) representam **As partes constituintes da Europa, seus elementos básicos, que fizeram e desfizeram os vários impérios e Estados-nação que marcaram sua história.**

A região, como tal, é a expressão policêntrica da unidade global dos povos europeus. É um subgrupo orgânico, uma divisão interna, uma reserva de memória étnica — que ajuda a evitar a frágil rigidez dos 'blocos' nacionais. Um exemplo disso pode ser visto no fato de que os estrangeiros não europeus prontamente se autodenominam 'franceses' ou 'belgas', etc., com base na catastrófica *ius soli*, mas é muito mais difícil chamar a si mesmos de 'escoceses', 'borgonheses', 'sicilianos', 'bávaros', etc.

Por razões etnográficas, a globalização nunca pode enfraquecer o imperativo regional. Apenas reforce.

\*

Pierre Vial sintetiza a questão da seguinte forma: 'As identidades regionais permanecem vivas e exigem uma afirmação constante. Isso é obviamente mais verdadeiro em algumas regiões do que em outras. Negar uma identidade alsaciana, uma identidade bretã, uma identidade basca ou uma identidade corsa é um absurdo, um absurdo... Não há necessidade de nos limitarmos ao atual estado da França, com seu sistema frio e rígido... Somos a favor de uma confederação europeia assente no reconhecimento e na afirmação da Europa dos povos. Europa de cem bandeiras?<sup>[223]</sup> Talvez ainda mais. Em todo o caso, somos a favor de uma Europa com pátrias de carne e osso (*patries charnelles*)'.  
<sup>[224]</sup>Ao tentar reconciliar organicamente (imperialmente) as ideias de enraizamento regional, a nação histórica e a Europa, Vial continua, '**Não se trata de denegrir a identidade francesa, tão mal-**

**críticos da fé afirmam, mas sim de dar a essa identidade outra chance de ser realizada.** . . Precisamos de afirmar uma identidade que integre dois imperativos: transcender o Estado-nação do alto, através da Europa — e transcendê-lo de baixo para cima, através da região'. Frasco apela a um '**República Francesa Confederada**'(a Sexta República), concebida segundo [o](#) modelo da Alemanha *Länder*,[\[225\]](#) mas também a partir da experiência espanhola, do cantão suíço, etc. . Será uma bela aplicação da subsidiariedade». Ele conclui afirmando **a necessidade de reagrupar no futuro todas as pátrias de carne e osso (*patries charnelles*), todas as entidades orgânicas regionais**, de origem indo-européia, **dentro de um único bloco continental Eurosiberian**, imbuído de um destino de poder obviamente alheio à paródia da Europa agora representada pela União Europeia.

\*

Esta visão das coisas — a única estratégia realista e ambiciosa de defesa europeia — assenta nos seguintes princípios:

1. Existem regiões com identidades fortes e regiões com identidades mais fracas. A identidade, no entanto, se constrói. Não é simplesmente uma herança, é também uma obra. O princípio orgânico, imperial, não é mecanicista.
2. **O 'regionalismo da esquerda', essa impostura trotskista e globalista, não é diferente do centralismo cosmopolita dos jacobinos.** Esses "regionalistas" apoiam a atual imigração colonizadora tanto quanto os universalistas parisienses.
3. A vinculação regional não é secessionista. Está inscrito em um conjunto muito maior, impregnado de poder e soberania: 'A união nos fortalece'. Um estado central (não um estado centralizador), imbuído de uma vontade e de um projeto, é agora mais do que nunca necessário.
4. O 'problema francês' não será resolvido de forma emocional, mas construtiva. **Além disso, um reenraizamento regionalista não fará nada para ameaçar a identidade cultural francesa**, assim como não aconteceu na Alemanha, Espanha, Polônia, Rússia, etc.

5. A longo prazo, as regiões podem substituir o atual *departamentos*,  
[\[226\]](#) herança do racionalismo abstrato e destruidor de identidade da Revolução.
6. É necessário denunciar as ambiguidades de certos regionalistas: os autonomistas saboianos, por exemplo, que, imitando os seus homólogos bretões, atribuem a sua identidade regional a todos os residentes, mesmo os não europeus.

\*

A região não é uma panacéia, nenhuma solução milagrosa; é uma realidade fluida, mas inegável, marcando um bem identificado **território**. A regionalização permitirá ao Estado central governar melhor e, paradoxalmente, fortalecer sua função política ao reduzir sua preocupação com a administração local. A eficácia do sistema federal dos Estados Unidos, por exemplo, deve-se em parte ao fato de deixar a administração interna para os estados, o que lhe permite defender melhor o poder federal da União. (**verenraizamento; Europa; Eurosibéria; pátria; nação**)

\* \* \*

## RESISTÊNCIA E RECONQUISTA

Diante de sua colonização por povos do Sul e pelo Islã, os europeus, objetivamente falando, encontram-se em uma situação de resistência. Como a Espanha cristã entre os séculos VIII e XV, seu projeto é de reconquista.

Essas duas noções de resistência e reconquista estão intimamente ligadas. A resistência hoje é chamada de 'racismo' ou 'xenofobia', assim como os resistentes nativos à ocupação colonial eram anteriormente caracterizados como 'terroristas'. Trata-se de diabolizar e incapacitar aqueles que, de boa fé, tomam consciência da trágica realidade de seu povo e procuram assim resistir à sua subjugação e extinção.

\*

Cabe aqui uma inversão semântica: aqueles — sob a bandeira antirracista do pseudo-humanitarismo — que favorecem a população imigrante substituta, sejam eles políticos ou autoproclamados filósofos, devem, doravante, ser chamados de '**colaboradores**'.

A reconquista não se tornará uma necessidade consciente até que as pessoas sintam suas costas contra a parede, não até que a tragédia bata à porta e eles sintam sua urgência.

Até que o estado esteja visivelmente colonizado por estrangeiros e muçulmanos (o que não vai demorar por razões demográficas e emancipação) haverá revolta e resistência. Pois a revolta e a resistência surgem apenas diante de um poder visto como estranho e ilegítimo. No momento, apenas a sociedade civil é afetada e o poder ainda parece estar em mãos nativas - portanto, nenhuma resistência séria ainda é possível. Mas logo, no decorrer das coisas, estrangeiros e muçulmanos terão seus próprios municípios, deputados legislativos e ministros. **É de alguma urgência, então, que começemos a preparar e organizar a resistência—por todos os meios possíveis, política e metapoliticamente—para nos preparamos para aquele momento em que os colonizadores alienígenas começam a apoderar-se do poder público.**

\*

Uma das principais bases da reconquista consistirá evidentemente em **A reparação demográfica da Europa**, mesmo que a situação já esteja longe, já que nada no momento irá deter a massiva

afluxo de imigrantes e naturalizações, bem como o afluxo vindo das maternidades (um terço dos nascimentos 'franceses'!) — tudo isso, é claro, ameaçando um verdadeiro dilúvio étnico. Esta deve ser uma das questões programáticas centrais de todo partido político consciente.

Outro componente chave da reconquista será obviamente o da **libertação. A repatriação de estrangeiros só pode ser realizada sob os auspícios de uma crise revolucionária.** Muitos de nossos falsos sábios afirmam que já é tarde demais, que os alienígenas nunca irão embora, que o melhor que se pode esperar é uma forma mais razoável de coabitação étnica. Daí as suas histórias exageradas de 'integração' e 'comunitarismo' pacífico. Essa visão, no entanto, decorre de uma renúncia à esperança, de uma aceitação da morte da Europa, de cegueira e propensões suicidas - tudo em nome de um falso realismo intelectualista que consistentemente julga mal a história.

Aqueles que aceitam fatalisticamente a presença inescapável e crescente das massas estrangeiras na verdade o fazem não com base em análises racionais, mas simplesmente porque lhes falta consciência étnica. Aquilo que consideram a 'impossibilidade' de reconquista e repatriamento resulta, como tal, de uma indiferença para com o seu próprio povo e destino, e não de qualquer estudo objectivo da matéria.

\*

Pelo contrário: nada nos diz o que o amanhã trará. **Atender aos imperativos de resistência e reconquista é o único verdadeiro realismo.** O que parece improvável hoje talvez amanhã pareça certo, pois o impensável torna-se pensável e o irrealizável realizável. Muito simplesmente porque a irrupção de uma emergência muda completamente o que é dado e o que é valorizado.

\*

Aqui estão alguns exemplos: o espanhol *Reconquista*, o abandono francês da Argélia, a recuperação da Alsácia-Lorena,<sup>[227]</sup> o colapso soviético—de 1991, a derrota da Alemanha em 1945, sua reunificação em 1991 e, mais imediatamente, a transformação do Islã na principal religião da França: todos esses exemplos eram supostamente impensáveis de acordo com 'análises' feitas antes de sua ocorrência! Não há curso determinado para a história - ou melhor, seu curso é determinado pelo **idealismo da vontade**—em conjunto com mudanças brutais provocadas por crises ou guerras civis.

\*

Não podemos, é claro, imaginar exatamente como se dará a reconquista. Pensamos com os antolhos da realidade atual. O essencial, porém, é afirmar o espírito de resistência, agora e em todo o lado — convocando a ideia-força da reconquista, mesmo que ainda não saibamos *como* é para ser realizado. A africanização e a islamização da Europa são simplesmente inaceitáveis e devem ser vistas como algo totalmente provisório. Também não devemos esquecer que a **resistência e a reconquista terão de ser organizadas a nível europeu, e não apenas a nível nacional.**

(vercolonização; consciência étnica; ideia)

\* \* \*

## REVOLUÇÃO

Uma violenta reversão da situação política, após o advento de uma crise e a intervenção de uma minoria ativa.

A impostura do marxismo tem sido proclamar-se revolucionário, enquanto persegue uma revolução, como a Revolução Francesa antes dela, que seguiu um sistema ideológico e político pré-existente. Uma verdadeira revolução é *metamórfico*, ou seja, é uma transformação radical de valores. O único revolucionário da era moderna é Nietzsche, porque ele sozinho buscou "uma reavaliação de todos os valores" - ao contrário de Marx, que simplesmente favoreceu uma evolução "dialética" da sociedade burguesa. É necessário, por isso, ser extremamente desconfiado da atração que certos intelectuais têm por essas tendências associadas à Revolução Conservadora Alemã do período entre guerras,<sup>[228]</sup> que pode ter resistido à modernidade, mas da forma mais reaccionária - uma vez que advogava implicitamente um regresso ao 'velho mundo', aos 'velhos valores' e a uma nostálgica ressurreição do 'passado'.

'Revolução' (como 'povo') é um termo que horroriza os ex-revolucionários de 1968, que agora ocupam importantes posições políticas e midiáticas e se tornaram (para usar um termo marxista que outrora usaram contra seus adversários) o sistema *assistir cachorros*.

\*

Para os europeus, a revolução representa uma abolição radical, uma inversão do sistema atual e a construção de uma realidade política totalmente nova, baseada nos seguintes princípios:

1. Um **Eurosibéria etnocêntrica**, livre do Islã e das massas colonizadoras do Terceiro Mundo.
2. **autarquia continental**, em ruptura com as doutrinas de livre comércio do globalismo. Isso implica adotar os critérios de uma economia orgânica — industrial e financeiramente, bem como social e ecologicamente.
3. Um definitivo **romper com a actual organização da União Europeia** — ingovernável, desprovida de soberania e influência, carente de um sistema de defesa credível e indiferente aos povos que a compõem — uma ruptura em prol de uma Europa radicalmente diferente.

4. Um recurso geral a uma sociedade não igualitária, disciplinada, autenticamente democrática, aristocrática e inspirada no humanismo grego.

Estamos longe de tudo isso. É por isso que só uma grande crise — a convergência das catástrofes — tem capacidade para desbloquear a situação e reavivar a nossa civilização esclerosada.**Há muito que passamos do ponto sem retorno**, o ponto onde ainda é possível frear a decadência reinante por meio de reformas pacíficas. Em nenhum caso a Revolução Européia será uma 'revolução de veludo'.

(ver **autarquia de grandes espaços; economia, orgânico**)

\* \* \*

## DIREITO À DIFERENÇA

O direito de todo povo, etnia, cultura, nação, grupo ou comunidade de viver de acordo com suas próprias normas e tradições, independentemente de ideologia ou homogeneização globalista.

É uma noção ambígua, como a de 'etnopluralismo'. Conceitualmente, o 'direito à diferença' remete à teoria diferencialista, segundo a qual todo povo, todo grupo étnico é incompatível. Assume, como tal, a doutrina do 'cada um na sua casa', a recusa da mistura, e uma crítica à homogeneização cultural ocidental e americana, com as suas políticas assimilaçãoistas.

Doutrinariamente, o 'direito à diferença' também pode ser usado para se opor ao mito econômico do 'desenvolvimento' e à ocidentalização da tradicional economia de subsistência do Terceiro Mundo.

Nessa perspectiva, o diferencialismo é positivo. Existem, no entanto, numerosas derivadas possíveis que são menos do que positivas. Em primeiro lugar, até que ponto a 'diferença' deve ser tolerada? É aceitável que os agricultores dos países tropicais destruam as florestas tropicais primitivas? Até que ponto são toleráveis práticas sociais nocivas realizadas em nome da diferença? O conceito de diferença parece verdadeiramente ambíguo.

\*

Exigir o 'direito à diferença' dos europeus na Europa também parece um pouco demais, como se eles já fossem uma minoria a ser protegida! Essa perversão do 'direito à diferença' veio inicialmente dos ideólogos multiracialistas do *Nouvelle Droite*, que aceitam a presença de comunidades estrangeiras e, aterrorizados por acusações de racismo e etnocentrismo, defendem o 'direito à diferença' tanto para os europeus étnicos quanto para os estrangeiros residentes na Europa... Este estratagema, no entanto, não valeu a pena, pois apesar de seu melhor esforço, o bom Monsieur Taguieff, [\[229\]](#) mestre do anti-racismo, acusou-os de um 'racismo diferencialista'! Em todo o caso, **Os europeus na Europa não precisam exigir o direito à diferença, mas sim o direito monopolista de existir de acordo com seu próprio modelo e sua própria civilização**, com minorias permitidas, mas um direito mínimo. Dizer isso é afirmar o bom senso praticado

por todas as pessoas. No tratamento humanista grego clássico das "diferenças", os estrangeiros recebiam certos direitos civis em troca de sua cooperação.

Os adeptos 'comunitários' do direito à diferença estão agora exigindo que os estrangeiros recebam os mesmos direitos que os cidadãos nativos (especialmente o direito de voto) e, ao mesmo tempo, que lhes seja permitido conservar os costumes de sua comunidade. Este não é o direito à diferença, mas o direito ao privilégio. Esta é a posição contraditória dos Verdes, dos trotskistas ~~do~~ PS,<sup>[230]</sup> e o Direito 'moderno' de Alain Madelin<sup>[231]</sup> e outros — os dois primeiros por fanatismo ideológico, o terceiro por covarde oportunismo.

**Dentro de uma entidade política específica e dentro de um único povo, o direito à diferença nunca é uma doutrina absoluta,** tolerante com todas as diferenças, sejam elas quais forem. O 'direito à diferença' corre o risco de se tornar o 'direito de tolerar tudo'. Como é evidente em toda sociedade multirracial, multicultural e multiconfessional, **a harmonia social é impossível porque as diferenças permanecem muito importantes.** Mesmo costumes excessivamente diversos são hostis ao equilíbrio de um grupo. **A heterogeneidade só é tolerável quando subordinada ao princípio orgânico da homogeneidade.**

Falar, por exemplo, da 'comunidade homossexual' constitui uma tendência perigosa. Levado adiante, esse direito à diferença leva a **tribalismo**, dissolução social e, portanto, à "descivilização".

No caso do Islã, integração-assimilação (a aplicação do direito à diferença) é simplesmente impossível. Assim que atingir uma certa força no estado, o Islã não tolerará mais a coabitação pacífica com o cristianismo, o judaísmo, o budismo, o hinduísmo, o animismo - para não mencionar o paganismo e o ateísmo. É um absurdo exigir o direito à diferença para quem o negaria a outros.

A harmonia política e social de um país supõe um mínimo de unidade étnica e cultural. Dito de forma diferente, **o direito à diferença é um conceito válido no plano geopolítico (cada um na sua casa, cada um dentro dos seus limites), mas inválido domesticamente, dentro de uma unidade política específica.** Partidários do direito à diferença, que assumem que a integração é possível sem assimilação, os comunitários ignoram as lições da história. Eles acreditam na possibilidade (seguindo

o fracasso do assimilacionista *caldeirão*) de uma sociedade igualitária de castas justapostas.

Essas teorias diferencialistas defendidas pela extrema esquerda, liberais americanos, ultraliberais franceses e certos intelectuais de direita são extremamente perigosas:**passaram de um igualitarismo de assimilação a um igualitarismo de justaposição**, que é uma das piores formas de doutrina igualitária. Assim, o 'direito à diferença', através de uma perversão conceptual, conduz ideologicamente a uma justificação da homofilia (favoritismo pró-homossexual), a legitimar a 'discriminação positiva'<sup>[232]</sup>(ação afirmativa) e cotas raciais que favorecem populações estrangeiras e às formas mais grotescas de feminismo.

Desviado do seu objetivo original (o direito de cada povo a conservar a sua identidade e homogeneidade), o direito à diferença torna-se uma arma na guerra contra a coesão e identidade étnica da Europa.

**Começando como pró-identitário, o direito à diferença acaba se tornando anti-identitário.**

Em sua própria terra, um povo saudável exige **um monopólio etnocultural**. Segundo os gregos, uma Cidade harmoniosa ("orgânica") pressupõe a coabitação de pequenas diferenças dentro da ordem federativa de uma comunidade maior; as diferenças, em uma palavra, são subsumidas à Unidade da Cidade, sendo esta última não uma uniformidade cinzenta, mas a reunião de diferenças naturais —**dentro de uma totalidade orgânica, dentro de um único fases**.

A imagem simbólica do **pirâmide**, como os antigos egípcios entendiam, é extremamente eloquente. Uma civilização, como um edifício, é um organismo vivo que deve ser protegido da uniformidade excessiva, bem como das diferenciações excessivas (sociais, étnicas, consuetudinárias, etc.), por uma vez *philia* (isto é, a 'convergência de sentimentos' de que falava Aristóteles) deixa de existir, a solidariedade popular entra em colapso. **O direito à diferença, como todo direito, deve ser limitado, normalizado e contrabalançado pelos deveres de pertença que o acompanham.**

(ver **etnocentrismo; philia**)

S

## SAGRADO

A qualidade dos valores coletivos transcedentes que são capazes, através do ritual e do símbolo, de provocar uma mobilização psicológica.

O sagrado transcende o eu, apela a uma dimensão superior, seja qual for a crença que se tenha. Pode ou não estar imbuído do 'divino' e não está ligado a nenhuma religião em particular.

Nossa atual civilização está dessacralizada, desencantada; distorceu e recuperou o sagrado na forma de simulacros — e através de uma mistura de superstições da Nova Era, cujas inspirações são de origem americana.

\*

O drama da Europa contemporânea – a causa de sua atual crise e declínio etnodemográfico – é em grande parte atribuível à ausência do sagrado. Diante de um Islã conquistador, cujo motor é a fé religiosa (não importa como se julgue), os europeus carecem de **uma motivação coletiva interna**; seus únicos recursos são imanentes: o desejo de maximizar o consumo e adquirir sinais de riqueza. Em si mesmas, essas aspirações são perfeitamente naturais (a busca pela opulência material é parte integrante da psicologia humana), mas sozinhas elas não podem dar vida a um povo ou a uma cultura.

Tomemos o caso da “arte” contemporânea: é óbvio que a degeneração decorre não apenas do fato de que os artistas carecem de “talento” ou “know-how” estético, mas do fato de que *eles não querem mais* essas qualidades, visto que já não possuem o sentido do sagrado, isto é, a inspiração, a chama interior que os liga ao invisível. Este déficit sagrado vem do reinante *espírito burguês*, mas também pelo abandono da dimensão sagrada do cristianismo (protestante ou pós-conciliar), herdada do catolicismo medieval, ele próprio herdeiro do paganismo.

Os elementos essenciais do sagrado são o culto dos mortos, dos antepassados, e os vários ritos e rituais que acompanham as diferentes fases da vida humana (nascimento, morte, etc.) — ou seja, **tudo o que torna transcedente a perpetuação da linhagem de um povo**. Nesse sentido, o sagrado não é uma noção etérea, radicalmente separada da

o 'profano', mas sim uma ligação vertical entre a vida, a realidade biológica e o que, *faute de mieux*,<sup>[233]</sup> é chamado de alma.

O sagrado é inconcebível sem um vínculo permanente entre os antepassados, de quem se recebe a herança, e os descendentes, tão importantes quanto a geração atual — algo que o pensamento contemporâneo considera totalmente absurdo e incompreensível.  
**(verburguesismo; paganismo)**

\* \* \*

## SELEÇÃO

O processo coletivo, baseado na competição, que elimina os mais fracos e menos competentes, e que favorece os mais dotados e capazes.

A seleção diz respeito à evolução natural das espécies, bem como à história das civilizações e à vida interna das sociedades.

A seleção natural privilegia a sobrevivência do mais apto e, portanto, a perpetuação da espécie. É o caso da biologia, assim como da sociologia. Toda organização, todo sistema que negligencia a seleção está destinado a desaparecer. A seleção raramente assume a forma de uma luta direta. Mas é verdadeiramente o princípio central de toda a vida e de toda civilização. **A "superioridade" de um povo, de uma espécie ou de uma civilização repousa, em última instância, em sua capacidade de sobrevivência a longo prazo, em sua capacidade de superar as armadilhas lançadas pela seleção e vencer a competição.** Nesse sentido, um 'racismo estático' que julga um grupo filogenético superior a outro é absurdo.

As pressões seletivas tocam tudo: as formas culturais, a circulação das elites, assim como as tradições filtradas pelo processo de triagem da história. A seleção não é uma forma injusta de discriminação, como dizem os ideólogos igualitários. Pelo contrário, é o motor da vida. **E embora o igualitarismo rejeite o princípio da seleção, não pode eliminá-lo. Em vez disso, substitui uma seleção socialmente organizada por uma seleção injusta e primitiva.** baseado em nepotismo, dinheiro, violência, etc.

\*

Em uma sociedade saudável, disse Nietzsche, "são os mais fortes, os mais talentosos que são ajudados". Isso não implica injustiça para os menos capazes. Pois o ápice da injustiça, como hoje se evidencia, vem de uma anti-seleção que leva ao caos e a uma seleção baseada em critérios anti-sociais, que é um desastre para toda a comunidade. O ódio à seleção foi um dos grandes temas de maio de 68, responsável pela atual dilapidação do sistema escolar nacional.

**A sociedade contemporânea coloca inúmeros obstáculos a uma seleção justa e com isso estabelece uma seleção baseada na injustiça e na lei da selva.**

Não há nada de injusto na seleção, é a aceitação da vida, do *hierarquia natural*/das coisas - seguindo Platão, Aristóteles e Spencer 'para cada um o seu'.<sup>[234]</sup> Na tradição europeia, **o princípio democrático é inseparável do princípio aristocrático**

— ou seja, **o princípio seletivo**. Uma sociedade sem uma verdadeira aristocracia, onde os 'melhores' não estão no comando, rapidamente se transforma em injustiça e na opressão dos mais fracos. A seleção, nesse sentido, não é injustiça para com os fracos, nem os elimina ou exclui, mas garante sua posição adequada dentro do organismo social.

\*

Afirmar, como fazem as doutrinas igualitárias, que todos são tão talentosos quanto todos os outros e que a seleção hierárquica é contrária aos princípios da humanidade é, como Pascal<sup>[235]</sup> viu, uma 'mentira monstruosa' - algo que só pode dissolver a sociedade. Um igualitarismo absoluto recusando uma seleção aberta destrói assim toda fraternidade, toda ordem social - pois permite que formas dissimuladas de seleção ocorram - baseadas em tratamento preferencial, privilégios comprados, vantagens adquiridas, etc. e merecendo seu lugar – por conceder privilégios aos incapazes. O *igualdade e fraternidade* da República Francesa parecem perfeitamente incompatíveis.

(ver **aristocracia; igualitarismo; hierarquia; meritocracia**)

\* \* \*

## SOCIEDADE, MERCADO

Uma das denominações da atual sociedade ocidental — em que a função de mercado (ou econômica) toma o lugar da função soberana e se torna a ultima ratio<sup>[236]</sup>— o horizonte último e único contra o qual todas as decisões políticas são tomadas.

Este termo é preferível ao de "sociedade capitalista". Pois não se trata de condenar a economia de mercado, mas sim de **deplorando a ditadura do mercado sobre qualquer outra consideração** (ecológico, étnico, estético, social, etc.). O mercado não pode ser tudo e as trocas materiais não podem ser a base das relações sociais. Na sociedade de mercado, tudo tem um preço, mas nada tem valor.

Precisamos suspeitar das críticas dogmáticas que os direitistas (fascinados com a crítica marxista do capitalismo) fazem à sociedade de mercado – quando proclamam seu desprezo pelo mercado, pela economia geral, pela prosperidade e pelos imperativos do poder industrial e da tecnociência. Isso é hipócrita, pois o cotidiano desses direitistas está, na prática, totalmente imerso no consumismo burguês. Imitando a extrema esquerda, eles gostam de se autodenominar '**anti-utilitaristas**' — uma postura puramente escolástica, desencarnada, típica do intelectualismo parisiense.

\*

Não se trata de rejeitar o mercado, a esfera produtivo-econômica e o poder tecnocientífico em nome de alguma utopia antiutilitária, mas **desubordinando as funções do mercado à função soberana e, assim, colocando-as a serviço do povo, de seu bem-estar e da Grande Política.**

Não é menos necessário denunciar a impostura do socialismo burocrático, que, em nome do combate à sociedade de mercado e à 'ditadura do capital', acaba por criar feudos sociais, econômicos, corporativos e parasitários não muito diferentes dos da sociedade de mercado.

Aqueles que buscam abolir o mercado, como aqueles que o veem como o ápice de todas as coisas, estão inclinados ao reducionismo. **O mercado, no entanto, é indispensável: é uma arma na mão da soberania — um meio, não um fim.**

No nível global, a sociedade de mercado abandona o mercado à sua própria sorte – pois esses mercados carecem de governança. Daí a fragilidade de um

economia especulativa propensa a crises brutais e imprevisíveis, bem como a impossibilidade de controlar as fronteiras e, para a Europa, de assegurar a sua autonomia económica. Daí também a subjulação dos Estados às conjunturas económicas (os ciclos de alta e baixa baseados no temperamento do mercado), sobre as quais eles agora não têm poder. Assim como o vinho, o mercado é indispensável em doses controladas; uma vez que se torna a referência única da sociedade, a sociedade se transforma em um barco embriagado.

(**verautarquia; economia, orgânica; liberalismo; mercantilismo**)

\* \* \*

## SOBERANIA, FUNÇÃO SOBERANA, TRIFUNCIONALIDADE, BIFUNCIONALIDADE

O poder de controle de um povo, animado pela autoridade, justiça e imparcialidade, capaz de representar tanto seu interesse imediato quanto seu destino histórico.

A função soberana não pode ser simplesmente um desdobramento da 'democracia'. Tem de ter uma dimensão sacra para assumir e assegurar a longevidade de um povo. Existem várias instâncias históricas de soberania: o monarca hereditário, o imperador aclamado, um presidente eleito, etc. De qualquer modo, não existem formas de soberania prontas. Com ela, é preciso conciliar o princípio da autoridade popular e a função sagrada e soberana. Este último monopoliza o poder em prol da 'Grande Política'. Organiza a sociedade e a economia sem sobrecarregá-los e induzi-los a fugir de suas responsabilidades — faz a guerra — decide a orientação histórica de um povo, do qual se encarrega. A essência da função soberana é imperial e orgânica, baseada nos princípios da subsidiariedade: não substitui outras funções,

O drama da Europa contemporânea reside na **desaparecimento de toda forma de soberania**. O Estado não possui mais soberania, pois não persegue objetivos históricos nem tem poder ou vontade de agir em nome do destino coletivo. As burocracias, a classe política e as forças econômicas dirigem uma sociedade sem cabeça; a União Europeia dificilmente é soberana.

A este respeito, não há necessidade de instrumentalizar a teoria de Georges Dumézil das 'três funções indo-européias' (a primeira: função soberana, sagrada; a segunda: função guerreira; a terceira: função produtiva ou econômica).<sup>[237]</sup> Da maneira que eu vejo, **apenas duas funções principais podem coexistir**, especialmente no mundo que está por vir: **uma função soberana e uma função socioeconômica**. Dentro de um contexto imperial, a função soberana deveria subsumir a função militar ou 'guerreira'. A autonomia deste último costuma terminar em desastre. **A bifuncionalidade parece mais pertinente do que a teoria das três funções**. A função soberana abrange tudo o que se relaciona com

destino e vontade, ao longa duração—a função socioeconômica trata do gerenciamento das necessidades cotidianas. Mais profundamente, as 'funções' dizem respeito menos à sua atividade do que ao nível de sua importância. Na economia, por exemplo, há decisões fundamentais que pertencem à política e à função soberana. Quanto às questões de 'defesa' do povo, em todas as suas aplicações e domínios, nunca deve escapar à função soberana.**A teoria da trifuncionalidade—excessivamente abstrato e intelectual—poderia assim substituir a teoria da bifuncionalidade, mais concreta e mais adaptada ao mundo que está por vir.**

A questão de saber se a soberania deve ser 'republicana' ou 'monárquica', 'real' ou 'presidencial' está mal colocada. Os reis da França, como os imperadores romanos, utilizaram a palavra "república" para significar que a ideia de soberania é um serviço público – uma "coisa" política. Nesse sentido, a posição de Marx ou Maurras,<sup>[238]</sup> de Rousseau ou De Gaulle precisa ser criticado, pois em todas as suas estimativas as instituições, no sentido formal, eram a solução milagrosa para o problema do bom governo. Tudo, porém, depende do estado da alma, do estado biológico e espiritual das pessoas:**um povo sadio sempre encontra a soberania que lhe convém.**

\*

Na realidade, não há soberania que não emane da alma do povo, da sua força interior e da sua vontade de viver — não há soberania se não houver um vínculo entre a natureza espiritual e histórica de um povo, a sua fonte última de legitimidade, e seu princípio de apoio popular. Nenhum monarca, nenhum presidente, nenhum comissário, nenhum secretário-geral, nenhum imperador pode "instituir" a soberania se ela já não existir em um **identidade e longevidade das pessoas.**

Soberania é *auctoritas*—isto é, autoridade – isto é, ação. Não há soberania se não aspira a perpetuar-se, se não é infundida por uma iluminação superior, por uma legitimidade que vem não só de baixo, mas de cima, que é inspirada e justificada por uma centelha sagrada. A questão toda é uma questão de redefinir e regenerar o sagrado.

(vernascido líder; personalidade, criativa; política; sagrado)

\* \* \*

## ESTADO, ESTADO-NAÇÃO, ESTATISMO

A autoridade governante de um povo ou de uma sociedade instituída como unidade política e territorial.

Seja qual for a sua forma, o estado - o que os romanos chamavam *Res publica*, isto é, 'instituições públicas e comuns' — sempre existiram, exceto em sociedades tribais. Os mandarins do Império Chinês, a administração romana e a das cidades gregas ou dos reis incas eram estados. A partir do século XVII, com o advento da era moderna, o Estado começou a se tornar tentacular. Nas democracias contemporâneas, as autoridades nominais e funcionais (os 'poderes públicos') estão associadas às autoridades eleitas (governo, assembleias municipais, autoridades regionais, etc.) Quer o parlamento nacional ('o poder legislativo') seja parte do estado ou parte da sociedade civil ainda é uma questão de debate.

**O**crise do estado moderno assumiu várias formas na Europa. Em primeiro lugar, constituiu-se como uma casta protegida e privilegiada (um exército de milhões de funcionários), que vive à custa das forças vitais da sociedade. Daí a pergunta: o Estado serve ao povo ou o povo serve ao Estado? Seguinte: o peso paquidérmico do Estado tornou-se mais uma medida da impotência política. Ele opõe a sociedade sem realizar grandes projetos ou movimentos. E então, ele se choca com os poderes concorrentes da tecnocracia europeia e dos negócios transnacionais, fazendo-o de maneiras que promovem um estado de peso superior e, ao mesmo tempo, o privam do poder. Está corrompida pelas feudalidades dos partidos, desprovida de projeto ideológico e concebida como uma máquina de fazer carreira. Na verdade, o estado não governa mais. Não obedece mais a seus representantes populares.

**Já não é sequer uma autoridade política e não se confunde com a função soberana que supostamente representa.** O paradoxo, nesta era de livre comércio e colapso dos direitos sociais, é que estamos assistindo a uma expansão do parasitismo do Estado. Dado que já não desempenha as suas funções titulares, está a perder rapidamente a sua legitimidade.

**O estatismo é o oposto de um estado forte,** é apenas um estado 'grande'. Com o estatismo, o Estado não exerce mais a função de soberano, mas

serve como um regime burocrático indiferente ao interesse geral: nessa qualidade, atua a serviço de uma casta, seu enorme aparato de funcionários. Tudo acontece como se a ocupação primária do Estado fosse ele mesmo, isto é, o privilégio de seus funcionários e de sua auto-reprodutora classe de políticos. Paradoxalmente, nós, europeus ocidentais, estamos experimentando tanto o **aumento da proeminência e declínio do estado**. À medida que sua força política desaparece, seu pesado peso regulatório, sociológico e financeiro torna-se cada vez mais insuportável.

\*

A Europa hoje está assediada por uma **crise global de soberania**, não pode ser resolvida nem pelos Estados-nação impotentes nem pela União Europeia, ambos carentes de vontade política e dos necessários instrumentos de poder. A única solução parece implicar a eliminação de todos os compromissos e **construindo, no decorrer do século XXI, um grande estado europeu—federal, imperial, etnocêntrica e descentralizada**. Isso retomaria os antigos esforços unificadores dos impérios romano e carolíngio.

(ver **Eurosibéria**)

\* \* \*

## ESTADO DE EMERGÊNCIA [239]

Um evento cuja convulsão inesperada perturba a situação política e exige uma decisão imediata com base nas regras de exceção.

O estado de emergência, conforme concebido por Carl Schmitt, é matéria da história. Convoca as grandes figuras políticas e subverte as opiniões estabelecidas. O 'estado de emergência' é 'incorrecto' e impensável no pensamento humanitário e político liberal ocidental.

A visão liberal e burguesa da política e da história aborda um estado de emergência em termos de previsibilidade, racionalidade, normalidade gerencial e paz, mas na verdade é uma questão de risco, luta, crise e emergência permanente. A este respeito, Robert Steuckers escreve que é necessário 'prestar atenção constante ao *Ernstfall* (o estado de emergência e a exceção), a irrupções repentinhas (*das Plötzliche*), ao inesperado (*das Unerwartete*), pois são vivenciados, pois exigem uma decisão imediata (*eine Entscheidung*)'.

A eclosão de uma guerra civil étnica na Europa constituiria um distinto estado de emergência, tornando-se uma serva da história, pois rompe mentalidades estabelecidas e cria uma situação em que o impensável e o impossível se tornam pensáveis e possíveis. Somente em estados de emergência são encontradas soluções reais, verdadeiros líderes são trazidos à tona e os povos são despertados. **Para o homem, esse bicho míope, só reage quando está de costas para a parede. A crise é o motor da história.**

(ver **nascido líder**)

T

## TECNO-CIÊNCIA

Técnica derivada da abordagem científica do método experimental, que visa potencializar as possibilidades de ação e dominação.

Uma criação da civilização europeia, a tecnociência é essencialmente prometeica. É trágico e contraditório, a melhor das aspirações e o pior dos perigos. Para os povos europeus ameaçados pela sua debilidade demográfica, pela desvirilização, pela sua submersão nos povos do Sul, a biogenética pode servir de recurso provisório. Da mesma forma, aplicada aos armamentos, a tecnociência é um escudo indispensável, capaz de compensar a falta de números da Europa.

**Massa tecnociência é neutra.** É um erro grave, ao qual Habermas<sup>[240]</sup> e Heidegger ~~su~~ sucumbiram, ao pensar que pode ser, *sui generis*,<sup>[241]</sup> portador de alguma ~~ta~~ ideologia. É uma arma, um meio, com o qual se pode fazer o que se quer. A tecnociência é nociva se deixada apenas à mercê da lógica do mercado, positiva se submetida a uma vontade soberana. Não representa nenhuma oposição à tradição, mas é um elemento essencial da herança européia — tendo surgido pela primeira vez com a escola de Pitágoras.<sup>[242]</sup> É essa força da alquimia, de que falavam os mestres medievais. A tecnociência não é nem 'moderna' nem 'materialista' em essência, mas tradicional e futurista.

(ver **arqueofuturismo; prometeico; vontade de poder**)

\* \* \*

## TERCEIRO MUNDISMO

Doutrina, de esquerda e direita, que afirma que o Terceiro Mundo foi 'explorado' — e que convém auxiliá-lo, incessantemente, com transferências financeiras e tecnológicas, e acolher seus migrantes. O terceiro-mundismo é uma cobra que engole o próprio rabo: ao pretender ajudar os países pobres, deserta e se despoja de toda responsabilidade real por eles. Impõe a essas terras um modelo econômico ocidental, destrutivo das economias locais. Dá pena do Terceiro Mundo em termos de uma caridade autoculpabilizante.

A atitude apropriada para o Terceiro Mundo é de relativa *indiferença*, o oposto do atual 'direito de intervenção'. A Europa não tem obrigações para com os povos cujo destino não é o seu. A pobreza endêmica, as guerras e as epidemias que assolam certas partes da África, Ásia e América Latina não são nossa preocupação. Essas populações são as únicas culpadas de sua incapacidade de governar a si mesmas. Não somos 'responsáveis' por eles. **Deixar o Terceiro Mundo assumir a responsabilidade por seu próprio destino exige que nos recusemos a ajudá-lo.** Além disso, o Terceiro Mundo — essa noção criada na década de 1960 por Alfred Sauvy<sup>[243]</sup> — designar aqueles países que não pertenciam nem às esferas ocidental nem soviética e que eram principalmente ex-colônias europeias — perdeu sua antiga pertinência. O que um malinês, um argentino e um sul-coreano têm em comum? A noção de Terceiro Mundo, embora fluida, mantém, no entanto, uma associação com 'países pobres'. Mas por que 'pobre'? Os terceiro-mundistas argumentam que o **os países do Norte exploraram o Terceiro Mundo, enquanto o inverso é verdadeiro.** Os europeus precisam inverter as acusações e trabalhar para se livrar de qualquer culpa que possam sentir em relação a isso.

\*

**Parasitismo do Terceiro Mundo** assume as seguintes formas:

1. Custos financeiros diretos na forma de empréstimos perdidos, exportações financiadas pela Europa, anulação de dívidas, etc.
2. O custo da ajuda técnica e cooperação, bem como transferências tecnológicas. Apesar da ajuda maciça, nenhum país africano ou árabe jamais alcançou um mínimo de equilíbrio econômico.

3. O custo da exploração de matérias-primas no Terceiro Mundo. Há cinquenta anos nos dizem que exploramos os países do sul. Seu petróleo, suas matérias-primas e sua agricultura não teriam, no entanto, nenhuma utilidade para a Europa, se ela pensasse geopoliticamente — em termos de um 'espaço euro-iberiano'. Nenhum exportador de petróleo muçulmano, por exemplo, seria capaz de explorar sozinho as reservas do subsolo de seu país. Essas reservas foram descobertas e exploradas por empresas estrangeiras, que pagam um aluguel enorme por elas.**A Eurosiberia não precisaria de recursos do Terceiro Mundo.**

4. O pior, o fardo mais pesado: despejar seu excesso de população na Europa, o que equivale a sobrecarregá-la demograficamente e prendê-la com uma bola e uma corrente econômica.

\*

Um certo número de lendas também precisa ser resistido. Especificamente, a lenda de que o colonialismo europeu, na forma de exploração e escravidão, foi um pecado do qual devemos nos arrepender para sempre. Essa tese de atribuição de culpa é especialmente promovida pela Argélia. O colonialismo europeu, porém, foi prejudicial à Europa, embora tenha beneficiado o Terceiro Mundo, cuja demografia ele desenvolveu amplamente. Isso foi um bumerangue contra a Europa – um imenso erro histórico. Para **O colonialismo europeu foi o ponto de partida para a colonização da Europa pelo Sul.**

Também é preciso enfatizar que no período da colonização européia, as populações do Terceiro Mundo, notadamente no Magreb, no Oriente Médio e na África, viviam em condições de paz, liberdade, ordem pública e prosperidade muito superiores ao que a "independência" trouxe. Todos os africanos e magrebinos de boa fé que nasceram antes da independência hoje percebem isso.

\*

**O terceiro-mundismo, como o anti-racismo, é uma doutrina pseudo-filantrópica que culpa e paralisa os europeus.** Infelizmente, esta doutrina de origem trotskista foi transmitida por certos teóricos de direita, que favorecem a solidariedade cultural e geopolítica da Europa

com o Terceiro Mundo (especificamente os países árabe-muçulmanos). A islamofilia e o terceiro-mundismo fazem dessa maneira uma mistura aconchegante para os publicitários de direita que sabem pouco sobre o islã e pouco sobre as realidades socioeconômicas do terceiro mundo - mas que querem estar politicamente na moda (*bem pensante*), ainda não tendo se recuperado de seu fascínio inconfessado pelo marxismo. É exatamente o oposto que precisa ser defendido:**longe de ser um aliado potencial, o Terceiro Mundo constitui o pior perigo possível para a Europa.**

Agora parte da ideologia dominante, o terceiro-mundismo se baseia no princípio de que os países industrializados já pilharam o Terceiro Mundo (como explicam os esquemas leninistas, trotskistas e maoístas), embora o Terceiro Mundo agora viva às custas dos países europeus - que financeiramente explora e coloniza.

(ver **autarquia de grandes espaços; colonização; economia, dois níveis**)

\* \* \*

## TRADIÇÃO, TRADICIONALISMO

Tradição é o conjunto de valores e estruturas culturais de um povo, que são transmitidos (tradere em latim) de geração em geração — para formar o andaime de sua memória coletiva.

Destruir as tradições europeias: esta é a grande empreitada do cosmopolitismo reinante. É como se o homem europeu fosse intrinsecamente culpado, maculado pelo pecado original. Americanização cultural, africanização ou arabização, apagamento da memória histórica do europeu, islamização: a deculturação da Europa é perpetuada pelas investidas da mídia e pelas escolas públicas. É por isso que a luta para manter nossas tradições é essencial para conservar nossa identidade espiritual e genética.**A essência da tradição é a herança ancestral e sua continuação criativa.**Toda herança tem que dar frutos.

Ao mesmo tempo, não se deve esquecer que a **tradição é uma tradução**. Para permanecer vital, a tradição precisa se metamorfosear – mudando suas formas, mas permanecendo fiel ao seu espírito. cultura europeia — Faustian e Promethean — devem equilibrar suas formas ancestrais com a criação de novas.

**Precisamos defender a tradição, assim como a noção de 'sociedade tradicional', mas recusamos o tradicionalismo.**Este último aparece sempre que as tradições morrem, assim como o racismo aparece quando uma raça declina. O tradicionalismo é a intelectualização da tradição, pois a tradição deixa de ser vivida naturalmente ou de servir como parte integrante da alma vivente. Torna-se folclórico, museológico, objeto de estudo acadêmico — em todo caso, algo morto. O tradicionalismo é, paradoxalmente, estranho à tradição europeia. Este último é metamórfico, sempre nas garras da inovação, sempre se tornando, sempre em movimento, apelando para o que é maior.

**(verdesinstalação; herança; memória; pessoas)**

\* \* \*

## TRAGÉDIA

A condição humana é trágica porque só o homem, mesmo quando nenhum perigo o ameaça, permanece consciente de que acabará por morrer.

'Nada jamais é adquirido pelo homem'. A sensibilidade trágica comprehende a vida como uma jornada arriscada e arriscada, sempre ameaçada pela morte, mas às vezes iluminada pela alegria. O trágico não deve ser confundido com desespero ou pessimismo. O homem que se mata é vítima de uma esperança frustrada, isto é, de uma mentira. O homem da tragédia nunca se mata por desespero, sua morte é voluntária por causa de algo transcendente.

As religiões de salvação se esforçam para afastar a morte por meio de uma fé no além e, contra o realismo, cultivam o espírito de consolação. A civilização europeia sempre foi animada pelo espírito trágico, porque não cessa de correr riscos, pondo em risco a sua vida para continuar o seu desenvolvimento histórico. Essa atitude foi levada longe demais, evidente nas duas guerras mundiais — as duas guerras civis europeias — que iniciaram o apagamento do continente. O espírito trágico foi substituído pelo atualmente dominante e senil "espírito de indiferença".

(ver **prometeico; sagrado**)

**você**

## UNIVERSALISMO

A crença de que a humanidade forma um conjunto homogêneo, uma única família, na qual as noções de pessoa e identidade são secundárias. Um avatar da ideologia igualitária, o universalismo é um monoteísmo político, o pai de todos os totalitarismos. O indivíduo para ela é apenas 'um cidadão do mundo'. Todas as culturas estão destinadas a se fundir e não existem desigualdades de natureza ou qualidade entre elas.

O universalismo é a arma hipócrita dos mais diversos imperialismos, particularmente os do Islã e do Americanismo, pois visa impor um modelo único — seu modelo, supostamente, para federar todos os povos — mas na verdade no interesse de um único centro de poder e interesse . A humanidade não pode conceber a si mesma – sempre será assim – exceto em termos da justaposição orgânica de seus particularismos — e não como um universalismo englobando e abrangendo particularidades (supostamente secundárias).

(ver **cosmopolitismo; globalização, globalismo**)

V

## VALORES

Ideias-forças e regras de vida que se traduzem em comportamentos e transcendem o egoísmo individual, pois não têm utilidade imediata, mas constituem uma necessidade de longo prazo para a sobrevivência de uma comunidade.

As ideias não têm legitimidade a menos que correspondam a valores vividos como compromissos práticos. Os valores não dependem de modas, progresso tecnológico ou avatares sociais; representam um vínculo inquebrantável entre gerações — a base para a manutenção de um povo na história. **Muitos valores traduzem os imperativos da sobrevivência biológica em termos culturais.**

Alguns dos valores fundamentais, por exemplo, são:

- Uma recusa da massificação, assim como um individualismo narcísico,
- Uma afirmação da desigualdade criativa da raça humana,
- Preocupação com um povo e seu destino histórico,
- Lealdade a uma linhagem (consciência étnica),
- A liberdade individual como autodisciplina,
- A precedência da solidariedade comunitária sobre o egoísmo,
- Culto da estética,
- Respeito pela seletividade da vida — e não 'toda' a vida,
- O espírito de empreendimento e criação... .

Existem valores que dizem respeito a toda a raça humana, como a responsabilidade ecológica global nos assuntos econômicos. Mas devemos desconfiar de 'valores' expressos em termos abstratos (altruísmo, amor, respeito pela vida, abertura, etc.), pois na maioria das vezes eles legitimam hipocritamente o oposto.

Os atuais valores dominantes (xenofilia, cosmopolitismo, individualismo narcísico, humanitarismo, economicismo burguês, hedonismo, homofilia, permissividade, etc.)**anti-valores**— valores de uma fraqueza desvirilizante, uma vez que esgotam as energias vitais de uma civilização e enfraquecem as suas capacidades defensivas ou afirmativas.  
(ver [tradição](#))

C

## OCIDENTE, CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

A civilização planetária — filho pródigo e bastardo da Europa, hoje dominada pelo modelo americano — que visa universalizar o primado absoluto da sociedade de mercado e do individualismo igualitário — tem como uma das consequências fazer com que os europeus esqueçam o seu próprio destino.

Não se deve confundir o Ocidente com a Europa. **A civilização ocidental já não retém qualquer valor étnico, tendo-se tornado uma civilização cosmopolita baseada no modelo americano.** Originária da Europa, a civilização ocidental voltou-se tragicamente contra a Europa, como um bumerangue, impondo seu universalismo. É assim necessário **opor a civilização europeia à civilização ocidental.**

A civilização ocidental, que se tornou uma civilização mundial na medida em que não mais ocupa territórios “ocidentais”, é caracterizada por **a primazia absoluta que atribui à economia acima de qualquer outra consideração**, uma vez que busca especulativamente a lucratividade de curto prazo, independentemente dos imperativos ecológicos, étnicos ou sociais de longo prazo.

Tal civilização é characteristicamente ignorante de **qualquer noção de povo ou país**. Ele se apresenta como uma 'sociedade' planetária que mina e restringe todos os soberanias vontade política. Exceto um: o governo da superpotência americana, especialmente desde a queda do comunismo, **procurapiloto da civilização ocidental**, enquanto a Europa (apesar de seu poder industrial e comercial) é tratada como um protetorado.

A civilização ocidental é a primeira civilização da história a não ser fundada em algum tipo de espiritualidade – em valores transcendentais e não materiais; ainda mais que o comunismo, realizou o sonho de Marx e Trotsky em construir uma civilização cosmopolita planetária fundada exclusivamente em relações materialistas e econômicas. Nesse sentido, **o capitalismo da civilização ocidental, não o comunismo soviético, é o que mais incorpora a essência do marxismo.**

Situada entre uma religião hipócrita de direitos humanos e um simulacro de 'democracia', a civilização ocidental não sustenta princípios de justiça nem respeita a existência de diferentes povos —

em vez disso, ela se esforça para destruir suas raízes e equilíbrio e, acima de tudo, para dar pleno domínio às forças da barbárie social.

\*

Seria errado confundir civilização ocidental com ciência e tecnologia, como fazem muitos tradicionalistas. Essa civilização instrumentaliza a tecnociência, mas esta — repitamos — é perfeitamente neutra e pode servir a qualquer projeto civilizatório.

Outro erro: olhar com simpatia para o Islã sob o pretexto de que ele se opõe a certos aspectos negativos da civilização ocidental. Jogar esta cartada islâmica contra a decadência ocidental — uma tentação frequente inspirada nos escritos de René Guénon, Claudio Mutti,<sup>[244]</sup> e outros — é ceder às ilusões ingênuas de estudiosos desconectados de todo sentido do real, totalmente incapazes de ver a natureza intrinsecamente totalitária e globalista do Islã. É apenas por meio de seus próprios valores, porém, que os europeus se regenerarão e se libertarão do turbilhão da civilização ocidental - isso não ocorrerá adotando **Islã, que desde o seu nascimento tem sido o inimigo declarado da Europa.**

Hoje, no auge, a civilização ocidental é **efêmero**, não chegará ao fim do século XXI. É como uma Torre de Babel, corroída internamente por seu materialismo absoluto, sua falta de espírito crítico e sua ignorância de todas as necessidades de longo prazo.

(ver **ideologia; Ocidente; modernidade; tecnociência**)

\* \* \*

## VONTADE DE PODER

A tendência de toda vida saudável de se perpetuar – de assegurar sua sobrevivência, sua superioridade e sua capacidade de criação.

Este conceito nietzschiano foi às vezes mal compreendido e interpretado de forma abusiva como "um desejo tirânico de dominação brutal". Na verdade, é uma vontade auto-affirmativa. A vontade de poder é o impulso vital para *tornar-se superior*, é o orgulho — o oposto da vaidade ou da pretensão — é a aceitação da vida como luta, como um eterno combate pela supremacia, é a permanente incitação ao auto-aperfeiçoamento e ao auto-aperfeiçoamento, é a recusa absoluta de todo niilismo, é o oposto da contemporaneidade relativismo.

A vontade de poder não implica de forma alguma esmagar os fracos, mas sim protegê-los. Pois desafia apenas os fortes.

A vontade de poder implica autodomínio e autodisciplina, condições necessárias para uma afirmação exterior. O perigo da vontade de poder está em sua própria energia: ela tem que aprender a não sucumbir ao estupor de sua própria arrogância.

A vontade de poder constitui um horizonte espiritual, porque está de acordo com a própria essência da vida. **É a força da vida e da história.** Não se trata apenas de luta pela dominação, mas também de sobrevivência e continuidade. É o cerne da concepção desigualitária e imperial do mundo. **Um povo ou civilização que abandona sua vontade de poder inevitavelmente perece, pois o que não avança, retrocede—o que não aceita a vida como luta não tem muito tempo de vida.**

X

## XENOFILIA

Etimologicamente: 'amor ao estrangeiro'.

Um fascínio pelo 'Outro' e um descaso com aqueles que estão 'Próximos' — a xenofilia é uma das grandes psicopatologias coletivas da Europa contemporânea. Vem de uma perversão da ideia de caridade, mas também vem de uma ausência de consciência étnica. É evidente na ideologia contraditória do 'anti-racismo', que na verdade é uma obsessão racial invertida.**O que é chamado de 'anti-racismo' é apenas uma expressão patológica da xenofilia.**

A xenofilia superestima sistematicamente o valor do estrangeiro, que vê como vítima, pois desvaloriza inconscientemente o 'Mesmo'. Segue o princípio de que 'o estrangeiro tem tudo a nos ensinar' — é declaradamente contraditório porque associa diferencialismo e universalismo, identidade do Outro e miscigenação, defendendo o 'direito à diferença' de todos, mas ao mesmo tempo a homogeneização da raça humana.**A xenofilia é a contraparte do etnomasoquismo.**

A rejeição da xenofilia não leva necessariamente à xenofobia, que é igualmente paralisante, mas também à afirmação de si mesmo e de seu povo - isto é,**etnocentrismo**.

(ver**consciência étnica; etnocentrismo; etnomasoquismo**)

## 5. C

### **Por que estamos lutando?**

**C** por que estamos brigando? Antes de responder a esta questão central, talvez valha a pena dizer a princípio quem é esse 'nós'. Talvez seja 'você', apesar dos rótulos superficiais que o identificam com um dos vários partidos ou seitas que a presente tragédia não hesitará em varrer? 'Você' — apesar dos mal-entendidos que nos dividem — que intuitivamente sente os perigos mortais que ameaçam a França e a Europa?"**Você'—vindo de todos os horizontes e tendo se tornado consciente do declínio biológico, ético, político e espiritual da civilização européia e das nações que a compõem—quem se juntou à resistência?**

A esse respeito — e também para definir quem 'nós' somos — é necessário repetir que agnósticos, pagãos e autênticos cristãos católicos ou ortodoxos devem rebaixar suas diferenças filosóficas secundárias, realizar **um retorno ao real**, e aprender a se alinhar contra o inimigo comum, que todos conhecem bem.

Outra questão preliminar: por quem lutamos? Não é por uma seita, um partido, uma denominação (a não ser, se for, de forma provisória e temporária) que lutamos. Não é para mesquinhas ambições pessoais ou vaidade intelectual. Não estamos lutando pela direita, nem pela esquerda, nem pelo centro, nem pelo socialismo ou liberalismo. Estes são apenas instrumentos, não representam o essencial.

**Não estamos mais lutando por outros povos.** Tanto porque nos faltam os meios para o fazer, como também porque cada povo, na sua história, enfrenta sozinho o seu destino — não precisa de nós para defender a sua identidade.

\* \* \*

Temos que tomar cuidado com as falsas lutas. E aqui, há dois desvios possíveis:

O primeiro é **intelectualista**: em nome da 'luta metapolítica e cultural', aliam-se ideias puramente abstratas para defender panelinhas teóricas e promover a vaidade de certos autores de audiência limitada, autores sem vínculos com o real e sem meios de traduzir suas ideias em um possível projeto político ou revolucionário. Esse

esse tipo de desvio acaba, objetivamente falando, aderindo à ideologia hegemônica. Daí: a consequente marginalização, neutralização e colaboração.

O segundo desvio é o **dapolítico**(termo que se distingue, absolutamente, do termo 'político'): a pretexto de lutar por um determinado projeto social, faz-se dele uma carreira, no governo ou num partido, como se poderia fazer carreira em negócios. Assim, as posições se suavizam, as táticas de curto prazo se sobrepõem às estratégias de longo prazo, os militantes são enganados, a bagagem ideológica fica mais leve e finalmente desaparece ou se converte em propaganda eleitoral que nunca se espera que seja aplicada. Não pense que isso significa que a ação política é obsoleta ou inútil. É um desdobramento indispensável do que precisa ser feito. A luta política, porém, tem que ser fundada tanto em uma formação ideológica (o meio) quanto em um ideal desinteressado (o objetivo). Sempre que as noções de dinheiro ou vaidade social intervêm, a vontade revolucionária é inevitavelmente subjugada pelo sistema.

**Simplificando: não se luta por uma seita ou uma organização—não para posição ou carreira—mas para estabelecer uma situação e realizar um empreendimento histórico tangível.**

\*

Uma fórmula igualmente ambígua e perigosa é proclamar: 'Eu luto pelas minhas ideias'. Não! **Não se luta por 'ideias', luta-se por um povo— as idéias são apenas os instrumentos da luta, não seu objetivo.** Uma concepção-do-mundo tem que se encarnar no real, como expressão de uma vontade histórica, e não como exposição de 'idéias' de um sábio, que quase sempre permanecem letras mortas. A profissão das ideias é importante, mas sob certas condições essenciais:

1. Essas idéias podem um dia ser realizadas na história e, portanto, como fatos; devem, então, ter a possibilidade de se realizar e se tornar uma força mobilizadora.
2. Estas ideias não devem limitar-se a descrições críticas do estado actual das coisas (esta é a falha da 'hipercrítica'), mas estender-se para construir novas doutrinas e afirmar um projecto positivo. Lutar 'contra' é necessário, mas insuficiente. O que é necessário acima de tudo é lutar 'por' um mundo novo. Em uma era de conformidade e pensamento unidirecional, quando não há contra-proposições sérias ao

ordem estabelecida, devemos manter o monopólio das ideias revolucionárias.

3. Nunca se deve sucumbir a um 'realismo mesquinho' nem limitar-se ao mínimo denominador comum dos políticos; é preciso ir ao cerne do problema; e não porque ideias irrealizáveis hoje se tornarão amanhã. Neste sentido, ideias historicamente grávidas exigem uma abordagem ambiciosa, visionária, indiferente à moda e à aparente impossibilidade da sua aplicação imediata (ver, por exemplo, a noção de Reconquista).
4. É importante alargar o campo das ideias às 'ideias não teóricas', ou seja, mitos, criações artísticas e estéticas, tudo o que eletriza a imaginação.

Resumindo: **um não luta para ideias, mas, entre outras coisas, luta-se com Ideias.** Inversamente: combate-se bem e verdadeiramente as ideias do inimigo. **Luta-se ao mesmo tempo para manter um certo número de chaves valores nas pessoas—valores indispensáveis à sua sobrevivência.**

\* \* \*

Lutamos não só 'contra', mas sobretudo 'por'. A ação política, metapolítica e cultural — essa antecâmara da guerra — supõe, certamente, uma designação do inimigo (de uma energia hostil e negativa), mas pressupõe também uma designação do amigo — *para quem e com quem* luta é travada. Da mesma forma, não se trata de limitar-se ao negativismo ou contentar-se em denunciar e criticar ideias e valores hostis — é igualmente necessário, como contraponto, afirmar ideias e valores positivos — entendidos como uma alternativa e um futuro.

Lutamos pela Europa. Lutamos por uma Europa impregnada de ideias de **identidade e continuidade, de independência e poder** — esta Europa que é um conjunto de povos etnicamente parentados. Lutamos, também, não só pelos europeus de hoje, mas também pelos de amanhã. Lutamos pela união e mobilização defensiva de todos os povos de origem europeia, nas nossas pátrias, do Atlântico ao Pacífico — em prol de uma **Eurosibéria etnocêntrica** — um bloco formado contra o inimigo comum, o que implica, é claro, nenhuma rejeição das tradições francesa, alemã, russa, italiana, espanhola, flamenga, etc.

**Lutamos com senso de urgência**, para deter a invasão e reverter a destruição biocultural da Europa (na forma de colonização islâmica e dominação americana). Trata-se, portanto, de primeiro apagar o fogo. **As questões sobre se será uma Europa das nações ou uma Europa federal das regiões são secundárias—a ser resolvido assim que o fogo for extinto, uma vez que os invasores tenham sido expulsos.** O importante a perceber é que uma Europa completamente islamizada, terceiro-mundista e americanizada não será nem uma federação nem uma associação de nações, não será mais nada europeu. Lutamos assim sabendo que a luta dos franceses ou alemães ou outros nacionalistas — ou regionalistas — é irrelevante e suicida, porque de Brest a Vladivostok somos, gostemos ou não, povos irmãos, e é vital que mantenhamos a mesma solidariedade entre nós que os povos muçulmanos mantêm entre si (apesar de suas grandes diferenças internas). O inimigo aqui fornece, talvez, um exemplo a seguir... O essencial é não lutar apenas por micronacionalismos isolados, cada um dos quais carece da estatura necessária para enfrentar os trágicos desafios do próximo século.

Criticar as imensas falhas, conivências e corrupções da atual União Européia não é motivo para se afastar da ideia europeia, da ideia da Grande Europa, o único ideal tangível e realizável - a única linha de defesa contra um inimigo que pode assumir múltiplas formas. Que os europeus permaneçam internamente divididos: essa é a estratégia do Pentágono e dos Estados muçulmanos (que já lançaram suas incontáveis massas num assalto ao Continente).

Lutar pela sobrevivência e regeneração da Europa implicará também em recusar-se a cooperar com os "soberanistas" franceses que defendem uma visão cosmopolita e jacobina da França (na tradição universalista da Revolução) - assim como implicará em recusar-se a cooperar com os regionalistas de esquerda que rejeitam dimensão étnica da região.

Embora os povos europeus sejam hoje sitiados internacionalmente e subvertidos domesticamente, nada ainda está perdido - desde que surja - ainda que hesitante, mas poderosamente - um**Consciência étnica grande-europeia**, que poderia acontecer com a ajuda de algumas tempestades catastróficas para abrir caminho.

\*

Lutamos por uma visão de mundo tradicional e faustiana, que alie enraizamento e desinstalação, liberdade do cidadão e serviço imperial à comunidade como povo, criatividade apaixonada e razão crítica, lealdade inabalável e curiosidade aventureira .

Lutamos pela justiça social, pelo estabelecimento sistemático das preferências europeias em todos os domínios, pela autarquia económica eurosiberiana, mas também pela livre iniciativa e pela conservação do ecossistema do Continente.

Lutamos pelo princípio da *exame livre*<sup>[245]</sup> e pela liberdade de pensamento — pelos valores populares e aristocráticos de honra, virilidade e poder.

Lutamos não apenas por nós mesmos, os vivos, ou pelo nosso bem-estar económico, mas acima de tudo pelo **herança de nossos ancestrais e o futuro de nossos descendentes**.

Lutamos por um renascimento cultural, espiritual, por um retorno ao real, à vitalidade. Lutamos para reanimar nossas virtudes ancestrais - lutamos por Aquiles,<sup>[246]</sup> Péricles,<sup>[247]</sup> e Rômulo,<sup>[248]</sup> para Carlos o Martelo e Francisco de Assis<sup>[249]</sup> — para os construtores de catedrais e cientistas de foguetes.

Lutamos pela continuidade dessa civilização europeia (da qual a América não é senão o filho pródigo) que é trágica, pela sua tendência à autodestruição e à dúvida, mas ao mesmo tempo pela sua superioridade sobre todas as outras civilizações na história. Lutamos assim num espírito cuja essência é *etnocêntrico* — num espírito de ruptura com tudo o que actualmente conduz a Europa ao suicídio.

Como está implícito em tudo o que foi dito acima, lutamos para produzir uma metamorfose histórica radical — para trazer a Quarta Era da civilização européia.

\*

E agora: o que fazer? Para responder, é necessário abordar uma segunda questão-chave: **como lutar?** Seria vão e pretensioso dar uma resposta definitiva — já que a história, por definição, é o campo do imprevisto. Apenas os eixos gerais de nossa luta são imagináveis. Em primeiro lugar, precisamos rejeitar esses mestres mesquinhos e presunçosos - cujas convicções professas nunca serão pagas com suas vidas, sua segurança ou seu conforto, embora pensem ter a resposta definitiva para essa pergunta tão difícil. O 'porquê', em qualquer caso, é sempre mais fácil de formular do que o 'como'. O 'como', porém, é crucial, pois pressupõe tanto uma presciênciam da história por vir quanto uma compreensão profunda dos erros e sucessos passados.

Comecemos respondendo à pergunta no espírito daquele célebre, lacônico e pragmático provérbio inglês: "Todo homem cumprirá seu dever".

O primeiro imperativo é, portanto, pensar-se como estando em **um estado de dissidência - em resistência—contra todo o sistema**. Daí a necessidade de construir seriamente uma contra-sociedade real, um embrião da sociedade vindoura. Isso não deve ser feito com espírito marginalizador e extremista (que só serve ao inimigo), mas sim com eficácia e astúcia, segundo o preceito de 'estar no mundo mas não dele'.[\[250\]](#)

Essa luta, aliás, não é uma contracorrente desesperada, pois os acontecimentos mundiais nos fazem acreditar que a situação caminha para uma grande crise – para um caos do qual a história renascerá.

O segundo imperativo é de pensamento radical: recusar-se a salvar um sistema insalvável, como os conservadores tentam em vão fazer, e, em vez disso, assumir uma postura revolucionária orientada para **opós-caos**.

O terceiro imperativo é **preferir uma tática de redes flexíveis de solidariedade a uma de seitas monolíticas e dominadas por facções**.

O essencial é agir e coordenar a um nível subterrâneo. Tudo é bom, se for bem feito e pensado. O círculo, o partido, o indivíduo, a associação, a empresa, etc., têm o seu lugar nesta rede — desde que se organizem a nível continental e que as diferenças pessoais ou ideológicas não prejudiquem a frente comum contra o inimigo. **Pois nunca é a censura ou a repressão do sistema que impede a eficácia de um movimento revolucionário, mas sim as dissensões e rivalidades internas do movimento**. O principal é saber quem é nosso amigo e quem é nosso inimigo. Nesse sentido, podemos tomar o Islã como modelo, pois desde o início de sua *jihad* contra a Europa soube unir-se apesar de suas graves divisões internas. As paixões mesquinas devem dar lugar às grandes paixões.

O quarto imperativo é não abandonar o terreno político, mas lutar, cada um no seu lugar, segundo uma **estratégia multiforma** que aborda as diferentes arenas políticas, culturais e metapolíticas da vida europeia. Não adianta sair de um partido político se ele for útil para a causa, mesmo que não esteja cem por cento de acordo com a nossa luta. Mesmo na situação atual, um partido dissidente, objetivamente revolucionário, teria uma capacidade de agitprop (agitação-propaganda) independente de sua

objetivos e perspectivas eleitorais. Com uma estratégia tão polivalente, cada combatente terá sua especialidade e seu lugar; para certos militantes será conveniente adotar a máxima *larvatus prodeo* ('Eu saio mascarado'), enquanto outros avançarão abertamente para o Grande Dia.

**Quinto imperativo:a longo prazo, é indispensável o nascimento de um partido revolucionário de identidade europeia. Ele precisa ser preparado.** A política continua sendo o horizonte indispensável da ação. E a metapolítica, como todas as estratégias intelectuais e culturais, constitui apenas uma base para o que será um ato político – desde que a política aqui não se reduza à atividade dos políticos, e o discurso metapolítico não se desvie para uma forma de verborragia intelectual ou masturbação pseudo-filosófica.

\*

**Resumindo:é necessário que cada um cumpra o seu dever e trabalhe no seu lugar—dedica-se a construir um corpo de valores fundamentais — contra o inimigo comum—em uma rede de resistência ativa, flexível, interdependente e confederada—presente em todas as frentes, ao nível da Europa—com o objetivo de concentrar todas as energias dos combatentes.**

Estes últimos são inumeráveis... e mais poderoso do que as pessoas imaginam. Muitos ainda precisam se mobilizar e reagrupar porque ainda estão muito ligados aos espíritos sectários e à lógica derrotista do gueto. A grave crise atual do sistema, se bem aproveitada, pode, porém, multiplicar as forças vitalistas em todos os recessos da nação européia. Pois o futuro está cheio de esperança e tragédia. Esperança porque todos os fatos, e o curso geral dos desenvolvimentos, estão ocorrendo de forma que validam nossas análises e que, mesmo que ainda não haja reação, cada vez mais pessoas compartilham das análises, valores e objetivos aqui apresentados. É trágico porque temos que esperar a escalada dos perigos, das perseguições – a guerra.

\*

Nada está perdido. É completamente inapropriado nos vermos, na nostalgia do desespero, como uma retaguarda, um último posto avançado, que luta com brio por uma causa perdida. Não, temos que nos ver como **a vanguarda da resistência**, cujo espírito lúcido exala um certo otimismo. Mas que não haja ilusão. A vitória não será conquistada através de reformas burguesas pacíficas ou através das vaticínios de um libertinismo estético e 'literário'. Temos que nos preparar para a tempestade que se aproxima, para nos endurecer - para o

para atacar, como uma cobra, rápida e decisivamente, uma vez que o momento de oportunidade surja. Antecipando este momento, precisamos agora começar a nos armar — mental e fisicamente —, precisamos recrutar, fazer proselitismo, educar, organizar em redes de solidariedade e ação. É simples: vamos nos modelar em nosso inimigo.

\*

E então, para falar simbolicamente e de maneira deliberadamente sibilina, o que nos esforçamos para restaurar e reanimar nunca virá das promessas dos políticos de classe média, mas virá do espírito da última profecia délfica,<sup>[254]</sup>que previu que, 'Um dia Apolo retornará e será para sempre'.

Outros livros publicados pela Arktos:

*Além dos Direitos Humanos*

por Alain de Benoist

*O problema da democracia*

por Alain de Benoist

*A Casa Ártica nos Vedas*

por Bal Gangadhar Tilak

*Revolução de cima*

por Kerry Bolton

*metafísica da guerra*

por Julius Evola

*O Caminho de Cinnabar: Uma*

*Autobiografia Intelectual*

por Julius Evola

*arqueofuturismo*

por Guillaume Faye

*Por que lutamos*

por Guillaume Faye

*A saga da raça ariana*

por Porus Homi Havewala

*As Corujas de Afrasiab*

por Lars Holger Holm

*De Natura Natura*

por Alexandre Jacob

*Lutando pela Essência*

por Pierre Krebs

*A vida pode prevalecer?*

por Pentti Linkola

*Um Manual de Vida Tradicional*

por Raido

*Os Jedi no Lótus: Guerra nas Estrelas e a Tradição Hindu*

por Steven J. Rosen

*Não Pode Ser Invadido*

por Ernst von Salomon

*Tradição & Revolução*

por Troy Southgate

*Contra a Democracia e a Igualdade: A Nova Direita Europeia*

por Tomislav Sunic

*O Iniciado: Jornal de Estudos Tradicionais*

por David J. Wingfield (ed.)

- [11] Guillaume Faye, *Nouvelle discours à la Nation Européenne* (Paris: L'Æncre, 1999), p. 213.
- [12] Walter Laqueur, *The Last Days of Europe: Epitaph for an Old Continent* (Nova York: St. Martin's Griffin, 2009).
- [13] Ver Fondation Robert Schuman, 'L'Union européenne face aux défis de l'extrémisme identitaire' (12 de julho de 2010), disponível na Fondation Robert Schuman ([www.robertschuman.eu/question\\_europe.php?num=qu-177](http://www.robertschuman.eu/question_europe.php?num=qu-177)). Também Stéphane François, 'Réflexions sur le mouvement "identitaire"' (3 de março de 2009), disponível em [Fragments sur les Temps Présents](http://tempspresents.wordpress.com/2009/03/03/reflexions-sur-le-mouvement-identitaire-12/) (tempspresents.wordpress.com/2009/03/03/reflexions-sur-le-mouvement-identitaire-12/).
- [14] Traduzido como *Archeofuturism: European Visions of the Post-Catastrophic Age* (Londres: Arktos, 2010).
- [15] Sobre as ligações entre a extrema-direita sionista e a extrema-direita nacionalista europeia, especialmente francesa, ver Pierre Vial, 'Grandes manobras juives de seduction à l'égard de l'extrême droite européenne', em *Terre et Peuple* 44 (verão de 2010).
- [16] Ver Michael O'Meara, 'Guillaume Faye and the Jews' (31 de julho de 2006), disponível em The Occidental Quarterly Online ([www.toqonline.com/blog/guillaume-faye-and-the-jews/](http://www.toqonline.com/blog/guillaume-faye-and-the-jews/)); e Michael O'Meara, 'A Nova Questão Judaica de Guillaume Faye', em The Occidental Quarterly vol. 7, não. 3 (Outono de 2007), também disponível no The Occidental Quarterly Online ([www.toqonline.com/archives/v7n3/7310OMearaFaye.pdf](http://www.toqonline.com/archives/v7n3/7310OMearaFaye.pdf)).
- [17] Veja KR Bolton, 'Origins of the Cold War: How Stalin Foiled a "New World Order"' (31 de maio de 2010), disponível no Foreign Policy Journal ([www.foreignpolicyjournal.com/2010/05/31/origins-of-the-cold-war-how-stalin-foiled-a-new-world-order/](http://www.foreignpolicyjournal.com/2010/05/31/origins-of-the-cold-war-how-stalin-foiled-a-new-world-order/)).
- [18] 'Suposto' no sentido de que os americanos, russos e britânicos, ao contrário dos alemães, travaram a guerra como coroinhas - ou seja, em um sentido que vai além de qualquer referência ao nacional-socialismo. Pois, no espírito das suposições protestantes hipócritas e desinteressadas do liberalismo, ele inevitavelmente trata toda forma de ideologia antiliberal como uma malignidade desumana, cujo único remédio é o extermínio. Ver Carl L. Becker, *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers* (New Haven: Yale University Press, 1932); Joseph de Maistre, 'Reflexões sobre o protestantismo em suas relações com a soberania', em Christopher Olaf Blum (ed.), *Critics of the Enlightenment* (Wilmington: ISI Books, 2004), pp. 133-156; e Carl Schmitt, *The Concept of the Political* (Chicago: University of Chicago Press, 1996), pp. 53-58.
- [19] Ver Guillaume Faye, *Archeofuturism*, pp. 23-51. Também Robert Steuckers, 'Les pistes manquées de la "nouvelle droite": Pour une critique constructive' (2009), disponível em Euro-Synergies ([eurosynergies.hautetfort.com/archive/2009/08/28/les-pistes-manquees-de-la-nouvelle-droite-pour-une-critique.html](http://eurosynergies.hautetfort.com/archive/2009/08/28/les-pistes-manquees-de-la-nouvelle-droite-pour-une-critique.html)).
- [20] Ver Alain de Benoist, 'Les causes culturelles du changement politique' (1981) em *La Ligue de mire, 1975-1987* (Paris: La Labyrinthe, 1995); e Georges Gondinet, 'Les ambiguïtés du "gramscianisme du droite"' em *Totalité: Révolution et Tradition* 10 (novembro de 1979).
- [21] Pierre Vial, *Une terre, un people* (Paris: Éds. Terre et Peuple, 2000). O site *Terre et Peuple* está em [terreetpeuple.com](http://terreetpeuple.com).
- [22] Sylvain Crépon, 'Le tournant anti-capitaliste du Front National' (2006), disponível em [Fragments sur les Temps Présents](http://tempspresents.wordpress.com/2010/04/25/sylvain-crepon-tournant-anticapitaliste-du-front-national/) (tempspresents.wordpress.com/2010/04/25/sylvain-crepon-tournant-anticapitaliste-du-front-national). Acessado em 7 de março de 2011.
- [23] Os dois sites da Steuckers são Euro-Synergies, em [euro-synergies.hautetfort.com/](http://euro-synergies.hautetfort.com/), e Vouloir, em [vouloir.hautetfort.com/](http://vouloir.hautetfort.com/).
- [24] Guglielmo Ferrero, *Words to the Deaf: A Historian Contemplates his Age* (Nova York: Putnam, 1926), p. 116.

- [15] Faye fez dez anos de estudos greco-latino com os jesuítas, que educaram os filhos da alta burguesia parisiense.
- [16] Um exemplo literário disso pode ser encontrado na obra-prima modernista de Joyce, Ulysses, que reconta a história fundadora do homem europeu, utilizando "imagens mitopoéticas, características estruturais, princípios formais e recursos linguísticos" retirados dos primeiros mitos gregos e irlandeses. Ver Maria Tymoczko, *The Irish Ulysses* (Berkeley: University of California Press, 1994), p. 1.
- [17] Schmitt, *O Conceito do Político*, p. 28.
- [18] Ver Michael O'Meara, 'Europe's Enemy: Islam or America?', em *The Occidental Quarterly* vol. 5, não. 3 (outono de 2005). Disponível em *The Occidental Quarterly Online* ([www.toqonline.com/archives/v5n3/53-mo-faye.pdf](http://www.toqonline.com/archives/v5n3/53-mo-faye.pdf)).
- [19] Alexandre Del Valle, *Islam et États-Unis: Une Alliance contre Europe* (Lausanne: L'Age d'Homme, 1997).
- [20] Ver Bat Ye'or, *Eurabia: The Euro-Arab Axis* (Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2005); também Guillaume Faye, *La Colonization de l'Europe: Discours vrai sur l'immigration et l'Islam* (Paris: L'Æncre, 2000).
- [21] Serge Trifkovic, *A Espada do Profeta* (Salisbury: Regina Ortodoxa Press, 2007).
- [22] Ver Alain de Benoist, *Europe, Tiers monde, même combat* (Paris: Robert Laffont, 1986); mais recentemente, 'Interview mit Alain de Benoist' em *Hier & Jetzt* 15 (14 de julho de 2010). Cfr. Martin Lichtmesz, 'Alain de Benoist unter Muslimen und Mauertaniern' (27 de julho de 2010), disponível em *Sezession im Netz* ([www.sezession.de/17988/alain-de-benoist-unter-muslimen-undmauretaniern.html](http://www.sezession.de/17988/alain-de-benoist-unter-muslimen-undmauretaniern.html)).
- [23] Desprovida de um projeto histórico e saudosa dos bons velhos tempos da Frente Popular, a esquerda (ainda assim se autodenomina!) projeto) é cada vez menos crítico em relação a ele. Jean-Yves Camus, em 'La Nouvelle droite: Bilan provisoire d'une école de pensée', *La Pensée* 345 (janeiro-março de 2006), agora o certifica como 'amigo do sistema'.
- [24] Sobre a rejeição etnopluralista de Benoist ao identitarismo, ver Michael O'Meara, 'The Faye-Benoist Debate on Multiculturalism' (11 de maio de 2004), disponível em *La Nueva Derecha* ([foster.20megsfree.com/468.htm](http://foster.20megsfree.com/468.htm)); Michael O'Meara, 'Benoist's Pluriversum: An Ethnonationalist Critique' in *The Occidental Quarterly* vol. 5, não. 3 (Outono de 2005), disponível em *The Occidental Quarterly Online* ([www.toqonline.com/archives/v5n3/53-mo-pluriversum.pdf](http://www.toqonline.com/archives/v5n3/53-mo-pluriversum.pdf)); e Michael O'Meara, 'Comunidade do Destino ou Comunidade das Tribos?' em *Ab Aeterno* 2 (março de 2010), disponível em *Counter-Currents* ([www.counter-currents.com/2010/08/community-of-destiny-orcommunity-of-tribes/](http://www.counter-currents.com/2010/08/community-of-destiny-orcommunity-of-tribes/)).
- [25] Ver Javier Esparza, 'Le pari de la post-modernité' (1986); Claudio Risé, 'A pós-modernidade é uma revolução conservadora!' (1997); e Robert Steuckers, 'La genèse de la postmodernité' (1989), todos disponíveis em *Vouloir* ([vouloir.hautetfort.com/archive/2011/02/10/pm.html](http://vouloir.hautetfort.com/archive/2011/02/10/pm.html)).
- [26] Martin Wolf, 'The Rescue of Bear Stearns Marks Liberalisation's Limit', *Financial Times*, 26 de março de 2008 (disponível em [www.ft.com/cms/s/0/8ced5202-fa94-11dc-aa46-000077b07658.html](http://www.ft.com/cms/s/0/8ced5202-fa94-11dc-aa46-000077b07658.html)).
- [27] Alan Greenspan, 'An Update on Economic Conditions in the United States', disponível no BoardofGovernorsoftheFederalReserveSystem ([www.federalreserve.gov/boarddocs/testimony/1998/19980610.htm](http://www.federalreserve.gov/boarddocs/testimony/1998/19980610.htm)).
- [28] Ver Ted Sallis, 'The Overman High Culture: Future of the West' (21 de outubro de 2010), disponível em *Counter-Currents* ([www.counter-currents.com/author/tsallis/](http://www.counter-currents.com/author/tsallis/)); Charles Lindholm e José Pedro Zúquete, *A luta pelo mundo: movimentos de libertação para o 21stCentury* (Stanford: Stanford University Press, 2010); e Michael O'Meara, 'Contra os Exércitos da Noite: A

Aurora Movements' (21 de junho de 2010), disponível em Counter-Currents ([www.counter-currents.com/2010/07/against-the-armies-of-the-night/](http://www.counter-currents.com/2010/07/against-the-armies-of-the-night/)).

[29] Herwig Birg, em *Aus Politik und Zeitgeschichte*, no. 20 (2003).

[30] Dr. Krebs escreveu este prefácio em 2006.

[31] Herwig Birg, no *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung*, 1 de abril de 2006.

[32] Neue Kultur, ou 'Nova Cultura', é um termo usado para descrever os vários movimentos da Nova Direita em toda a Europa. – Ed.

[33] Italiano: 'fúria dos franceses'. Este termo foi aplicado pela primeira vez aos franceses pelos italianos durante a Guerra Franco-Austríaca de 1859, travada no norte da Itália, para descrever o poder dos ataques da infantaria francesa.–Ed.

[34] Expressão cunhada por Julius Evola em um livro de mesmo nome para descrever os problemas enfrentados por um indivíduo que tenta resistir às normas e valores do mundo moderno ao mesmo tempo em que é forçado a viver nele.–Ed.

[35] Guillaume Faye, *Avant-Guerre: Chronique d'un cataclysme annoncé* (Paris: Editions de l'Aencre, 2002), p. 9.

[36] Jacques Derrida (1930-2004) foi um filósofo francês amplamente considerado o mais importante dos filósofos pós-modernistas. Seu trabalho teve um enorme impacto na filosofia e na teoria literária desde a década de 1970. Seu trabalho levou à técnica da 'desconstrução', pela qual se sustenta que nenhum texto ou ideia pode ser reduzido a um único significado, mas sim que todo texto pode ser interpretado de muitas maneiras diferentes e contraditórias, negando assim que um significado autoritário pode ser reivindicado em qualquer texto.–Ed.

[37] Bernhard Kummer (1897-1962) foi um estudioso da língua, cultura e religião nórdica antiga. Ele era ativo dentro do Partido Nacional Socialista antes e durante o Terceiro Reich e era um apoiador do Movimento da Fé Alemã.–Ed.

[38] Bernhard Kummer, *Anfang und Ende des faustischen Jahrtausends* (Leipzig: Klein, 1934).

[39] A edição alemã de *Why We Fight* (Wofür wir kämpfen) foi publicada pelo Thule-Seminar do Dr. Krebs como o segundo volume de sua série *Polemos*. O primeiro volume foi Pierre Krebs, *Im Kampf um das Wesen* (Horn: Weecke, 1997).–Ed.

[40] Grego clássico: 'história'.–Ed.

[41] Grego clássico: 'nação', no sentido de uma comunidade étnica.–Ed.

[42] Grego clássico: 'clã'.–Ed.

[43] Faye define esse termo no dicionário.–Ed.

[44] De uma entrevista de campanha presidencial concedida em 14 de dezembro de 1965.

[45] Em maio de 1968, uma série de greves de grupos radicais de estudantes de esquerda em Paris foi acompanhada por uma greve da maioria da força de trabalho francesa, fechando a França e quase derrubando o governo de Charles de Gaulle. Embora as greves tenham fracassado e tenham evaporado em julho, elas ainda são vistas como o momento decisivo em que a sociedade francesa tradicional foi forçada a ceder à atitude mais liberal que passou a definir a França nos anos seguintes.

[46] Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um proeminente antropólogo, filósofo e sociólogo francês que estudou a dinâmica social e se opôs ao neoliberalismo e à globalização. Ele também foi o principal acadêmico marxista da França em sua época.

[47] Daniel Cohn-Bendit (nascido em 1945) é um líder do Partido Verde francês e é membro do Parlamento Europeu desde 1994. Ele ganhou destaque durante as manifestações estudantis de maio de 1968 em Paris.

[48] José Bové (n. 1953) político que foi ativista em causas agrícolas, como a agricultura orgânica, e também se opôs à globalização e à ocupação israelense da Palestina. Ele foi eleito para o Parlamento Europeu em 2009.

[49] Jules Renard (1864-1910) foi um escritor francês cujos diários eram bem conhecidos. Esta passagem vem de *The Journal of Jules Renard* (New York: George Braziller, 1964), p. 117.

[50] Julius Evola (1898-1974) foi o mais importante membro italiano da escola tradicionalista, ou seja, ele se opôs à modernidade em favor de uma abordagem da vida consistente com os ensinamentos dos antigos textos sagrados. Seu livro mais importante, disponível em inglês, é *Revolt Against the Modern World*.

[51] René Guénon (1886-1951) foi um escritor francês que fundou o que veio a ser conhecido como a escola tradicionalista de pensamento religioso. O tradicionalismo clama por uma rejeição do mundo moderno e suas filosofias em favor de um retorno à espiritualidade e modos de vida do passado (o próprio Guénon acabou vivendo como muçulmano sufi no Cairo). Ele descreve sua atitude em relação à modernidade em *The Crisis of the Modern World*, que está disponível em inglês.

[52] Raymond Abellio (1907-1986) era o pseudônimo de Georges Soulès, um escritor francês sobre misticismo. Ele trabalhou para o governo de Vichy da França ocupada e foi secretário-geral do Mouvement Social Révolutionnaire, um partido fascista francês. Após a guerra, ele tentou unir as forças da extrema esquerda e direita para criar um Império Eurasiano que se estenderia do Atlântico ao Japão.

[53] No contexto da política europeia moderna, o conflito entre as noções de soberania e federalismo é sobre o grau em que as várias nações europeias devem se governar de forma independente, versus o quanto elas devem estar sujeitas à autoridade da União Européia.

[54] Latim: 'semente' ou 'germe'.

[55] Marianne, simbolizando a Liberdade e a Razão, aparece no emblema da França, portanto Faye está se referindo aos esgotos da França.

[56] 'A causa dos povos' é um slogan cunhado pelo GRECE de Alain de Benoist, com o qual se entende que a causa da Nova Direita deve ser a preservação da identidade etnocultural única de todos os grupos, não apenas a dos europeus. Faye escreveu um ensaio sobre o assunto intitulado 'Causa dos povos' para *Terre et Peuple*, que foi traduzido pelo Arquivo Guillaume Faye, disponível em [guillaumefayearchive.wordpress.com/2007/07/07/the-cause-of-the-povos/](http://guillaumefayearchive.wordpress.com/2007/07/07/the-cause-of-the-povos/).

[57] Ou seja, juventude imigrante.-Tr.

[58] Árabes do norte da África e negros subsaarianos.-Tr.

[59] Laurent Joffrin (nascido em 1952) foi o editor do diário de esquerda *Libération*. Ele deixou o cargo em março de 2011.

[60] Louis-Ferdinand Céline (1894-1961) é considerado por muitos como um dos maiores autores franceses do século XX. Ele também era um racista sem remorso e anti-semita. Ele descreve a ideia de que a cultura 'tom-tom' se infiltrará no Ocidente em seu livro *Trifles for a Massacre* (1937), que está disponível em tradução para o inglês no site da VHO ([www.vho.org/aaargh/fran/livres6/CELINETrif.pdf](http://www.vho.org/aaargh/fran/livres6/CELINETrif.pdf)), e também foi publicado por Les Editions de La Reconquête no Paraguai em 2010. 'Tom-tom' é uma gíria para percussão de estilo africano.

[61] Esta é a Guerra Franco-Prussiana, travada em 1870-71 entre a França e vários dos estados alemães sob a liderança da Prússia. A vitória alemã na guerra levou ao colapso do Segundo Império Francês e à unificação dos estados alemães em uma nação pela primeira vez.

[62] Ernest Renan (1823-1892) foi um importante filósofo francês. Inicialmente simpatizante dos ideais da filosofia alemã, seus pontos de vista mudaram drasticamente após a derrota francesa em 1871.

A oposição ao conceito alemão de nacionalismo foi delineada em seu ensaio de 1882, 'O que é uma nação?' herança. O ensaio está disponível no site da Cooper Union em [www.cooper.edu/humanities/core/hss3/e\\_renan.html](http://www.cooper.edu/humanities/core/hss3/e_renan.html).

[63] A Lei Pleven foi aprovada pelo Parlamento francês em julho de 1972, tornando ilegal incitar o ódio racial por meio da fala ou da escrita, ou usar linguagem considerada racialmente difamatória.

[64] A Lei Gayssot, promulgada pelo Parlamento francês em julho de 1990, torna ilegal negar ou questionar a gravidade do Holocausto.

[65] Este termo foi cunhado pela primeira vez pelo sociólogo francês Michel Crozier em um livro de 1970, traduzido como *The Stalled Society* (New York: Viking Press, 1973). Ele o usou para descrever a tendência da França de ter muita burocracia que sufoca a mudança social, levando a problemas que só podem ser resolvidos em tempos de crise.

[66] Exclusão, no contexto francês contemporâneo, significa aqueles que estão totalmente divorciados do mercado de trabalho e da sociedade dominante, particularmente, mas não limitado a, aqueles desempregados cujos benefícios sociais expiram.

[67] O Freiheitliche Partei Österreichs, ou Partido da Liberdade da Áustria, é um partido de direita que foi elogiado por alguns da direita e denunciado por muitos por suas supostas simpatias pela extrema-direita. O FPÖ ainda existe, embora muitos de seus membros tenham se separado para formar um novo partido, o Partido do Povo Austríaco, em 2005.

[68] Ubu Roi é uma conhecida peça de Alfred Jarry escrita em 1896, e que é considerada uma das precursoras do Teatro do Absurdo. Ubu, o personagem principal, é retratado como o ápice de todos os defeitos do homem moderno, sendo egoísta, cruel, vulgar e desonesto, e consegue se tornar Rei ao assassinar seu antecessor.

[69] Decisionismo, ou *Dezisionismus* no original alemão, foi um termo cunhado pela primeira vez pelo jurista alemão Carl Schmitt. Segundo Schmitt, a validade de um determinado preceito moral ou jurídico nada tem a ver com sua natureza específica, mas apenas depende da autoridade de quem foi emitido.

[70] Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um político e filósofo francês que se opôs ao capitalismo e não acreditava na propriedade estatal, acreditando que a propriedade deveria pertencer a grupos de trabalhadores.

[71] Louis Auguste Blanqui (1805-1881) foi um ativista revolucionário. Sua versão do socialismo, no entanto, diferia muito da de Marx, especialmente porque ele acreditava que uma revolução socialista não seria provocada por um movimento de massa dos trabalhadores, mas sim por uma pequena elite que decretaria a revolução impondo uma ditadura temporária..

[72] O Tratado de Amesterdão foi uma revisão do Tratado da União Europeia de 1992.

[73] Publicado em inglês como *Archeofuturism: European Visions of the Post-Catastrophic Age* (Londres: Arktos Media, 2010).

[74] Como presidente, Charles de Gaulle presidiu a participação da França na formação da Comunidade Européia (precursora da atual União Européia). Embora ele não tenha tentado impedir o desenvolvimento da CE, é verdade que ele fez um grande esforço para manipulá-la para garantir a independência da França dela e dos outros membros, incluindo a retirada total da participação francesa na CE.

[75] O Império Carolíngio foi governado por Carlos Magno e seus sucessores durante o século IX. No seu auge, o Império compreendia a maior parte da Europa Ocidental e é visto pelos historiadores como o gerador dos estados modernos da França e da Alemanha.

[76] Os gibelinos eram uma das duas principais facções do Sacro Império Romano. Eles favoreceram o poder imperial da dinastia Hohenstaufen, em oposição aos Guelphs, que apoiavam a ideia da autoridade papal.

[77] Claude Lévi-Strauss, Raça e História (Paris: UNESCO, 1952).

[78] A União Europeia.

[79] O MV Erika era um petroleiro maltês que se partiu em dois e afundou durante uma tempestade no Golfo da Biscaia em 12 de dezembro de 1999. Matou muita vida marinha e poluiu as costas da Bretanha e continua sendo o maior desastre ambiental da história da França.

[80] De Le Figaro, 20 de julho de 2000.

[81] No momento em que escrevo, a Alemanha continua comprometida em fechar todas as suas usinas nucleares até 2030, um processo que foi acelerado após os acidentes nucleares no Japão em março de 2011. A Itália revogou sua moratória sobre energia nuclear em 2008, que estava em funcionamento desde 1990 e assinou um acordo com a França para a construção de quatro novas fábricas. Após o desastre de Chernobyl, a Suécia se comprometeu a acabar com a energia nuclear até 2010, mas em 2010 o Parlamento sueco votou para substituir as usinas existentes por novas, interrompendo a eliminação.

[82] Dominique Voynet (n. 1958) é militante do Partido Verde e foi Ministra do Meio Ambiente entre 1997 e 2001, conhecida por seu ambientalismo e posturas pacifistas. Atualmente é senadora.

[83] Train à Grande Vitesse é francês para trem de alta velocidade.

[84] Faye está se referindo à barragem Barrage de Petit-Saut, no norte da Guiana Francesa.

[85] Embora a Rance Tidal Power Station tenha sido de fato a primeira desse tipo no mundo, começando a operar em 1966, ela não é a única. Canadá, China, Irlanda do Norte, Rússia, Coreia do Sul e Estados Unidos operam usinas de energia das marés, com futuras usinas planejadas pela Índia e pelo Reino Unido.

[86] Redes centralizadas.-Tr.

[87] De Le Figaro, 24 de julho de 2000.

[88] Francis Fukuyama (n. 1952) é um filósofo político americano que é mais conhecido por seu livro de 1992, The End of History and the Last Man, que postulou que com o triunfo da democracia liberal no final da Guerra Fria, a humanidade havia alcançado a forma perfeita de governo e que os remanescentes de outras ideologias logo desapareceriam. Foi visto por muitos como o credo do domínio político e econômico da América no mundo durante a década de 1990. Embora amplamente associado ao neoconservadorismo americano na época, ele se distanciou do movimento nos últimos anos.

[89] O CAC 40 é o índice do mercado de ações francês.

[90] A Crise Financeira Asiática começou em julho de 1997 na Tailândia, quando o governo, diante da falência devido à sua enorme dívida externa, trocou a moeda nacional de uma taxa de câmbio fixa para uma flutuante, causando seu colapso. A crise então se espalhou por toda a Ásia, resultando em uma inflação maciça que continuou a afetar muitas nações até o final de 1998. A Indonésia foi particularmente afetada, culminando em tumultos generalizados e na renúncia do presidente Suharto.

[91] A previsão de Faye parece estar a caminho de se cumprir. Só na França, os tumultos em grande escala de 2005 e 2007 pela juventude imigrante muçulmana, o protesto em massa em 2006 contra a tentativa do governo de desregularizar o trabalho, o protesto de 2010 contra o plano do governo de aumentar a idade mínima dos aposentados para combater o aumento da dívida, e a crise da dívida soberana da UE desencadeada pelo colapso da economia grega no mesmo ano, tudo parece ser o tipo de sinal de alerta previsto por Faye.-Ed.

[92] Maurice Allais (1911-2010) ganhou o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas em 1988. Em seus últimos anos, ele frequentemente criticou os fundamentos econômicos e jurídicos da União Europeia.

[93] François Perroux (1903-1987) foi um economista francês mais conhecido por suas críticas às políticas econômicas envolvendo o Terceiro Mundo, que ele considerava muito centradas nos interesses e conceitos ocidentais.

[94] A talassocracia é um estado que depende principalmente do mar para o seu poder, seja econômica ou estrategicamente.

[95] Faye está se referindo à Guerra do Golfo de 1991.

[96] Revista Time, 5 de junho de 2000.

[97] Isso foi escrito antes da invasão americana do Iraque em 2003.

[98] Charles Martel (cerca de 688-741), que em inglês significa Carlos, o Martelo, foi um grande comandante militar franco que lutou sob os reis merovíngios, derrotou uma invasão muçulmana e, assim, impediu a islamicização da Europa e ajudou a estabelecer as bases para a Europa moderna .

[99] 'O 'Giant Hedgehog' refere-se a um célebre cartaz feito na época das grandes manifestações contra os mísseis americanos no início dos anos oitenta. O cartaz, desenhado pelo cartunista flamengo "Korbo", representava um ouriço alegre e risonho caminhando e dizendo "Pacifista, mas pronto para me defender". Foi um apelo para uma defesa bem organizada de acordo com o modelo suíço ou iugoslavo. Uma vez que o ouriço exibe seus dardos, ele não pode ser capturado por um predador. Assim, a Europa teve que deixar a OTAN e adotar um exército de cidadãos suíços capaz de "conectar" (maillage na terminologia francesa do general Brosselot) o território em um sistema de defesa baseado localmente. O general Jochen Löser, com quem trabalhei por um curto período, escreveu seus pensamentos em vários artigos sobre esse tipo de sistema de defesa alternativo.' Cortesia de Robert Steuckers.

[100] Latim: 'um elemento essencial' ou 'pré-requisito'.

[101] Gorbachev havia usado a frase anteriormente, mas é mais famoso por usá-la em um discurso em Praga em abril de 1987, no qual pedia o fim da divisão da Europa entre o Oriente e o Ocidente.

[102] O presidente francês Jacques Chirac foi um dos principais proponentes do Museu Quai Branly, um museu de arte dedicado a apresentar as obras de culturas indígenas de todo o mundo, localizado perto da Torre Eiffel, em Paris. O museu foi inaugurado em 2006.

[103] Jus soli, ou cidadania por primogenitura, é a política oficial da França e dos EUA, concedendo automaticamente a cidadania a qualquer pessoa nascida em seus respectivos territórios. Em contraste, a maioria dos países europeus tem uma política de cidadania de sangue em que a elegibilidade depende, pelo menos parcialmente, de sua etnia.

[104] 'A autarquia dos grandes espaços'. Esta é uma referência à escola histórica de economia, uma abordagem da economia e sua administração que surgiu no final do século XIX na Alemanha e persistiu até o Terceiro Reich. Seus adeptos sustentavam que a economia só poderia ser compreendida dentro do contexto cultural de uma época histórica específica, e não usando fórmulas ou teorias padronizadas. Seus membros também estavam frequentemente preocupados com a situação dos trabalhadores comuns. Joseph Schumpeter, Werner Sombart e Max Weber eram todos membros da escola.

[105] 'Exceção cultural' foi um conceito introduzido pela França no acordo GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) de 1993 nas Nações Unidas em 1993. Ele pedia que os produtos culturais fossem tratados de forma diferente de outros tipos de bens, permitindo à França manter as tarifas e cotas destinadas a proteger seus mercados de televisão e cinema do domínio dos Estados Unidos.

[106] Mustafa Kemal Atatürk (1881-1938) foi um oficial militar turco na Primeira Guerra Mundial que liderou o movimento nacional turco após o colapso do Império Otomano, tornando-se mais tarde o primeiro presidente da Turquia moderna. Suas reformas lançaram as bases para o governo turco secular e democrático que existe até os dias atuais.

[107] Abd-el-Rahman al-Ghafiqi foi o líder militar árabe que liderou os muçulmanos na batalha contra as forças francas de Charles Martel em 732. Seu exército foi derrotado e ele próprio foi morto por Franks durante a batalha enquanto tentava impedir seus homens de recuando.

[108] De Vouloir, janeiro-fevereiro de 1995.

[109] 'E se algum dia ou noite um demônio se insinuasse em sua solidão mais solitária e dissesse a você: "Esta vida, como você a vive agora e a viveu, você terá que viver mais uma vez e inúmeras vezes; e não haverá nada de novo nisso, mas toda dor e toda alegria e todo pensamento e suspiro e tudo indescritivelmente pequeno ou grande em sua vida deve retornar para você, tudo na mesma sucessão e sequência..." De Friedrich Nietzsche, *The Gay Science* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 194. Esta é uma das ideias centrais de Nietzsche.

[110] René Thom (1923-2002) foi um matemático francês mais conhecido por seu desenvolvimento da teoria da catástrofe. A teoria é complexa, mas em essência afirma que pequenas alterações nos parâmetros de qualquer sistema podem causar mudanças repentinas e em larga escala no sistema como um todo.

[111] Pareto cunha esse termo em *The Mind and Society* (Nova York: Harcourt, Brace & Co., 1935), vols. 3 e 4, para descrever a transferência de pessoas que ele viu ocorrer entre dois grupos da sociedade: aqueles com meios econômicos fixos e aqueles cuja renda é variável e depende de sua própria engenhosidade para se manter. Pareto acreditava que algumas pessoas permaneciam influentes na sociedade apenas por causa de sua situação como parte do primeiro grupo, enquanto outras se tornavam influentes por seu desejo de obter mais riqueza e poder. Indivíduos do último grupo às vezes passavam de um grupo para outro como resultado de seus esforços. O grau em que esse processo ocorre, afirmou Pareto, determina as qualidades de uma civilização. Veja *The Mind and Society*, Seções 2026-2029 e 2233-2235.

[112] Vilfredo Pareto (1848-1923) foi um sociólogo italiano cuja falta de fé na democracia influenciou muito os fascistas italianos e, mais tarde, a Nova Direita europeia.

[113] No momento em que este livro foi escrito, acredita-se que o Islã ainda seja o segundo depois do catolicismo em termos de prática na França, estimado em aproximadamente 10% da população, embora seja difícil avaliar a precisão dessas estimativas. As estatísticas divulgadas pela própria Igreja indicam que a prática entre os católicos franceses vem caindo rapidamente.

[114] Francês: 'Nova Direita'.

[115] Ao contrário de um universum, que denota algo que está presente em todos os lugares, um pluriversum foi definido pelo autor da Nova Direita Julien Freund como uma 'pluralidade de coletividades particulares e independentes ou de interpretações divergentes da mesma ideia universal' ('Pensamento Político de Schmitt', Telos 102, Inverno de 1995, p. 11).

[116] Bouvard e Pécuchet são os personagens principais de um romance de Gustav Flaubert, publicado em 1881: *Bouvard et Pécuchet*. Os dois personagens-título são escriturários que se tornam amigos e, pelo entusiasmo compartilhado pelo aprendizado, tentam dominar todos os vários ramos do conhecimento. Todos os seus esforços são infrutíferos.

[117] Conforme entendido em árabe, a Ummah designa toda a comunidade de adeptos do Islã, onde quer que estejam no mundo, independentemente de etnia ou fronteiras nacionais. O

termo se origina no Alcorão (3:110).

[118] Robert Ardrey (1908-1980) foi um autor amplamente lido e discutido durante a década de 1960, particularmente seus livros African Genesis (1961) e The Territorial Imperative (1966). A hipótese mais controversa de Ardrey, conhecida como a 'teoria do macaco assassino', postula que o que distinguiu os ancestrais evolutivos dos humanos de outros primatas foi sua agressividade, o que os levou a desenvolver armas para conquistar seu ambiente e também levando a mudanças em seus cérebros que levaram a humanos modernos. Em sua opinião, a agressividade era uma parte inerente do caráter humano, e não uma aberração. Nos anos mais recentes, no entanto, as teorias de Ardrey não são mais sustentadas pelo estabelecimento científico dominante.

[119] O foie gras, ou 'fígado gordo', é um prato preparado com fígado de pato ou de ganso engordado proposadamente.

[120] Veblen (1857-1929) foi um proeminente economista e sociólogo americano. Ele é mais conhecido por seu livro de 1899, The Theory of the Leisure Class, no qual ele postulava que a classe alta emergente da sociedade moderna era única porque consumia muito, mas contribuía pouco para a manutenção ou avanço da civilização.

[121] Guy Debord (1931-1994) foi um filósofo marxista francês e fundador da Internacional Situacionista, cujas ideias se tornaram influentes tanto na esquerda quanto na direita radicais. O espetáculo, conforme descrito em sua obra principal, The Society of the Spectacle, é um dos meios pelos quais o estabelecimento capitalista mantém sua autoridade no mundo moderno – ou seja, reduzindo todas as experiências humanas genuínas a imagens representacionais nos meios de comunicação de massa, permitindo assim que os poderosos determinem como os indivíduos experimentam a realidade.

[122] Jean Baudrillard (1929-2007) foi um filósofo e teórico cultural francês, considerado um dos mais importantes pensadores pós-modernistas. Em seus primeiros trabalhos, ele analisou o consumismo e concluiu que as sociedades capitalistas instilam falsas necessidades nas mentes dos consumidores ao vincular a identidade do consumidor a um objeto fetichizado que lhe dará prestígio social se ele o adquirir.

[123] Jacques Attali (1943- ) é um economista francês que foi conselheiro de Mitterrand durante a primeira década de sua presidência. Muitos de seus escritos estão disponíveis em tradução. Faye pode estar se referindo ao artigo de Attali 'The Crash of Western Civilisation: The Limits of the Market and Democracy', que apareceu na edição de verão de 1997 da revista americana Foreign Policy. Nele, Attali afirmou que a democracia e o livre mercado são incompatíveis, escrevendo: 'A menos que o Ocidente, e particularmente seu autonomeado líder, os Estados Unidos, comece a reconhecer as deficiências da economia de mercado e da democracia, a civilização ocidental se desintegrará gradualmente. e eventualmente se autodestruir.' De muitas maneiras, seus argumentos se assemelham aos de Faye.

[124] Péricles (495?-429 aC) governou Atenas durante sua 'Era de Ouro' entre as Guerras Persa e do Peloponeso, quando Atenas fez muitas de suas maiores conquistas. Ele também introduziu muitas reformas democráticas.

[125] Uma nuvem cumulonimbus é o tipo de nuvem que é propícia a tempestades. Eles tendem a ter períodos de vida muito curtos.

[126] Latim: 'pão e circo', um termo cunhado pela primeira vez pelo poeta romano Juvenal para descrever os entretenimentos que os romanos usavam para se distrair dos problemas maiores do Império. Passou a se referir a qualquer entretenimento que sirva para desviar a atenção das pessoas dos problemas sociais.

[127] Carl Schmitt (1888-1985) foi um importante jurista alemão que escreveu sobre ciência política, geopolítica e direito constitucional. Ele fez parte do movimento conservador revolucionário da era de Weimar. Ele também apoiou brevemente os nacional-socialistas no início de seu regime, embora mais tarde eles se voltassem contra ele. Ele continua sendo altamente influente nos campos do direito e da filosofia.

[128] De Theory of the Partisan (Nova York: Telos Press, 2007), p. 85. Uma nota de rodapé desta frase na edição da Telos Press desta obra observa que seu significado é explicado nos cadernos do pós-guerra de Schmitt: 'Historia in nuce [história em poucas palavras]. Amigo e Inimigo. O amigo é aquele que me afirma e me confirma. O inimigo é aquele que me desafia (Nuremberg 1947). Quem pode me desafiar? Basicamente, só eu. O inimigo é aquele que me define. Isso significa in concreto: só meu irmão pode me desafiar e só meu irmão pode ser meu inimigo.' Do Glossarium: Aufzeichnungen der Jahre 1947-1951 (Berlim: Duncker & Humblot, 1991), p. 217.

[129] De Ex Captivitate Salus (Colônia: Greven Verlag, 1950), citado em Gopal Balakrishnan, The Enemy: An Intellectual Portrait of Carl Schmitt (Londres: Verso, 2000), p. 132.

[130] Jean de La Fontaine (1621-1695) foi um poeta francês que escreveu muitas fábulas, além de outras obras. 'The Dog and the Wolf' descreve um encontro entre um lobo faminto e um cachorro bem alimentado. O cachorro tenta seduzir o lobo a assumir seu estilo de vida, apontando isso para o lobo, que deve lutar por cada refeição, e o cachorro apenas tem que se submeter a seus mestres humanos por comida. O lobo, horrorizado com tamanha perda de liberdade, decide voltar ao seu estilo de vida de caça.

[131] Gaia é o nome grego antigo para a deusa da Terra. Nas últimas décadas, o nome foi adotado por ecologistas, que o usam para descrever os componentes combinados da Terra como um organismo vivo com suas diferentes partes agindo em simbiose umas com as outras, e não como um recurso meramente destinado a ser explorado por seres humanos. .

[132] Latim: 'ninguém manda, mas obedece a natureza'.

[133] Este foi um termo cunhado pela primeira vez por Jean Thiriart.

[134] Herbert Spencer (1820-1903) foi um teórico da evolução contemporâneo de Darwin. Foi ele quem cunhou a frase 'sobrevivência do mais apto' em seu livro de 1864, Princípios de Biologia, para descrever a ideia de seleção natural de Darwin. O próprio Darwin mais tarde adotou o termo de Spencer. Spencer também aplicou as teorias de Darwin ao reino social, algo que Darwin nunca fez.

[135] Carcalla (188-217) foi o imperador de Roma de 209 a 217. Ele concedeu cidadania a todos os homens livres que eram súditos do Império e os mesmos direitos a todas as mulheres que as mulheres romanas tinham, em um decreto em 212. No entanto, além disso, ele é mais lembrado por sua crueldade e seus caprichosos abusos de poder. Ele acabou sendo assassinado.

[136] A subsidiariedade é um princípio que enfatiza a importância de as pessoas terem tanto poder de decisão quanto possível em relação às questões que as afetam, enquanto as decisões relativas ao bem-estar da comunidade em geral são deixadas para o governo central.

[137] Esta entrada foi escrita por Pierre Krebs para a edição alemã.

[138] Stephen Hawking fez essas afirmações durante um discurso na Suíça, que foi noticiado no Metro em 27 de novembro de 2000.

[139] Essa também é uma ideia inicialmente formulada por Jean Thiriart.

[140] Faye está se referindo ao conceito de eurasianismo, um dos princípios do qual é que a Rússia está culturalmente mais próxima da Ásia do que da Europa Ocidental.

[141] Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) foi um dos principais filósofos do idealismo alemão. Ele definiu a concepção moderna de nação como aqueles que pertencem a uma comunidade com uma identidade linguística, histórica e cultural compartilhada, ao invés de ser simplesmente uma questão de fronteiras geográficas. Ele descreve essas ideias em seus *Addresses to the German Nation* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008).

[142] Francês: 'uma pessoa de ascendência racialmente mista'.

[143] No Islã, Dar al Islam, árabe para 'Casa do Islã', refere-se às áreas onde o Islã pode ser praticado livremente e geralmente é entendido como nações nas quais o Islã é a religião dominante para que a lei islâmica possa ser aplicada (embora nem sempre, particularmente de acordo com teólogos muçulmanos mais liberais). Está em contraste com Dar al Harb, ou a 'Casa da Guerra', que é aplicada a nações que são hostis à prática da lei islâmica e que não estão em um tratado de não agressão com os muçulmanos.

[144] Literalmente 'pé-negro', esse termo se refere aos de origem européia que viveram na Argélia durante o período da colonização francesa (1830-1962). O significado original do termo foi perdido e ainda hoje é debatido.

[145] Éric Delcroix (n. 1944) é um advogado francês que escreveu várias obras radicais de direita. Ele também é conhecido como um proeminente defensor do revisionismo do Holocausto.

[146] Pierre Corneille (1606-1684) foi um dramaturgo francês que foi chamado de "o pai da tragédia francesa". Esta citação aparece em seu drama Horácio, no Ato II, cena iii.

[147] Esta entrada foi escrita por Pierre Krebs para a edição alemã. Veja também a extensa explicação em Pierre Chassard, *Idées, Théories, Doctrines: Dictionnaire critique* (Bruxelas: 2002).

[148] A Conferência de Yalta em fevereiro de 1945 foi uma reunião entre Winston Churchill, Franklin D. Roosevelt e Joseph Stalin para discutir a organização e divisão da Europa no pós-guerra. As decisões tomadas aqui traçaram efetivamente o destino da Europa até o fim da Guerra Fria, quase meio século depois.

[149] 'Pois quando a verdade entrar em batalha com a mentira de milênios, teremos convulsões, um espasmo de terremoto, uma transposição de vale e montanha como nunca foi sonhada. O conceito de política foi então completamente absorvido por uma guerra de espíritos, todas as estruturas de poder da velha sociedade foram sopradas no ar - todas elas repousaram sobre a mentira. Só depois de mim haverá grande política na terra.' De Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*, em *The Nietzsche Reader* (Oxford: Blackwell Publishers, 2006), p. 515.

[150] Ruy Blas é uma tragédia sobre um escravo na Espanha do século XVII que se apaixona pela rainha. Um inimigo da Rainha o disfarça de nobre e o apresenta na corte. Seguindo suas sábias propostas de reformas, ele é nomeado primeiro-ministro e conquista o coração da rainha, apenas para cometer suicídio após ser exposto.

[151] Konrad Lorenz (1903-1989) foi um etólogo austríaco que ganhou o Prêmio Nobel em 1973. Em seu livro *Civilized Man's Seven Deadly Sins*, ele especulou que os supostos avanços da vida moderna eram na verdade prejudiciais à humanidade, uma vez que haviam afastado os humanos dos efeitos biológicos da competição natural e a substituído pela competição muito mais brutal inerente às relações entre indivíduos nas sociedades modernas.

[152] Latim: 'virtude'.

[153] Ver seu *Des Dieux et des Empereurs* (Paris: Éd. des Ecrivans, 2000).

[154] Pierre Terrail LeVieux (1473-1524), também conhecido como Chevalier de Bayard, foi um cavaleiro francês que lutou em muitas batalhas e passou a ser visto como a personificação do ideal cavalheiresco.

[155] Bertrand du Guesclin (c. 1320-1380) foi um cavaleiro francês e comandante militar que venceu muitas batalhas durante a Guerra dos Cem Anos.

[156] Frantz Fanon (1925-1961) foi um intelectual marxista da Martinica e nacionalista africano cujos escritos, particularmente Os Condenados da Terra, tiveram grande influência sobre os movimentos anticolonialistas.

[157] Significado após o Concílio Vaticano II de 1962-65.

[158] Latim: 'tudo'.

[159] Este é um termo cunhado por Guy Debord (1931-1994), filósofo marxista francês e fundador da Internacional Situacionista anarquista. O espetáculo, conforme descrito em sua obra principal, The Society of the Spectacle, é um dos meios pelos quais o estabelecimento capitalista mantém sua autoridade no mundo moderno - ou seja, reduzindo todas as experiências humanas genuínas a imagens representacionais nos meios de comunicação de massa, permitindo assim que os poderosos determinem como os indivíduos experimentam a realidade.

[160] Em fevereiro de 2000, uma coalizão de partidos de esquerda na França reduziu a duração legal da semana de trabalho padrão de 39 para 35 horas.

[161] Giorgio Locchi (1923-1992) foi um jornalista italiano, membro fundador do GRECE e colaborador ocasional de Alain de Benoist. Ele também escreveu sobre Wagner e Nietzsche. Ele permanece sem tradução.

[162] Em francês, literalmente, 'direitos do homem'.

[163] Esta foi a Convenção Nacional que se realizou entre 1792 e 1795, a fim de elaborar uma nova constituição após a Revolução.

[164] Esta é uma referência a um episódio durante o Reinado do Terror quando, em 1793, os cidadãos da região de Vendée, no litoral da França, que apoiavam tanto o clero quanto a monarquia, iniciaram uma revolta contra o governo revolucionário republicano. Após a derrota do levante em fevereiro de 1794, o Comitê de Segurança Pública ordenou que as forças republicanas conduzissem uma demolição de terra arrasada da área e a execução em massa de seus residentes, incluindo não combatentes, mulheres e crianças. Estima-se que várias centenas de milhares de pessoas tenham sido mortas em uma população de 800.000. Alguns historiadores, especialmente da direita, classificaram este incidente como um genocídio, embora isso tenha sido contestado.

[165] Yvan Blot (n. 1948) serviu no Parlamento Europeu em nome da Frente Nacional. Ele também foi o presidente do Club de l'Horloge, um think tank de extrema direita fundado em 1974 que inicialmente era próximo ao GRECE e à Nouvelle Droite. Seu atual presidente é Henry de Lesquen.

[166] Xenofonte (c. 430 aC-354 aC) foi um historiador e soldado grego. Sua Anábase é o registro de uma expedição dos gregos para capturar o trono da Pérsia.

[167] Reconquista é uma palavra espanhola que significa reconquistar ou recapturar. Historicamente, refere-se à luta dos espanhóis cristãos contra a ocupação da Espanha pelos muçulmanos durante a Idade Média, durando quase oito séculos, de 718 até sua expulsão total em 1492.

[168] As "classes perigosas" foi um termo aplicado pela burguesia parisiense durante a primeira parte do século XIX às classes pobres.

[169] Na mitologia grega, Scylla e Charybde eram dois monstros que viviam em ambos os lados de um estreito. Os marinheiros que tentavam passar pelo estreito sempre corriam o risco de serem comidos por um enquanto tentavam se manter afastados do outro. É considerada a origem do

expressão 'entre a cruz e a espada'. Scylla e Charybde aparecem principalmente na Odisséia de Homero e nas Metamorfoses de Ovídio.

[170] O autor provavelmente está se referindo aqui ao poema de Hölderlin 'Bread and Wine'. A noite é usada para representar simbolicamente nossa época, quando os antigos deuses da Grécia e Cristo deixaram o mundo e são apenas os poetas que tentam manter sua memória viva até seu retorno. Existem muitas traduções. Martin Heidegger discute esse poema longamente em seu famoso ensaio 'Por que poetas?', traduzido em Off the Beaten Path (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).

[171] As Guerras Persas foram travadas entre o Império Persa e as cidades-estados gregas no século V aC, quando os gregos repeliram com sucesso várias tentativas de invasão. As Guerras Púnicas foram travadas entre a República Romana e o Império Cartaginês. A vitória romana nessas guerras garantiu seu domínio nos séculos seguintes. Ambas as guerras podem ser vistas como o triunfo da civilização ocidental sob a ameaça de invasão estrangeira.

[172] Aggiornamento é italiano para 'atualizar' e foi aplicado ao Concílio Vaticano II da década de 1960. Pelo aggiornamento do século IV, Faye está se referindo ao Primeiro Concílio de Nicéia, que foi convocado por Constantino depois de se tornar o primeiro imperador romano a se converter ao cristianismo. Foi a primeira tentativa de padronizar a doutrina cristã e lançou as bases para a Igreja Católica moderna.

[173] Sedentarismo é um termo usado na antropologia para se referir ao processo pelo qual um povo nômade decide parar de circular e estabelecer assentamentos permanentes.

[174] PACS, ou pacte civil de solidarité, é um tipo de união civil na França que está disponível tanto para casais do mesmo sexo quanto para casais tradicionais, embora dê menos direitos do que o casamento.

[175] Helots eram um grupo em algumas das antigas cidades-estado gregas que se situavam em algum lugar na hierarquia entre escravos e homens livres.

[176] Esta citação é o lema do Terre et Peuple, um grupo composto por intelectuais que romperam com o GRECE ou a Frente Nacional. Faye contribuiu para o diário deles.

[177] Louis Pauwels (1920-1997) foi um escritor e jornalista francês, seguidor de Gurdjieff, que se tornou conhecido na década de 1960 como escritor e editor de escritos populares sobre assuntos ocultos e ficção científica, particularmente por meio de seu livro The Morning of the Magicians , que continua sendo um dos relatos mais populares (embora altamente imprecisos) das supostas origens "ocultas" do nacional-socialismo. Em 1978 ele começou a publicar a Figaro-Magazine, que se tornou um fórum para os pensadores da Nova Direita.

[178] Tags são um tipo de graffiti, geralmente usados para marcar o território de uma determinada gangue ou a identidade de seu criador.

[179] Francês: 'pensamento único'. Desde que foi cunhado pela primeira vez na revista francesa Le Monde diplomatique em 1995, tornou-se uma forma comum na França de se referir à maneira inquestionável com que os pressupostos da ideologia liberal são aceitos.

[180] Albert Jacquard (n. 1925) é um geneticista francês que frequentemente se opõe ao racismo em seus escritos científicos e também tem sido ativo na proteção dos direitos dos imigrantes ilegais.

[181] Yves Coppens (nascido em 1934) é um antropólogo francês mais conhecido por postular o que chama de "história do lado leste", na qual afirma que todos os humanos são descendentes de hominídeos que originalmente viveram na África Oriental, mas foram expulsos como resultado de uma grande seca e iniciou o processo de expansão externa que continua até hoje.

[182] Hervé Le Bras (n. 1943) é demógrafo e diretor do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) da França, tendo ocupado alguns cargos do governo. Em

Em 1991, ele publicou um livro no qual afirmava que os temores de queda nas taxas de natalidade entre os franceses nativos se baseavam em estudos tendenciosos produzidos por partidários pró-natalistas do INED.

[183] De Roquefavour, n. 14.

[184] Essa famosa briga começou nos círculos literários de Paris na década de 1690. Os Antigos acreditavam que não era possível produzir literatura maior do que os gregos e romanos da Antiguidade haviam produzido, e que os autores contemporâneos deveriam simplesmente aspirar a imitar seu exemplo. Os Modernos defendiam que o conhecimento era progressivo e que novas descobertas poderiam abrir possibilidades muito maiores do que as conhecidas na Antiguidade.

[185] De Roquefavour, n. 14.

[186] 'Infelizmente, está chegando a hora em que o homem não dará mais à luz uma estrela. Infelizmente, está chegando a hora do homem mais desprezível, aquele que não é mais capaz de desprezar a si mesmo. Eis que vos mostro o último homem. "O que é o amor? O que é criação? O que é saudade? O que é uma estrela?" assim pergunta o último homem, e ele pisca. A terra tornou-se pequena, e nela salta o último homem, que torna tudo pequeno. Sua raça é tão inerradicável quanto o besouro-pulga; o último homem vive mais tempo.' De Friedrich Nietzsche, Assim Falou Zaratustra (Nova York: Penguin Books, 1978), p. 5.

[187] Christopher Gérard (n. 1962) é um autor e editor belga e um defensor do renascimento do paganismo. Em 1992, ele reviveu o jornal Antaios, originalmente publicado por Mircea Eliade e Ernst Jünger, e o editou até que cessou a publicação em 2001. Seu trabalho permanece sem tradução.

[188] De Christopher Gérard, Parcours païen (Lausanne: L'Age d'Homme, 2000).

[189] Marco Aurélio (121-180) foi um filósofo estoico e imperador de Roma. Em suas Meditações, ele recomenda que as emoções e a indulgência com a gratificação dos sentidos sejam mantidas sob controle, a fim de manter claro o senso de julgamento.

[190] De Une Terre, um povo.

[191] 'A grande saúde.— Sendo novo, sem nome, difícil de entender, nós, nascimentos prematuros de um futuro ainda não comprovado, precisamos de um novo objetivo também um novo meio — a saber, uma nova saúde, mais forte, mais experiente, mais resistente, mais audacioso, e mais alegre do que qualquer saúde anterior... Quem tem uma alma que anseia por ter experimentado toda a gama de valores e desideratos até hoje... precisa de uma coisa acima de tudo: a grande saúde - que não apenas se tem, mas também adquire continuamente, e deve adquirir porque alguém desiste dela repetidas vezes, e deve desistir dela.' De Friedrich Nietzsche, The Gay Science (Nova York: Vintage Press, 1974), seção 382.

[192] Eid al-Adha, que significa 'festival de sacrifício', é um dos principais festivais do calendário islâmico, comemorando a disposição de Abraão de sacrificar seu filho Ismael por ordem de Alá (um evento que é descrito no Antigo Testamento, bem como no Alcorão). 'um). O festival também inclui o sacrifício de um animal. Embora seja verdade que o Alcorão ordena aos muçulmanos que respeitem judeus e cristãos como companheiros do 'Povo do Livro' (uma vez que eles também derivam da tradição abraâmica), e nenhuma liminar semelhante é dada para estender o respeito aos praticantes de religiões pagãs, os governantes historicamente muçulmanos geralmente estenderam os mesmos direitos aos pagãos sob seu controle, como os hindus durante o período mogol na Índia. Há exceções notáveis a isso, quando os hindus que não se converteram foram massacrados.

[193] O Reverendíssimo Dr. Jacques Gaillot (nascido em 1935) é um ex-bispo católico francês apelidado de 'O Clérigo Vermelho' por causa de suas posições de extrema esquerda. Ele foi afastado de seu cargo pelo Vaticano em 1995 por se opor publicamente a vários preceitos da Igreja.

[194] Louis Rougier (1889-1982) foi um importante filósofo francês de sua época. Ele foi um oponente vocal do catolicismo ao longo de sua carreira e, durante a década de 1970, começou a trabalhar com Alain de Benoist e GRECE, publicando obras altamente críticas ao cristianismo, que ele considerava estranho ao Ocidente. Ele também foi um dos principais expositores franceses da filosofia socioeconômica neoliberal.

[195] Santo Agostinho (354-430) foi um importante bispo do Império Romano dos últimos dias e foi um dos Pais da Igreja. Ele traça sua ideia de hierarquia em sua Cidade de Deus.

[196] Tomás de Aquino (1125-1274) foi um padre dominicano cujos escritos teológicos se tornaram importantes tanto em debates teológicos quanto filosóficos, conhecidos como tomismo.

[197] A ideia de que o cristianismo foi 'europeizado' durante o processo de sua assimilação no Ocidente tem sido objeto de algum debate. Um importante trabalho recente sobre esse assunto é *The Germanization of Early Medieval Christianity*, de James C. Russell (Oxford: Oxford University Press, 1994).

[198] Pelágio (c. 354-c. 420) foi um asceta que foi condenado como herege por negar a noção de pecado original, alegando que isso era equivalente a negar o livre arbítrio. Ele certamente não se via como pagão, pois acusou Agostinho de estar sob a influência do maniqueísmo pagão.

[199] Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) foi um padre jesuíta e paleontólogo francês que escreveu vários livros sobre a evolução passada e futura da consciência. A Igreja Católica acredita que as ideias de Teilhard de Chardin estão em oposição à doutrina oficial e, em 1962, o Vaticano emitiu uma condenação de suas obras.

[200] Giordano Bruno (1548-1600) foi um frade dominicano que defendia uma série de pontos de vista controversos, incluindo o panteísmo e a ideia de que as estrelas no céu são da mesma natureza que o nosso próprio Sol. Ele acabou sendo queimado na fogueira pela Igreja.

[201] Latim: 'aqui e agora'.

[202] Mamadou Diop é membro do comitê central do Partido Socialista do Senegal. Ele foi prefeito de Dakar de 1984 a 2002 e, mais recentemente, tornou-se Ministro do Comércio.

[203] Gamal Abdel Nasser (1918-1970) foi o líder da Revolução Egípcia em 1952 e governou como presidente até sua morte. Sua ideologia pan-árabe foi altamente influente na região e continua a ser influente até os dias atuais.

[204] Theodor Herzl (1860-1904) foi um jornalista judeu da Hungria que foi o fundador da ideologia sionista moderna.

[205] Faye está se referindo ao seu livro *Le système à tuer les peuples* (Paris: Copernic, 1981).

[206] Francês: 'residual'.

[207] Raymond Ruyer (1902-1987) foi um filósofo francês que escreveu principalmente sobre as implicações filosóficas das descobertas da ciência moderna e sua própria forma de gnosticismo. Ele se opôs ao existencialismo e às tendências esquerdistas na filosofia de seu tempo. Ele nunca foi traduzido para o inglês e está amplamente esquecido na França hoje. Faye o discute mais detalhadamente em Archeofuturism.

[208] *L'héritage d'Athena* (Ploufragan: Presses Bretonnes, 1996).

[209] Catherine Mégret foi eleita enquanto membro do Front National, o maior partido nacionalista de extrema direita da França. Em 1999, ela acompanhou o marido em uma festa de despedida que ele

fundou, após uma disputa com a direção da FN, o chamado Movimento Nacional Republicano.

[210] Yann-Ber Tillenon fazia parte do GRECE, mas saiu ao mesmo tempo que Faye na década de 1980.

Ele continua ativo na direita ao lado de Faye.

[211] Carré é um pintor que colaborou com Faye no programa de rádio Avant-Guerre.

[212] Victor Hugo (1802-1885) foi um dos mais proeminentes escritores franceses do período romântico. Ele foi ativo em causas liberais durante grande parte de sua carreira.

[213] Heráclito (c. 535 aC-c. 475 aC) foi um filósofo grego pré-socrático. Faye pode estar se referindo à sua declaração mais famosa: 'Não se pode entrar no mesmo rio duas vezes'.

[214] Ernst Jünger (1895-1998) foi um dos mais importantes escritores alemães do século XX e um dos mais proeminentes pensadores conservadores revolucionários da era de Weimar. Em seu livro *Der Arbeiter* (O Trabalhador), ele discute a ideia das forças titânicas como herdeiras de Prometeu, uma revolta contra os deuses que hoje se manifesta particularmente na guerra e na tecnologia. Veja '*Soldier, Worker, Rebel, Anarch: An Introduction to Ernst Jünger*' de Alain de Benoist, disponível em *Les Amis d'Alain de Benoist* ([www.alaindebenoist.com/pdf/an\\_introduction\\_to\\_ernst\\_junger.pdf](http://www.alaindebenoist.com/pdf/an_introduction_to_ernst_junger.pdf)).

[215] O Crepúsculo dos Deuses é a parte final da tetralogia de dramas musicais de Richard Wagner, *O Anel dos Nibelungos*. É a história do deus Wotan enquanto ele persegue um anel mágico que lhe dará poder absoluto sobre o universo. Porém, em busca desse objetivo, comete muitos erros de cálculo e acaba sabotando seus próprios planos. No final do drama, ele destrói a si mesmo e ao mundo por um sentimento de desesperança.

[216] Henri Vallois (1889-1981) foi um antropólogo francês que escreveu vários livros sobre raça. Algumas de suas obras sobre outros assuntos foram traduzidas, mas seus livros sobre raça não.

[217] *De Une Terre, um povo.*

[218] Jörg Haider (1950-2008) foi o líder do FPÖ entre 1986 e 2005, quando ele e outros membros se separaram para formar o novo Partido do Povo Austríaco. Em 1999, ele liderou o FPÖ em um governo de coalizão, que muitos críticos fora da Áustria condenaram como a entrada da extrema direita na política dominante. Haider se opunha fortemente à imigração e era frequentemente acusado de simpatizar com o nacional-socialismo. Ele foi morto em um acidente de carro.

[219] O Collectif Égalité é uma organização antirracista criada na França em 1998 por um acadêmico camaronês, Calixthe Beyala. O Collectif pediu aos cidadãos que se recusassem a pagar suas licenças de TV até que uma cota para a aparição de negros na televisão francesa fosse estabelecida. Embora nenhuma cota formal tenha sido estabelecida, houve um aumento na visibilidade dos negros desde sua denúncia.

[220] Dr. Jules Soury (1842-1915) foi um neuropsicólogo francês que postulou uma forma de 'hereditariedade psicológica'.

[221] René Martial (1852-1955) foi um antropólogo francês que apoiou a eugenia e foi um defensor da imigração seletiva ao estabelecer critérios bioquímicos para quem entrasse na França vindo do exterior. Ele achava que a mistura racial era aceitável, desde que os imigrantes atendessem aos requisitos necessários. Ele também usou suas teorias para apoiar as políticas anti-semitas do regime de Vichy.

[222] Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi principalmente um antropólogo mais conhecido por postular que os antigos egípcios eram negros africanos e, portanto, os progenitores da civilização. Ele também tentou demonstrar a unidade cultural e genética de todos os povos africanos, uma unidade que ele acreditava que ajudaria a libertar a África da opressão colonial.

[223] Este termo foi cunhado pelo nacionalista bretão Yann Fouéré em seu livro *Towards a Federal Europe: Nations or States?* (Swansea: Christopher Davies, 1980).

[224] De Une Terre, um povo.

[225] 'Estados', que na atual Alemanha inclui a Baviera e a Saxônia. Os estados alemães são configurados em um modelo federalista no qual os vários estados mantêm um grau significativo de autonomia do governo nacional, como manter o direito de assinar tratados com potências estrangeiras.

[226] Os atuais departamentos da França foram criados em 1790 durante a Revolução Francesa. Os departamentos foram propositadamente projetados para quebrar as regiões históricas que existiam anteriormente, na tentativa de eliminar as identidades locais em favor de uma identidade nacional mais universal.

[227] A Alsácia-Lorena foi um território criado pelo Império Alemão após a anexação das regiões da França na Guerra Franco-Prussiana de 1870-71. Esta região foi devolvida à França no Tratado de Versalhes que pôs fim à Primeira Guerra Mundial.

[228] A Revolução Conservadora é um termo cunhado pela primeira vez por Hugo von Hoffmannsthal, que passou a designar uma confederação frouxa de pensadores alemães antiliberais que escreveram durante a República de Weimar. Havia uma grande diversidade de pontos de vista nas fileiras dos Revolucionários Conservadores, mas em geral eles se opunham tanto ao capitalismo democrático quanto ao comunismo em favor de uma síntese das tradições aristocráticas alemãs (e especialmente prussianas) com o socialismo.

[229] Pierre-André Taguieff (1946- ) é um sociólogo francês cujo trabalho se concentrou particularmente na questão do racismo. Alguns de seus escritos sobre a Nova Direita foram publicados no jornal americano Telos.

[230] Parti Socialiste, o Partido Socialista da França.

[231] Alain Madelin (1946- ) foi membro da Assembleia Nacional da França e presidente do partido Démocratie Libérale (Democracia Liberal). Ele era conhecido por suas posições econômicas pró-americanas e laissez-faire. Ele se aposentou da política em 2007.

[232] Este termo é equivalente a 'ação afirmativa' nos Estados Unidos.

[233] Francês: 'por falta de algo melhor'.

[234] Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo inglês que deu origem à noção de 'darwinismo social'. Ele cunhou a expressão 'sobrevivência do mais apto' para descrever as teorias de Darwin.

[235] Blaise Pascal (1623-1662) foi um filósofo católico francês.

[236] Latim: 'último recurso'.

[237] Georges Dumézil (1898-1986) foi um filólogo francês mais conhecido como um pioneiro da mitografia. Ele também estudou a natureza da soberania nas antigas civilizações indo-europeias, o que o levou a postular a hipótese trifuncional: ou seja, que a cultura indo-europeia se desenvolveu ao longo de uma estrutura tripartida de guerreiros, sacerdotes e agricultores.

Ele acreditava que essa era a origem do sistema de castas hindu e do sistema feudal na Europa medieval.

[238] Charles Maurras (1868-1952) foi um ideólogo contra-revolucionário nacionalista francês que foi o fundador da Direita Action Française.

[239] Carl Schmitt discute longamente o conceito de Ernstfall, ou estado de emergência, em seu livro *Political Theology* (Chicago: University of Chicago Press, 2005).

[240] Jürgen Habermas (n. 1929) é um filósofo marxista alemão. Ele discute a relação entre tecnologia e ideologia em seu livro *Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'*

(Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1968).

[241] Latim: 'de sua própria espécie'.

[242] Pitágoras (c. 570-c. 495 aC) foi um filósofo pré-socrático que fundou a Irmandade Pitagórica, um corpo esotérico que fez algumas das primeiras investigações em ciência e matemática na história ocidental. Suas ideias permaneceram altamente influentes por milhares de anos.

[243] Alfred Sauvy cunhou o termo em um artigo publicado na [L'Observateur](#) em 14 de agosto de 1952. Ele inicialmente pretendia que fosse uma referência ao Terceiro Estado na França na época da Revolução Francesa, que consistia na maioria da população, mas tinha pouca influência política.

[244] Claudio Mutti (n. 1946) é um escritor italiano e tradicionalista evoliano. Ele é um convertido ao Islã (como Omar Amin) e é o fundador do Giovane Europa (Jovem Europa), um grupo nacionalista. Em seu trabalho, ele tentou reconciliar o tradicionalismo evoliano, a direita e o islamismo.

[245] Francês: 'inquérito livre'.

[246] Segundo a mitologia grega, Aquiles foi um dos heróis gregos da Guerra de Tróia. A Ilíada é em grande parte sobre suas façanhas.

[247] Péricles (c. 495-429 aC) governou Atenas durante sua 'Era de Ouro' entre as guerras persa e do Peloponeso, quando Atenas fez muitas de suas maiores conquistas. Ele também introduziu muitas reformas democráticas.

[248] Rômulo e seu irmão Remo foram os fundadores de Roma.

[249] São Francisco de Assis (1181-1226) foi o fundador da Ordem Franciscana da Igreja.

[250] Esta expressão se origina de João 17:15-16, onde Jesus diz 'Minha oração não é que você os tire do mundo, mas que os proteja do maligno. Eles não são do mundo, assim como eu não sou dele'.

[251] O Oráculo de Delfos era a sacerdotisa do Templo de Apolo na cidade de Delfos na Grécia antiga, conhecida como Pítia. O oráculo fez profecias entre o século VIII aC e 393 dC, quando o imperador romano, após a conversão do império ao cristianismo, o fechou junto com todos os outros templos pagãos. O Oráculo aparece em muitos textos gregos e romanos antigos.